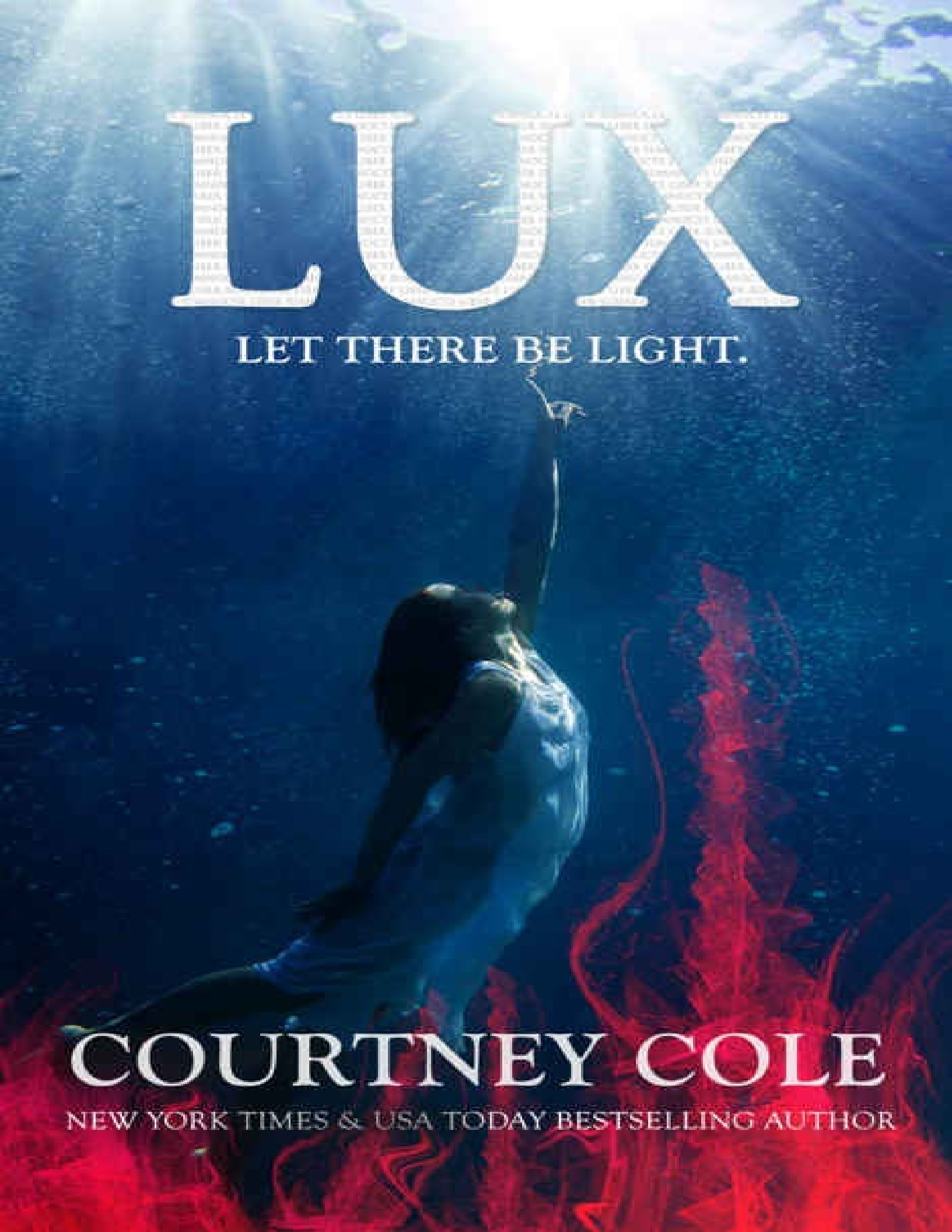

LUX
LET THERE BE LIGHT.
COURTNEY COLE
NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

LUX

Nocte Trilogy – Book 3

Courtney Cole

“Mas para Adão não se encontrou alguém que o auxiliasse ou lhe correspondesse. Então o Senhor Deus fez o homem cair em um sono profundo, e enquanto este dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que o Senhor Deus tirou do homem, fez uma mulher, e a levou ao homem. Então o homem disse: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada”. Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne. O homem e sua mulher viviam nus e não se envergonhavam.”

Gênesis 2: 20-25

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ CHEGANDO

O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO O FIM ESTÁ PRÓXIMO O FIM ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO ESTÁ CHEGANDO

QUE HAJA LUZ.

Meu nome é Calla Price e eu estou quebrada.

Minhas peças estão todas ao meu redor, flutuando no vento, mesmo que eu tente desesperadamente agarrá-las.

Quem está morto? Vivo? Insano?

Qual é a verdade?

Eu não sei.

Eu sei isso: A escuridão está me estrangulando. A cada respiração, eu engasgo com outra mentira.

Minha mente tem me protegido, mas esse escudo em breve será abaixado.

Tudo será revelado.

Cada resposta para cada pergunta.

Tudo está levando a isso.

Não fique com medo.

Fique apavorado.

Dedicatória

Resurgmus a cinis.

“Nós vamos renascer das cinzas.”

Porque nós sempre renascemos, não é?

Isso é para quem já renasceu,

E para todos que nunca renascerão.

Prefácio

Meus queridos leitores,

O poeta Dylan Thomas disse:

— Não seja gentil com a boa noite...

Enfureça-se, enfureça-se contra a morte da luz.

Meus personagens não são gentis.

Eles se enfureceram,

E se enfureceram.

Eu não tenho sido gentil também,

Não com eles,

E não com vocês.

Minhas palavras o fizeram girar,

Inclinaram-nos até que vocês não soubessem que lado era para cima.

Porque nós somos todos um pouco loucos, não somos?

Você tinha que conhecer a cabeça de Calla.

Você tinha que estar no lugar dela.

Você tinha que sentir o que ela sentia.

Porque tudo tinha que acontecer em ordem.

Agora você está no final.

Você está de cara com a escuridão,

Com a verdade.

Ela emerge à sua frente,

Tão perto que você pode tocá-la.

Vá em frente.

Estenda o dedo.

Toque-a.

Faça isso.

Façafaçafaça.

Eu te desafio.

Prólogo

Há uma bifurcação na estrada e mesmo que eu a veja, eu não consigo evitá-la.

Uma estrada vai para a esquerda, uma vai para a direita, e nenhuma delas acaba bem.

Eu sinto isso nos meus ossos,

Nos meus ossos,

Nos meus ossos ocos de junco.

Ele pega a minha mão e nós andamos... através de um túnel... através de um corredor... através da escuridão.

— Vai ficar tudo bem. — ele sussurra.

Vai?

— Nós temos que fazer isso. — ele diz. — Mas eu estou com você. Eu não vou deixá-la.

Concordo com a cabeça, porque eu acredito nele, porque não importa o que mais, eu sei que isso é verdade. Ele não vai me deixar.

O quarto está envolto em sombras, em chamas, em segredos. Eu entro e sondo ao redor, e o calor do fogo me aquece, aquece o meu sangue, bombeia o sangue através do meu coração.

Eu canto uma canção sem sentido, e ele canta de volta. As notas ecoam e

torcem no ar, e eu as engulo inteiras.

— Saia. — eu grito atrás de mim, porque eu sei que eles estão lá.

Eu não posso vê-los, mas eles estão sempre observando.

Os olhos aparecem, pretos como tinta e brilhantes, e eles piscam uma vez, duas, três vezes.

— Eu posso ver você. — eu anuncio e ele rosna e então eu sou esmagada sob escuro, sob o peso, sob a opressão.

— Você não me assusta. — eu minto.

Porque ele me assusta. Isso me segue por toda a minha vida, e finalmente, finalmente, eu vou descobrir o que é.

Por que ele está aqui.

Por que ele me quer.

Porque acima de tudo, eu sei que ele está aqui por mim.

Eu sei disso

Eu sei disso.

As paredes ao meu redor pulsam e zumbem e rosnam,

Há selvageria aqui, há graça.

Mas, acima de tudo, há esquecimento e não importa o que eu faça, eu vou ser sugada para ele.

Eu sei disso.

Eu sinto.

Eu sou louca.

— Vocês estão prontos? — ela pergunta e nós concordamos com a cabeça, porque não estamos, mas não importa.

Ela balança a cabeça e as chamas dobram, e as palavras começam,

Um por um por um.

Eu caio para trás do precipício

para o esquecimento.

O interminável

Esquecimento infinito.

Capítulo Um

O quarto rodopia branco e medicinal, cheio de sinais sonoros, paredes brancas e pele fria. Arrepios perseguem uns aos outros em confusão pelo meu braço, e eu engulo em seco.

Estou em um hospital.

Estou com frio.

Estou com medo.

Meu irmão morto olha para mim, seus olhos azuis pálidos evasivos conforme ele desvia da minha pergunta. Pergunto novamente.

— Finn, onde está Dare?

Pergunto-lhe com um tom afetado, cada palavra uma espada que apunhala meu coração, porque a desgraça invade este quarto, cada centímetro, cada respiração, cada momento.

Finn olha para o lado, para a parede, para o chão, para qualquer coisa, exceto eu.

— Dare está... você sabe onde ele está, Calla.

Mas eu não sei, e essa é a coisa insuportável.

Fecho meus olhos trêmulos e a última coisa que vejo é o cobertor branco do hospital que me cobre. Eu fecho meus olhos contra a realidade, e Finn pega a minha mão.

— Cal, você torceu tudo na sua cabeça até que você não sabe o que é real e o que não é. Você sabe onde Dare está. Você sabe o que é real. Você só tem que *pensar.* Você tem que enfrentar.

Isso dói, e eu odeio isso.

— Eu... não posso. — minhas palavras são moles, caindo sobre a cama, caindo no chão.

Finn olha para mim, dentro dos meus olhos, dentro do meu coração. Isso me penetra, me agarra com as duas mãos e não me deixa ir.

— Calla, você pode. Você não sou eu, você é você. E isso está bem. É o que você precisa ser. Por favor, pelo amor de Deus, volte. Apenas volte.

Meus olhos abrem porque suas palavras são confusas.

— Voltar de onde?

Estou claramente aqui no hospital com ele, com o meu irmão morto. Eu já estou aqui. Ele é o único que não está, porque ele está morto. Ele não está fazendo nenhum sentido.

Ele suspira, um som suave em um quarto silencioso.

— Volte de onde você está. Você é necessária aqui, Calla.

— Mas eu *estou* aqui. — eu digo, hesitante, porque Finn já está balançando a cabeça.

— Não. — ele diz. — Você não está, Calla.

Nuvens me cercam, me levantam e levam-me para longe da lógica, da razão, da realidade. Eu luto para manter meus pés no chão, para evitar ser

suspensa para longe, para o céu, através do oceano.

— Como faço para voltar? — eu pergunto, e minha voz é como a de uma criança.

Finn olha para mim, e seus olhos são rochas azuis, brancos, brilhantes e luminosos.

— Você *se concentra*. Você faz o que tem que fazer. Você acha que tem que ser eu, mas você não tem. Estou bem onde estou, Calla.

— Mas você está morto. — eu quase choro.

Ele sorri, aquele torto que eu amo, o que eu conheço como a palma da minha mão.

— É isso que eu estou? E se for assim, isso é uma coisa ruim? Quando você está morto, não há nada para se preocupar. Eu estou bem, Cal. Volte. Apenas volte.

— Eu não consigo sem você. — eu digo com firmeza, porque é isso que eu sei em meu coração.

Finn revira os olhos. — Claro que você consegue. Você sempre foi a forte, Calla. Você sempre foi.

— Mas eu não sei como voltar. — digo a ele. — Mesmo se eu quisesse, eu não sei como. Estou perdida, Finn. Estou perdida.

Finn é insensível, porém, e sua voz é firme.

— Você sabe o que eu sempre fazia quando eu estava perdido? — Finn pergunta, e ele está segurando a minha mão novamente. Eu balanço minha

cabeça porque eu não sei, e então ele me diz: — Eu refaço os meus passos.

— Mas... — meu sussurro falha, e então eu me encorajo: — Mas onde eu começo?

Sem Finn, eu não sei se eu quero começar qualquer coisa.

Ele olha para mim, porque ele me conhece, porque ele sabe o que eu estou pensando melhor do que ninguém.

— Você começa no início, Calla. Escolha um ponto de referência que você sabe que é verdade, e comece por aí. Não deixe nada atrapalhar o seu caminho, e não tente enganar a si mesma, não importa quanta dor você acha que a verdade irá causar. Você entende?

Eu entendo.

Mas eu não quero.

— A realidade é real. — ele me diz com firmeza. — *Eu não sou*. Você recebeu um dom, Calla. Não o desperdice. Você tem que encontrar sua nova realidade sem mim.

— Mas como posso fazer isso quando *você* é o meu ponto de referência, Finn? — minha voz falha. — Como eu posso decidir o que é real quando *você* não é?

Meu peito dói e eu não consigo respirar, porque cada vez que eu respiro é mais um passo que eu dou mais longe do meu irmão.

— Você só tem que encontrar uma maneira. — ele responde, e suas palavras são frias e inflexíveis.

Minhas lágrimas são quentes e eu aperto sua mão, porque não importa o que ele diga, eu não vou soltar.

— Desculpe-me, Calla. — a voz de Finn é baixa. Seus ombros magros estão curvados agora e ele se inclina para longe de mim.

— Desculpar pelo quê?

— Desculpa por tudo.

As nuvens clareiam por um minuto, em seguida, me cercam novamente.

— Mas não foi culpa sua.

— Não foi? — Finn suspira. — Honestamente, isso não importa mais. Culpa, motivo, origem. Nada disso importa. Tudo o que importa é *você.* Você tem que encarar o que é real.

Sua mão começa a desaparecer e ele parece deslizar para o ar, longe de mim. Agarro nele, mas meus dedos voltam vazios.

— Finn! — eu grito. — Volte! Não me deixe!

Mas ele se foi e eu estou sozinha, tudo o que resta é a voz suave do Finn e parece vir do nada, no entanto, de todos os lugares.

— Se você tem que viver por nós dois, então viva. — ele sussurra. — Mas *viva.*

— Finn? — eu pergunto, hesitante, mas não há resposta.

Ele realmente se foi.

O quarto está vazio, frio e austero.

Toda a minha vida, meu irmão foi a minha outra metade. Ele me amou incondicionalmente, completamente, com tudo o que ele tem.

E agora ele está morto, e ele está me pedindo para fazer algo.

Algo difícil.

Existir sem ele.

Descobrir, de uma vez por todas, o que é verdade,

O que é real.

Eu tenho que fazer isso.

E para fazer isso, eu tenho que refazer os meus passos.

Se Finn se foi,

Há apenas uma coisa na minha vida que é verdade.

Um verdadeiro ponto de referência.

Uma coisa importante.

Dare.

Com as mãos trêmulas, eu fecho meus olhos,

e tento pensar em Dare.

Porque sempre foi sobre Dare.

Eu tento me concentrar em seus olhos escuros, seu sorriso brilhante e seus ombros balançando... mas pensamentos dele não se formam. Eles são teimosos e

indescritíveis e tudo que eu posso pensar é o começo.

O início

O início.

Com um sobressalto, eu me lembro das palavras riscadas no diário de Finn.

Mars solum initium est. A morte é o começo.

O começo, o começo.

EU PRECISO COMEÇAR.

Minha respiração trava, em seguida, acelera, porque talvez, mais uma vez, como sempre, Finn está me dizendo para onde ir.

Talvez o começo seja exatamente onde eu preciso estar.

Capítulo Dois

O cheiro do ginásio da escola permeia meu nariz. As partículas de poeira flutuando no ar, o assoalho desgastado e quente. Ao meu redor, os outros alunos do jardim de infância berram e correm, porque pique-bandeira é o nosso jogo favorito. Nossa pele cheira a suor, a respiração está pesada e quente em nossos peitos, e o senso de competição é tão espesso que eu posso prová-lo.

Eu olho para cima para encontrar meu irmão Finn agarrando a bandeira do outro time. Ele está tão surpreso com o rumo dos acontecimentos quanto eu, porque há uma coisa sobre o meu irmão... ele não é atlético. Não é coisa dele. Seu sorriso é celeste quando ele corre em direção ao nosso lado, porque se ele simplesmente conseguir isso, ele será o herói do dia. Nós vamos ganhar, e será por causa dele.

Eu aceno meus braços e faço gestos para ele correr mais rápido, como se ele ainda não estivesse. Seus braços magros estão agitados, suas pernas lutando. Mas ele precisa correr mais rápido porque eu quero que todo mundo saiba o quão incrível ele é.

— Calla! — Finn grita, e por um segundo, eu acho que é de emoção. — Calla!

O tom de sua voz está ansioso ou desesperado e seu cabelo está grudado na sua testa, e ele não está animado. Ele está apavorado. Seus olhos estão arregalados e focados em algo atrás de mim, na parede, em nada.

Estou confusa, mas em pânico, porque algo em mim é acionado. O instinto inato milenar de proteger meu irmão gêmeo. Lute ou fuja. Proteja-o.

Eu corro para alcançá-lo, para tentar protegê-lo das crianças tentando bombardeá-lo por causa do pedaço de tecido na mão dele. Eu não sei o que está errado com ele, mas ele não está tentando jogar o jogo. Ele está tentando escapar.

Quando eu o alcanço, seus olhos estão cegos e ele está gritando de terror. Ao redor de mim, eu ouço as outras crianças rindo e vejo-os encarando e eu quero dar um soco em todos, mas eu não tenho a chance.

Finn deixa cair a bandeira e ela vibra ao chão como uma fita alaranjada[1].

Antes que eu possa pará-lo, ele sobe oscilando a velha corda que range, a que vai até o teto. Ele paira pelas telhas do teto manchado, olhando para mim, mas na verdade sem me ver.

— Está aqui, Calla! — ele grita. — Está aqui. O demônio. O demônio. Os olhos dele são negros. — seus olhos se arregalam, e ele grita de novo, se esquivando como se algo invisível o perseguisse. Ele tenta subir mais alto, mas não há outro lugar para ir. Ele está no topo, junto ao teto e algo imaginário está perseguindo-o e eu não consigo respirar.

O que está acontecendo?

Meu coração martela e eu agarro a corda, escalando-a o mais rápido que eu posso para chegar ao meu irmão.

Uma mão após a outra, eu empurro com os pés. A corda grossa corta as minhas mãos, queima e esquenta, mas não importa.

Apenas Finn importa.

Mas Finn não está me vendo. Ele olha através de mim, e berra e berra e berra.

Ele se arrasta para longe, e eu estou apavorada.

— Finn, sou eu. — eu digo a ele suavemente, minha voz tão firme quanto posso. — Sou eu.

Eu tenho que ajudar. Eu preciso. O que há de errado com ele?

Eu toco seu sapato, de leve, muito leve, tão leve que eu acho que ele não vai sentir.

Mas ele sente. Seu rosto torce e ele se vira, porque ele acha que eu sou um demônio, e quando ele se move, as mãos escapam da corda.

A vida está em câmera lenta.

Ele cai da corda e grita. Ele agita-se enquanto cai e o som que ele faz quando atinge o piso do ginásio é surpreendentemente suave, como um travesseiro. Como pode ser?

Estou atordoada e desligada enquanto olho para o meu irmão, para o acúmulo de sangue no chão do ginásio, para o professor conduzindo as crianças para longe do seu corpo, do meu irmão, do meu irmão.

Os olhos azuis claros de Finn estão abertos e olhando para mim, mas ele não está me vendo.

Não mais.

Porque ele está morto.

Meu pai é um agente funerário, então eu conheço a morte.

Eu não me lembro como eu desço pela corda, porque as minhas mãos estão

dormentes, meu coração está dormente, minha cabeça está dormente. Eu não me lembro quem me busca na escola. Tudo que eu lembro é de deitar na cama e olhar para o teto e sentir-me sem vida, como se o mundo inteiro pudesse cair em pedaços e flutuar para longe e eu não me importaria. Porque se Finn se foi, eu não quero estar aqui também.

A tristeza me comprime como um peso, muito pesado, e eu sei que não posso suportar isso. Ela vai me esmagar.

Eu fecho meus olhos,

E está escuro e eu sonho.

Eu estou em um lugar mais escuro e meu irmão está lá. Seus olhos são escuros e sombrios, sem luz e eu percebo que ele é um embrião, eu sou um embrião e não nascemos ainda. Eu estendo meus dedos ainda com membranas e toco seu rosto através do líquido, através do fluido e ele é meu irmão. Embora ele não tenha cabelo ainda, eu sei disso. Eu sinto isso, eu sinto seu coração.

Ele olha para mim através da escuridão, e como se ele estivesse falando, eu ouço uma voz. É ele, é meu irmão, é Finn.

Salve-me, e eu vou salvá-la.

É alto e tranquilo, está em todos os lugares e em lugar nenhum.

Alguma coisa está incomodando-o e eu sinto isso em meus ossos, então eu aninho mais perto para pegá-la, absorvê-la, porque eu não posso deixar que nada aconteça com ele, nunca mais. Eu falhei com ele uma vez, e nunca vou deixá-lo de novo.

Ele me dá conforto e eu dou conforto para ele e é assim que seremos para sempre.

Eu sinto sua pele. Eu sinto seu coração batendo contra mim.

Eu sinto as nossas células dividindo conforme nós crescemos, à medida que desenvolvemos, enquanto nos tornamos seres.

Salve-me, e eu vou salvá-la.

Sim, eu vou.

Eu vou.

Eu desperto com um sobressalto, e a luz está derramando na janela do meu quarto.

A roupa de cama está puxada até o queixo e eu tiro uma mão, olhando fixamente para ela. Meus dedos não têm mais membranas. Meus dedos são separados e longos. Eu agito-os na luz.

Era um sonho.

Era um sonho.

Mas os meus pensamentos estão confusos. É difícil concentrar e algo se move no canto. Algo com olhos escuros. Ele olha para mim por um momento, então ele vai embora, e eu me lembro do grito de Finn.

— O demônio está aqui, Calla!

Meu coração está congelado quando sento na cama e olho para o canto vazio, onde eu poderia jurar que um ser de olhos negros estava de pé, apenas há um momento.

Isso é impossível.

Impossível.

Eu me sinto tão cansada, tão fraca, tão confusa.

Eu balanço a minha cabeça, tentando clareá-la, mas ela se recusa. O nevoeiro permanece, zoneando meus processos de pensamento, interrompendo tudo.

Do lado de fora da porta, eu ouço vozes.

— Ela vai ficar bem? — a voz da minha mãe está ansiosa.

— Seu domínio sobre a realidade é tênue.

É um murmúrio que atravessa o meu pânico.

Faço uma pausa, parando todos os movimentos, nem mesmo respirando. O murmúrio vem do outro lado da porta.

— Não, eu não quero fazer isso. Ainda não. — a voz é sibilante e firme, e não pode ser real. De jeito nenhum. Fico congelada enquanto me envolve, conforme a realidade desliza para mais longe.

— Precisamos. Ela não iria querer isso.

Confusa, eu olho para a madeira plana da porta, para a textura.

Isso está realmente acontecendo?

Ou é a minha mente pregando peças em mim?

Engulo em seco e solto uma respiração instável.

— Qualquer coisa poderia mandá-la de volta ao limite. — a voz familiar

adverte.

— É por isso que temos que lidar com ela com cuidado.

Lidar comigo?

A porta se abre e eu olho para cima para encontrar três sombras pairando sobre mim.

Meu pai.

Minha mãe.

E alguém que eu não posso ver, uma figura sem nome, sem rosto, à espreita nas sombras. Espio atentamente, tentando ver se é ele, mesmo sabendo em meu coração que não pode ser Finn.

É impossível.

Eu afasto até que a minha coluna está contra a cama do meu irmão. Eu sou um cervo arisco e eles são meus caçadores. E sou uma presa porque eu estou em perigo, e eu não sei porquê.

Mas eles sabem.

— Calla. — meu pai diz, gentilmente e ternamente. — Você está bem. *Está bem.* Mas eu preciso que confie em mim agora.

Seu rosto está sério e pálido. A atmosfera neste quarto está carregada agora, perigosa, e eu acho que mal posso respirar.

Eu me abraço.

Porque no fundo, no fundo do meu ser, eu sinto que não posso confiar em

ninguém.

Quando eu abro meus olhos, o quarto está vazio.

Eles desistiram.

O que quer que queriam me dizer, estou segura disso agora.

Porque eu estou sozinha.

Com passos vacilantes, levanto e caminho para a mesa de cabeceira do Finn. Eu pego o seu medalhão de São Miguel e coloco no meu pescoço. Se ele estivesse usando-o na escola, ele estaria aqui agora. Ele estaria bem, ele estaria seguro.

Segurando-o em meus dedos, eu sussurro a oração, cada palavra rápida e firme nos meus lábios.

São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate. Seja nossa defesa contra as maldades e ciladas do demônio. Que Deus o repreenda, nós humildemente pedimos, e tu, ó Príncipe dos exércitos celestiais, pelo poder de Deus, envie para o inferno Satanás e todos os espíritos malignos que andam pelo mundo para perdição das almas. Amém.

Eu digo a oração três vezes seguidas, só para ter certeza.

Eu estou protegida.

Eu estou protegida.

Eu estou protegida.

Estou segura agora. Eu estou usando o medalhão de Finn. Estou segura.

Estou acabando de soltar um suspiro trêmulo de alívio quando a porta abre com um rangido de novo e eu sou confrontada mais uma vez com minha insanidade.

Meus olhos assustados sobem rapidamente, encontrando o impossível.

Finn.

Meu irmão morto.

De pé na porta do quarto.

Ele entra normalmente, e não há sangue, medo, olhar louco em seus olhos. Seu cabelo é castanho, seus olhos são azuis, como sempre.

Ele se senta ao lado da minha cama, seu rosto pálido quando pega a minha mão e sua mão é real, e ele está vivo, e ele está aqui. Ele está respirando e ele está quente e ele está aqui.

Eu exalo.

— O médico disse que você está louca, Cal. — ele me conta. — Você tem que tomar o seu medicamento, e tudo vai ficar bem.

Eu sou louca, e tudo vai ficar bem.

Será que vai?

Mas eu aceno porque *Finn está aqui*, e eu vou concordar com qualquer coisa, porque ele não está morto.

Ele está aqui.

E eu estou aqui.

E eu não me importo se eu sou louca.

Finn aperta minha mão, e eu respiro e respiro e respiro.

— Nosso primo está aqui. — ele me diz, finalmente. — Ele vai ficar por um tempo. Ele é legal e você vai gostar dele.

Concordo com a cabeça, mas eu realmente não me importo. Tudo que me importa é que Finn está aqui e eu tive um pesadelo e não era real.

Minha mãe entra e se agita e meu pai fala com uma voz tranquila, e eles me fazem ficar na cama. Mais tarde, o meu primo de consideração[2] entra.

Sua voz é baixa quando ele se apresenta. Ele é três anos mais velho e seu nome é Dare.

— É bom conhecer você. — eu digo educadamente, e ainda estou cansada. Eu olho para o rosto dele e eu sugo minha respiração.

Seus olhos são pretos.



[1] No original: orange ribbon:

[2] No original: step-cousin. Primo, não de sangue, mas relacionado a alguém pela família.

Capítulo Três

Pretos como a noite, como a escuridão, como ônix. Pretos como a obsidiana, como tinta. Eu não posso deixar de olhar para os olhos de Dare enquanto Finn e eu andamos com ele ao longo das trilhas, alguns dias depois.

— Por que você continua olhando para mim? — ele pergunta com impaciência. Suas mãos estão sujas porque nós estivemos fora, na praia e nas trilhas.

— Porque seus olhos são pretos. — eu digo a ele corajosamente. Porque a honestidade é a melhor política.

Ele bufa. — Eles não são. Eles são castanhos.

Com um lampejo de esperança, eu o estudo novamente, observando a forma como a luz solar atinge os olhos. Ele pode estar certo. Seus olhos são castanhos muito, muito escuros, como o chocolate escuro ou a casca mais escura da árvore. Quase pretos.

Mas não totalmente.

Eu expiro de alívio.

Finn me assiste. Ele observa meu alívio, a maneira que eu posso respirar agora, e ele suspira.

— Cal, não era real. Você sabe que não era.

Sua voz é suave porque eu contei tudo para ele. A maneira como ele capturou a bandeira, o jeito que ele tinha visto demônios, a forma como *ele*

morreu.

Ele riu no início, até que ele percebeu que eu estava falando sério. E então ele me fez prometer não contar para o médico, porque o médico e os meus pais já pensam que eu sou louca e todo mundo está observando cada movimento meu. Eu tenho que descansar, tenho que ficar na cama, eu tenho que tomar meu remédio. Tem sido cansativo.

— Não há nenhum demônio de olhos negros. — Finn me garante calmamente, tão calmo. Eu fico olhando para os olhos do Dare do outro lado da trilha enquanto ele procura por seixos para fazer pular na água. Eu não tenho certeza, porém, e Finn sabe disso.

— Confie em mim. — ele instrui com firmeza. — Você precisa.

— Foi tão real. — eu digo-lhe, finalmente, debilmente. — No início, era você. Você estava louco, e então você morreu. Você morreu, Finn. Mas quando eu acordei, estava vivo e eu que era a louca. Eu *sou* louca. Eu estou tão confusa, Finn. O que está acontecendo comigo?

Meu irmão me olha, depois para longe e ele pega a minha mão.

— Eu não sei. Mas eu não estou morto e eu não vou deixar você ficar louca, Calla. Nunca diga à mamãe e ao papai as coisas que você vê. Apenas para mim, está bem?

Eu aceno, porque eu posso ver a sabedoria nisso. Eles nunca, nunca podem saber.

— Somos eu e você, Cal. — ele diz solenemente. E ele é meu irmão, e eu sei que ele está certo.

— Você e eu. — eu sussurro.

Ele sorri.

— Vamos levar Dare para a praia antes que mamãe descubra que você saiu.

— Por que eu tenho que ficar tanto na cama? — eu resmungo conforme seguimos nosso caminho pela trilha rochosa, para a areia que se encontra abaixo. Finn dá de ombros.

— Eu não sei. Eles querem que você descanse. Isso vai ajudá-la a ficar melhor.

Eu quero ficar melhor. Isso é algo que eu sei, de fato.

Então, quando minha mãe nos encontra um pouco mais tarde, agitada por eu não estar no meu quarto, eu vou com ela humildemente de volta para a casa. Subo as escadas para o meu quarto, e eu observo Dare e Finn da minha janela.

Eles estão construindo um forte com galhos secos, e eles estão rindo e correndo juntos, já esquecidos que eu fui embora, seus rostos corados de tanto brincar e ar fresco.

Deveria ser eu.

Eu não posso evitar, exceto aumentar o meu ressentimento, dos meus pés para as minhas mãos, para o meu coração. Eu deveria estar correndo e brincando. Não confinada aqui, não nesta cama. Meu novo primo não devia brincar com Finn no meu lugar.

Deveria ser eu.

— Calla, meu amor. — minha mãe murmura quando volta para o quarto, um copo de suco de maçã e alguns comprimidos na mão. Eles são coloridos como joias, mas eles têm gosto de sujeira. — Você tem que me ouvir. Você tem que descansar, você tem que se recuperar. Você confia em mim?

Eu aceno, porque ela é minha mãe e, claro, eu confio nela. Que pergunta estranha. Viro-me para ela e obedientemente estendo as minhas mãos para os comprimidos.

Um por um, eu os engulo e eles ficam presos na minha garganta, então eu bebo o suco. Minha linda mãe me observa com simpatia, acariciando meu cabelo vermelho para longe do meu rosto.

— Tudo vai valer a pena. — ela me assegura. — Eu prometo a você, Calla.

Mas há alguma coisa na sua voz, alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa. Como se ela estivesse tentando convencer a si mesma, não a mim. É um tom frágil, incerto.

Mas então, ela se afasta e me deixa sozinha.

Eu me viro para o lado e puxo as cobertas até o queixo, olhando pela janela. Uma névoa pesada desce sobre mim por causa dos comprimidos, puxando minha cabeça sob uma correnteza, uma correnteza escura, sombria, e eu não posso lutar contra a sonolência. Está aqui, é pesada, borra a minha visão.

Mas antes de eu parar de ver e a escuridão cobrir tudo, eu vejo Finn e Dare nos gramados. Eles estão brincando e rindo e abruptamente, Dare para e inclina a cabeça para cima, seus olhos escuros e escuros conectam com os meus.

Ele olha para mim, para dentro mim, através de mim.

Minha respiração trava, porque algo parece fora do lugar aqui, algo parece

estranho.

Dare levanta a mão e acena, e ele foge com meu irmão no meio das árvores.

Meu irmão.

Meu.

Ressentimento enche-me de novo, porque eu estou nesta cama e ele está lá fora com meu irmão, brincando os jogos que eu deveria estar brincando, com o meu irmão,

Meu

Meu

Meu.

Mas eu não consigo parar a escuridão, e ela chega, encobrindo meu ressentimento e minha vontade de brincar. Ela encobre tudo, entorpecendo, amortecendo. O sono vem e eu estou perdida... em sonhos, em pesadelos, na realidade.

Quem pode dizer a diferença?

Finn está lá e Dare está lá e meu irmão estende a mão. Porque o lugar do Finn é ao meu lado, não de Dare. Eu deveria estar brincando, gritando, rindo.

Corremos para longe, longe de Dare, para os penhascos, em direção ao mar.

Quando eu olho por cima do ombro, Dare está observando-nos ir,

com o olhar mais triste no rosto que eu já vi.

Ele não se move para nos perseguir, e eu sei que ele está resignado.

Ele sabe o que eu sei.

Ele não deveria estar com o Finn, eu sim.

Finn é meu.

Quando eu acordo, eu ouço vozes reverberando pelos corredores da nossa casa. Sinto o cheiro dos cravos e dos lírios, as flores dos funerais, da morte.

Eu atravesso o meu quarto e desço as escadas.

O cheiro de pão quente me rodeia e eu inalo o maple syrup[3].

— Por que hoje é especial? — pergunto para a minha mãe, porque nós só temos pão quente em dias especiais. Ela olha para mim conforme anda agitada pela cozinha.

— Seu primo tem que voltar para casa mais cedo. O tutor de latim chegou antes do previsto.

— Latim?

Minha mãe balança a cabeça. — Sua avó quer que todos vocês aprendam latim. Você e Finn vão aprender também, provavelmente, a partir do próximo ano.

— Você pode começar agora, se você quiser. — Dare exclama do sofá. Ele está reclinado lá, com um cobertor cobrindo seu colo. Ele parece mais pálido do que eu me lembro de ontem. — Iniquum. Significa injusto.

Eu formulo o som estranho na minha língua, torcendo-a para falar. — Iniquum.

Minha mãe entrega para Dare um prato cheio de café da manhã fumegante. Ele começa a se levantar, mas ela faz um gesto para ele ficar sentado.

— Está tudo bem, querido. Fique aí e descanse.

Descanse.

Com um sobressalto, eu percebo que ninguém me castigou por sair da cama.

— Seu pai me mataria se eu deixasse você se desgastar. — minha mãe acrescenta, como se ela não se lembrasse de que apenas ontem Dare estava perseguindo Finn pelos gramados.

— Você se machucou? — pergunto com curiosidade. Ele olha para mim e revira os olhos.

— Não.

Estou confusa, tão, tão confusa e eu olho para o meu irmão, mas Finn age como se isso fosse normal, como se Dare devesse estar na cama. Não eu.

Não eu.

— O que está acontecendo? — eu sussurro, tão completamente perdida. O cômodo gira e todo mundo se move como se eles estivessem acelerados e eu fosse a única que ainda está parada.

Minha mãe olha para mim. — Eu disse a você, querida. Dare tem que voltar para a Inglaterra. Não se preocupe. Nós vamos nos juntar a ele em breve,

como fazemos em todos os verões.

Nós fazemos?

Eu olho para Finn, e ele parece animado, como se estivesse ansioso para ir para a Inglaterra, como se tivéssemos feito isso a cada verão durante todas as nossas vidas. O problema é... eu não tenho nenhuma lembrança disso, *nenhuma*.

— Eu realmente sou louca. — digo a mim mesma em voz baixa. — Eu sou tão louca quanto eles dizem. Eu sou louca.

Finn pega um prato e entrega para mim, com panquecas empilhadas fumegantes com maple e nozes, afogando em xarope.

É o céu na porcelana.

Eu sei disso.

Eu dou mordida após mordida, mas na terceira, eu não consigo mover a minha língua.

Por um segundo, eu acho que é a minha mente pregando peças em mim novamente, fazendo-me pensar que eu estou em pausa enquanto todos os outros estão acelerados, mas então, eu assisto a minha mão cair molemente na mesa, e minha mãe dá uma guinada para me agarrar e eu não consigo respirar, eu não consigo respirar, eu não consigo respirar, eu não consigo respirar.

— Calla! — ela diz bruscamente, e ela bate nas minhas costas com a mão porque ela acha que eu estou sufocando. Eu não estou sufocando. Eu simplesmente não consigo respirar.

Eu agarro a minha garganta, agarro meu rosto, agarro a minha língua.

O ar

O ar

Ele não desce para os meus pulmões.

A luz

A luz.

Ela envolve-me e eu acho que estou morrendo.

Essa é a sensação, eu percebo.

Morrer.

É quente e macio e convidativo.

É reconfortante, como casa.

Não cheira a formol e lírios, do jeito que é na casa funerária. Tem cheiro de chuva, como grama, como nuvens.

A luz me rodeia, e minha garganta não dói mais.

Nada dói.

Sou leve como uma pluma.

Sou leve como uma nuvem,

A luz enche-me e faz-me flutuar.

Eu derivo em direção ao teto, e eu olho para baixo, para mim, o meu corpo pequeno esparramado no chão. Meu cabelo vermelho se espalha como um leque

ao meu redor, como uma poça de sangue carmesim e isso me fascina, a cor. A cor sem fim. Mas a luz me distrai, brilhando tanto quanto o sol do lado de fora de casa, brilhando nos meus olhos. De repente percebo que estou pronta para sair, eu estou pronta para deixar ir, para afastar-me. Estou me preparando para deslizar através da janela para tocá-la, quando eu vejo o rosto do meu irmão.

Ele está tão branco como a morte,

Ele está apavorado e ele está gritando meu nome, apertando a minha mão, puxando meu corpo esparramado no chão.

Eu vacilo, meus pés no parapeito da janela, mesmo quando a luz atinge os dedos dos pés.

Eu não posso

Eu não posso

Eu não posso deixá-lo.

Eu não posso deixá-lo sozinho.

Primeiro ele me deixou, mas descobriu-se que na verdade não. Ele nunca me deixaria sozinha e eu não posso deixá-lo também.

Com um suspiro, eu desço do parapeito, e escorrego de volta para o meu corpo, e quando eu abro meus olhos novamente, eu estou no hospital.

— Você é alérgica a nozes. — a enfermeira diz-me solenemente e minha mãe e meu irmão estão sentados na cama comigo.

— Você não pode comer nozes de novo. — minha mãe me diz e seus olhos estão cheios de terror.

— Você morreu por um minuto e meio. — Finn anuncia, e ele não parece mais amedrontado, em vez disso, parece intrigado. Porque eu estou segura agora. Porque eu estava morta e agora eu não estou.

Eu deveria me sentir diferente, mas não sinto.

Isso me intriga também.

---

[3] Traduzido literalmente como xarope de bordo, feito da seiva da árvore Maple, que no Brasil é chamada de *bordo*. Essas árvores são encontradas no nordeste dos Estados Unidos e do Canadá.

Capítulo Quatro

Whitley Estate

Sussex, Inglaterra

O voo é horrível, longo.

Nós fomos de primeira classe, mas eu tive que deixar meu pai e meu quarto, e mesmo que as comissárias de bordo viessem nos verificar com frequência, e trazer suco de maçã e biscoitos e um cobertor, não vale a pena. Eu sei que não vale a pena.

Minhas pernas dão cãibras e eu esfrego-as, olhando de soslaio para Finn.

— Eu não quero ir para a Inglaterra. — digo a ele. Ele me pede silêncio com um dedo sobre os lábios, olhando para a nossa mãe do outro lado do corredor. Ela dorme profundamente, graças a um comprimido para dormir. Eu reviro meus olhos.

— Ela não se moveu em três horas.

— E daí? Ela ainda podia ouvi-la.

— Ela não tem ouvidos biônicos. — eu argumento. Mas então, deixo para lá, por que, que diferença isso faz?

— Eu só não quero ir. — eu continuo, um pouco mais tranquila. — Papai não queria que viéssemos, eu vi isso. Eu não vejo a razão de precisarmos.

Finn olha por cima do ombro para a mamãe, então me olha. — Eu os ouvi

conversando na noite passada. Mamãe disse que nós temos que ir, para que a família dela possa ajudá-la.

Eu empurro minha cabeça para trás, sobressaltada. — Ajudar-me com o quê?

Os olhos azuis do meu irmão estão reservados. — Eu não sei. Você sabe?

Eu balanço a minha cabeça com firmeza. — Não. Eu não faço ideia. Eu não preciso de ajuda.

Eu não digo qualquer outra coisa o resto do voo, e finalmente, finalmente, chegamos em Londres. Minha mãe acorda facilmente, refrescada por causa do cochilo. Estou exausta, e é com pernas cansadas que eu marcho através do aeroporto lotado.

Um motorista em um terno escuro e cap está esperando por nós e ele nos leva a uma longa limusine elegante.

— Meu nome é Jones. — ele me fala com seriedade, e ele tem um nariz gigante. — Eu vou ajudar com você enquanto você estiver aqui em Whitley.

Ajudar comigo?

Finn e eu trocamos olhares conforme nos empilhamos no carro de luxo.

Minha mãe não parece notar. Em vez disso, ela parece nostálgica conforme conversa enquanto nós dirigimos pela cidade e para o campo. Ela aponta para fora da janela.

— Veem lá? Eu aprendi a nadar naquela lagoa.

Eu segui seu dedo e vi um pequeno poço de água sombria, escura e

preta. Nada como o Oceano Pacífico, a água que eu aprendi a nadar. Eu sinto pena dela por isso, mas ela não parece triste.

Agora que estamos aqui, seu sotaque está afiado, cortando o ar como um bisturi, como a pessoa britânica que ela é. Ela fala *bean* em vez de *been*, *e* pronuncia *schedule* como *shhedule*[4]. Por que eu nunca notei isso antes?

Finn se estica e agarra a minha mão, apertando-a. — Eu acho que estamos quase lá. — ele diz em voz baixa, e eu sigo o seu olhar.

Torres irrompem por entre as árvores no horizonte, cumes de pedra, e um íngreme telhado de duas águas. Estou hipnotizada quando passamos pelos portões, deslizando ao longo de uma calçada de pedra e estacionamos na frente de uma casa gigante. Uma mansão, na verdade.

— Crianças, esta é Whitley. — minha mãe diz, já abrindo a porta, seu pé sobre as pedras. Eu olho em volta dela, para a casa que paira sobre seu ombro.

É imponente e grandiosa, sinistra e bonita, escura e brilhante.

Tudo ao mesmo tempo.

É muitas coisas, mas principalmente, é intimidante.

Assim como a pequena mulher esperando para abraçar a minha mãe.

Ela está na porta da frente, como um passarinho. Ela tem pele escura, um lenço brilhante envolvido no seu cabelo e olhos escuros que brilham, olhos que parecem ver através de mim. Eu tremo com o seu olhar, e ela sorri torto, como se soubesse. Como se ela soubesse tudo sobre mim, como ela soubesse tudo sobre tudo.

Ela é apresentada como Sabine, embora minha mãe a chame de

Sabby. Como se a mamãe a conhecesse oh-tão-bem, embora eu nunca tivesse ouvido o nome dela antes de hoje. Tudo isso não faz qualquer sentido, e eu me pergunto se Finn está tão confuso e oprimido quanto eu.

Ele não parece estar quando aperta a mão de Sabine. Ele sorri seriamente para ela, dizendo educadamente: — É um prazer conhecê-la.

Depois é a minha vez e Sabine olha através de mim, como se estivesse lendo meus pensamentos, seus olhos escuros perfurando os meus.

— É um prazer conhecê-la. — murmuro, obrigatoriamente, como se eu tivesse sido treinada.

Sua boca vira para cima nos cantos, com a mão enrugada enrolada como uma garra em volta da minha. Sua pele é fria, como gelo, e eu tremo novamente. Ela sorri em resposta e algo me deixa nervosa, os cabelos levantam no meu pescoço, e cada vértebra da minha coluna se endireita.

— A sorte foi lançada, eu vejo. — ela diz baixinho, quase para si mesma, e eu sou a única que pode ouvir.

— O quê? — eu pergunto confusa, porque suas palavras não fazem sentido. Mas ela balança a cabeça enrolada com lenço.

— Não se incomode, criança. — ela me diz com firmeza. — Não deveria ser preocupação sua agora.

Mas é, porque suas palavras ficam comigo.

Ela nos leva aos nossos quartos e no caminho, ela se vira para mim.

— Você vai me ouvir enquanto estiver aqui. — ela me diz, e sua voz é prática, embora eu nunca sonharia em discutir. Abro a boca, mas seu olhar de

aço fecha-a para mim. — Eu vou lhe fornecer medicamentos e métodos para controlar a sua doença... eu tenho o seu melhor interesse no coração, sempre. E o melhor interesse dessa família. Você vai confiar em mim.

É uma diretiva, não uma pergunta. Ela faz uma pausa na porta de Finn e lhe permite entrar, antes de continuar para a minha.

Do lado de fora da grande porta de madeira, ela se vira para mim. — Se você precisar de alguma coisa, me avise.

Ela me deixa sozinha e o quarto é cavernoso.

— A sorte foi lançada. — repito para mim quando olho para a minha mala. Ela está esperando que eu desfaça, mas meu quarto é muito grande para ser confortável, e tudo que eu quero fazer é ir para casa, longe deste lugar estranho com as suas palavras e jeitos estranhos.

— O que você disse? — Finn pergunta da porta. Ele está olhando para mim, esperando pela minha resposta enquanto entra e olha em volta do meu quarto.

— Eu gosto mais do meu. — ele continua, sem esperar por uma resposta.

Eu não vi o dele ainda, então eu não posso discutir, embora eu esteja simplesmente feliz que ele não tenha me perguntado o que eu disse de novo. As palavras não fazem qualquer sentido, e eu não preciso que ele me diga isso.

A sorte foi lançada.

O que isso significa?

Finn salta através do quarto e despenca em uma cadeira de veludo azul, perto da janela. Ele guincha as molas na almofada e olha fixamente para fora das

janelas gigantes.

— Este lugar é enorme. — ele diz, como se isso não fosse óbvio. — E Sabine me disse que nós podemos ter um cachorro.

Isso chama a minha atenção. Porque não podemos ter um cachorro em casa. Papai é alérgico.

— Um cachorro?

Finn balança a cabeça, o feliz portador de boas notícias.

Este lugar está melhorando.

Um pouco.

Meu irmão me ajuda a desfazer as malas e arrumar minhas roupas, e eu olho para a cama gigante. — Eu vou ter medo de dormir aqui. — eu divago.

Finn balança a cabeça. — Eu vou dormir com você. Então nós não ficaremos sozinhos.

Eu nunca estou sozinha. Essa é a melhor coisa sobre ter um irmão gêmeo. Eu sorrio, e nós encontramos o caminho para a sala de jantar juntos, porque quando estamos juntos nunca estamos sozinhos, e porque não devemos nos atrasar para o jantar.

É aqui, sentados ao redor da maior mesa que já vi, que encontramos nossa avó.

Eleanor Savage está sentada à cabeceira da mesa, seu cabelo puxado para trás severamente do seu rosto. Ela está usando pérolas e um vestido, e ela não parece feliz, embora ela diga que está feliz por finalmente conhecer-nos. Ela

enfatiza o *finalmente*, e olha para a minha mãe quando diz isso.

Minha mãe engole, mas não responde. Isso me interessa. Minha mãe está com medo da minha avó. Mas também, conforme eu olho para a velha séria, suponho que todo mundo tem medo da minha avó.

Eleanor olha para mim.

— Nós sempre temos um par de Terra-Nova aqui na propriedade Whitley. Recentemente nossos cães velhos morreram. Você e seu irmão vão escolher um novo par. A cadela do vizinho pariu.

Eu não tenho nenhuma ideia do que *pariu* significa, e eu achava que *cadela* fosse uma palavra ruim. Mas eu aceno porque ela quer que eu faça isso, porque ela age como se estivesse concedendo uma honra. Ela não diz *Bem-vindos à Whitley, eu sou sua avó e eu amo você*. Ao contrário, ela nos permite escolher os novos cães da propriedade.

Eu não digo nada, porque eu quero um cachorro, e eu tenho medo que se eu fizer perguntas ela mude de ideia.

Em vez disso, eu me concentro no meu jantar, que é uma coisa estranha chamada bife e torta de rim. Mexo com os órgãos internos pelo meu prato, mas minha mãe me chama a atenção e levanta uma sobrancelha severa. Eu relutantemente coloco um pedaço na minha boca. Tem um sabor de carne, mas a textura é elástica e revira meu estômago. Eu engulo sem mastigar.

— Onde está o nosso primo? — Finn pergunta abruptamente, e eu percebo que eu tinha esquecido dele, o garoto que conhecemos no ano passado. O garoto com os olhos escuros, tão escuros que eram quase pretos.

Dare.

Minha avó olha com desprezo para nós.

— Adair está comendo na ala do seu pai, embora você devesse saber que crianças não estão autorizadas a fazer perguntas aqui em Whitley.

Engulo em seco, porque essa atmosfera severa é assustadora, e porque Whitley deve ser enorme. É tão grande que todos nós temos alas separadas e quartos e suítes. É como uma ilha flutuante no meio da Inglaterra.

Eu estou nervosa, porque eu posso ver que minha avó não gosta de Dare. Está na voz dela, pingando com ressentimento e aversão. Eu me pergunto o porquê, brevemente, mas, em seguida, tiro da minha mente enquanto eu faço o meu caminho de volta para o meu quarto gigante. Não é da minha conta. Ele é um primo por consideração que eu nem conheço. Como o meu pai diria, *não é o meu circo, não são meus macacos.*

Na parte da manhã, Sabine me acorda do meu sono com uma batida suave na porta.

— Venha comigo, criança. — ela diz, sua voz como um pedaço de madeira flutuante retorcida. — Nós temos que ir buscar os filhotes.

Excitação pula no meu peito e eu pulo da cama, colocando as roupas conforme vou. *Um cachorro.* Os cachorros não te julgam, eles te amam não importa o quê, e eles nunca agem como se você fosse louco. Eu mal posso esperar para pegar o meu.

Finn e eu tagarelamos à medida que vamos com Sabine em um caminhão velho, na estrada para o vizinho. Uma ninhada de filhotes gordos pretos e fofos nos cercam quando saímos, e não demora para que eu escolha um com grandes olhos tristes, e Finn escolhe um com um corpo se contorcendo e rabo abanando.

— Eles são pequenos agora. — Sabine nos adverte. — Mas eles serão maiores do que vocês algum dia. Eles terão que ser cuidadosamente treinados para serem obedientes.

— Como devemos chamá-los? — Finn pergunta em voz alta enquanto segura seu filhote de cachorro se contorcendo no caminho de volta para Whitley.

Sabine olha para nós. — Seus nomes serão Castor e Pollux. Combina.

Acho interessante que ela já deu nome para eles, mas isso realmente não importa. Porque eu tenho um filhote de cachorro fofinho dormindo no meu colo e isso é realmente tudo que eu sempre quis. Eu só não sabia que até agora.

Não é até que estamos de volta à Whitley e na cozinha, alimentando nossos novos animais de estimação, quando penso no nosso primo.

— Dare não devia ter ganhado um filhote de cachorro também? — eu pergunto, fazendo uma pausa com a minha mão na cabeça de Castor. Sabine balança a cabeça e olha para longe.

— Não.

Sua resposta é tão imediata e firme que me intriga.

— Mas por quê?

— Porque, minha criança, ele não importa. Agora lembre-se do que sua avó disse. As crianças não fazem perguntas aqui.

É a primeira vez que eu realmente vejo o lugar de Dare nesta casa, e ele faz o papel da insignificância. Eu não gosto disso. Dare devia ter a mesma posição que eu tenho. Ele é neto de Eleanor, assim como eu. Então, por que eles o tratam como se ele fosse diferente, como se fosse descartável?

Isso me deixa com uma sensação de medo e de peso na boca do estômago.

Por mais que eu tente, esse sentimento não vai embora.

Finn e eu dormimos com Castor e Pollux aconchegados aos nossos pés, e ainda assim, de alguma forma, me sinto sozinha pela primeira vez na minha vida, porque eu estou em um lugar onde uma pessoa viva não tem qualquer importância.

Se é Dare hoje, pode ser eu amanhã.

Descartável.

---

[4] As palavras não foram traduzidas porque ela quer enfatizar as diferenças dos sotaques britânico e americano; been – particípio passado do verbo to be – ser / estar; bean – feijão; schedule – programação.

Capítulo Cinco

Whitley Estate

Sussex, Inglaterra

Eu sonho que eu não consigo respirar, que alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa está me estrangulando. Luto e luto para respirar, para me mover, e eu simplesmente não consigo. Eu acordo assustada para encontrar Castor deitado em cima de mim, com cada grama dos seus 90 quilos me esmagando.

— Ugh, Castor, saia. — murmuro, porque a respiração do cachorro é rançosa e sua baba está escorrendo pelo meu pescoço. Ele ofega com mais força, e não cede.

Eu me viro para rolar de debaixo dele e faço esforço para lembrar da bolinha de pelo que ele costumava ser apenas um ano atrás.

— Você é enorme. — eu digo-lhe carinhosamente, batendo na sua cabeça gigante. Chegamos apenas ontem e Castor e Pollux pareceram lembrar de nós, como se nunca tivéssemos saído. — Eu nem sabia que um cachorro podia ficar tão grande.

Ele parece tão grande quanto um pequeno cavalo e suas patas são maiores do que as minhas mãos. Eu sei mesmo disso. Eu comparei. Ele é tão pesado quanto Finn e eu juntos, talvez mais, e eu o amo. Eu o amo tanto quanto no ano passado, do jeito que eu amava. Talvez até mais. Ele é tão grande que eu sei que ele nunca deixaria nada acontecer comigo. Nunca. Por alguma razão, isso parece importante.

— Vamos tomar o café da manhã, rapaz. — Castor ofega nos meus calcanhares conforme seguimos pelos corredores, e as suas unhas clicam sobre a pedra. Ele parece um alce andando atrás de mim. Nada nele é sutil.

Faço uma pausa no quarto de Finn e espio dentro, e eu sorrio quando vejo Finn e Pollux esparramados, juntos nos lençóis. Pollux é tão grande quanto Castor, e ele faz a cama gigante parecer pequena. Ele levanta as orelhas quando me vê, mas não se move.

— Shh, menino. — digo a ele. Ele fecha os olhos como se entendesse que eu quero que meu irmão durma. Estamos sofrendo o efeito do jetlag e embaixo parece em cima agora.

Quando eu chego à cozinha, não há ninguém lá. É incomum, mas é muito mais cedo do que todos os outros se levantam em um dia normal. Jetlag estúpido. Pego um pãozinho do armário, despejo um pouco de comida para Castor, e como o meu café da manhã.

Quando acabo, ainda estou sozinha na cozinha.

Então, Castor e eu vamos para fora, passeando pelos caminhos enevoados conforme exploramos.

Eu imediatamente desejo que tivesse vestido um casaco. Está frio aqui fora com a brisa da manhã e o sol nascendo só agora. Arrepios se formam em todos os lugares no meu corpo e reúnem nas minhas pernas conforme eu ando, como formigueiros espinhosos minúsculos.

O horizonte está coberto de roxos e rosas e vermelhos quando o sol começa a se inclinar sobre a borda. Parece anormalmente enorme, mas é porque os terrenos de Whitley são tão grandes, tão vastos. Eu estou maravilhada com a beleza disso quando ouço um barulho.

Uma pedra caindo ao longo do caminho, talvez. Um som derrapando, algo que interrompe o silêncio da manhã.

Faço uma pausa, mas Castor salta na minha frente, seu corpo gigante descendo o caminho para os estábulos, com a intenção de encontrar a fonte do barulho.

— Castor! — eu chamo, mas ele não ouve, e nem sequer olha para trás.

— Castor! — uma voz masculina grita através do silêncio, e Castor para derrapando aos pés de Dare. — Senta!

Castor senta obedientemente e imediatamente, estabilizado na frente de Dare.

Olho para ele com admiração.

— Como você fez isso?

Dare olha para mim e eu decido que ele deve estar com... onze? Seu cabelo está um pouco desgrenhado, quase até tocando seus ombros. Mas seus olhos... seus olhos não mudaram.

Pretos

Pretos

Pretos como a noite.

— Você tem que ser firme. — ele me diz, com a voz segura e britânica. — Você tem que ser o chefe. Eles foram treinados esse ano, mas eles ainda são filhotes. Você tem que controlá-lo.

Eu hesito, porque Castor é duas, talvez três vezes o meu tamanho. Por que

ele me ouviria?

— Chame-o. — Dare me diz. — Chame com firmeza. Diga, *Castor, venha*.

Eu digo, tentando imitar a severidade da voz do Dare.

Castor me olha sem se mover, e Dare dá risadinhas.

— Você tem que chamá-lo com autoridade, ratinha.

Minha cabeça sobe de repente. — Não me chame assim. Eu não sou um rato.

Ele ri. — Então não aja como um. Chame-o com propósito.

Meus lábios curvam e eu falo. — Castor, venha.

Castor fica de pé e vem direto para mim. Ele fica na minha frente, esperando o meu comando. — Senta.

Ele senta.

Como mágica.

Dare sorri e os dentes são muito brancos. — Vê? Ele foi treinado. E eu tenho certeza que ele se lembra de você. Ambos foram treinados com os cheiros de vocês.

— Nossos cheiros?

Dare assente. — Sim, seu e do seu irmão. Sabine ficou com algumas camisetas de vocês para usar com eles. Funcionou, não foi? Ele te reconheceu?

Concordo com a cabeça e não posso discutir. Ele realmente me conhecia. Mas é estranho saber que meu cheiro foi usado sem o meu conhecimento este ano, apesar disso ser idiota. Meu cheiro não me pertence. Na verdade, não. Eu solto-o pelo mundo, e uma vez que é liberado, ele nunca mais volta.

Dare caminha para mim, um pouco magro, um pouco desajeitado, mas ele parece tão sofisticado para mim, tão mundano. Ele é três anos mais velho, afinal. As crianças de onze anos na escola sequer olham duas vezes para mim. Bem, a menos que seja para me chamar de A Garota da Funerária. Eu tremo com a lembrança e Dare me olha com curiosidade.

— O quê?

Eu engulo porque eu nunca vou contar para ele essa vergonha particular. — Nada. O que você está fazendo aqui fora tão cedo?

Ele é que parece encolher agora, mas então, ele esconde isso. — É a única hora que posso vir. — ele dá de ombros, sem explicar. — Não conte para a Sabine, está bem?

Isso parece uma coisa idiota para perguntar porque não estamos fazendo nada de errado, mas eu concordo. — Está bem. O que você está fazendo aqui?

Dare encolhe os ombros. — Nada. Só andando por aí.

Ele é inteligente, porque ele está usando um casaco.

— Posso ir com você? Eu não sei o meu caminho.

Dare hesita, mas finalmente assente. — Tudo bem. Mas você tem que ficar quieta. Nós não queremos acordar ninguém.

— Este lugar é tão grande. — eu respondo. — Ninguém vai nos ouvir aqui fora.

— Há olhos em todos os lugares. — ele me diz. — Não duvide disso.

— Tudo bem. — eu respondo, porque ele quer que eu concorde. Mas eu acho que ele está sendo paranoico.

Nós andamos ao longo do caminho, em direção aos jardins, para longe da casa, e Castor vai alguns passos na nossa frente. De vez em quando, ele levanta o nariz gigante para a brisa, verificando verificando verificando alguma coisa.

— O que ele está observando? — eu pergunto para o Dare com curiosidade.

— Qualquer coisa. — Dare palpita. — Tudo. Quem sabe? Terras-Nova são conhecidos por seus instintos heroicos. Ele provavelmente morreria para protegê-la.

— E você? — eu pergunto silenciosamente. Dare olha para mim.

— Provavelmente. Mas ele não é meu. Ele é seu.

Estou morrendo de vontade de perguntar por que Dare não podia ter um cão, porque ele ama tão obviamente o Castor. Mas eu não pergunto. Porque eu tenho uma estranha sensação de que isso iria ofendê-lo, que feriria seus sentimentos, e eu não quero fazer isso. Eu tenho um estranho fascínio com este menino e seus olhos escuros.

Dare pausa no caminho, e parece que ele está tentando recuperar o fôlego. De repente noto que ele está pálido, mais pálido do que a última vez que eu o vi. Eu toco seu cotovelo.

— Você está bem? — pergunto rapidamente, e ele puxa para longe aborrecido.

— Claro. — ele rebate. — Por que eu não estaria?

Porque você não consegue respirar.

Mas eu não digo isso, porque obviamente ele não quer que eu note. Então eu espero em silêncio com ele, pacientemente. Finalmente, depois de minutos e minutos, ele continua o seu caminho, embora os seus passos estejam mais lentos agora. Castor retarda também, determinado a ficar perto de nós.

Um menino na minha classe, na escola, tem uma coisa chamada asma. Ele tem que carregar um inalador, e muitas vezes durante o intervalo, ele tem que parar de brincar para que possa respirar. Eu decido que Dare deve ter isso também, embora seja estúpido para mim que ele queira esconder. Ter asma não é nada para se envergonhar.

Dare aponta para uma construção de pedra à distância.

— Lá é o mausoléu. Todo Savage foi enterrado lá. Você vai ser também.

Que deprimente.

— E você, será?

A pergunta sai antes que eu possa impedi-la.

Dare ri, mas não há humor. — Duvidoso, e eu não quero. Meu pai era francês, e eu vou ser enterrado na França. Eles não podem me manter aqui.

Há tanto desgosto em sua voz agora quanto na de Eleanor, quando ela fala dele. *Sangue ruim*, meu pai diria. Mas, por quê?

— Você não gosta daqui? — eu pergunto, esperançosa de que ele diga alguma coisa, qualquer coisa, para ajudar a tudo fazer sentido.

Dare fica em silêncio, porém, seus olhos escuros fixos no horizonte.

— Por favor, me diga. — acrescento. — Eu não gosto de estar aqui também.

— Por que não? — Dare olha para mim e ele parece quase interessado.

— Porque eu sinto falta do meu pai. Eu sinto falta do meu quarto. Eu moro em uma funerária. Lembra disso?

Dare assente.

— Eu não gosto dessa parte porque as crianças na escola me provocam, mas eu sinto falta de casa. Tenho saudades do mar. Whitley é muito grande. É assustador aqui porque é escuro e todo mundo fica quieto. Parece que todo mundo esconde as coisas um do outro, mas eu não sei o quê.

— Você não sabe a metade disso. — Dare resmunga e eu olho para ele repentinamente. Ele olha para longe.

— Conte-me sobre a vida em uma funerária. — ele diz, redirecionando a minha atenção.

Eu sorrio porque ele não parece malvado ou preconceituoso. Ele simplesmente está interessado.

— Está certo. Cheira flores o tempo todo. O cheiro fica no meu cabelo e nas minhas roupas.

— As pessoas mortas parecem que estão dormindo?

Eu bufo. — Não. Eles parecem mortos.

Dare assente. — Eu imaginei.

Estamos quietos agora, e nós andamos, e Castor ofega. Os pequenos seixos rolam debaixo dos meus sapatos e eu mais uma vez desejo que estivesse em casa, sobre as falésias do Oregon. Mas o fato é que Dare não está lá, e ele me interessa.

O vento sopra meu cabelo e eu levanto a minha mão para enfiá-lo atrás da minha orelha, e quando faço isso, algo se move no canto do meu olho.

Viro, e o que eu vejo é a essência dos pesadelos.

Vejo Castor e Pollux, quebrados e sangrando, arrastando-se ao longo do caminho, suas pernas quebradas, sangue escorrendo dos seus olhos e seus narizes. Rastros de sangue atrás deles, preenchem as almofadas das suas patas e deixa impressões carmesim no chão. Há tanto sangue que eu posso cheirá-lo, eu posso prová-lo.

Eu grito e tento ir até eles, mas meus pés não se movem. Parece que estão colados no chão e eu estou congelada congelada congelada. Meu coração bate e bate, o sangue correndo nas minhas veias e eu não posso mover não posso mover não posso mover.

— Castor. — eu choramingo.

Castor tenta levantar sua cabeça, ele tenta vir até mim, porque ele é obediente, ele foi treinado, mas seus ossos seus ossos seus ossos estão estilhaçados. Ele não consegue andar e ele cai no chão com um grande estrondo, tão alto e forte que sacode o chão sob meus pés.

Eu grito

E grito,

Minhas mãos sobre a minha boca.

Dare se vira para mim calmamente, seus olhos como piscinas sem vida, e é ele, mas não é ele.

— Você fez isso. — ele diz, sua voz morta como um cadáver. Tento respirar, mas não consigo

Eu não consigo

Eu não consigo

Eu fecho meus olhos com força e agacho, balançando no caminho.

— Calla! Calla! Abra seus olhos! Shh! Está tudo bem, está tudo bem. O que está acontecendo?

Uma voz está desesperada e ansiosa e me concentro nela, tentando voltar ao meu corpo, tentando ouvi-la.

— Calla!

Eu concentro naquelas duas sílabas, na voz.

É do Dare e é cheia de vida desta vez, não como antes.

Abro os olhos e seu rosto está no meu, seus olhos pretos em pânico.

— O que está acontecendo? — ele me pergunta, com as mãos fechadas em torno dos meus braços. — Você está bem?

Eu acho que ele estava me sacudindo, tentando fazer com que eu

focasse. Mas eu não sei.

Eu balanço a minha cabeça. — O que aconteceu com os cães? Oh meu Deus. O que aconteceu?

Dare inclina a cabeça, intrigado. — O que você quer dizer?

Atrás dele, Castor choraminga e eu assusto, sentando-me para que eu possa ver.

Castor está sentado a poucos passos de distância, olhando para mim com preocupação canina, choramingando porque eu o enervei, abanando o rabo, esperançoso. Seus ossos estão bem. Não há sangue.

Ele está bem

Ele está bem

Ele está bem.

Eu sugo uma respiração. Não era real. Era real?

— Eu pensei que... Castor estivesse... — minha voz falha, porque isso é exatamente o que aconteceu quando pensei que meu irmão tinha morrido. Não era real.

É evidente que não era real.

— Eu preciso do Finn. — digo finalmente.

Porque Finn vai me ajudar a entender. Finn é o único que pode saber.

— Você é louca? — Dare me pergunta enquanto me ajuda a levantar. — Meu padrasto disse que você era.

— Não! — eu estalo. Mas eu não tenho certeza. Provavelmente sou. — Isso é uma coisa malvada de se dizer.

— Meu padrasto é malvado. — Dare responde sem desculpas.

Atrás dele, a minha mãe corre pelo caminho, com um robe e seu cabelo em pé.

— Qual o problema, o que aconteceu? — ela pergunta quando me alcança, me puxando para seus braços. — Eu ouvi você gritar.

Finn está atrás dela, e Sabine. Estão todos me olhando, porque eles sabem o que eu não vou admitir.

Eu sou louca.

— Nada. — eu digo a todos eles. — Eu pensei que tivesse visto alguma coisa e não vi. — é evidente que eu não vi. Pollux está com Finn e ele está bem.

Sabine olha para Dare. — Você sabe que não é para você ficar aqui fora. — ela diz. — Você sabe que haverá consequências. — ele acena com seriedade e Sabine olha para mim.

— Você não deveria estar aqui também. — ela anuncia. — Você não deveria convidar problemas, pequena. — ela é severa e eu sinto que estou em apuros e eu não sei porquê. Se alguém deveria estar com raiva de mim, é minha mãe. Mas a mamãe não diz uma palavra, ela só me prende em seus braços.

— É minha culpa. — Dare intervém rapidamente, antes que eu possa responder à Sabine. — Ela me ouviu e seguiu. É minha culpa.

— É culpa de ninguém... — eu começo a dizer, mas Sabine já está acenando com a cabeça.

— Não a desencaminhe, menino. — ela diz. — Richard vai saber disso, se ele já não sabe.

O rosto do Dare empalidece e ele fica em silêncio, mas isso não o impediu de tentar me poupar de problemas. Ele me defendeu. Eu pego sua mão, mas ele a afasta, sem olhar para mim.

— Vamos entrar. — Finn me diz, guiando meu cotovelo com a mão. Minha mãe sussurra para irmos para casa e voltar para nossos quartos, e eu não vejo Dare pelo resto do dia.

Sabine vem ao meu quarto no meio da manhã e coloca uma bandeja na minha mesa.

— Sua mãe me enviou. — ela me diz, entregando-me uma xícara de líquido fumegante. — Beba isso e me diga o que você viu esta manhã.

Eu pego o chá e tomo um gole, e é amargo e eu odeio isso. Eu tento entregá-lo de volta, mas ela balança a cabeça.

— Beba. — sua voz é firme.

Eu bebo, mas eu não falo. Eu não digo a ela que eu vi os cães quebrados e ensanguentados. Por que, por qual razão eu imaginei uma coisa dessas? Eu devo ser um monstro. Apenas um monstro faria isso.

Ela espera e eu fico em silêncio e, finalmente, ela suspira.

— Eu sei sobre você. — diz ela, com a mão na minha coxa, suas unhas picando a minha carne. — Você não tem que esconder isso. Eu lhe disse para confiar em mim.

Eu quero responder que você não pode simplesmente falar para alguém

confiar, que a confiança tem que ser conquistada. Isso é algo que meu pai sempre disse e ele está certo. Meu pai é esperto. Mas eu mantenho a minha boca fechada sobre isso.

— O que você sabe sobre mim? — pergunto no lugar.

— Você sabe o quê. — ela responde. — Eu sei o que ninguém mais sabe. Eu sei tudo sobre você, criança.

Eu balanço minha cabeça, porém, porque não há nenhuma maneira. Eu não disse a ninguém o que vi. Com certeza não contarei para ela.

Ela resmunga e balança a cabeça. — Eu não posso ajudá-la até que você seja honesta. — ela me diz quando pega a bandeja e vai em direção da porta. Ela faz uma pausa, porém, e se vira para mim.

— Você deve ficar longe de Dare, no entanto. — ela me diz. — Algum dia, ele será a sua ruína.

— Minha ruína? — eu não consigo deixar de perguntar. Ela sorri e é sinistro quando ela balança a cabeça.

— A sua ruína. Será um por um por um, Calla.

— O que significa isso? — eu estou confusa, mas ela se foi, fechando a porta atrás dela com um rangido pesado.

Castor encontra-se a meus pés e eu estou tão feliz que ele esteja saudável que eu abraço seu pescoço, respirando seu cheiro de cachorro, e sentindo seu pelo macio na minha bochecha. — Eu te amo, Castor.

Ele ofega em resposta e deita comigo, enquanto meu quarto gira em torno de mim, minha visão nubla. Eu não sei o que está acontecendo, mas eu não

posso manter meus olhos abertos. Minhas pálpebras estão pesadas

Pesadas

Pesadas.

Minhas mãos estão quentes, minhas pernas estão frias e tudo está girando na escuridão. Quando eu fecho meus olhos, eu vejo algo no canto, nas sombras do meu quarto.

Um menino com um capuz, um menino com olhos pretos pretos. Ele me olha, espera por mim, e ele parece tão completamente familiar.

Mas não é real. Ele não pode ser real. É exatamente como os malditos cães.

Eu quero abrir meus olhos para verificar, mas minhas pálpebras estão tão tão tão pesadas.

Tão

Pesadas.

Tudo deixa de importar e eu não posso confiar em mim mesma.

Eu sou louca.

Quando derivo para o sono, para o esquecimento, eu penso em Dare. O garoto que arriscou entrar em problemas para me manter fora deles. — *É minha culpa.* — ele disse.

Mas não foi culpa dele.

Ele mentiu para tentar manter-me segura.

Ninguém nunca fez isso antes.

Capítulo Seis

Whitley Estate

— Eu o amo.

Meu sussurro é pequeno no meu quarto grande, mas é ouvido pelo meu irmão. Porque Finn tem vindo furtivamente todas as noites. Whitley é muito grande para nós ficarmos em nossos próprios quartos sozinhos. Há muitas sombras, muitas coisas a temer. Nossos cães estão no pé da minha cama, protegendo-nos enquanto dormimos. Eles são sentinelas e é reconfortante.

Finn põe a cabeça para fora dos seus lençóis, seus leves cachos castanhos rebeldes.

— Você é burra. — ele anuncia. — Você não pode amar Dare. Ele é nosso primo. E ouvi a mamãe falando com o tio Richard. Dare é uma causa perdida, Cal.

Raiva quase me cega, vermelha e quente, crescendo dos cantos dos meus olhos como tinta.

— Não diga isso! Não é verdade. Ele não está perdido. E o tio Richard é um monstro. — digo a ele. — Você sabe disso. Além disso, Dare é só nosso meio-primo. Nós não somos realmente parentes.

— Somos próximos o suficiente. — Finn responde. — Você não pode amá-lo. Não seria certo.

— Por que tem que ser certo? — eu choramingo. — Quem decide o que é certo e errado, afinal?

Finn revira os olhos antes dele cobrir a cabeça de novo com seu lençol. — Mamãe decide. Além disso, você tem a mim. Eu sou tudo que você precisa, Calla.

Eu não posso discutir com isso.

Então eu deixo para lá. Logo eu escuto as respirações de Finn, me sinalizando que ele está dormindo.

Eu ainda estou na mesma posição, observando as sombras se movendo através do teto. Eu não fico com medo quando Finn está aqui, o que provavelmente é realmente estúpido. Ouvi Jones falando para Sabine que Finn era um fracote, mas isso é só porque ele não atingiu o surto de crescimento ainda. Independentemente disso, eu sei que ele morreria tentando me proteger. De alguma forma, isso é reconfortante e mórbido, ao mesmo tempo.

Eu fecho meus olhos.

E quando eu faço isso, tudo que posso ver é o rosto de Dare.

Cabelo escuro, olhos escuros, o olhar teimoso.

Eu o amo.

Ele é meu.

Ou ele vai ser meu um dia. Eu sei no meu coração, tão certo como eu sei que meu nome é Calla Elizabeth Price.

Eu durmo ao som do pântano... o vento, a escuridão, o silêncio, os grunhidos. Os pântanos aqui em Whitley rosnam, embora ninguém pareça notar. No começo eu pensei que fosse o Castor, mas não é. Ele nunca rosna para mim. Mas os pântanos rosnam.

Depois que o sol da manhã me acorda, eu troco de roupa e corro até a cozinha, na esperança de vê-lo antes do café da manhã.

— Dare está aqui? — pergunto quando Castor e eu derrapamos ao virar a esquina. Sabine me olha de debaixo do seu lenço e me dá um croissant.

— Shh, criança. Eu acho que o vi sair.

Ela fala baixo, para que ninguém possa ouvi-la. Eu digo a ela obrigada sobre o meu ombro e me dirijo para o jardim, porque é onde Dare gosta de ficar. Ele odeia a casa, e ele odeia a maioria das pessoas no interior.

Mas ele não me odeia.

Mesmo que eu tenha apenas oito e ele onze. Eu sei disso porque ele me disse.

Desço correndo as trilhas, sobre os paralelepípedos e entre os portões do jardim secreto com meu cachorro nos meus calcanhares. Eu procuro por Dare acima das flores, sob as enormes estátuas de anjos, e eu finalmente o vejo sentado na beira de uma lagoa, seus olhos escuros pensativos enquanto ele arremessa uma pedra através da superfície vítrea.

— Você não deveria estar aqui. — eu digo-lhe timidamente enquanto eu me aproximo. Ele mal olha para cima.

— Então vá contar para Eleanor.

Seu tom é mal-humorado quando ele menciona a minha avó, mas eu estou acostumada a isso.

Minha mãe disse que sua sina na vida o deixou mal-humorado, que eu tenho que ser paciente.

Eu sou mais do que paciente.

Eu vivo para cada palavra que sai da sua boca.

Sento-me ao lado dele, e mesmo que eu tente, nenhuma das minhas pedras pulam. Elas simplesmente caem pesadamente na água.

Sem dizer nada, Dare se estica e ajusta a minha mão, me fazendo movimentar o meu pulso quando eu atiro a pedra. Eu assisto saltar uma vez, duas, três vezes antes de afundar.

Eu sorrio.

— O que sina de vida significa? — eu pergunto com curiosidade.

Seus olhos se estreitam.

— Por que você pergunta?

— Porque minha mãe disse que você é mal-humorado por causa da sua sina na vida. Mas eu não sei o que isso significa.

Dare parece empalidecer, e ele olha para o lado e eu acho que eu o deixei bravo.

— Não é da sua conta. — ele estala. — Você deveria estar aprendendo a ser Savage. E um bom Savage não se intromete.

Engulo em seco, porque Deus sabe que eu já ouvi minha avó Eleanor dizer isso um milhão de vezes.

— Mas o que significa isso? — pergunto depois de alguns minutos, sempre persistente.

Dare suspira pesadamente e levanta. Ele olha para longe por um minuto antes dele responder.

— Significa o seu lugar no mundo. — suas palavras são pesadas. — E o meu é tipo uma merda.

— Então mude-o. — eu digo-lhe simplesmente, porque parece simples o suficiente para mim.

Dare bufa. — Você não sabe nada. — ele me diz sabiamente. — Você é apenas uma criança.

— Igual a você.

— Mas eu sou mais velho.

Eu não posso discutir com isso.

— Posso segurar sua mão? — pergunto-lhe quando saímos dos jardins. — Eu esqueci meus sapatos e eu não quero cair nas pedras.

Estou mentindo. Eu só quero segurar sua mão.

Ele é hesitante e parece um pouco repelido, mas ele olha para cima, em direção à casa, então relutantemente deixa-me agarrar seus dedos.

— Você tem que ser mais responsável, Calla. — ele me aconselha com um olhar de soslaio para os meus pés descalços. Mas ele deixa-me segurar sua mão enquanto nós voltamos lentamente para casa. Ele solta os meus dedos antes de abrirmos as portas.

— Vejo você no jantar.

Eu assisto a casa engoli-lo antes de segui-lo.

Eu ando pelo corredor, não posso evitar olhar por cima do ombro de vez em quando, porque mesmo a luz do sol não pode manter as sombras afastadas em Whitley. Algo sempre parece estar me observando, oscilando em torno de mim.

Sempre.

Quando eu encontro Finn na biblioteca, eu conto isso para ele.

Ele balança a cabeça, irritado, ainda claramente preocupado. Como sempre.

— Você já tomou suas pílulas hoje, Calla?

— Sim. — se eu não fizer isso, eu vejo monstros.

Eu vejo demônios de olhos vermelhos e serpentes de olhos pretos.

Eu vejo fogo,

Eu vejo sangue,

Vejo terror

Coisas terríveis

Finn olha para mim em dúvida.

— Você tem certeza?

Faço uma pausa.

Então a contragosto puxo as duas pílulas coloridas do meu bolso.

Ele olha para mim. — Tome-as. Agora ou vou contar para a mamãe.

Quando eu não me apresso para fazer isso, ele acrescenta: — Ou eu vou contar para a vovó.

Essa ameaça carrega peso, e ele sabe disso. Corro para pegar um copo de água, e engulo os comprimidos, enquanto ele assiste.

— Você sabe que é melhor, Calla. — ele me repreende, soando mais como um pai do que um irmão.

Eu concordo. Porque eu sei.

— Elas têm um gosto ruim. — ofereço como explicação.

— Isso não é desculpa.

— O que não é desculpa?

Nossa mãe murmura para a biblioteca, ruiva e bonita, elegante e glamorosa. Se eu tiver sorte, eu vou parecer como ela algum dia.

— Nada. — eu me apresso a dizer a ela.

Ela parece suspeita, mas está com muita pressa para perguntar novamente.

— Você viu Adair? — ela pergunta a nós dois. — Seu tio está procurando por ele.

Nós dois balançamos nossas cabeças, mas Finn é o único a dizer a verdade. Eu prefiro morrer do que falar para aquele monstro onde Dare está.

— O que o tio Dickie quer com Dare? — eu pergunto quando ela se vira para sair.

Ela faz uma pausa, o rosto tenso e firme. — É coisa de gente grande, Calla Lily. Não se preocupe com isso.

Mas é claro que eu preocupo.

Porque cada vez que o tio Richard encontra Dare, eu ouço gritos.

E mesmo que você ache que era a pior parte, não é.

A pior parte é quando a gritaria para.

Porque o silêncio esconde uma abundância de pecados.

Isso é o que minha mãe diz.

E ela está sempre certa.

Pelo menos, isso é o que meu pai diz.

No jantar, eu menciono meu pai.

— Eu sinto falta dele. — digo a minha mãe. — Por que ele nunca vem conosco no verão?

Ela suspira e dá um tapinha na minha mão antes de pegar o garfo com camarão.

— Ele vem, Calla. Você sabe disso. Ele estará aqui nas últimas duas semanas, como sempre está.

— Mas por que viemos aqui todos os anos? — pergunto de novo, e eu me sinto estúpida, mas é uma boa pergunta. Todo verão, ano após ano. Papai tem que ficar em casa em Oregon para trabalhar, mas temos de vir aqui porque a família da mamãe é rica.

— Porque Whitley também é a nossa casa, e nós temos que vir. — minha mãe disse, cansada. — E por causa do nome Savage, você tem oportunidades. Os melhores médicos, o melhor de tudo. Mas temos que passar os verões aqui para conseguir isso. Você já sabe de tudo isso, Calla. Eu tenho que fazer sacrifícios por você, Calla. Apenas agradeça.

Eu agradeço.

Eu agradeço. Eu não entendo, mas eu agradeço.

O que eu não quero dizer a ela é que, às vezes, o que eu *sei* mistura com o que eu *não* sei. Gira e vira e inclina, transformando-se em formas que eu não reconheço. Fatos misturam-se com sonhos, e sonhos se misturam com memórias, e, em seguida, a realidade não é real.

Eu sempre me sinto muito boba de perguntar para alguém, que não seja Finn, o que é real e o que não é.

Eles acham que eu sou louca.

Eu não sou.

Dare me chuta de leve por baixo da mesa e eu olho para ele rapidamente.

Ele sorri, seu sorriso familiar, genioso e eu adoro isso. Porque ele sempre parece que está desafiando-me quando ele sorri.

Desafiando-me a... o quê?

Ele se inclina.

— Eu vou para o jardim hoje à noite depois que escurecer. Quer vir?

Eu hesito.

Está escuro lá fora. E os pântanos. E à noite, eles rosnam.

Dare repara a minha hesitação.

— Você está com medo? — ele sussurra ironicamente.

Não, claro que não. Eu balanço minha cabeça. Acusar alguém de ter medo é o pior insulto possível, eu acho.

Ele sorri novamente.

— Então, saia escondido e me encontre à meia-noite. Você sabe que Finn estará cercado dos seus livros de latim. Eu sei que você não vai querer se juntar a isso.

Não, claro que não. Latim me irrita, mas Finn desenvolveu um fascínio por ele, e passa cada segundo livre estudando.

— Você sabe que você quer. — Dare acrescenta.

— Tudo bem. — eu concordo, tentando parecer relutante, mas calafrios correm para cima e para baixo dos meus braços em antecipação, porque, o que ele quer fazer lá fora no escuro?

Ele é tão... rebelde. É difícil de dizer.

Fiel à minha palavra, eu saio do meu quarto e escorrego para fora da casa à meia-noite. Eu corro o mais rápido que eu posso pelos caminhos, porque eu juro que há algo me perseguindo.

Algo escuro,

Algo assustador.

Mas quando eu olho por cima do ombro,

Nunca há nada lá.

Eu rompo os portões do jardim, e Dare já está aqui.

Ele sorri, e seus dentes são pérolas da noite.

— Ei. — ele me cumprimenta casualmente, como se não fosse meia-noite e nós não estivéssemos quebrando as regras.

— Você não deveria deixar a casa. — eu lembro-o.

Ele dá de ombros. Porque ele é Dare e ele é um quebrador de regra. — E?

É um desafio e eu não discuto. Principalmente porque eu não tenho uma boa resposta.

Eu não sei por que ele não pode sair de casa. Isso nunca fez qualquer sentido para mim. Não é justo. Por outro lado, tio Richard nunca foi *justo* com o Dare.

— Você e eu somos iguais, Calla. — Dare me diz, a noite é calma e sua voz é suave. — Estou na prisão aqui, e você está na prisão em sua mente.

— Não, eu não estou. — eu protesto firmemente. — Eu estou medicada. Estou bem.

Dare balança a cabeça e olha para longe. — Mas você conhece a sensação.

Eu conheço. Eu tenho que admitir que eu conheço.

— Ninguém sabe como é ser eu. — eu sussurro. — Nem mesmo Finn. É solitário.

— *Eu* sei como é. — Dare finalmente responde. — Você nunca vai ter que explicar isso para mim. Você não está sozinha.

Enquanto nós sentamos e examinamos as estrelas, os nossos ombros colidem um com o outro e absorvem o calor do outro, e acho que isso pode ser verdade.

Dare e eu somos iguais. Quando estou com ele, eu não estou sozinha.

— Por que você é um prisioneiro? — pergunto depois de alguns minutos, mexendo em um assunto proibido, hesitante e com medo de que ele vá ficar bravo comigo. Mas ele não fica.

Seus ombros caem e ele fecha os olhos e levanta o rosto para a lua.

— Não é qualquer coisa que você deva se preocupar. — ele fala com palavras cansadas. — Eles não querem que você saiba.

— Mas, por quê?

— Porque não.

— Porque não, não é uma resposta.

— Agora é. — Dare me diz. — Algum dia, você provavelmente saberá. Mas agora? Tudo o que importa é isso. Estamos respirando, há estrelas e tivemos bolo de chocolate no jantar.

Ele tem razão. Foi um bom jantar.

E é uma boa noite.

Eu estou sozinha com Dare no jardim.

Estamos quebrando as regras,

E me sinto bem.

Água rasteja em torno de mim, acima de mim, me afogando. Eu torço e viro, lutando para quebrar os elos líquidos que cercam minhas mãos e pés. Não posso me mover, eu não consigo respirar e há olhos negros olhando para mim da superfície.

Vejo-os, espreito dentro deles, temo-os, quando eles borram, em seguida, desaparecem.

Baixo,

Baixo,

Para baixo eu vou.

Para longe dele.

Meu Salvador.

Meu anticristo.

— A culpa é sua. — eu sussurro, e as palavras são engolidas pela água, presas na minha garganta. Estou falando com ele ou comigo? Não importa. Meus pulmões se enchem e enchem e enchem, e não há qualquer ar. Há apenas um vazio onde meu coração deveria estar.

— Isso não é real, Calla. — eu ouço a voz de Finn, mas eu sei que ele não está aqui. Ninguém está, eu estou submersa e a água é turva e escura. Meus dedos agarram em alguma coisa, em nada, em tudo.

Concentre-se.

Eu estreito meus olhos e eu respiro, uma respiração profunda como eles me ensinaram. Eu encho meu corpo com o ar, como se eu estivesse enchendo um cálice, começando na minha barriga, então meu diafragma, então minha garganta, então a minha boca. Eu expiro lentamente, como se eu estivesse soprando uma palha, eu empurro para fora, expelindo até que não há mais nada, só eu e meus pulmões vazios e murchos.

Eu faço isso de novo.

E de novo.

E quando eu termino, eu posso ver de novo. Eu estou no hospital, e eu não sou mais uma garotinha. Sou Calla Price, e Finn morreu, Dare morreu e eu estou sozinha.

Eu fecho meus olhos, porque esta não é uma realidade que eu quero.

A escuridão atrás das minhas pálpebras treme e oscila em movimentos, e eu sei que eu não estou em um hospital de jeito nenhum. Eu estou em uma caixa, um caixão. Estou sozinha e há um lençol de cetim puxado até a minha cintura e há lírios em minhas mãos. Brancos. Eles cheiram como se estivessem murchos, porque eles estão. Flores morrendo têm o cheiro mais doce.

Eu solto e empurro minhas mãos sem vida contra a tampa de seda plissada, empurrando-a com toda a minha força. Ela não se move. Eu bato, mais e mais e mais, mas sem sucesso. Estou trancada dentro. Eu estou presa, eu estou presa, eu estou presa.

Eu estou enterrada viva, eu estou sozinha, eu estou com frio, estou morta.

Imagens piscam ao meu redor, na frente dos meus olhos, dentro dos meus

olhos, atrás dos meus olhos.

Pneus chiando na chuva, gritos, metal.

Água.

Afogando.

Eu.

Finn.

Dare.

Todo mundo.

Será que estamos todos mortos?

Meus olhos abrem de repente e eu *estou* no hospital.

As paredes são brancas, minhas mãos estão quentes, estou sozinha,

E eu devo ser

Louca

Louca

Louca.

Capítulo Sete

Dare olha para mim do outro lado da biblioteca e eu tenho que impedir fisicamente os meus pés de tremerem.

Sua boca vira para cima. Ele tem treze anos e eu tenho dez e ele acha que é muito maior.

— Calla, você está prestando atenção?

Minha mãe tira a minha atenção do Dare e tento concentrar-me em suas palavras. O que ela estava dizendo? Ela suspira, porque ela sabe que eu não tenho ideia. O que ela não sabe é que até agora eu sinto o olhar de Dare sobre mim, sobre a minha pele, está me aquecendo, está me avisando, está...

— Calla, você tem que ouvir mais a Sabine. Ela está aqui para o seu benefício. Ela sabe o que é melhor para você. Ela me disse que você esconde suas pílulas, que você não quer tomá-las.

Eu tenho náuseas com a mera lembrança de como minhas pílulas ficam presas na minha garganta, o revestimento encerado adere na minha língua.

— Elas têm um gosto horrível. — eu digo na defensiva.

Minha mãe parece simpática, mas ela ainda é firme.

— Calla, você sabe que se você tivesse nascido cem anos atrás, você seria a lunática da aldeia? Você correria delirante na sua loucura pelas ruas e ninguém seria capaz de ajudá-la. Mas uma vez que agora temos os benefícios da medicina moderna, você vai poder viver uma vida completamente normal. Não desperdice isso, minha querida.

A voz dela é gentil, que suaviza a dureza das suas palavras, palavras nas quais posso ouvir a influência marcante da minha avó, Eleanor. Mamãe inclina para abraçar meus ombros, e eu inalo Chanel e cashmere. Eu quero agarrar-me a ela, e ficar em seus braços finos, mas eu sei que isso é impossível. Ela tem muito o que fazer. Ela sempre tem quando estamos em Whitley.

Ela se afasta e empurra os ombros para trás, olhando para o meu irmão.

— Finn, eu quero que você venha para a cidade comigo hoje. Padre Thomas quer falar com você sobre ser coroinha.

Eu rio ao ver a expressão no rosto de Finn porque nós odiamos missa.

Absolutamente sem qualquer tipo de equívoco.

Odiamos.

É tão cheia de melancolia e severa, tão repetitiva e chata.

Eu sei que Finn quer ser coroinha tanto quanto eu quero tomar meus remédios todos os dias, mas ele obedientemente desaparece com a minha mãe e Dare e eu somos deixados sozinhos. Ele olha para longe de mim quase incisivamente, e eu me sinto fria por causa disso.

— O que você quer fazer hoje? — pergunto-lhe, tremendo, meus dedos traçando o desenho do tapete oriental elaborado debaixo de mim.

Dare olha para longe. — Nada.

Ele está confortavelmente em um assento perto da janela, com a cabeça encostada ao vidro. Ele olha a esmo para as terras que ele é proibido de ir.

Eu me recuso a aceitar um não como resposta porque eu estou entediada,

porque eu sei que ele está entediado, e porque se nós não sairmos dessa casa abafada, eu posso morrer.

— Quer ir para o jardim? — pergunto e espero. — Sabine colocou novos koi[5] em uma das lagoas. Podemos ir alimentá-los.

— Você sabe que eu não posso. — Dare me diz rudemente, sem sequer olhar na minha direção.

— Desde quando você se importa com isso? — eu pergunto a ele em confusão, e eu vejo que suas mãos estão enroladas em punhos ao seu lado. O que aconteceu? Nós só tínhamos chegado aqui há duas semanas para o verão, mas Dare vem agindo como uma pessoa completamente diferente do que era no verão passado, mais controlado, mais silencioso. Eu não gosto disso.

— Eu me importo com isso hoje. — ele completa, e eu estou ferida por seu tom de voz. Ele é tão abrupto, tão... mau.

— O que há de errado com você? — eu sussurro, quase com medo de saber porque ele parece estar com raiva de mim, como se ele não gostasse mais de mim.

Seu punho parece tremer quando repousa contra sua perna, o rosto pálido conforme ele tão inflexivelmente evita olhar para mim.

Finalmente, ele suspira e vira o rosto, seus olhos escuros encontrando os meus.

— Olha, Calla. — ele diz, cansado. — Você é apenas uma criança, então você não entende. Eu não sou como você. Se eu errar, eu pago por isso. Não vale mais a pena fazer o que eu quero. É mais fácil simplesmente fazer o que eles dizem. Não importa de qualquer maneira. Nada disso importa.

O olhar de completa resignação no rosto de Dare me assusta, porque isso nunca foi dele. Ele sempre foi rebelde, toda a sua vida. Ele sempre me deu esperança, ele sempre me fez acreditar que minha opinião importa, que meus sonhos importam, que tudo é possível.

Mas agora?

Ele parece tão triste e sozinho e sem esperança.

— Não diga isso. — falo para ele. — É claro que importa. Você pode fazer o que você quiser. Você não tem que ouvi-los.

— Não? — sua pergunta é suave. — Alguém me pediu para ser coroinha como Finn? Não. Porque eu não importo, porque o meu sobrenome é DuBray e não Savage. Só importa que eu tenha um propósito, e esse propósito não vai ser bom para mim. Eu sou uma causa perdida, Calla, e eles sabem disso.

Ele está certo sobre isso.

Eu já os ouvi sussurrando. Ontem à noite, ouvi a avó Eleanor e minha mãe sussurrando nas sombras.

Devemos arrumar outro tutor?

Eu não vejo razão.

É tudo para nada. Richard está certo.

Eu queria saltar para fora da cama e confrontá-las, porque elas não estavam sendo justas.

Sim, Dare quebra as regras. Mas por que não deveria? Richard é horrível para ele sem nenhum motivo. Suas regras são extremamente rigorosas, muito

impossíveis, e qualquer outro garoto da sua idade iria se rebelar assim como Dare. Isso não faz dele uma causa perdida.

É muito injusto para expressar.

E agora essa nova atitude desanimada de Dare?

É demais.

— Levante-se. — eu anuncio, caminhando em direção a ele e agarrando sua mão. Eu puxo até que ele tem de se levantar, e então eu arrasto-o para a porta.

— Vamos para a cidade.

Isso é contra todas as regras e nós dois sabemos disso. Se nós formos pegos, estaremos em sérios problemas, qualquer um de nós. Dare não deve deixar a casa, mas eu não posso sair da propriedade. É proibido.

Dare começa a sacudir a cabeça automaticamente, mas eu levanto a minha mão.

— Você está com medo deles?

Ele faz uma pausa e fico muito contente de ver um velho brilho familiar nos seus olhos.

Aqui está.

O olhar *Desafie-me*.

Meu coração palpita, porque o verdadeiro Dare está de volta, mesmo que apenas por um minuto. Ele não tem medo de nada. Ele não pode ter.

— Tudo bem. — ele concorda. — Scooters, porém, não bicicletas. Eu não quero que você se desgaste.

É chato, porque todo mundo está sempre dizendo coisas assim... como se eu fosse uma inválida, em vez de louca. Mas quando Dare diz isso, eu não discuto.

— Tudo bem. — é tudo o que eu digo.

Nós esgueiramos para fora pelas portas dos fundos e descemos para as garagens, onde nós agarramos as scooters motorizadas.

Conforme dirigimos para a cidade, com o vento nos nossos rostos, volto-me para Dare.

— Por que você não fala como o resto deles? Só de vez em quando você diz coisas com sotaque inglês. É estranho.

Dare olha para mim comicamente. — Meu pai era francês. Eu me recuso a falar como Richard.

— Mas você é inglês agora. — eu indico. — E, às vezes, você soa assim.

— Essa é a coisa mais malvada que você disse para mim o dia todo.

Eu não falei muito para ele hoje, mas eu não aponto isso. Em vez disso, eu presto atenção na estrada para que eu não acerte um buraco e quebre uma roda como da última vez. Temos que ser como ninjas, entrar e sair da vila sem a nossa família saber.

Ou haverá um inferno para pagar, especialmente para Dare.

— Por que o meu tio Richard é tão malvado com você? — pergunto-lhe

conforme encostamos nossas scooters na calçada da aldeia. Ele dá de ombros.

— Muitas razões, eu acho. — ele responde, apontando para a sorveteria. — Quer um?

Sempre. Ele sabe disso.

Ele me compra um copo de chocolate e baunilha para ele, e nós sentamos nas sombras do beco, cuidando do nosso sorvete. Eu vejo o meu começar a derreter, enquanto formas condensam no copo na minha mão.

— Seu tio não gosta de mim porque eu o faço pensar em coisas que ele não quer. — Dare finalmente diz.

— Que coisas?

Dare sacode a cabeça. — Coisas de adulto, Calla. Nada que você precisa se preocupar.

Mas eu me preocupo. Eu me preocupo com isso. Eu não consigo parar de me preocupar com isso, com ele. Eu estou tão cansada das coisas sendo escondidas de mim, cansada de ser tratada como uma garotinha.

— Quem grita à noite? — pergunto timidamente, e Dare vira a cabeça e eu sei que ele sabe. Mas ele balança a cabeça.

— Eu não sei do que você está falando.

— Está tudo bem. — eu sussurro, porque eu sei que ele está mentindo. — Você pode me dizer. Não vou contar a ninguém.

Por um segundo, por um segundo, eu acho que ele vai. Ele olha para mim como se estivesse ponderando, como se ele estivesse pensando e acho que ele

vai confiar em mim, mas então... ele não confia. Ele só dá uma mordida no sorvete e se move para mais longe de mim, para baixo na calçada.

— Não há nada para contar. — ele diz sem expressão, e eu sei que o assunto está encerrado. Ele não confia em mim. Ainda não.

— Bem.

Eu comi meu sorvete até que acabou e quando acabou, viro para ele.

— Eu não quero voltar. — eu digo.

— Nós temos. — ele responde, pegando meu copo e jogando ambos no lixo.

— Porque ambos somos prisioneiros? — eu pergunto, lembrando das suas palavras de há muito tempo.

Ele olha para mim por um longo tempo, seus olhos escuros endurecidos, escondendo sua dor.

— Sim.

— Você podia ir embora, você sabe. — eu sugiro hesitante. — Você poderia fugir. Se você odeia tanto aqui, quero dizer.

Dare olha para longe, com os olhos muito escuros. — E aonde eu iria? Não há onde eu poderia ir que os Savage não fossem me encontrar.

Ele está tão sombrio quando levanta e estende a mão para me ajudar a levantar. A nossa viagem de volta para Whitley é silenciosa.

Quando passamos pelos portões, Richard está esperando.

Seu carro está estacionado no meio da entrada, e ele está inclinado contra ele, esperando por nós como uma cobra grande, enrolada... uma cobra venenosa pronta para atacar. Meu coração bate e pula na minha garganta e eu estou congelada.

— Vá para a casa, Calla. — meu tio me diz, com os olhos duros e focados em Dare, e eles contêm um brilho estranho, algo que transforma o meu estômago em gelo.

— Mas... foi minha ideia! — eu digo a ele rapidamente. — Dare não queria que eu fosse sozinha.

Richard se vira para mim, seu rosto oh-tão-frio, e Dare me cutuca.

— Basta ir, Calla. — ele diz em voz baixa.

Richard está satisfeito com isso, porque Dare está sendo submisso e meu tio o empurra para dentro do carro. — Você sabe que não pode sair de casa, garoto. — ele fala, uma veia pulsando ao lado do seu olho. Ele bate a porta do carro muito mais forte do que o necessário.

Eu os observo subir a entrada, eu observo Richard puxando Dare para dentro de casa, e eu não posso suportar segui-los e ouvir o que eu sei que eu vou ouvir. Eu corro para as portas dos fundos, para a cozinha, e me jogo nos braços de Sabine.

Ela me ouve chorar e quando eu termino, ela olha calmamente para mim.

— É melhor ir guardar as scooters, criança.

Ela caminha até a estrada comigo, e nós as empurramos de volta, e eu faço-lhe um milhão de perguntas.

— Por que Richard odeia Dare? Por que ele é tão mau? Por que Dare não pode sair de Whitley?

Sabine escuta, mas ela não responde até muito tempo depois que nós colocamos as scooters e voltamos para a cozinha.

— As coisas não são o que parecem, Calla Lily. — ela me diz. — É hora da sua mente jovem entender isso.

Nenhuma quantidade de estímulo vai levá-la dizer mais, e quando eu vou para a cama naquela noite, tudo o que posso pensar é em Dare e seus olhos escuros olhando para mim quando o carro desapareceu na garagem.

Quando a gritaria começa, eu fecho meus olhos contra ela, tentando não sintonizá-la, porque quando eu escuto, tudo o que posso fazer é imaginar aqueles belos olhos pretos cheios de dor. Esmaga-me, e eu durmo para escapar disso.

---

[5] Peixe ornamental.

Capítulo Oito

Funerária e Crematório Price

O céu de Oregon pende enevoado, nublado e escuro. Eu observo um relâmpago esticar de uma extremidade do horizonte para a outra, iluminando a escuridão, expondo a noite. Ele lança uma luz roxa sobre tudo, e o mundo parece místico.

Eu seguro a carta de Dare no meu colo porque é preciosa. Ele raramente me escreve e quando o faz, eu as guardo.

Cara Calla,

Esta diz.

Como estão as pessoas mortas? Whitley está na mesma. Estou praticamente morando com pessoas mortas também, você sabe. Eleanor está perto de 200 ou, pelo menos, ela parece assim. E Sabine, Deus. Quem sabe quantos anos ela tem?

Estou enviando uma foto de Castor e Pollux. Eles estavam nadando no oceano e Pollux pegou um peixe. Alguém na praia achou que ele fosse um urso e começou a gritar. Foi a coisa mais engraçada de todas. Castor procura você quando você está fora, e ele dorme ao lado da porta do seu quarto, até que eu o faça vir comigo.

Vejo você neste verão,

Dare

Suas palavras estão gravadas no papel, rabiscadas com uma indiferença que é típica de Dare. De alguma forma, ele me faz sentir falta de Whitley, mesmo que a propriedade seja enorme e assustadora e tudo tem lá pareça errado. Mas Dare está lá, e os meus cães estão lá. Eu sinto falta de Dare durante o inverno, embora nunca tenha tido coragem de dizer a ele.

Eu fixei a foto dos cães no meu mural, e fiz o meu dever de matemática, e então quando eu vou dormir, sonho com Dare.

Eu sonho e sonho e sonho. Meu sonho vira meu estômago para o sol quente, e uma sensação estranha viaja através das minhas coxas e barriga, uma sensação quente como o fogo.

Eu sonho que a luz solar infiltra através das janelas da Carriage House, que estou sentada no sofá, descansando de lado. Eu estou completamente nua, exceto com saltos altos e as minhas bochechas estão coradas, e eu sou mais velha. Talvez dezessete anos? Meu cabelo é longo e vermelho com cachos caindo em volta dos meus ombros, e fluem pelas minhas costas.

Dare senta na minha frente e ele tem um lápis na boca, mastigando-o enquanto ele me estuda, em seguida, ele desenha no papel. Ele está me desenhando, e ele está lindo e ele está lindo e ele está lindo.

— Você é tão bonita, Calla-Lily. — ele murmura. — Você é muito mais do que eu mereço.

A luz brilha em seus olhos e eles parecem ser dourados em vez de pretos, e seus dentes são sempre brancos. Um anel de prata brilha em seu dedo e ele gira na minha mente,

Gira

Gira,

E eu acordo assustada,

E quando eu me recomponho,

Eu percebo que minhas bochechas estão coradas, assim como no meu sonho.

Passam horas antes de eu finalmente voltar a dormir, e até mesmo no dia seguinte na escola, eu me pego pensando sobre esse sonho. É uma situação que seria pouco provável de estar... exposta daquele jeito na luz do dia. É tão diferente do que sou.

Consigo concentrar a minha atenção por tempo suficiente para fazer meu teste de matemática, e, em seguida, Finn e eu estamos liberados, e no nosso caminho para casa no ar frio do Oregon.

À medida que subimos a estrada arrastando nossas mochilas pesadas, nossos Chucks rangem na estrada rochosa, o resto da chuva tornou-o escorregadio. Eu enrolo minhas mãos dentro das minhas luvas enquanto eu inalo profundamente. Respiro o cheiro salgado do oceano, eu olho distraidamente para o lado, para as falésias, em direção à praia abaixo.

Algo azul brilhante, me chama a atenção, nas rochas abaixo. O azul está fora de lugar contra o fundo do inverno monótono da praia. Faço uma pausa, interessada, deixando cair a mochila conforme aproximo alguns centímetros da borda para dar uma olhada melhor.

Alguém olha de volta para mim, e os olhos não são amigáveis.

Eles estão mortos.

Eu suspiro, em alto e bom som e as mãos de Finn me puxam para longe da borda.

— O que há de errado com você, Calla? — ele exige em agitação. — Você poderia ter caído para o lado. Você sabe que não deve dar bobeira nestes penhascos.

Eu não consigo responder. Estou tão chocada, completamente consternada enquanto aponto com um dedo instável revestido de luva.

Isso não podia ser o que eu pensava que era. *Quem* eu pensava que era.

Mas é. Eu me inclino para frente e olho de novo, o que vejo não está errado.

Vejo também que não importa o quanto a morte de uma pessoa é exposta, nada o prepara para o rosto inesperado da morte de alguém que você conhece.

Finn espreita em torno de meu ombro, e eu o sinto se espantar quando ele reconhece o corpo nas rochas abaixo.

— Aquele é o Sr. Elliott? — ele pergunta em choque. Concordo com a cabeça em silêncio, incapaz de fazer os meus lábios se moverem.

Sr. Elliott é um dos poucos professores que era bom para mim, embora ele nunca realmente tenha gostado de Finn. Aparentemente, os meninos magros subdesenvolvidos não o impressionavam muito, e por isso ele nunca se intrometia quando os caras do futebol enfiavam o Finn nas latas de lixo do vestiário.

Eu odiava isso. Mas eu não posso negar que eu ainda gostava dele... por causa do jeito que ele *me tratava.*

Especificamente, porque ele nunca me fez participar da queimada.

Ele sabia que eu ia ser atacada e deixada como uma pasta de sangue, então ele sempre me deixava ficar de fora. E nunca reconheceu que ele sabia o porquê. Ele nunca disse as palavras humilhantes, *eu sei que todo mundo te odeia por isso não vou fazer de você um alvo.* Eu sempre apreciei isso.

Mas agora, ele está vestido com roupas de exercício e deitado em um amontoado quebrado na parte inferior das falésias. Um dos seus joelhos dobrados, e seu pé está inclinado em um ângulo antinatural, apontando para o céu.

Enquanto Finn puxa o telefone e chama a polícia, tudo o que posso focar são nas meias do Sr. Elliot. Elas são do tipo antigas, meias de ginástica que você puxa para cima do joelho... aquelas com listras. Seus tênis são azuis brilhantes.

Um homem está morto, e tudo o que consigo pensar são nas meias dele.

Talvez todo mundo esteja certo e realmente há algo de errado comigo.

Duas horas mais tarde, minha mãe corre para me assegurar de que não há.

— Foi um choque, querida. — ela me diz, tirando meu cabelo lentamente longe do meu rosto. — A maioria das pessoas não fica chateada imediatamente. É uma reação retardada.

Ela limpa o meu rosto com um pano, e faz biscoitos de chocolate, e está tudo bem até dois dias depois, quando é a minha vez de ajudar meu pai.

Eu olho para as mãos perfeitamente cuidadas do meu pai, as unhas que são cortadas em quadrados perfeitos, enquanto ele puxa o lençol novo que cobre o corpo do Sr. Elliott.

— Eu me pergunto se ele teve um ataque cardíaco e caiu do penhasco? — meu pai divaga calmamente. — Ou se ele escorregou? Pobre rapaz.

Meu pai é imperturbável, sua voz especulativa e casual.

Ele não me pergunta se estou bem, porque não lhe ocorre que eu poderia não estar. A morte é o seu negócio e ele lida com ela diariamente. Nada o incomoda mais, e ele esquece que pode ser angustiante para alguém.

Eu engulo.

— O médico legista vem? — eu pergunto, e minha voz soa trêmula nesta grande sala estéril. Está frio aqui, porque tem de estar, e eu esfrego os meus braços arrepiados. Meu pai me olha conforme arrasta a maca de metal para um refrigerador.

— É claro. — ele concorda. — O médico legista sempre tem que vir e assinar o atestado de óbito. Você sabe disso.

Eu sei. Mas de alguma forma, olhar para o rosto familiar e morto do meu professor de ginástica faz com que as coisas que eu sei voem para fora da minha cabeça.

Concordo com a cabeça de volta.

— Você está com fome? — pergunto, querendo uma desculpa para sair desta sala. — Eu posso fazer um sanduíche para você.

Meu pai olha para mim de novo, e sorri. — Eu poderia comer. — ele responde. — Eu vou descer para a cozinha em um minuto.

Eu escorrego da sala de preparação e fecho a porta atrás de mim, inclinando-me contra ela por um segundo com os olhos fechados enquanto eu

tento esquecer que vi o rosto branco do Sr. Elliott. A última vez que o vi, ele estava vermelho e tenso enquanto gritava conosco no ginásio. Vê-lo tão vazio e desprovido de vida é simplesmente chocante.

— Você está bem?

Minha mãe ainda está preocupada comigo. Sempre. Eu aceno, porque eu não quero preocupá-la. Parece que ela está sempre preocupada comigo.

— Sim. É só que... ele era legal comigo.

Naquela noite, depois do jantar, eu estou com fones de ouvido enquanto faço lição de casa de química, mas eu ainda ouço os meus pais brigando no quarto ao lado.

— Eu não gosto disso. — diz minha mãe. — Estamos cercados por muita morte aqui. Não é bom para ela.

— Ela precisa se preparar para isso. — meu pai diz, e suas palavras me fazem pausar, meus dedos gelados conforme seguro o lápis.

— Talvez. — minha mãe responde, e ela parece tão triste. — Mas ainda não. Ela não precisa enfrentá-la ainda.

Há um silêncio e eu me pergunto se o meu pai está confortando-a, como muitas vezes o vejo fazendo. Ele segura-a perto e murmura em seu cabelo vermelho, e sua voz é baixa. Sempre funciona.

Em um minuto, no entanto, eles continuam.

— Por mais que eu odeie isso, eu acho que nós deveríamos passar mais tempo em Whitley. A atmosfera é calma lá. É bom para a mente de Calla. — minha mãe está calma, com a voz fina.

Meu pai não gosta da ideia, eu posso dizer. — E você vai ter que passar mais tempo com Richard? Laura, por favor. A razão pela qual nós viemos para cá foi para fugir. Temos que participar, mas não temos que estar com eles todos os dias de nossas vidas.

Participar de quê? Eu nem sequer percebo que eu sussurrei em voz alta, até que eu recebo uma resposta.

— Eu sei. — uma voz fala, e minha cabeça se vira.

No canto do meu quarto, um menino de pé, o capuz puxado para cima e sombras cobrindo o rosto. Ele é alto, ele é magro, ele é familiar.

Eu não sinto medo, embora eu provavelmente devesse.

— Quem é você? — pergunto.

Ele dá de ombros. — Isso importa?

— Sim. — eu respondo com firmeza, e acho que ele sorri. Eu mal posso ver a curva de um lábio.

— Isso não importa, porque eu sei do que eles estão falando, e você não sabe.

— Eu já te vi antes. — eu digo lentamente. — Mas onde?

Ele não responde e, em vez disso, balança a cabeça.

— Seu professor. — ele fala, e suas palavras são suaves, enunciadas. — Você pode mudar.

— Mudar o quê?

— *Isto.* — o menino diz impaciente. — Você pode mudá-lo. Se você tentar.

— Eu sou louca, não é? — eu sussurro, e fico surpresa quando ele balança a cabeça encapuzada.

— Não, eles só querem que você pense assim.

Isso me deixa perplexa, e eu quero perguntar mais, mas eu pisco e ele se foi e é claro que eu sou louca.

Eu durmo pensando no menino e no rosto sombrio e escuro do Sr. Elliott.

Eu sonho com o Sr. Elliott, e como ele estava simplesmente morto e foi tão surpreendente.

A surpresa foi a pior parte, o choque quando o vi quebrado nas rochas. Mas ainda mais surpreendente é quando no meu sonho, ele sai das rochas, as pernas se arrastando, mas ele ainda levanta apoiando nos cotovelos, e então ele apita e grita para que todos façam uma fila na quadra de basquete.

Eu estou congelada, porque ele estava morto e, em seguida, ele não estava.

Eu estou instável o suficiente para não voltar a dormir pelo resto da noite.

Eu ainda estou perturbada por isso quando eu me arrumo para a escola de manhã, e eu estou esperando que a escola ainda esteja sombria, e de luto, mas eles não estão.

Isso me irrita. É como se o mundo devesse reconhecer que alguém importante morreu, mas isso não acontece. Ele apenas continua a girar como em um dia normal.

Eu temo ir para a aula de ginástica porque... apenas porque sim. Vai ser

estranho, será assustador, vai me abalar.

Mas eu nunca adivinho o quanto.

Porque quando me visto e saio do vestiário e entro na fila com todos os outros, o Sr. Elliott manca do seu escritório, em muletas, para ficar de pé na nossa frente, seu apito em torno do seu pescoço e suas meias azul-listradas puxadas até os joelhos.

Então atrás dele, o rapaz encapuzado está no canto, e ele sussurra, e eu ouço seu sussurro tão claramente como se ele estivesse ao meu ouvido, mesmo que ele esteja do outro lado da sala.

— Eu te disse.

É quando eu desmorono.

Eu não consigo evitar. Eu hiperventilo, e então caio sobre minhas mãos e joelhos, e eu não posso respirar, e eles têm que chamar a enfermeira.

As outras meninas riem e olham para mim, e isso não importa, porque eu tenho problemas maiores do que elas.

Eu sou louca, e estou ficando mais louca a cada dia.

Minha mãe me pega, e eu tento contar para ela que eu sonhei que o Sr. Elliott estava morto, mas ela não acredita em mim. Ela faz uma chamada, e meu medicamento é mudado, as pílulas tem gosto pior do que antes.

Finn segura minha mão, porque ele nunca vai me deixar, e eu sei disso, e eu sou grata. Também sou grata que sou a única afligida com o que quer que seja isso.

Meu irmão é muito gentil, muito bom, muito doce.

Eu sou a única que merece.

Eu mato professores de educação física em minha mente.

Eu sou claramente um monstro.

Então eu sonho com eles voltando à vida, então sou claramente louca.

Capítulo Nove

Eu bebo o chá.

Eu preciso. Minha mãe me obriga, porque eu estou tão transtornada. Todo dia eu fico mais transtornada, porque todos os dias, eu me sinto mais instável.

Uma noite, meus pais estão no gramado embaixo da minha janela, muito tempo depois que eles acham que eu adormeci, observo-os escondida através da minha janela aberta. Minha mãe diz a papai que vamos para Whitley. Eu quero correr para baixo e discutir, porque eu quero ficar aqui, mas, ao mesmo tempo, Dare está em Whitley. Eu não fico desapontada quando meu pai finalmente concorda.

— Certo. Mas tenha cuidado, Laura. Você sabe que eu não posso ir com você. Ainda não.

— Eu vou. — minha mãe diz, cansada. — Richard não vai me tocar de novo. Não mais. Eles conseguiram o que queriam.

— Você sabe que era necessário. — diz meu pai, e ele soa tão cansado quanto.

— Eu estou tão cansada do que é necessário. — minha mãe fala, e sua voz é tão venenosa que deixa-me surpresa. — Eu tenho livre-arbítrio. Todos nós temos. É por isso que estamos aqui.

— O livre-arbítrio é uma ilusão. — meu pai responde, suas palavras suas palavras suas palavras são tão escuras.

— Eu odeio dizer que estou começando a pensar que você está certo. —

minha mãe responde. — Minha mãe sempre consegue o que quer. Ela e Sabine...

Sabine?

Estou nublada pela confusão, e eu estou prestando tanta atenção neles que não percebo o que estou fazendo, e minha mão desliza da janela, e minha cabeça bate o peitoril.

A cabeça do meu pai vira para cima, mais rápido do que um relâmpago, e por um minuto por apenas um minuto por apenas um minuto, seus olhos ficam pretos ao luar.

Eu suspiro, e fujo para longe, porque meu pai tem olhos azuis, azuis como os de Finn.

Mas por um longo segundo agora, eles brilham e cintilam pretos, como uma piscina, como ônix, como os demônios que eu tenho visto em toda a minha vida.

Eles são tão pretos como o pecado.

Eu grito e eu desmaio, e quando acordo, estou de volta na minha cama, e o menino com capuz está ao meu lado. Ele segura minha mão e os dedos são pálidos.

— Há um anel. — ele me diz. — E se você o der para mim, você e seu irmão sempre estarão seguros.

— O que você quer dizer? — eu pergunto, e estou paralisada com medo, só de pensar que algum dia, Finn poderia estar em perigo.

— Você não é louca. — diz o menino. — O que você sonha é real. O que você vê é real. Há mais na sua família, do que você sabe.

Mas a luz da lua, a luz da lua, brilha no meu quarto e ilumina seus olhos e eles são pretos pretos pretos como a noite, e eu grito tão alto que meu quarto treme e meus pais vêm correndo.

Quando eles irrompem pela porta, o menino sumiu.

— Havia um demônio aqui. — eu grito, mas não há nada aqui agora, e eles podem ver isso. — Seus olhos eram pretos. — eu insisto, e eu juro eu juro eu juro que meu pai olha para longe, quase como se ele se sentisse culpado.

Eu engulo em seco, eu engulo meu medo e tem um gosto quase como de veneno.

— Eu vi vocês lá fora. — eu digo. — Eu ouvi o que vocês disseram. Por que a vovó sempre consegue o que quer? E Sabine?

Mas minha mãe me olha fixamente e meu pai beija minha testa.

— Querida, isso não aconteceu. — ela diz, e meu pai acena com a cabeça em concordância.

— Você devia estar sonhando. — acrescenta o meu pai, e por mais que devesse confortar-me, isso não acontece.

Porque o garoto encapuzado, o menino com os olhos pretos, me disse que meus sonhos são reais, e se eles são, se isso for verdade, então meus pais estão mentindo e o mundo é um lugar assustador assustador.

Capítulo Dez

As coníferas, as samambaias, o musgo sem fim... tudo é molhado, tudo é sufocante. Eu corro para baixo, no caminho para os penhascos, e eu sinto que eu não posso respirar, como se meu peito estivesse apertado, como se houvesse uma rocha em minhas costelas, esmagando os meus ossos.

— É assim que Dare se sente. — uma voz grita atrás de mim. Viro, e é o menino, e ele está sussurrando, mas nos meus ouvidos ecoa como um grito. — O coração dele dói, Calla, e é culpa sua.

Eu giro e encaro-o, e meu cabelo chicoteia ao vento, meu Converse rosa desliza desliza desliza na chuva.

— O que você quer dizer? — eu pergunto, e estou em pânico, porque quando ele fala comigo, sempre parece verdade. — O que há de errado com Dare?

— O coração dele é fraco. — o menino diz e seus olhos me penetram, veem minha alma, alcançam dentro e torcendo-a, torcendo-a, torcendo-a. — Você deu a ele sua condição cardíaca. Era para ser sua, mas você deu a ele. Iniquum, Calla.

Injusto.

Estou confusa porque isso não está certo. Eu nunca. Nunca. Nunca machucaria Dare.

O menino com capuz acena com a cabeça. — Não, você não fez isso de propósito, mas o destino é o destino, Calla. Deve ser pago. Mas você pode mudar isso.

Eu paro, e a chuva escorre pelo meu rosto, encharcando minha camisa e eu tremo no frio.

— Como? — e minha voz sai como um gemido.

— Você simplesmente pode. — o menino fala, e por um minuto, eu vejo seu rosto e está prateado ao luar. — À noite, você é livre.

— À noite eu sou livre. — as palavras as palavras as palavras parecem familiares e eu não sei porquê. — Eu já ouvi isso antes.

— Sim, você ouviu. — o menino acena com a cabeça. — Pense nisso, sonhe com isso, porque seus sonhos são reais.

Meus sonhos são reais.

Eu estou sonhando agora.

Eu debato-me na cama e Finn me acorda e seus olhos azuis pálidos estão tão preocupados.

— Cal, você está bem?

Suas mãos magras apertam meus braços, e eu estou tremendo como uma folha. Finn se enrola comigo e me segura, seu rosto contra o meu cabelo. — Eu estou com você. Está tudo bem, Cal. Está bem.

Sua respiração é acolhedora e familiar, e seu coração bate contra o meu, em ritmo perfeito, porque somos o mesmo, ele é meu e eu sou dele, e nós somos gêmeos. Somos mais próximos do que próximos do que próximos.

— Eu tive um sonho ruim. — eu sussurro, e meu rosto afunda no travesseiro. Eu não consigo parar de pensar nisso, e as palavras rodam na minha

mente.

À noite eu sou livre.

À noite eu sou livre.

Finn finalmente cai no sono em minha cama, me segurando com sua preciosa vida, com tanto medo que eu vá escorregar para algo ruim, algo que me deixe em pânico ou maníaca. Eu não durmo. Porque estou inquieta e eu sinto eu sinto eu sinto que a resposta está aqui, ele está aqui em algum lugar, está perto.

Eu rastejo para fora da cama cautelosamente, com cuidado para não acordar meu irmão. Eu derivo através da casa, movendo-me de sala em sala, e eu sinto que estou sendo puxada para alguma coisa para alguma coisa para alguma coisa.

Eu flutuo através das salas de visitação, além dos caixões e os cadáveres e das flores. Eu derivo através da capela, passando pelo piano, pelo altar. Eu entro no salão, e eu paro na frente do assento da janela e o diário de Finn está lá, nas almofadas.

O Diário de Finn Price. Está gravado no couro e foi um presente dos meus pais. Ele não teve tempo para escrever muito ainda, mas é dele e ele me puxa e eu o abro.

Está vazio, as páginas são brancas, mas alguma coisa alguma coisa alguma coisa me faz correr os dedos sobre as páginas de linho, e há recuos, como quando alguém pressiona duramente o papel.

Eu ligo a lâmpada e eu seguro o papel sob a luz e há palavras lá, palavras riscadas nas páginas, como se alguém tivesse pressionado bastante com uma caneta e a pressão atravessou.

Nocte Liber Sum.

Nocte Liber Sum.

À noite eu sou livre.

Estou atordoada, e eu largo o diário porque as palavras as palavras as palavras são as mesmas. Eu me enrolo no banco e eu mergulho na luz do luar e eu estou sobrecarregada.

O que esta acontecendo comigo?

O que é real?

Eu não sei mais.

Eu não sei.

Eu não sei.

Adormeço, enrolada em uma bola, e quando eu durmo eu sonho.

Eu sonho com Dare, e eu sonho com Whitley. Eu sonho que Dare não está sob o capricho do meu tio. Eu sonho que ele é livre, ele é livre

Ele é livre.

Capítulo Onze

A viagem de avião parece ridiculamente longa este ano e minhas pernas adolescentes desajeitadas estão com câimbra quando finalmente descemos do avião. Eu ando rigidamente pelos corredores desordenados de Heathrow.

Eu encontro imediatamente Jones nos esperando e nós empilhamos no carro escuro que nos levará para Whitley. A viagem inteira, através de todas as colinas inglesas, só há uma pessoa que eu posso pensar.

Dare.

Estou inquieta e o meu irmão percebe. Ele estende uma mão pálida para parar o meu joelho saltitante.

— Qual é o seu problema, Cal? — ele pergunta, sua sobrancelha fina levantada. Há preocupação em seus olhos. Eu vejo antes que ele esconda.

Como sempre, a preocupação que vejo lá é por minha causa.

Ele tem medo que eu esteja inquieta porque eu sou maníaca. Ele acha que eu estou voando alto, incapaz de acalmar. Só houve um episódio como esse neste ano, e foi meses atrás, depois que o Sr. Elliott morreu. Estou melhor agora, então não há nenhuma razão para se preocupar hoje. Às vezes, eu me ressinto da sua preocupação. Eu me ressinto de ver isso em seus olhos. Eu me ressinto que sua preocupação é necessária.

Eu balanço minha cabeça, porém, abafando meu aborrecimento. Não é culpa dele que sou louca. — Estou bem. Apenas cansada da viagem.

Ele balança a cabeça e não está convencido, mas ele nunca está. Ele

sempre, sempre é cauteloso quando se trata de mim.

Ele se estica e pega a minha mão e segura-a pelo resto da viagem.

No silêncio do carro eu posso ouvir seus pensamentos.

Se eu segurá-la, ela não pode voar para longe.

Eu quero rir com isso.

Mas eu não rio. Deixa-o nervoso quando eu rio de coisas não ditas.

Sabine nos aguarda quando saímos do carro, e ela não parece nenhum pouco diferente do ano passado. Ela ainda é pequena, ainda magra, ainda tem seu cabelo torcido em um lenço. E ela ainda tem milhares de vidas em seus velhos olhos.

Ela me envolve em um abraço e eu a inalo, o cheiro de canela e sálvia e ervas não identificáveis do seu jardim.

— Você cresceu garota. — seus olhos escuros me avaliam. Eu cresci. Vários centímetros.

— Você não. — eu respondo séria, e ela ri.

— Venha. Vamos pegar um pouco de chá para você.

Eu não quero o “chá” dela. É infundido com ervas, e ela envia para minha mãe para que eu beba ao longo do ano. É um tratamento cigano, e me deixa sonolenta.

— Eu não preciso dele ainda. — eu protesto quando ela me puxa para a grande cozinha.

Ela não se incomoda em responder. Ela simplesmente me empurra para uma cadeira na mesa da cozinha e ela coloca uma chaleira para ferver.

Ela se senta na minha frente enquanto esperamos.

Seus dedos tamborilam na mesa, torcidos e velhos.

Eu não quero estar aqui.

Eu quero achar o Dare.

Ele tem dezesseis anos agora e eu aposto que ele cresceu este ano. Eu mal posso esperar para ver como ele mudou. Ele só me escreveu algumas cartas, e nunca incluiu qualquer foto. Mas também, ele nunca inclui.

— Conte-me sobre os demônios. — Sabine murmura. Seus dedos param de se mover e o único som é o vapor que escapa da chaleira enquanto ela aquece. Ela grita um pouco, um som assustador que paira nos ouvidos.

Eu imagino que eu sou o vapor. Eu estou gritando e estou girando para cima e ao redor, dançando no teto de cabeça para baixo. Meu cabelo vermelho longo oscila contra as bancadas de mármore.

— Eles foram embora. — eu minto.

— Eles não foram. — Sabine balança a cabeça. Porque ela pode ver dentro da minha cabeça com seus velhos olhos. Ela pode ver dentro da minha alma, e ela pode alcançar entre as mentiras e puxar os minúsculos grãos da verdade. Ela sabe o que é verdade mesmo quando eu não sei.

— Eu *quero* que eles desapareçam. — eu corrijo. Ela balança a cabeça agora.

— Eu sei que sim, criança. — ela diz com simpatia. — Conte-me sobre eles.

Ela prepara as xícaras e eu conto para ela sobre os meus monstros. Porque ela está certa. Eles estão sempre comigo.

— Eles têm olhos pretos. — digo a ela. — Eles me seguem. Na escola, em casa, quando eu estou andando, quando estou dormindo. Às vezes, eles me perseguem. Há um garoto em particular. Ele me segue, ele usa um capuz.

— Isso acontece mesmo com a sua medicação? — Sabine pergunta, em sua voz firme. — Mesmo com o chá?

Eu hesito em responder. Mas ela vai saber se eu mentir.

Eu concordo.

Ela balança a cabeça também, e ela mexe o chá e olha pela janela.

— Você pode distingui-los? — ela pergunta. — Das pessoas reais?

Concordo com a cabeça novamente. — Sim. — porque os olhos deles são pretos.

— Tudo ficará bem, Calla. — ela diz finalmente.

Será que vai?

— Você está dormindo? — ela pergunta, com as mãos enrugadas torcendo em seu pequeno colo.

Eu dou de ombros. — Às vezes. — às vezes há muitos pesadelos.

Ela olha para mim. — Você sabe que é pior quando você não descansa o

suficiente.

Eu sei.

Eu afasto da mesa depois de tomar apenas dois goles de chá. — Vou encontrar Dare. — eu anuncio.

Sabine assusta.

— Ninguém te disse? — ela pergunta surpresa, seu pequeno corpo rígido.

Eu congelo.

— Disse-me o quê?

Seus olhos escuros fixam nos meus. — Houve um incidente. Dare está no hospital.

Eu puxo minha respiração, mas ela é rápida para me tranquilizar. — Ele está bem, filha. Ele estará em casa em poucos dias.

— Um incidente? — minha voz está trêmula. — O incidente chamava Richard?

Sabine balança a cabeça. — Calla acalme-se. Você não sabe o que aconteceu. Você precisa…

Mas eu já estou correndo para fora da porta e sua voz se desvanece a nada conforme corro pelos corredores em direção à porta da frente. Meu cansaço da viagem foi esquecido.

— Jones! — eu grito quando estou perto do saguão. — Eu preciso de uma carona.

Ele aparece do nada, como sempre faz. — Senhorita?

— Eu preciso de uma carona para o hospital.

Ele olha para mim. — Sua mãe sabe?

Eu aceno, uma mentira.

— Sim.

Ele não pode verificar com ela, porque ele sabe muito bem que ela está tirando uma soneca para descansar da viagem. Ele está apreensivo, mas não pode dizer não, porque eu posso ser uma criança, mas eu sou uma criança Savage.

— Muito bem. Eu vou buscar o carro.

Estamos indo em direção à cidade dentro de um minuto.

O campo transforma-se em cidade e todas as ruas me levam a um lugar.

Para Dare.

Estou fora do carro antes mesmo que as rodas parem de girar, corro para o hospital, através das pessoas, só parando para pedir informações para ir ao quarto de Dare.

Então eu vou novamente, correndo pelos corredores brancos e esterilizados, e eu não paro até que eu entro pela porta de um quarto no quinto andar, até que eu vejo Dare descansando em uma cama.

Ele está sozinho, e o quarto é tranquilo.

Faço uma pausa, hesitando agora.

Ele está dormindo, seus cílios muito escuros contra sua bochecha.

Fico maravilhada com o quão grande ele está, o quanto ele cresceu ao longo dos últimos nove meses, com o quanto ele é bonito mesmo adormecido. Ele é longo, ele é magro, ele é forte. Ele é um homem. Engulo em seco e a onda de calor que jorra através de mim é confusa, ao mesmo tempo em que é familiar. Eu sempre sinto isso quando olho para ele, mas é mais acentuado agora.

É indiscutível.

Dare abre os olhos.

— Cal? — ele indaga confuso, meio grogue, e ele procura a porta atrás de mim.

— Eu estou sozinha. — eu digo-lhe rapidamente, entro no quarto e afundo-me na cadeira ao lado dele. — O que aconteceu? Por que você está aqui?

Eu coço para chegar mais e pegar sua mão, para tocá-lo, para oferecer-lhe conforto.

Mas eu não posso. Porque ele provavelmente não iria querer isso. Ele me rejeitaria... e isso seria devastador. Eu nunca recuperaria.

— Eu estou bem. — ele assegura-me. — Não é grande coisa. Apenas um pequeno contratempo.

— O meu tio fez isso? — eu pergunto, as palavras frias em meus lábios, o pensamento ainda mais frio na minha cabeça.

Dare sacode a cabeça. — Não.

— Onde ele está?

— Não aqui. — sua resposta é descaradamente óbvia. — Estou sozinho.

— Não mais. — eu digo a ele corajosamente.

Você nunca vai estar sozinho novamente. Eu juro.

— Por que você está aqui?

Eu encontro o seu olhar e no seu, eu encontro o fio de rebeldia que eu tinha tanto medo que tivesse sido esmagado pelos Savages. Ele sorri.

Desafie-me.

— Eu fiz uma tatuagem no meu aniversário de dezesseis anos. E eu tive uma reação à tinta, aparentemente.

— Uma tatuagem? — eu nem mesmo consigo conter a alegria da minha voz. Porque isso é tão Dare. E isso é algo que Richard e Eleanor vão odiar. Isso, em si, me dá alegria. — É algo fofo?

Ele olha para baixo, para mim. — Fofo? Como um filhote de cachorro?

— Pode ser. Ou um gatinho.

Ele balança a cabeça. — Eu não faço o tipo fofo.

Eu ri. — Bem, o que é?

— Escrita. Nas minhas costas.

Espero. Ele suspira.

— Ela diz: Seja Livre.

Meu coração acelera, porque isso é tão absolutamente perfeito. Digo-lhe isso, e ele sorri novamente. — Eu sei. Mas quem sabia que eu teria uma reação intensa?

— Posso vê-la?

Ele balança a cabeça. — Não. Agora não. Está coberta com bandagens e não está com a aparência boa. Mas você pode ver depois que o inchaço desaparecer.

Ele é casual e amigável, mas a noção, *o simples pensamento*, de olhar para as costas nuas de Dare me dá um estremecimento. Eu mudei muito desde o último verão. Ele só não sabe disso ainda. Eu comecei a menstruar, eu tenho que usar um sutiã... eu estou completamente diferente. No lado de fora, e no lado de dentro. Infelizmente, eles me dizem que o aumento mensal de hormônios contribuirá para a minha loucura, mas eu não vou me debruçar sobre isso. Eu só vou tomar o que eles me dizem para tomar, e tudo vai ficar bem. Tem que ficar.

Dare olha para mim agora, seus olhos escuros sérios. — É melhor você voltar para casa. Eles vão saber que você saiu. Jones provavelmente está no telefone agora com Eleanor.

Eu levanto o meu nariz no ar.

— Eu não tenho medo dela.

Ele ri, nenhum pouco convencido. — Verdade?

Ele é mais esperto do que isso. Todo mundo tem medo dela. As pessoas dizem que meu avô morreu porque queria... ficar longe dela.

— Eu não vou deixá-lo sozinho. — eu digo-lhe em voz baixa, resoluta.

Seus olhos vacilam por um minuto, porque eu sei que eu sou uma das duas únicas pessoas no mundo inteiro que arriscaria a ira de Eleanor por ele. E eu sou a única pessoa no mundo que arriscou para estar aqui com ele hoje.

— Está tudo bem. Eu estou bem aqui. — ele me diz, e seu tom de voz é forte, e seu coração é valente. É por isso que eu o amo.

Eu o amo.

Eu o amo.

Eu o amo porque ele é forte, porque ele é rebelde, porque ele é tão sério e doce e porque ele vive livre agora. Ele vive livre, mesmo que ninguém saiba ainda, exceto eu.

— Quando eles vão deixar você voltar para casa? — eu pergunto hesitante, porque mesmo eu agora, sei que tenho que ir. Finn provavelmente está fora de si. Eles provavelmente estão vasculhando a propriedade atrás de mim, e uma vez que Jones ligar para eles... tudo estará perdido. Eles não vão me deixar fora da vista deles novamente por um mês.

— Provavelmente amanhã. — ele promete, e por uma fração de segundo, há calor lá, em seu tom de voz, em seus olhos. Ele olha para mim e *ele me vê.* Ninguém mais vê... ninguém, exceto Finn.

Todo mundo vê quem eu poderia ser.

Quem eu permitiria ser.

Quem eu deveria ser.

Eles não veem quem *eu sou.*

Mas Finn vê. E Dare vê.

Isso me faz sentir mais perto deles do que de qualquer outra pessoa no mundo.

— Vá. — Dare me apressa. Seu telefone está tocando e eu sei quem é. Eu sei antes mesmo que ele atenda.

— Ela estava aqui. — ele confirma no bocal. — Mas ela está a caminho de casa agora. Eu queria que ela viesse. Foi minha culpa. — seus olhos ardem nos meus, e eu balanço minha cabeça, porque por que ele está assumindo a culpa? Ele está me protegendo mais uma vez.

Ele acena para mim, em direção à porta, sua atenção ainda com Eleanor que eu sei que está do outro lado dessa chamada.

Vá, ele fala para mim só fazendo o gesto com a boca. *Vejo você amanha.*

Relutantemente, eu faço meus pés se moverem para longe dele.

Eu não quero deixá-lo sozinho, porque eu sei como é ficar sozinho.

Mas eu não tenho escolha. Se eu não fizer isso, eles virão me buscar, porque somos todos prisioneiros. Prisioneiros de expectativas, prisioneiros de responsabilidade, prisioneiros de vida.

Mas um dia... vou viver livre, assim como Dare.

Eu nem sequer olho para Jones quando ele abre a porta do carro.

— Eu sei que você ligou para eles. — eu resmungo.

— Você mentiu para mim. — ele fala calmamente quando entra na frente. Eu não tenho uma resposta para isso. Porque é verdade. Eu menti.

Quando eu volto para Whitley, todo mundo está tão aliviado, todos, menos Finn. Depois do jantar, ele me olha quando estamos na privacidade da biblioteca vazia.

— Você podia ter me falado. — ele diz com firmeza. — Eu teria ido com você. Eu me preocupo com ele também.

Não como eu, não. Mas, obviamente, eu não disse isso. Finn expôs sua opinião há muito tempo e ele disse muitas vezes desde então. *Você não pode amar Dare.* Mas ele está errado. Eu posso, e eu amo.

— Eu não queria que você ficasse em apuros. — eu digo a ele, que é apenas parcialmente verdadeiro. Eu queria ver Dare sozinha.

Finn não acredita em mim, porque ele me conhece. Ele me conhece melhor do que ninguém. Quando ele caminha comigo de volta para o meu quarto, ele toca meu cotovelo na minha porta.

— Você tem que se comportar. Eleanor vai convencer a mamãe a deixá-la aqui com Sabine durante todo o ano. Ou pior. É isso que você quer?

— Não, claro que não. — eu digo rapidamente, porque a ideia de ficar separada de Finn faz meu coração contrair e bater em terror. Mas, ao mesmo tempo, a ideia de estar aqui com Dare faz melhorar.

Eu sou uma contradição, uma contradição sem fim, sem fim.

Finn está pacificado e nós dizemos boa noite e ele dorme em seu próprio quarto hoje à noite, porque ele não sabe o quanto estou instável, e como eu não sei o porquê.

Eu não consigo me acomodar, e eu não consigo sossegar.

Meu sangue é apressado, apressado, correndo pelas minhas veias, pelo meu coração, batendo através das minhas têmporas, e meu pé coça para correr, correr, fugir... pelos corredores, para fora das portas e longe de casa.

Mas é claro que eu não corro.

Eu fico colada à minha cama como se eu estivesse amarrada, como se as algemas invisíveis fossem reais. Eu ignoro os meus pensamentos acelerados e dedos contraídos.

É poucos minutos mais tarde, quando os gritos começam, ecoando pelos corredores, e durante a noite, e eu me arrepio porque eu tenho uma percepção surpreendente.

Dare está no hospital, não aqui.

Os gritos nunca foram dele.

Estou confusa, chocada, instável.

Eu me concentro no pranto, nos gritos, e eu pondero a vida aqui em Whitley. Nada é o que parece, eu acho. Eu não tenho certeza em quem eu posso confiar, quem eu não posso.

Os gritos finalmente diminuem, em seguida, morrem, e eu sou capaz de relaxar meus músculos, afundando em meus lençóis.

Nada é o que parece e eu não sei nada.

Tudo que eu sei com certeza é que Dare é um pária, desaprovado por todos, e eu odeio isso. É injusto. Se eu pudesse mudar isso, eu mudaria. Porque Dare merece a lua e as estrelas e tudo mais.

Talvez eu mude. Talvez eu, de alguma forma, descubra uma maneira de mudar isso.

Adormeço com meus dentes cerrados. Eu relaxo meu corpo, e me concentro em Dare. Concentro-me em como seria a família se ele não tivesse nascido, se ele estivesse seguro em outro lugar.

Eu o amo o suficiente para querer isso para ele, mesmo que isso signifique que ele ficasse longe de mim.

O pensamento de estar longe dele quebra meu coração em pedaços irregulares, mas o pensamento dele rindo e correndo através de um lar amoroso, uma casa onde ele é querido, junta os cacos.

Ele merece isso.

Ele merece.

Quando eu acordo de manhã, eu olho para todos com suspeita no café da manhã.

Eu sempre pensei que fosse Dare gritando, que Richard estava machucando-o no meio da noite, que todos fechavam os olhos para isso, virando as costas para o que estava acontecendo.

Mas se esse não é o *caso, e graças a Deus,* então, o que está acontecendo aqui?

Minha mãe pega silenciosamente seu café da manhã e eu empurro meu alimento ao redor do meu prato, ignorando os olhares preocupados de Finn e a frieza da minha avó.

Os dedos da minha avó são como aranhas, longos e finos, quando eles

envolvem no seu copo de água. Seus olhos são de aço quando ela olha para mim por cima da borda. Eu desvio o olhar. Para a parede, para a mesa, para o meu próprio braço. Para nada, exceto para os seus olhos frios.

Eu traço o contorno da veia no meu pulso, que pulsa contra a minha pele, pulsa sangue da minha vida, pulsa, pulsa através de mim. O sangue é azul, o sangue é vermelho, o sangue é meu. Eu olho para a pele, para a batida, para a veia. Dobra com o meu braço, cede quando eu o movo, ele...

— Calla?

Minha mãe interrompe meus pensamentos e eu tiro a minha atenção do meu braço para a minha mãe.

— Sim?

— Não vá muito longe hoje. — ela instrui, e alguma coisa está perturbado no seu rosto. Alguma coisa incomoda seus traços perfeitos.

Alguma coisa.

Alguma coisa.

O que é?

— Jones vai buscar o Dare hoje? — eu pergunto-lhe quando ela coloca o copo sobre a mesa. Minha mãe limpa a garganta um pouco e Eleanor fica imóvel.

Minha avó olha incisivamente para mim e meu coração acelera. Por que eles não estão respondendo?

— Você devia descansar hoje, Calla. — Eleanor finalmente responde, sem

tomar conhecimento da minha pergunta. Minha mãe limpa a garganta de novo, um som pequeno e estranho. Isso faz a ira a subir no meu pescoço, porque alguma coisa está

errada

errada

errada.

— Dare volta para casa hoje? — pergunto de novo, mais firme desta vez, e desta vez dirigida à minha mãe. Ela olha para os seus ovos por um longo tempo antes de encontrar meu olhar.

— Você precisa descansar hoje, meu amor. Você tem se esgotado.

Seu rosto é inexpressivo e estranho, e pânico começa a subir em mim como uma onda, uma onda que ameaça ultrapassar-me e puxar-me para baixo.

— Eu estou bem. — eu consigo pronunciar. — Estou bem.

Minha mãe balança a cabeça e Finn pega a minha mão embaixo da mesa. Ele aperta o meu dedo levemente, em seguida, mais, com mais força. Nosso sinal silencioso para esquecer o assunto. Ele quer que eu deixe... Dare?... esquecido.

Não.

Nunca.

Viro-me para a minha avó. — Dare estará aqui para o jantar?

Finn está apertando os dedos com força suficiente para cortar a circulação, mas eu ignoro-o. Concentro-me nos rostos nesta sala, os traiçoeiros, rostos

traiçoeiros.

Eu posso ouvir sapatos raspando o chão, pratas raspando a porcelana, respiração leve. Eu conto minhas respirações.

Uma

Duas

Três

Quatro

Cinco

Pouco antes da minha sexta, Eleanor empurra abruptamente sua cadeira para longe da mesa e vai para a porta.

— Você está perturbada, criança. — ela diz calmamente quando passa. — Vá para o seu quarto e eu vou enviar Sabine.

Minha mãe olha para o lado e Finn aperta e eu tenho um sentimento escuro terrível estabelecido no meu peito.

— Mas por quê? — eu grito atrás dela porque, claramente, ela é a única que vai responder.

Ela não responde. Silêncio segue-a e desce sobre a sala de jantar e todos selam os lábios e eu estou apavorada.

Onde está Dare?

Eu levanto-me da cadeira, mas meu peito contrai. Apertado, mais apertado, mais apertado. Eu não posso

EunãopossorespirarEunãopossorespirarEunãopossorespirar. Eu caio no chão e a âncora, o albatroz e a pedra... todos eles sentam no meu peito e quebram-no e esmagam-no e me seguram. Estou esmagada no chão, meu coração dói e eu não consigo respirar.

Eu não consigo respirar.

O rosto de Finn rodopia na frente do meu.

— Calla, respire. — ele instrui, sua mão na minha, seus olhos azuis cheios de preocupação. — Respire.

Eu não consigo. Eu não consigo. Eu não consigo.

— Finn. — eu sussurro. Mas isso é tudo que posso fazer, tudo o que posso dizer, tudo o que posso demandar.

Alguma coisa está errada aqui.

Alguma coisa.

Alguma coisa.

Alguma coisa.

Tudo.

Eu posso sentir isso.

Então, eu não sinto nada, porque tudo desvanece.

Quando eu acordo, eu estou sozinha no meu quarto. Está escuro lá fora, cedo na manhã. Eu dormi durante todo o dia e toda a noite, provavelmente um produto das ervas de Sabine. Eu agito, esfrego meus olhos turvos e finalmente

sento-me.

Estou sozinha.

Dare.

Dare.

Minhas memórias desta manhã entram em erupção como um vulcão na minha cabeça e eu tropeço para o telefone. Eu ligo para a telefonista e peço para ser conectada ao hospital porque eu, obviamente, não sei o número.

Quando alguém atende, eu tropeço com as minhas palavras.

— Sim, você pode ligar para o quarto de Dare DuBray, por favor?

— Só um momento. — a voz da mulher é superficial, mas eu me sinto aliviada. *Só um momento.* Eu vou ouvir a voz dele em um momento. Graças a Deus. Eles não podem me manter longe dele. Ninguém pode.

Eu espero.

E espero.

E então a mulher superficial está de volta.

— Qual era o nome novamente, senhorita?

— Adair DuBray. — eu digo a ela firmemente.

Há uma pausa e cliques em um computador.

— Não temos um paciente com esse nome. — ela me diz.

— Ele teve alta? — pergunto com esperança. — Ele estava aí ontem com

uma infecção. Ele tem uma tatuagem e...

— Senhorita, nós não tivemos um paciente com esse nome. Nem ontem, nem nunca. Ele não está no nosso sistema. Ele não esteve aqui.

— Isso é um erro. — eu sussurro, mas ela é decidida.

— Não há nenhum erro, senhorita.

Dormência desce como uma névoa e eu coloco o telefone em cima da mesa.

Ele *estava* lá. Eu o vi. Eu fiquei ao lado dele, eu ansiava para segurar sua mão, e sua costa diz SEJA LIVRE. Eu sei disso.

Confusão embaralha na minha cabeça, que não é nada incomum. Estou sempre confusa, mas eu nunca estive confusa sobre Dare.

Onde ele está?

O que é real?

— O que está errado com você? — Finn sussurra no café da manhã, os dedos pressionando meu joelho para chamar a minha atenção. Eu balanço a minha cabeça.

— Nada.

— Você está mentindo. — ele acusa, e como de costume, ele está certo sobre mim.

Ele sempre está.

Eu sei o que ele está pensando.

Eu não posso cuidar de mim mesma. Eu sou uma inválida. Eu sou louca.

Concordo com a cabeça para tranquilizá-lo. — Estou bem.

Ele acena de volta, mas ele não está convencido.

Mas isso não importa.

— Eu vou desenhar hoje. — digo a ele. — Os terrenos, o jardim. Onde quer que o vento me leve.

— Eu vou com você. — Finn fala rapidamente, sua mão já na minha porque ele não confia no vento, ou qualquer outra coisa comigo. Mas eu balanço a minha cabeça.

— Não. Eu gostaria de algum tempo sozinha.

Eu quero encher meus pulmões com a brisa, eu quero ser um junco oco, absorver o mundo, sugá-lo, entendê-lo.

Eu dou um olhar firme para Finn e ele olha de volta e, finalmente, ele aquiesce.

— Está bem. Se você precisar de mim, apenas grite.

Eu aceno, sabendo muito bem que ele não pode me ouvir do outro lado do terreno.

Eu pego um caderno e um lápis, então eu faço o meu caminho tranquilamente para o lado de fora, sentindo o olhar de Finn entre as minhas omoplatas a cada passo.

Eu me afasto da casa Savage, dos gramados Savage, dos Savages. Eu ando para os jardins, onde é sereno e tranquilo, onde sinto a presença de Dare, mesmo

quando ele não está aqui.

Sento-me ao lado do riacho borbulhando, mergulhando meus pés na água fria e observo-o passar por cima das pedras, polindo-as.

Minha mente flutua para longe, carregada pela brisa.

A ausência de Dare me consome. Como alguém pode simplesmente sumir?

Eleanor é tão severa, tão rígida. Ela pode fazer alguém desaparecer. Acredito nisso. Ela tem poder e dinheiro e ódio.

Um monte de ódio.

— Vê? Você pode mudar as coisas. — o menino do capuz está de repente ao meu lado, e sua presença faz-me saltar. — Mas você não é a única.

Eu fico olhando para ele, para o vazio negro, onde seu rosto devia estar. Estendo a mão para puxar o capuz para baixo, para revelar o seu rosto, mas ele me para com a mão.

— Você vai ter que se concentrar.

— Concentrar?

Ele balança a cabeça e suas mãos estão nas minhas, e os dedos de alguma forma me deixam muito muito muito cansada, como se ele estivesse sugando a minha energia com o seu mero toque. Eu quero colocar minha cabeça para baixo e dormir, eu quero fechar meus olhos, fechar meus olhos, fechar meus olhos... minhas pálpebras fecham trêmulas, e ele puxa a mão e a escuridão a escuridão a escuridão me domina e o sono vem em ondas.

Mas

Então

Uma

Voz

me puxa da escuridão.

— Calla.

A voz é fina, transparente.

Também é familiar.

Dare.

Eu desperto atenta, abrindo os olhos, vasculhando a área, mas eu não o vejo.

— Dare. — eu grito esperançosamente.

Estou ouvindo coisas?

— Eu estou aqui. — ele diz, e ele parece tão longe.

Eu giro ao redor e ele esta atrás de mim, mas algo parece errado e eu não consigo identificar, e eu perscruto o ar e eu sou louca.

— Você não é louca. — ele diz-me rapidamente, lendo minha expressão. — Estou aqui.

— Eu não entendo. — eu sussurro, e ele caminha para mim. Quando ele me alcança, ele cai de joelhos. Eu estendo um dedo e toco-o, e ele é real. Seu

ombro é musculoso e quente.

— Você cresceu. — ele fala, e não é isso que eu esperava ouvir, porque ele me viu ontem e não mencionou.

— Você desapareceu. — digo-lhe e ele sorri.

— Eu não.

— Então por que você não está na casa? Por que você está aqui fora? Por que todo mundo está agindo como se você não existisse?

Minhas perguntas são um absurdo, assim como esta situação.

Ele sorri e ele está triste. Eu posso ver isso em seus olhos,

Seu

Olhos

Pretos

Pretos.

— Você é real? — eu pergunto calmamente, tão calma quanto posso.

— Tão real quanto você. — ele responde.

— *Eu* sou real?

Ele olha para mim, seu olhar firme.

— Se você não for, então nós dois somos loucos.

Eu não posso descartar essa possibilidade, porque Whitley tem segredos, e

eu não entendo nada disso. E quando eu estou confusa, eu balbucio.

— Eu nunca sei o que é real. — eu digo a ele, e então eu me lanço na minha história de vida. Conto-lhe tudo, como Finn morreu, mas acabou que ele não morreu, como meu professor de ginástica morreu, mas não morreu, como eu vejo demônios e seres de olhos pretos, como os mouros rosnam para mim, e como eu estou sempre com medo de perguntar sobre a realidade. Conto todas as coisas que eu sempre tive medo de contar a outra pessoa, exceto Finn, e eu conto até do menino com capuz.

— Então, basicamente, eu estou sempre com medo. — eu termino, e Dare, de fato, pega a minha mão. Ele estende a mão, fecha os meus dedos dentro dos seus, e meu coração ameaça bater direto para fora do meu peito.

Sua mão está quente e seus olhos estão suaves.

— Não tenha medo. — ele me diz. — Nós vamos resolver isso.

Que coisa britânica de se dizer. Eu falo isso, e ele sorri.

— Essa é a coisa mais malvada que você disse para mim o dia todo.

Ele olha ao meu redor, ainda sorrindo, e assobia para o vento, acenando. Ele espera, então assobia novamente.

— Onde estão os cães? — ele me pergunta, confuso. — Castor nunca deixa seu lado.

Agora eu sou a confusa.

— Que cães? Quem é Castor?

Ele olha para mim, inclinando sua cabeça escura. — Você não está falando

sério. Certo?

Eu olho de volta, tão confusa quanto ele.

— Eu estou falando muito sério. Que cães?

— Castor e Pollux. Eles são seus cães. Seu e do Finn.

Eu balanço minha cabeça. — Não temos cães. Meu pai é alérgico.

— Você não os tem em Oregon. — Dare responde impaciente. — Você os tem aqui.

— Você está drogado. — eu anuncio. — É disso que se trata. Ou talvez eu esteja drogada. Um de nós está definitivamente drogado.

— Nós não estamos drogados. — Dare responde. — Se você não acredita em mim, pergunte para Sabine. Ela pode contar sobre os cães.

Encaro-o em dúvida, mas entro para encontrar Sabine.

— Por que ninguém está falando sobre Dare? — eu pergunto a ela sem rodeios. Ela me encara com os olhos sabedores, e ela não se abala.

— Eu não sei o que você quer dizer. — ela fala com voz rouca.

Você sabe. Mas eu não digo isso.

Em vez disso, eu pergunto a ela sobre Castor e Pollux, e ela olha para mim como se eu estivesse louca, mas, ao mesmo tempo, há algumacoisaalgumacoisaalgumacoisa em seus olhos. Alguma coisa estranha, alguma coisa que brilha quando ela olha para mim, alguma coisa escura

Escura

Escura.

— Eu não sei do que você está falando. — ela responde.

— Você não sabe sobre Castor e Pollux? — pergunto para esclarecer. — Nós não tínhamos cães?

Ela balança a cabeça e eu recuso o chá e eu sinto seu olhar sobre minha pele por muito tempo depois que eu deixei o cômodo.

Naquela noite, eu encontro um cabelo escuro longo na minha cama entre meus lençóis.

Um pelo de cachorro.

Aterroriza-me quando eu seguro-o na minha mão, é longo e espesso e grosso, e eu corro do meu quarto, corro para o Dare, e eu não o encontro em qualquer lugar.

Eu revisto a casa, eu faço uma busca, eu procuro nos estábulos, procuro nas garagens, e quando eu finalmente desisto, quando eu finalmente estou caminhando de volta para a casa no escuro, há uma sombra no caminho. Eu pego um vislumbre do menino, e ele está olhando para mim, e seu rosto está oculto. Ele aponta para cima e eu sigo o seu dedo, e há um quarto com uma luz acesa.

Eu persigo a luz, escada acima, e quando eu finalmente vejo a luz debaixo da rachadura de uma porta solitária, eu estouro por ela e derrapo até parar.

Eu estou em um berçário abandonado.

Ele tem dois berços e um cavalo de balanço assustador. Seu olho de madeira me observa sem vida conforme olho ociosamente ao redor do cômodo.

As paredes são amarelas pálidas e antigas, o piso é de madeira reluzente, os tetos são altos. Há lustres até aqui, em um lugar onde as crianças deveriam florescer.

Mas os brinquedos são escassos e a formalidade é abundante.

O silêncio é enervante.

Não há crianças aqui, mas alguma coisa alguma coisa alguma coisa me puxa.

O silêncio ruge em meus ouvidos e meus pés se movem por vontade própria, em direção a um dos berços. É silencioso, é quieto, é assustador, e quando eu chego na borda, eu puxo-o com os dedos e ele balança em direção a mim.

Um casaco com capuz está no interior.

É um casaco simples, mas é o que o menino estava usando e isso me enche de pavor, e eu afundo afundo afundo com ele para o chão, e o chão parece me engolir, parece agarrar-me com dedos com farpas.

— Este foi o berçário da sua mãe. — Sabine fala da porta. — E Richard.

Dois berços de vime, o que indica que eles eram bebês ao mesmo tempo.

Meu coração bate.

— Eles são... eu não sabia... eles são gêmeos? — minhas palavras são hesitantes, e Sabine realmente não responde.

— Gêmeos correm na sua família, menina.

Ela arrasta os dedos torcidos ao longo das paredes, enquanto caminha

passo a passo na minha direção e, a cada passo, o rosto dela parece ficar mais grotesco sob o lenço torcido de seu turbante.

Ela deixa cair algo na minha mão e é um medalhão e está gravado com um lírio[6]. — Vá em frente. — ela me pede, e abre nas minhas mãos.

Há fotos no interior.

Uma de Eleanor, quando ela era muito jovem, e uma de outra mulher.

Ambas parecem jovens e de cabelos escuros e olhos escuros e

Oh

Meu

Deus.

— Você. — eu sussurro. — É você. Você e Eleanor... são irmãs?

— Gêmeos correm na sua família. — ela diz simplesmente.

Ela agacha perto de mim, e ela me puxa para ela e cantarola, balançando balançando balançando-me, e eu acho que ela está cantando uma música cigana e eu fico confusa e atordoada e imóvel.

— Você sabia que os filhos devem pagar pelos pecados dos seus pais? — ela pergunta, e então ela cantarola de novo e de novo e de novo. — Ciganos acreditam nisso, e é verdade. Crenças ciganas são diferentes das suas, mas nós sabemos. Nós sabemos.

— O que você sabe? — eu pergunto-lhe quando me afasto um pouco, tentando olhar para o rosto dela.

— Nós sabemos o que você não quer ver. — ela responde. — Nós sabemos das coisas que não são explicáveis, das coisas que não parecem possíveis. Sabemos que acontecem coisas que são maiores do que nós, mais poderosas do que nós. E, às vezes, um sacrifício deve ser feito para isso.

— O que você quer dizer? — eu pergunto e eu estou com tanto medo, tanto medo, tanto medo que eu quero me soltar e correr.

— Um sacrifício é algo que você dá. — ela olha para mim, seus olhos escuros tão frios e fixos. — Você dá de bom grado, para salvar alguma coisa importante.

— Eu sei o que é um sacrifício. — eu digo a ela. — Mas o que isso tem a ver comigo?

— Tudo, minha menina. Tudo.

Eu me liberto da sua mão e eu corro, e ela não segue.

---

[6] Calla Lily.

Capítulo Doze

Invoco toda a minha coragem e eu abro as portas do escritório de Eleanor.

Ela está sentada na sua mesa, bruta e severa em seu suéter firmemente abotoado e ela olha sobre seus óculos de leitura para mim quando me aproximo.

— Vó. — eu digo hesitante, e ela espera como uma serpente sobre uma rocha.

— Sim? — arqueando sua sobrancelha.

— Você vai me contar a história da nossa família?

Ela está silenciosa quando ela coloca seu livro de lado e olha para mim, me examinando.

— Você foi falar com Sabine?

Eu concordo. — Ela é sua irmã?

Eleanor olha pela janela e por um momento apenas um momento, vejo a jovem em seu rosto, o que estava no medalhão. Ela parece mais suave por um segundo, então ela endurece quando olha para mim mais uma vez.

— Sim.

— Então, nós somos todos parentes?

— Todos? — ela levanta a sobrancelha novamente.

— Eu, Dare, Olivia, Finn...

Há alguma coisa em seus olhos alguma coisa alguma coisa alguma coisa, mas depois vai embora e ela balança a cabeça e ela nega tudo.

— Você ainda está perturbada, criança. Olivia morreu quando ela era jovem. Eu não sei quem é Dare.

— Ele é o filho dela. — eu grito e os meus dedos tremem. — Eu o conheço. Eu o conheci. Fui criada com ele.

— Você é tão conturbada, menina. — diz Eleanor, e sua voz é mais suave agora, mais suave.

— Como todos nós podemos ser parentes? — eu pergunto e me sinto fraca agora, como se meus joelhos estivessem entrando em colapso.

Ela suspira e ela respira. — Porque a nossa linhagem é pura. — ela diz e eu penso brevemente nas linhagens reais do Egito. Eles se casaram entre si para manter suas linhagens sanguíneas puras.

— Isso mesmo. — ela fala e eu não sei se ela leu minha mente, ou se eu disse isso em voz alta. Eu nunca sabia esses dias.

— Nós somos da linhagem mais antiga do mundo. — ela acrescenta, orgulhosa. — Nós temos sangue poderoso, Calla. Sangue ancestral. Você não tem ideia.

— Não, eu não tenho. — eu concordo. — A minha mãe?

Minha avó parece se divertir. — Sua mãe sempre soube. — ela me diz. — Desde que ela era uma criança. Ela conhece o lugar dela, ela conhece seu propósito. Ela era forte. Ao contrário de você. Sua mente é fraca e temos que lidar com você.

— Lidar comigo? — minhas palavras são um sussurro e ela sorri novamente.

— Um sacrifício deve ser feito. — Eleanor diz sem rodeios. — E você deve fazê-lo. Nós vamos abrigá-la e fortalecê-la até lá, mas quando chegar a hora, *você vai ser forte*, menina.

É uma diretiva, não uma pergunta.

Eu serei forte.

Eu não sou forte agora quando saio pela porta e viajo pelos longos corredores, para o meu quarto. Quando eu chego, quando tropeço pela porta, Dare está sentado no meu assento na janela e ele está pálido e ele está perturbado.

— Alguma coisa não está certa. — ele diz, e seu sotaque britânico é acentuado. — Alguma coisa está muito errada.

— Eu sei. — eu concordo, e eu entro em colapso ao lado dele e ele esfrega minhas costas e olhamos pela janela juntos para os mouros e para os mouros que rosnam.

— Somos todos parentes. — falo para ele, e ele olha para mim com surpresa.

— Isso não é possível. — ele responde, mas eu posso ouvir a dúvida em suas palavras.

Eu concordo com a cabeça. — Eleanor acabou de me dizer. Só que ela disse que sua mãe morreu jovem e que você não existe.

— Eu sou tão real quanto você é. — ele fala com firmeza, e sua mão está

sobre minhas costas e ele parece real.

— Ela diz que nós somos como os faraós egípcios. — eu explico. — Nossa linhagem sanguínea é pura.

— O que significa isso? — Dare pergunta, e ele agora é incerto.

— Eu não sei.

E eu não sei.

Capítulo Treze

Dias se transformam em semanas, e a cada semana, as coisas ficam mais estranhas. Todos os vestígios de Dare foram erradicados de Whitley. Nenhum retrato, nenhuma menção. Estou tão convencida de que eu estou mais louca do que nunca, que até paro de confidenciar com o Finn.

Não é algo que meu irmão aprecia.

— Você não é a mesma. — ele anuncia um dia na biblioteca. — Alguma coisa está errada e você não está escondendo isso muito bem.

Ele está tão preocupado que dá pontadas no meu coração. Quero dizer-lhe, eu queroqueroquero. Mas eu não posso. Eu posso?

— Já imaginou que alguém existe? — pergunto cuidadosamente, pegando sua mão e apertando-a sempre tão suavemente.

— Não. — ele responde lentamente. — E você?

— Eu não sei. — eu respondo com sinceridade. — Eu pensei que tivéssemos um primo. Um primo distante. Mas todo mundo está agindo como se ele não existisse, como se ele nunca tivesse existido. E eu estou começando a me perguntar se eu o criei na minha cabeça.

Finn suga uma respiração, e depois outra, e ele aperta minha mão, e aperta com força. — Delírios são comuns na sua condição, Cal. — ele finalmente responde. — Não me surpreenderia nenhum pouco se você tivesse sonhado com ele. Você está bem. Eu prometo, você está bem.

— Mas você não sabe de quem estou falando? — eu pergunto baixinho.

Finn balança a cabeça lentamente.

Não.

Mas Dare é tão real.

Dare é real agora enquanto está sentado do outro lado da biblioteca e olhando para mim, ouvindo nossas palavras e sorrindo.

Ele é real quando ele me segue de volta para o meu quarto, e ele é real quando se inclina contra a porta.

— Venha comigo de volta para Astoria. — sugiro. — Nós vamos resolver isso.

— Que coisa britânica de se dizer. — ele sorri.

— Essa é a coisa mais malvada que você disse para mim o dia todo.

Ele ri, nenhum pouco ofendido.

Na noite antes de eu ir para casa, Eleanor vem ao meu quarto, rastejando no escuro, movendo-se nas sombras. Seus braços magros são como galhos, as sombras raspando nas paredes, como folhas mortas.

— Calla, tenho uma coisa para você. — ela me diz. Sento-me na minha cama, assustada, porque eu nunca a ouvi entrar e ela nunca esteve no meu quarto antes.

Ela estende sua mão, e um anel brilha na sua palma.

É prata e brilhante, um círculo simples, grosso e pesado.

Eu olho para ela interrogativamente.

— Foi do seu avô. — ela diz simplesmente como explicação. Eu o pego imediatamente, curiosamente examinando-o à luz da lua. Ele parece frio na minha mão, significativo de alguma forma.

— O meu avô morreu porque ele quis? — pergunto. — Para ficar longe de você? — *porque é isso que as pessoas dizem.*

Eleanor realmente ri, um ruído rouco na noite.

— Criança, seu avô nunca fez nada que ele não quisesse fazer. E isso incluiu morrer. Ele era como você, você sabe.

Isso agarra a minha atenção com as duas mãos e a prende.

— O que você quer dizer? — pergunto incisivamente. — Como ele era como eu? Ele era louco também?

Ela se senta ao lado da minha cama. — Não diga que você é louca, Calla. É humilhante e você é uma Savage. Você não é compreendida, e eu não posso explicar isso. Isso não significa que você é louca. Seu avô era um homem bom, e ele era assim como você, só que ele não foi forte o suficiente para sustentar. Ele não conseguiu continuar seguindo em frente. Mas eu sei que você pode. Fique com o anel dele. Ele irá mantê-la no chão, e ajudá-la sempre se lembrar onde você está. Quando chegar a hora, você vai fazer o que é certo.

Isso é confuso e eu falo isso para ela. Ela sorri novamente.

— Dê-me sua mão.

Eu obedeço e ela acaricia a palma, sua testa franzida enquanto ela me examina.

— Sua linha do coração é partida, criança. — ela murmura, seguindo-a

com os dedos. — Ela bifurca em duas, depois três. É como eu sempre digo. Um por um por um.

— O que significa isso? — pergunto. Eu tenho certeza que é uma pergunta válida, porque *o quão confuso é isso.*

Ela me ignora. — Sua linha da vida é longa e profunda. — ela anuncia. — Isso indica que você é mais forte do que você pensa, que você é cautelosa.

— Eu não me sinto forte. — eu digo a ela.

— Eu sei. — ela responde. — Mas você é. Sua linha da vida quebra em muitos ramos, o que significa que você tem que escolher. Você tem que escolher, criança. Nunca deixe ninguém lhe dizer o contrário.

— Eu tenho que escolher o quê? Escolher o quê? Viver?

Que coisa boba.

Eleanor olha para mim, inflexível. — Pegue o anel do seu avô. Ele pertence a você mais do que a qualquer outra pessoa.

Ele irá mantê-la no chão e fazer você se lembrar onde você está.

— Quem sou eu? — eu pergunto, e a minha pergunta é desesperada e as minhas palavras são quentes.

Eleanor balança a cabeça. — Você vai descobrir isso, e tudo será como deveria.

Suas palavras rodam e torcem, e uma imagem me vem à cabeça, algo que eu nunca vi, mas eu vi. De alguma forma.

Arquivos, em uma gaveta, na mesa de Eleanor. Meu nome, o nome de Finn

e o nome de Dare.

Meus olhos a encaram e eu sou desafiadora.

— Se Dare não é real, por que você tem um arquivo em sua mesa com o nome dele?

Ela olha para mim e seu olhar é duro, é como rochas, como seixos, como pedra.

— Você não sabe do que você está falando.

— Eu sei. — eu insisto, e eu penso mais, são como memórias, e eu não sei de onde elas vieram. — Finn e eu herdamos sua fortuna, mas Dare não. Só se nós morrermos.

É a prova é a prova é a prova.

— Calla. — ela suspira. — Você não entende.

Ela me levanta e eu vou com ela para seu escritório e ela abre a gaveta e lá *estão* os arquivos. Dois. Um com o meu nome e um com o de Finn. Nós herdamos a fortuna, mas Dare

Mas Dare

Mas Dare.

Estou confusa e o lábio da minha avó se contorce enquanto ela me olha sob a luz fraca da lâmpada.

— Suas riquezas não vêm do dinheiro de qualquer maneira. — ela me assegura. — Então, não se preocupe. Suas riquezas vêm do seu sangue.

Eu volto para a cama e eu rezo por Dare, eu oro para que ele venha para mim, mas ele não vem. Eu adormeço em confusão, mas isso não é nada novo, não é nada novo e eu estou acostumada a isso.

A noite passa lentamente, e Dare não vem até a manhã seguinte.

— Eu vou sentir sua falta. — ele murmura quanto eu subo no carro e minha cabeça levanta e ele se foi.

Seu sorriso brilhante é a última memória que eu tenho antes de eu embarcar no avião para a América. É a última coisa que eu vejo antes de eu cair no sono naquela noite, e é o que eu sonho quando eu durmo na familiaridade do meu quarto na funerária.

Dare. Eu preciso dele.

Eu preciso dele aqui.

Eu não posso ficar sem ele.

Ele não pode ter ido embora.

Ele meconhece meconhece meconhece.

Eu acordei para encontrar Dare sentado na beira da minha cama, calmamente me assistindo dormir.

— Como você fez... — eu respiro, e eu estou confusa, assustada e com medo. Ele sorri novamente e seus olhos negros brilham na luz da manhã.

— Eu não sei.

— Você está aqui.

Ele arqueia a sobrancelha. — É o que parece.

Felicidade borbulha em mim, através do meu estômago e no meu peito.

— Estou feliz. — sussurro.

— Eu também.

Dare acha a funerária fascinante, e eu o levo em uma excursão. Através das salas de embalsamamento, salas de visualização, da capela. Eu lhe mostro onde guardamos os caixões quando eles vêm, onde meu pai mantém o carro fúnebre e os carros da família. As coisas que as outras pessoas acham tão assustadoras, e que eu acho apenas uma parte normal da vida.

— Tem cheiro de flores aqui. — Dare observa, seu grande corpo delgado enchendo a porta.

— Tem. — eu concordo. — Ele fica em suas roupas e, em seguida, você cheira como uma funerária o dia todo.

— Não. — ele responde. — Apenas flores.

Eu deixo para lá, porque eu prefiro cheirar como lírios que a morte em qualquer dia da semana.

Eu mostro-lhe as praias e o mar e nosso veleiro. Eu mostro-lhe a Carriage House e a floresta e as falésias. — Cuidado com o degrau aqui. — digo a ele sério. — A borda é fina.

— Vou tomar cuidado, parceira. — ele responde.

Parceira?

Eu não quero ser sua parceira. Eu quero ser...

Eu não sei o que eu quero ser.

Mas quando eu mostro a Dare o antigo parque de diversões abandonado, no dia seguinte, o Joyland, eu gasto um minuto para desenhar nossas iniciais na madeira.

DD e CP.

É Dia dos Namorados, por isso parece apropriado.

Dare sorri e revira os olhos.

— Você tem 13. Eu tenho 16.

Eu levanto o meu queixo. — E daí? Em alguns anos, estaremos com 16 e 19. E eu sou a única que sabe que você existe.

Isso é tão estranho de dizer, e eu brevemente penso que ele é meu amigo imaginário. A maioria das crianças não os têm?

Mas olhar para ele faz calor jorrar nas minhas partes de garota, e eu não acho que amigos imaginários fazem isso.

Dare ri e nós deixamos o parque. — Então fale comigo sobre isso quando você tiver 16 anos. — ele sugere. Mas sua voz é preenchida com algumacoisaalgumacoisaalgumacoisa.

Interesse?

Promessa?

Escuridão.

Eu não sei.

Tudo o que sei é que quando ele está comigo, eu me sinto invencível. Eu me sinto forte. Eu me sinto como eu, mas em uma versão melhor.

Então eu faço a única coisa que eu posso pensar em fazer. Eu deslizo anel do meu avô do meu polegar e dou para ele.

— Eu não posso aceitar isso. — ele protesta baixinho, mas ele está tão tão tocado, eu posso ver.

— Ele irá lembrá-lo onde você está. — digo a ele. — E *quem* você é. Eu quero que você fique com ele. Você é um Savage também. Tão importante quanto qualquer outra pessoa.

Ele o desliza em seu dedo médio e o movimento é fascinante, e o brilho do anel o brilho do anel o brilho do anel brilha na luz e o mundo gira.

Gira

Gira

Inclina

Quebra.

As peças derivam ao meu redor e formam quadros e eu sinto eu sinto eu sinto que já estive aqui antes.

Eu fico olhando para Dare, e ele está diferente, ele está mais velho. Minha mão está mais velha também. Longa e fina e forte, quando eu a estendo e toco a face de Dare.

— Você quer voltar, Dare? — eu pergunto, e minha voz contém flerte, e

nós estamos aqui em Joyland, mas está mais velho e mais sujo.

— Não nessa vida. — o luar brilha no seu rosto, e nos encharca, iluminando a barba por fazer escura que delineia sua mandíbula.

— Vamos fazer isso, então. — eu sorrio, e meu coração está cheio e desaparecemos dentro de Nocte.

A escuridão que nos engole, então se mistura, em seguida, cai, e então eu estou mais uma vez onde estava, no sol, e Dare está olhando para mim, confuso, perplexo.

— Calla? — há preocupação em sua voz, e não há nenhuma barba em seu rosto bem barbeado.

Eu balanço minha cabeça, mandando toda a confusão para longe, porque nãoérealnãoérealnãoéreal.

— Eu estou bem. — eu sussurro, mas eu não estou realmente. Porque às vezes eu estou aqui, e às vezes eu não estou.

Fique com o anel dele. Ele irá mantê-la no chão, e fazer você sempre se lembrar onde você está. As palavras de Eleanor ecoam na minha cabeça e eu focofocofoco nelas.

Estou aqui.

Dare está aqui.

No entanto, um minuto atrás, tão real quanto qualquer coisa, eu não estava aqui. Eu estava outro lugar emalgumlugaremalgumlugaremalgumlugar.

Vamos para casa, de volta para a funerária, e os dias movimentam-se

pouco a pouco, voam, passam girando. Eles se transformam em semanas, e as semanas se transformam em meses, confundindo maravilhosos e belos meses.

Dare passa meu aniversário comigo, depois dois. Ele passa o Natal. Ele passa todos os dias no meio. Todos os dias, ele se torna mais e mais instável.

Porque ele não é real.

Porque eu não sei *o que* ele é.

— Se eu pudesse consertar tudo, eu consertaria. — eu digo-lhe um dia quando nós estamos nos penhascos. O vento chicoteia no meu cabelo e eu empurro para longe. Dare olha para mim e há tristeza em seus olhos.

— Eu sei, Calla Lily.

Ele é tão vulnerável, e triste, e ele tem dezessete anos agora e eu tenho catorze.

Eu me inclino para cima, porque eu preciso beijá-lo mais do que qualquer coisa no mundo.

— Beije-me. — eu sussurro, olhando avidamente em seus olhos. Ele olha para o lado e o calor o calor o calor. Aquece a minha barriga e inunda meu coração.

— Eu não deveria. — ele responde, a voz baixa e rouca, e ele está inseguro porque ele poderia ser uma invenção da minha imaginação, ou poderíamos ser parentes, e ele não deveria ele não deveria ele não deveria.

Mas ele quer. Eu posso ver isso ver isso ver isso. Seus olhos estão nublados e atormentados.

— Faça de qualquer maneira. — eu respondo, esperando, rezando, segurando a minha respiração.

Então ele faz,

Ele abaixa a cabeça escura e os lábios pressionam os meus, duro, quentes, firmes, reais.

Meu primeiro beijo.

Beijá-lo é como tomar um fôlego de inverno fresco. Dá-me a vida, me preenche, preenche todos os meus lugares mais sombrios e vazios.

— Eu não deveria ter feito isso. — Dare murmura, puxando para longe, e eu não quero que ele vá, mas ele faz isso de qualquer maneira.

Ele sai e eu o sigo, meus dedos nos meus lábios, ainda muito maravilhada para me importar que ele está arrependido. Eu sei porque... porque eu tenho catorze e ele tem dezessete e ele é meu primo e ele acha que isso cria um abismo.

Mas isso não acontece.

Não é um abismo,

Isso nos atrai para mais perto.

Ele é meu. Ele só não sabe disso ainda.

Depois do jantar, eu o encontro no depósito de lenha, esmurrando como uma máquina.

— Dare, pare! — eu peço, segurando suas mãos, tentando impedi-lo de se machucar ainda mais. Há sangue em sua camisa, sangue jorrando das suas

juntas. Seu rosto está tão atormentado, tão doloroso.

— Você sabe como é não ser capaz de mudar alguma coisa? — ele pergunta, e sua voz é tão irregular, tão dolorosa de ouvir, que rasga meu coração em pedacinhos.

— É claro. — digo a ele. E eu o levo para a Carriage House onde eu limpo suas feridas.

Ele tira a camisa e os músculos da parte superior das costas e parte inferior ondulam, e SEJA LIVRE é ousado e forte. Eu não posso respirar, porque ele é lindo e quente e vibrante, e ele está aqui.

Tão perto.

Tão perto

Tão longe.

Ele me estuda, meu rosto, meus olhos. E quando ele suspira, é um som tão solitário. — Você não sabe como é. — ele fala e ele é resignado. — Não como eu. Porque você não se lembra de tudo, mas eu lembro.

Eu abro a minha boca para responder, mas ele não permite isso.

— Eu vou ficar dormindo aqui na Carriage House. — ele me diz. — Em vez da funerária. É o melhor. Talvez as coisas não vão mudar depois de tudo, desta vez. Talvez sempre será como é, e se esse for o caso, então eu só quero deixar ir, Cal.

— Deixar ir?

Ele balança a cabeça e eu estou morrendo, morrendo morrendo por dentro,

porque ele não pode fazer isso. Eu preciso dele.

Ele não vai me deixar argumentar porque ele acha que é a coisa certa. A minha alma está esmagada, mas saio de qualquer maneira, porque é isso que ele quer. Por agora.

Mas o meu quarto está vazio e eu estou vazia e eu não quero nada mais do que ele volte e dormir no meu chão, onde eu possa acordar no meio da noite e me certificar de que ele está seguro.

Eu enrolo para o meu lado nos meus lençóis frios, e novamente, eu aperto meus dedos em meus lábios, onde sua boca gloriosa esteve apenas algumas horas atrás.

Eu daria qualquer coisa para ele estar de volta. No meu quarto, neste mundo. Só aqui.

Eu caio no sono e meu sono é agitado e escuro.

Os sonhos

Os sonhos

Os sonhos.

O menino está de volta, com seu capuz, e ele está no meio da estrada.

— Você não deveria ter dado o anel para ele. — ele me diz. — Você deveria ter dado para mim. Eu poderia tê-los salvado, Calla.

— Salvado quem? — eu exijo, mas então eu sei.

— Você sabe quem. — ele concorda. — Você deve alterar. Você deve alterar. Você deve alterar para que eu possa ter o anel.

Porque se eu não fizer isso, há água e borracha queimada e fogo. Há gritos e são da minha mãe, eu acho. Há areia, há um lençol branco, há soluço, choro, morte.

Os olhos da minha mãe estão sem vida

E Finn

Finn

Finn.

Uma voz está sussurrando, cantando.

São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate.

Seja nossa defesa contra as maldades e ciladas do demônio.

Que Deus o repreenda, nós humildemente pedimos, e tu, ó Príncipe dos exércitos celestiais,

Pelo poder de Deus,

Envie para o inferno Satanás

E todos os espíritos malignos que andam pelo mundo

Para perdição das almas

Amém.

As palavrasaspalavrasaspalavras.

Proteja-me São Miguel, proteja-me São Miguel, proteja-me São Miguel.

Mais e mais e mais, e eu acordo, sentando-me na cama, uma sensação de perda tão profunda que eu não posso suportar isso. Eu me sinto esmagada sob o peso dela e não há nada que eu possa fazer, nada que eu possa fazer,

Só correr para Dare.

Eu corro pela casa escura,

Para fora da porta, através da noite,

E para a Carriage House.

Eu salto para o sofá ao lado dele, envolvendo o lençol em torno de nós dois.

Ele se mexe, mas ele não me afasta.

— Os pesadelos, Dare. — eu choramingo. — Faça-os parar?

— Shh, ratinha. — ele fala calmamente e seus braços envolvem a minha cintura, me puxando para perto. — Você está segura agora.

Mas eu não acho que eu estou.

Eu não acho que eu estou.

— Eu não quero ficar sozinha. — digo-lhe, me mexendo em seu peito. Ele me permite.

— Você não está. — ele promete. — Nunca.

Esta não pode ser a minha vida. Isso tem de mudar. Tem que ser normal.

Estou determinada a corrigi-la

Corrigi-la

Corrigi-la.

Adormeço, finalmente, uma vez que Dare está tão perto, e eu adormeço torcendo o anel em voltas e voltas e voltas, porque é de alguma forma uma chave, e o menino do capuz quer, e por causa disso, por causa disso...

Eu sei que provavelmente ele não deveria tê-lo.

Eu durmo, inquieta,

Agitada.

E quando eu acordo,

Finn está na janela.

Seu rosto está assustado,

E ele agarra um medalhão de São Miguel na sua mão.

Proteja-me, São Miguel.

As vozes, as palavras... elas giram em torno de mim tão alto que eu mal posso focar no rosto horrorizado de Finn, mas eu foco. Concentro-me e olho e vejo-o.

Finn olha de mim para Dare.

Espere.

Para Dare.

Para Dare.

Ele vê Dare?

Eu corro atrás do meu irmão, meu lençol se arrastando atrás de mim.

Eu o alcanço somente quando chegamos à varanda da casa, e minha mãe está saindo pela porta.

Finn abre a boca para dizer alguma coisa, mas minha mãe olha para mim, para o meu lençol e para alguma coisa atrás de mim.

Antes de eu virar, eu já sei o que é.

Quem é.

Dare.

Estou atordoada, chocada, porque ela pode vê-lo e Finn pode vê-lo e ele é real. Isso é real.

Isso é real.

A tensão se encaixa em torno de mim como um chicote e eu não me importo, porque ele é real.

— Adair DuBray. — minha mãe fala, absorvendo a cena pelo que parece. — Como você pôde fazer isso? Você arruinou tudo para seduzir a minha filha?

Eu não sei como estar... chocada, defensiva, ou grata que o universo se endireitou e todos podem ver Dare.

Ele é de verdade.

Ele é de verdade.

Eu não sou louca.

Mas ele *arruinou tudo?*

— Você pode vê-lo? — pergunto estupidamente, e todo mundo olha para mim como se eu fosse louca, porque eu sou.

— Não é o que você pensa. — ele murmura para eles, e ele não parece confuso. Ele não parece nenhum pouco surpreso que eles possam vê-lo, e ele não parece estar feliz comigo.

— Então entre aqui e me diga o que é. — minha mãe fala. — E eu vou ligar para o seu pai.

— Padrasto. — Dare corrige, mas ninguém está escutando neste ponto. Minha mãe já se virou e caminhou para dentro da casa, provavelmente para ligar para Richard.

— O que está acontecendo? — pergunto ao Dare, perplexa, enquanto nós seguimos minha mãe e meu irmão.

Ele olha para mim, descontente.

— Você ficou bêbada na noite passada. — ele me diz. — É isso. Eu cuidei de você, te limpei, e agora sua família acha que eu sou algum tipo de aberração que a seduziu.

Estou chocada, agora, completamente imóvel.

— Eu não fiquei bêbada ontem à noite. — eu digo afetada. — Eu nunca estive bêbada. Eu tive um pesadelo e não queria ficar sozinha.

— Não. — Dare ergue uma sobrancelha. — Você estava bêbada e vomitando em todos os lugares. Agora, todos eles acham que eu sou um cara louco por sexo que têm relações sexuais com crianças. Brilhante.

Ele está chateado e eu estou ficando também, porque isso não faz sentido e não aconteceu.

— Eu não sou uma criança. — eu estalo. — E eu não estava vomitando ontem à noite.

Mas ele não está ouvindo.

Ele segue a minha mãe e toma seu remédio proverbial quando ela lhe entrega o telefone. Ele balança a cabeça e eu posso ouvir a voz gritando do outro lado da sala, através do telefone. Ele pega o telefone e anda para lá e para cá do lado de fora, e eu espero espero espero para entender isso.

Haverá um inferno para pagar e eu sei que é minha culpa, e eu não sei o porquê.

O que diabos está acontecendo?

Nada faz sentido.

O resto do dia é terrível, conforme meu pai me olha decepcionado, e minha mãe encara Dare.

— Você vai estar no próximo voo para Londres. — ela fala para ele. — Ele sai de manhã.

Ele balança a cabeça e não discute. Eu discuto, mas ninguém escuta.

— Mãe, não podemos ficar separados. — eu digo a ela com sinceridade,

enquanto eu observo Dare da janela. Ele desaparece na Carriage House, sem nem mesmo se virar. Eu sei que ele provavelmente se sente vigiado por mim, mas ele não verifica para ver. Ele está no telefone e eu não sei com quem ele está falando, e tudo me assusta.

A ideia de ficar separada dele faz meu coração acelerar.

— Ele me entende. — digo a minha mãe.

— Calla Elizabeth. — ela vira para mim, seu rosto severo. — Você tem dezesseis anos. Eu sou sua mãe. *Eu* te entendo. Dare vai para casa, para Sussex.

Dezesseis? Eu tenho quatorze. Eu não tenho?

Abro a boca.

— Mas...

— Isto é o melhor. — ela interrompe com firmeza.

Eu não quero isso.

Mas ninguém se importa, e eu pareço ter perdido uma grande parte de tempo.

Após o jantar, Finn se aproxima de mim. Ele está vestido com uma camisa de botão e seu cabelo está lavado.

— O que você estava pensando? — ele pergunta, e ele honestamente não pode dizer. Ele me conhece melhor do que ninguém e ele acredita nessa bobagem também.

— Eu não dormi com Dare. — eu digo a ele. — Eu não estava bêbada. Eu não sei o que está acontecendo, mas não é o que parece.

Ele não acredita em mim, mas ele não discute.

— Eu estou indo para um show. — ele me diz. — Eu ainda tenho o seu bilhete. Você vem, certo?

As palavras dele.

Ele as diz com cansaço, como se tivesse dito uma centena de vezes antes.

Minha memória é sombriasombriasombria, mas eu me lembro Quid Pro Quo. Um show. Era para eu ir, e eu *tenho* dezesseis porque temos carteiras de motorista. Mas essa vai ser a última noite de Dare aqui, e eu tenho que vê-lo. Eu tenho que falar com ele. Eu tenho que corrigir isso.

Eu balanço minha cabeça e viro para a parede. — Sinto muito. Eu não posso.

— Tudo bem. — Finn suspira. — Eu vou sozinho. Eu só não sei o que está acontecendo com você, Cal.

— Isso faz dois de nós. — eu rebato.

Finn me deixa e eu estou sozinha.

Sozinha é minha coisa menos favorita de estar.

— Calla. — minha mãe chama. Eu a encontro no salão no andar de baixo. Eu me aproximo dela com cuidado e ela é severa quando fala comigo.

— Eu vou para o clube de leitura. Você vai ficar aqui e fora de problemas.

Meus olhos se enchem de lágrimas e os dela amolecem por um minuto e ela agarra a minha mão.

— Você vai ficar bem. — ela me diz. — São simplesmente coisas que você não entende.

— Eu estou tão cansada de ouvir isso. — eu respondo. — Tão cansada. Apenas me diga. Faça-me entender.

— Você não pode ficar com o Dare. — ela fala, impotente. — Você não pode. Isso só terminaria em desgosto para todos nós. Ele vai ser a sua ruína.

— A minha ruína?

Ela olha para longe, para o chão, para fora das janelas. — A ruína de todos nós. Há tanta coisa sobre a nossa família que você não entende, que eu não quero que você entenda. É feio e complexo e até mesmo trágico. Tudo o que eu preciso que você saiba é que eu preferiria morrer a deixá-la ficar com ele. É o tanto que isso é importante. Você tem que escolher o seu irmão, ou então tudo isso não servirá para nada.

As palavras dela giram ao meu redor, circulam e circulam e circulam.

Eu preferiria morrer. Escolher o meu irmão?

— Mas por quê? — eu pergunto a ela e eu estou mole, e eu estou sem fôlego. — Escolher Finn como?

Eu não posso respirar, e eu estou assustada e minha mãe vê isso.

— Está tudo bem, Calla? — ela pergunta rapidamente, e ela me senta em uma cadeira e me inclina para trás, esfregando minhas têmporas e é claro que eu não estou bem.

— Respire, meu amor. — ela me diz. — Respire.

Ela pega um comprimido do seu bolso e dá para mim e eu o engulo, e eu estou tão inexplicavelmente triste.

Ela olha para mim, apenas olha e olha e olha, e então ela segura a minha mão.

— Ele vai morrer por você, Calla. — ela finalmente diz e suas palavras são tão suaves, sua voz tão fina. — Um deles vai morrer por você. Você tem que escolher o Finn.

— O quê? — minha voz é um grito e eu não entendo. — O que você quer dizer?

— Será dada uma escolha a você, e você não pode falhar.

Isso

Não

Faz

Sentido.

Mas eu me lembro de Sabine dizendo a mesma coisa... *você vai ter que escolher, e não deixe ninguém lhe dizer o contrário.*

— Eu não entendo. — eu digo a ela. — Por que eu tenho que escolher entre Finn e Dare?

— Porque eu não fiz a escolha certa. — ela fala fracamente. — Eu escolhi errado, e você vai ter que pagar pelos meus pecados, ou isso vai continuar e continuar e continuar.

— Sabine lhe disse isso? — eu pergunto. — Porque Sabine é uma

louca. Aquela coisa velha cigana não é real. Não pode ser.

— Eu costumava acreditar nisso. — ela diz, e seu rosto é tão triste. — Quando eu era uma garotinha. Mas o tempo diz tudo, Cal. Tempo é tudo. Era uma vez, no início, havia dois irmãos. Ambos tinham que oferecer um sacrifício a Deus, mas apenas um dos sacrifícios dos irmãos foi aceito. Então, em um acesso de raiva ciumenta, seu irmão o matou. Eles são nossa família, Calla. Nosso sangue. Temos que fazer tudo certo, temos que sacrificar, ou isso vai durar para sempre.

— Isso é loucura. — eu digo a ela. E eu conheço loucura. — Estou sonhando.

— Você não está. — ela responde simplesmente. — Fique aqui e descanse. Eu tenho que levar Dare para o aeroporto. Você vai ficar bem. Eu sacrifiquei tudo para ter certeza disso.

Sinto-me doente e ela sai, e eu afundo no chão e choro, minhas lágrimas escorrendo pelo meu rosto e manchando a minha camisa.

Isso não pode estar acontecendo.

— Mas está. — a voz está de volta, e antes que eu olhe, eu sei quem é.

O rapaz encapuzado.

— Qual é seu nome? — eu exijo, e os meus dedos estão tremendo.

— Eu não tenho um. Eu fui sacrificado sem um.

— Sacrificado por quem?

Minha respiração está vindo em ofegos.

— Pela minha mãe. Eu fui sacrificado pelo meu irmão, e você não deveria ter-lhe dado o anel. Eu poderia ter impedido tudo isto.

O mundo para e gira e para novamente.

— Seu irmão? Você é irmão do Dare?

Ele balança a cabeça e ele está triste, e ele abaixa o capuz e ele é a imagem idêntica de Dare.

— Devia ser o Dare. — ele me diz. — Precisa ser Dare. Não escolha o seu irmão.

Ele tenta me puxar para ele, para beijá-lo, mas seus lábios são frios e eles parecem mortos e eu arrasto para longe em pânico, porque tocá-lo tira a minha energia. Ele faz meus olhos quererem fechar e ficarem fechados.

— Você está tão frio quanto a morte. — eu consigo dizer, e ele sorri e me arrepia.

— Eu sou a morte. — ele responde e ele é calmo. — Sou o descendente da Filha da Morte, e sempre serei. Eu sou um filho de Salomé.

Isso não está acontecendo.

Seus olhos piscam pretos, e eu alcanço no telefone, e eu chamo o número de Dare.

— Alô. — ele fala em voz baixa, e ele sabe que eu sei.

— Seu irmão está aqui. — conto para ele, e as minhas palavras são afetadas e duras.

— Fuja, Calla. — Dare me diz e ele parece urgente. — Fuja.

— Eu não posso. — eu digo, e o rapaz encapuzado está me agarrando, e eu ouço minha mãe gritando para Dare.

— Adeus, Calla. — Dare me diz, e sua voz é suave e é gentil e é firme. — Corra. Diga a ele para me vir buscar. — então ele foi embora, e meu telefone está morto e eu estou desesperada, por isso eu ligo para a minha mãe, e eu sei que ela está no carro com Dare.

— Sim. — ela suspira ao telefone, já sabendo que sou eu.

— Mãe, nós temos que falar sobre isso. — eu falo para ela com urgência. — Isso não faz sentido. Isso não é real.

— Calla, eu farei qualquer coisa por você, e eu faço. Esse é um problema Savage, e nós não precisamos falar sobre isso. O que foi posto em prática será posto em movimento e você estará segura.

— Mas... — minha voz é mole e ela me interrompe.

— Sem mas. Já falamos tudo o que precisamos. Eu preciso ir. A chuva está pesada, e é a hora certa... — ela interrompe sua própria frase com um grito.

Um grito alto, agudo estridente. Quase perfura meus tímpanos com sua intensidade e antes que eu possa entender, ele interrompe no meio. E eu percebo que eu ouvi algo mais ao fundo.

O som de metal e vidro sendo esmagados e quebrados.

Então, nada.

— Mamãe?

Não há nenhuma resposta, apenas o silêncio grave e carregado.

Minhas mãos tremem enquanto espero pelo que parece uma eternidade, mas é realmente apenas um segundo.

— Mãe? — exijo, com medo agora.

Ainda nada.

Então

Um

Sussurro.

— Oh, Deus. *Finn.*

É a minha mãe.

Sua voz está rouca e rachada e apavorada e fraca.

— Meu bebê. O que eu fiz? — antes do telefone ficar mudo, antes que eu possa perguntar, ela dá um grito assombrado, lamentador, o tormento de uma mãe.

— Finnnnnnnnnnnnn!

A linha fica morta

E meu coração fica morto

Porque

FINN.

FINN.

FINN.

Arrepios correm para cima e para baixo nas minhas costas, e arrepios se formam em meus braços porque algumacoisaalgumacoisaalgumacoisa terrível aconteceu ao meu irmão.

Minha outra metade.

Meu coração.

Eu sinto isso.

Capítulo Catorze

Eu sei disso no meu coração quando corro para a varanda, quando olho para a fumaça em seu caminho sinuoso no céu noturno, apenas um pouco para baixo da montanha.

Finn estará lá em baixo. Eu sei disso.

Eu sei disso

Eu sei disso.

Eu sei disso quando afundo nos degraus, segurando o telefone.

Eu sei disso quando eu tento respirar e não consigo.

Eu sei disso quando Dare manca pelo gramado, a testa ensanguentada.

Eu sei disso quando ele está na minha frente, abatido e ferido.

— Calla? — ele sussurra, com a mão no meu ombro.

Há sangue em seus dedos.

— Calla?

De alguma maneira eu consigo mover a cabeça, para olhar para o garoto que eu amo, o homem que eu odeio, o homem que eu tenho medo agora. Eu não sei por que, eu só sei que eu tenho. Todas essas emoções giram dentro de mim e eu não sei de onde elas estão vindo e isso não importa agora. Só uma coisa importa.

— Onde está o Finn? — meus lábios se movem.

Dare olha para mim, seus olhos escuros reservados e urgentes.

— Nós temos que chamar uma ambulância.

Eu estou congelada, então Dare agarra meu telefone e soca os números, sangue carmesim manchando as teclas.

Sua voz combina com a noite quando ele fala com o atendente, mas uma frase penetra a neblina da minha consciência.

— Houve um acidente.

Eu o espero terminar, eu o espero chamar o meu pai, eu espero até que ele desliga o telefone e olha para mim antes de eu finalmente falar.

— Foi? — pergunto a ele, minha voz trêmula e frágil e fina. — Foi um acidente?

Ele fecha os olhos.

Eu fecho os meus também.

Porque eu sei que não foi.

Sei que minha mãe matou meu irmão.

E não foi um acidente.

Dare olha nos meus olhos, ele sabe que eu sei, e eu ouço a queda do telefone na varanda e ouço-o quebrar.

Exatamente

Como

Meu

Coração.

Capítulo Quinze

O mundo é negro

O mundo é punitivo

O mundo é meu

O mundo é negro

O mundo é punitivo

O mundo é meu

É meu

É meu

É meu.

Perdoe-me, São Miguel

Proteja-me, São Miguel.

Perdoe-me perdoe-me perdoe-me.

O mundo é um túnel escuro escuro.

Ele está girando e caindo e triturando e

Perdoe-me, São Miguel.

Eu vou fazer qualquer coisa para salvar meu irmão.

Palavras de algum lugar, palavras que eu já vi antes, flutuam na minha cabeça, rabiscos que Finn escrevia.

Serva me, servabo te.

Salve-me, e eu vou te salvar.

Salve-me, Calla.

Salve-me.

Capítulo Dezesseis

— Ele se foi, querida.

Eu abro meus olhos e eu estou olhando para a parede, o meu telefone na minha mão. A escuridão se foi, e eu posso ver, os braços de Dare estão em volta do meu ombro, me segurando. Ele não está ensanguentado agora. Sua camisa está limpa como nova.

Meu pai olha para mim, e ele está chocado, e como ele chegou aqui?

— Calla?

Eu viro meu rosto para olhar para ele, mas olhar para ele torna isso muito real, então eu fecho meus olhos e vez disso.

Eu não posso fazer isso.

— Calla, eles encontraram o carro de Finn. Está na baía. Ele dirigiu para fora da borda... sua mãe foi para o barranco, mas o carro de Finn mergulhou no caminho oposto. Abaixo das rochas, para a água.

Não, isso não aconteceu.

Ele não podia ter.

— Não. — eu digo claramente, olhando para o meu pai atordoado. — Ele estava usando o medalhão. Ele estava protegido.

Meu pai, o homem mais forte que eu conheço, se afasta e os ombros tremem. Após alguns minutos, ele volta.

— Eu quero ver. — eu digo a ele de modo vazio. — Se é verdade, eu preciso ver.

Porque ele morreu antes nos meus sonhos, e então ele estava vivo. Eu nunca sei nunca sei nunca sei quando eu estou louca.

Meu pai já está balançando a cabeça, a mão no meu braço. — Não. Sua mãe está a caminho do hospital. Temos que ir. Você não pode ver Finn assim, querida. Não.

— Sim.

Eu não espero por ele concordar, eu só saio da casa, descendo os degraus, descendo o caminho, para a praia. Ouço Dare atrás de mim, mas eu não paro. Há bombeiros e polícia e fita da polícia e paramédicos cercando, e um deles tenta me parar.

— Senhorita, não. — ele diz, sua voz grave, o rosto horrorizado. — Você não pode ir até lá.

Mas eu me solto, porque eu vejo Finn.

Eu vejo seu carro vermelho esmagado que eles já retiraram da água.

Eu vejo alguém deitado na areia, alguém coberto por um lençol.

Eu ando em direção a esse alguém com calma, porque mesmo que seja o carro de Finn, não pode ser Finn. Não pode ser porque ele é meu irmão gêmeo, e porque eu não senti isso acontecer. Eu teria sabido, não teria?

Dare grita para mim, através da névoa espessa, mas eu não respondo.

Dou um passo.

Em seguida, outro.

Em seguida, outro.

Então ajoelho na areia, ao lado de um lençol.

Meus dedos tremem.

Meu coração treme.

E eu puxo o tecido branco para longe.

Ele está vestido com calça jeans e camisa de botão, roupas para um show. Ele está pálido, ele é magro, ele é comprido. Ele está frágil, ele está frio, ele está morto.

Ele é Finn.

Eu não posso respirar, quando eu seguro sua mão molhada, quando me debruço sobre ele e choro e tento respirar e tento falar.

Ele não parece que esteve em um acidente. Há um hematoma na sua testa e é isso. Ele está tão branco, tão tão tão branco.

— Por favor. — eu imploro para ele. — Não. Hoje não. Não.

Eu estou balançando e eu sinto mãos em mim, mas eu afasto-as, porque este é o Finn. E nós somos Calla e Finn. Ele é parte de mim e eu sou parte dele e isso não pode estar acontecendo.

Eu choro tão forte que meu peito dói, minha garganta machuca e eu trago para respirar.

— Eu te amo. — eu digo a ele quando consigo respirar novamente. —

Desculpe-me, eu não estava com você. Desculpe-me, eu não pude salvá-lo. Sinto muito. Sinto muito.

Eu ainda estou chorando quando mãos grandes agarram meus ombros e me levantam do chão, e eu sou puxada para braços fortes.

— Shhh, Calla. — meu pai murmura. — Vai ficar tudo bem. Ele sabia que você o amava.

— Ele sabia? — pergunto severamente, afastando para olhar para o meu pai. — Porque ele queria que eu fosse com ele, e eu o fiz ir sozinho. E agora ele está morto. Eu liguei para a mamãe e os dois estão mortos.

Papai me puxa de volta para os seus braços e acaricia minhas costas, mostrando uma ternura que eu não sabia que ele possuía. — Não é culpa sua. — ele me diz entre soluços quebrados. — Ele escolheu isso. Ele sabia que você o amava, querida. Todo mundo sabia.

Eu engasgo de volta outro soluço ofegante, porque como ele poderia ter escolhido isso? Minha mãe matou-o de propósito. Eu sinto isso nos meus ossos nos meus ossos nos meus ossos.

Isso não pode estar acontecendo.

Isso não pode estar acontecendo.

Esta não é a minha vida.

Eu saio dos braços do meu pai e volto desajeitadamente pelas trilhas, passando pelos paramédicos, pela polícia, por todo mundo que está olhando para mim. Eu ando em linha reta até o quarto de Finn e entro em colapso na sua cama.

Com o canto do meu olho, eu vejo seu diário.

Eu pego-o, lendo a letra familiar escrita pelas mãos que eu amo tanto.

Serva me, servabo te.

Salve-me, e eu vou te salvar.

Ok.

Ok, Finn.

Eu fecho meus olhos, porque quando eu acordar amanhã, eu vou descobrir que isso tudo foi um sonho. Isso é um pesadelo. Tem que ser.

O sono vem rapidamente e quando eu acordo, eu vou salvar Finn.

Porque na verdade, ele é tudo o que importa.

Se ele está morto, eu quero estar morta.

Ele não pode estar morto.

Eu daria tudo por ele.

Eu daria minha vida.

— Você poderia. — o rapaz encapuzado diz, e ele está aqui na beira da minha cama. — Você poderia dar a sua vida. Você poderia pular, você poderia sacrificar-se, então tudo estaria acabado. Ou... você poderia oferecer sua mãe em vez disso.

— O quê? — eu pergunto rigidamente.

— Você me ouviu. Você ouviu tudo. Você tem o poder de mudar. Você

sempre teve, e você sempre terá. Mude para o jeito que deveria ser. Mude.

Estou chocada, eu estou congelada, estou cheia de medo, porque eu preferiria. Eu preferiria dar qualquer coisa do que o meu irmão.

Adormeço com os lençóis enrolados como uma corda nas minhas mãos, e eu sonho os sonhos dos atormentados.

Capítulo Dezessete

Eu sonho.

Eu sonho com Sabine e sua voz rouca, e com as palavras que ela disse para mim.

— Você deve escolher. — ela disse, ela também diz agora no meu sonho e eu não sei o que ela quer que eu faça.

Então pergunto a ela.

— Você sabe. — ela assente.

Mas eu não sei.

Ela balança a cabeça novamente, e tudo que eu sei é que se pudesse escolher qualquercoisaqualquercoisaqualquercoisa no mundo, seria para o meu irmão ficar comigo, estar vivo. Eu daria qualquer coisa.

— Qualquer coisa? — Sabine pergunta, e eu aceno.

— Qualquer coisa. — minha resposta é firme.

Sabine acena com a cabeça mais uma vez e luz infiltra na minha janela, e dentro dos meus olhos quando eu os abro.

Estou bem por um minuto, até que me lembro.

Finn.

Fecho meus olhos novamente, e o pesopesadopesado pressiona meus

pulmões novamente, e não consigo respirar, e eu não quero.

Marcho pelo corredor até o quarto de meu irmão e fico na frente da porta.

Encaro a madeira, a fechadura, o formato, a maçaneta. Eu não quero abri-la, porque sei o que vou encontrar.

Mas eu preciso. Eu tenho que vê-lo.

Estendo a mão, giro a maçaneta.

A porta range e abre, revelando o que meu coração sabia que ia encontrar.

Um quarto vazio.

A cama ainda está lá, arrumada. Os pôsteres de Finn ainda estão na parede, do Quid Pro Quo e The Cure. Seu Converse preto está ao lado da porta, como se ele fosse usá-lo de novo, mas ele não vai. Sua roupa suja ainda está no seu cesto. Seus livros alinhados nas prateleiras. Seu travesseiro preferido espera por ele, seus CDs, seu telefone. Tudo.

Mas ele não vai voltar.

Eu pego seus sapatos, os sapatos fedendo a garoto e eu os agarro próximos ao meu peito e afundo na sua cama fedendo a garoto e eu fico entorpecida. Eu fico olhando para a parede sem vê-la, para os cartazes sem registrar os rostos. Eu sou madeira, eu sou de pedra, eu sou tijolo. Eu não sinto. Eu não sinto. Nada pode me ferir.

Eu permaneço assim por um tempo, até que

Pouco

A

Pouco,

Sons começam a infiltrar na minha consciência, e há água. Água corrente, e eu sinto como orvalho condensando na minha pele, e por um segundo, eu estou irritada porque Finn sabe que tem que ligar o exaustor quando ele toma banho, mas ele sempre esquece.

Espere.

Minha cabeça sobe de repente, quando a porta do banheiro de Finn abre e ele enfia a cabeça molhada para fora.

— Calla! O que você está fazendo aqui? E por que você está com os meus sapatos?

Eu desmaio.

Ou eu acho que desmaio.

Quando abro meus olhos novamente, Finn está segurando minha mão.

— Você está bem? — ele pergunta, e seus olhos azuis estão preocupados.

— Sim. — eu consigo dizer, uma vez que superei o choque de estar sentada ao lado do meu irmão morto, que agora está vivo. — Acho que sim.

Meuirmãoestávivo.

Meuirmãoestávivo.

Ele está vivo.

Ele está segurando a minha mão.

Eu balanço minha cabeça e tento afastar esse absurdo, e, de repente, tudo está claro, pela primeira vez em um longo tempo. Eu posso pensar sem escuridão, sem vozes.

Que diabos?

As palavras de Sabine voltam para mim: *Você tem que escolher, Você tem que escolher.*

Ontem à noite, antes de dormir, eu escolhi Finn, acima de qualquer coisa, acima da minha própria vida.

Eu fiz isso?

Não é possível.

Eu fiz isso?

Finn olha para mim. — Por que não está vestida? Você tem que ficar pronta.

— Para? — eu arqueio uma sobrancelha.

Ele está quieto e imóvel, eu me lembro do acidente, e uma sensação pesada de presságio me atinge diretamente antes dele responder.

— Para o funeral da mamãe.

Oh.

Deus.

Minha mãe está morta e minha memória tem buracos.

De alguma maneira, eu vou até o meu quarto e coloco um vestido preto, e de alguma maneira não tropeço ao descer as escadas com meu irmão e sento-me na seção de família da capela, e meu pai segura a minha mão.

O caixão é branco e há orquídea em cima dele, e a tampa está fechada.

Alguém lê um poema, depois outro.

Outra pessoa fala sobre anjos e Céu.

Meu pai chora silenciosamente.

Finn está estoico e agarra meu braço.

Eu estou entorpecida.

Porque pensei que a mãe estivesse no hospital e Finn estivesse morto.

Apenas Finn está aqui e minha mãe está morta.

Você

Tem

Que

Escolher.

A realidade não é real.

Como sempre.

A música toca quando eles empurram o caixão para fora, pelo longo corredor, como se minha mãe estivesse em um cortejo, seu último cortejo.

Levantamos e os funcionários da funerária e outras pessoas passam por nós, um por um por um.

Sinto muito pela sua perda.

O céu ganhou mais um anjo.

Se você precisar de alguma coisa, é só chamar.

Todas as palavras banais de pessoas que não sabem mais o que dizer.

E então alguém novo está na minha frente. Seus olhos são escuros, o cabelo é escuro, seu corpo é magro. Ele está vestindo um terno preto, assim como todos eles, mas ele está usando um anel de prata e brilha na luz do sol, e alguma coisa alguma coisa alguma coisa ondula através de mim, mas não sei o que é.

— Eu sinto muito. — ele me diz, e ele tem um sotaque britânico.

Eu tenho a mais estranha sensação na boca do estômago quando ele aperta a minha mão, quando ele me toca e há eletricidade, mas eu a afasto, porque eu não o conheço e ele não importa. Apenas Finn importa. E lamentar a minha pobre mãe.

O estranho passa pela fila e me viro para o próximo visitante e o próximo e o próximo e o próximo.

O dia é cansativo.

O dia é interminável.

Eu inclino a minha cabeça na janela do carro da família enquanto nós dirigimos para casa, vindo do cemitério. Estamos cercados por todas as coisas

verdes e vivas, por pinheiros e samambaias e uma vegetação exuberante da floresta. Os trechos verdes vibrantes em todo o vasto gramado, através dos jardins floridos, e dura até chegar aos penhascos, onde finalmente e de repente fica avermelhado e argiloso.

Eu acho que é muito simbólico, na verdade. Verde significa vivo e vermelho significa perigo. O vermelho são as falésias recortadas, luzes de advertência, sangue espalhado. Mas verde... o verde são as árvores e maçãs e trevo.

— Como é que se diz verde em latim? — pergunto distraidamente para Finn.

— Viridem. — ele responde.

E então uma outra coisa me ocorre, algo do nada.

— O que Quid Pro Quo quer dizer?

Finn olha para mim. — Significa *alguma coisa por alguma coisa.* Por quê?

— Nenhuma razão. — respondo, mas meu coração está batendo, batendo, batendo. Mais e mais. Por causa de alguma coisa por alguma coisa. Eu dei alguma coisa para conseguir alguma coisa?

TumTum, TumTum.

Eu marcho até o meu quarto e caio na cama sem sequer tomar banho.

Eu sinto uma tonelada de culpa no meu peito porque só tenho um pensamento, um pensamento que faz meu peito apertar e contrair e martelar.

Eu amo a minha mãe,

Eu amo a minha mãe

Eu amo a minha mãe.

Mas graças a Deus que não foi Finn.

Quid pro quo.

Capítulo Dezoito

Eu espero no hospital que Finn saia do Grupo, isso acontece para que ele possa conversar e se comparar com outros pacientes que têm SAD. Porque por algum motivo, seus pensamentos estão confusos agora, não os meus.

Não é nada que eu possa explicar.

Não é nada que eu possa entender.

Desde que pensei que ele tivesse morrido, desde que enterramos a minha mãe, a mente de Finn tem-se deteriorado, e a minha está reforçada.

Eu não sei por quê.

Sou apenas grata por que ele estar vivo.

Então, enquanto eu espero por ele, porque eu o traria aqui todos os dias pelo resto da minha vida como forma de gratidão por ele estar vivo, eu leio o meu livro, eu escuto a minha música, eu fecho meus olhos.

É como se eu pudesse ignorar os gritos estridentes que derivam pelos corredores. Porque honestamente, eu não quero saber o que eles estão gritando.

Eu permaneço suspensa no meu mundo de mentirinha por Deus sabe quanto tempo, até eu sentir alguém olhando para mim.

Quando digo que sinto, eu *literalmente sinto*, exatamente como se alguém estivesse estendendo a mão e tocando meu rosto com os dedos.

Olho para cima, eu seguro meu fôlego quando encontro olhos escuros ligados aos meus, os olhos tão escuros que são quase pretos, e a energia neles é

suficiente para me congelar no lugar.

Um garoto está ligado ao olhar escuro.

Um homem.

Ele provavelmente não tem mais do que vinte ou vinte e um anos, mas tudo sobre ele grita *homem.* Não há nenhum *garoto* nele. Essa parte dele, já se foi, claramente. Eu vejo isso em seus olhos, com a forma como ele se porta, com o jeito perspicaz com que ele observa o seu entorno, em seguida, olha para mim com foco singular, como se estivéssemos de alguma forma ligados por uma corda. Ele tem um milhão de contradições em seus olhos... indiferença, calor, mistério, charme e outra coisa que eu não consigo definir.

Ele é musculoso, alto e veste um moletom preto esfarrapado que diz *Ironia está perdida em você* em letras alaranjadas. Seu jeans escuro está com cinto de couro preto e um anel prata circunda o dedo médio dele.

O cabelo escuro cai em seu rosto e uma mão com dedos longos, impacientemente os coloca para trás, enquanto seus olhos ainda estão conectados com os meus. Seu maxilar é forte e másculo, com a simples sugestão de barba por fazer.

Seu olhar ainda está conectado ao meu, como um ímã ou um raio. Eu posso sentir a energia correndo ao longo da minha pele, como um milhão de pequenos dedos, corando as minhas bochechas. Meus pulmões vibram e eu engulo em seco.

E então, ele sorri para mim.

Para mim.

Porque eu não o conheço e ele não sabe das coisas.

— Cal? Você está pronta?

A voz de Finn quebra minha concentração e, com ela, o momento. Olho para o meu irmão, quase em confusão, para descobrir que ele está esperando por mim. A hora já passou e eu nem sequer percebi isso. Luto para levantar, sentindo-me nervosa, mas não sei porquê.

Embora eu saiba.

Enquanto saio com Finn, olho sobre meu ombro.

O estranho sexy com o olhar escuro, escuro, se foi.

Eu luto contra o sentimento, o sentimento muito estranho, que eu já o vi antes. Isso não é possível, de jeito nenhum.

De jeito nenhum eu poderia esquecer alguém como ele.

Mas ainda.

Há alguma coisa.

Alguma coisa.

Alguma coisa.

Uma semana depois, eu levo o meu irmão ao Grupo novamente. Quando estamos lá dentro, Finn se vira para mim antes de ir para o encontro.

— Aqui *tem* um grupo de luto. Você deveria ir ver.

— Agora você parece o papai. — eu digo a ele, impaciente. — Eu não

preciso falar com eles. Eu tenho você. Ninguém me entende como você.

Ele balança a cabeça, *porque ninguém entende como ele.* E então ele desaparece no lugar onde ele tira sua força, em torno de pessoas que sofrem como ele.

Eu tento não me sentir inadequada por eles poderem ajudá-lo de uma forma que eu não posso.

Em vez disso, eu me encolho no meu banco sob o pássaro abstrato. Eu coloco os fones de ouvido e fecho meus olhos. Eu esqueci meu livro hoje, então desaparecer com a música terá que funcionar.

Concentro-me em sentir a música em vez de ouvi-la. Eu sinto a vibração, sinto as palavras. Sinto a batida. Sinto as vozes. Sinto a emoção.

A emoção de outra pessoa que não seja a minha é sempre uma coisa boa.

Os minutos passam, um após o outro.

E então, depois de vinte deles, *ele* se aproxima.

Ele.

O estranho sexy com olhos tão negros como a noite.

Eu sinto-o se aproximar enquanto meus olhos ainda estão fechados. Não me pergunte como eu sei que é ele, porque eu apenas sei. Não me pergunte o que ele está fazendo aqui novamente, porque eu não me importo com isso.

Tudo que me importa é o fato de que ele *está* aqui.

Meus olhos se abrem para encontrá-lo olhando para mim, seus olhos ainda tão intensos como estavam no outro dia. Ainda tão escuros, tão insondáveis.

Seu olhar encontra o meu, se conecta com ele e permanece.

Estamos conectados.

A cada passo, ele não desvia o olhar.

Ele está vestido com o mesmo moletom camiseta do outro dia. *A ironia está perdida em você.* Ele está vestindo jeans escuros, botas pretas e seu dedo médio ainda é cercado por um anel de prata. Ele é um roqueiro. Ou um artista. Ou um escritor. Ele é algo irremediavelmente em grande estilo, eternamente romântico.

Ele está a vinte passos de distância.

Quinze.

Dez.

Cinco.

O canto da boca dele se inclina para cima enquanto ele passa e segue seu caminho me olhando de lado. Seus ombros balançam, seus quadris rebolam. Então ele se foi, se afastando de mim.

Cinco passos.

Dez.

Vinte.

Foi.

Eu tenho uma sensação de perda, porque ele não parou. Porque eu queria

que ele parasse. Porque há algo sobre ele que eu quero saber.

Há algo sobre ele que eu *realmente* sei.

Eu respiro fundo e fecho os olhos, ouvindo mais uma vez a minha música.

O estranho de cabelos escuros não volta.

A chuva pode deixar Oregon bonita, mas, às vezes, é cinza e sombria. O som dela batendo nas janelas deixa-me sonolenta, e eu coço para embrulhar-me em um suéter e me enroscar com um livro na janela. À noite, quando tem tempestade, eu sonho. Eu não sei porquê. Pode ser a eletricidade do relâmpago no ar, ou o estrondo do trovão, mas nunca deixa de fazer a minha mente criar.

Hoje à noite, depois de finalmente cair no sono, eu sonho com *ele*.

O estranho de olhos escuros.

Ele senta-se à beira-mar, a brisa despenteando seu cabelo. Ele levanta a mão para tirar o cabelo dos olhos, seu anel de prata brilhando ao sol.

Seus olhos encontram os meus, e a eletricidade é mais forte do que um milhão de raios, mantendo-nos juntos.

Seus olhos enrugam um pouco nos cantos quando ele sorri para mim.

Seu sorriso é familiar e sexy para mim. Ele me alcança, seus dedos conhecidos e familiares, e ele sabe exatamente onde me tocar, exatamente onde deixa a minha pele em chamas.

Eu acordo com um sobressalto, sentando na cama, meu lençol agarrado ao meu peito.

O luar derramando na minha cama parece azul, e eu olho para o relógio.

03:00 da manhã.

Apenas um sonho.

Eu me enrolo, pensando no estranho, e, em seguida, me xingo pela minha fixação ridícula. Ele é um estranho, pelo amor de Deus. É estúpido ser tão obcecada com ele.

Mas isso não me impede de sonhar com ele novamente. Ele faz coisas diferentes nos meus sonhos. Ele navega, ele nada, ele bebe café. O anel de prata reflete o sol a cada vez, seus olhos escuros perfuram a minha alma como se me conhecesse. *Como se ele soubesse tudo sobre mim.* Eu acordo sem fôlego toda vez.

É um pouco enervante.

E um pouco emocionante.

Depois de duas dessas noites de sono descontínuo, chuva e sonhos estranhos, Finn e eu nos ajoelhamos na frente das caixas de armazenamento de plástico, classificando coisas do meu armário. Pilhas de roupas dobradas nos cercam, como montanhas no chão. Chuva cobre a janela, o céu da manhã escuro e cinza.

Eu ergo um cardigã branco. — Eu acho que não vou precisar de muitas blusas na Califórnia, vou?

Finn balança a cabeça. — Duvidoso. Mas leve algumas, apenas por segurança.

Eu lanço na pilha de Manter. Quando faço isso, eu noto que os dedos de Finn estão tremendo.

— Por que suas mãos estão tremendo? — eu fico olhando para ele. Ele dá de ombros.

— Eu não sei. Você tem a sensação que já estivemos aqui antes? Nesta mesma hora e lugar exato? O seu coração está bem? Você já teve dores no peito?

Eu estou alarmada. Por que, que loucura nova é essa?

— Meu coração está bem. — eu digo-lhe com firmeza. — Eu estou bem, Finn.

Ele olha-me incerto e em seguida, pressiona seu ouvido no meu peito e escuta e meu coração bate e bate e finalmente, ele está satisfeito. Estou tão acostumada com o comportamento estranho dele, mas isso é muito estranho.

— Finn, você está bem?

Ele balança a cabeça. — Muito bem. É apenas um déjà vu, eu acho.

Eu abandono o assunto, mesmo que isso me deixe desconfortável. Se eu não proteger Finn da angústia, ele pode ter uma crise. Obviamente, eu não pude protegê-lo de perder a mamãe, mas eu faço o meu melhor para protegê-lo de todo o resto. É uma coisa pesada para carregar, mas se Finn pode carregar sua cruz, eu certamente posso carregar a minha. Eu desdobro outro suéter, e depois o lanço na pilha Goodwill[7].

— Depois do meu, nós teremos que fazer o seu. — eu indico. Ele balança a cabeça.

— Sim. E então talvez nós devêssemos fazer da mamãe.

Eu sugo uma respiração. Por mais que eu quisesse, apenas para seguir em frente, não há nenhuma maneira.

— Papai nos mataria. — eu descarto a ideia.

— Verdade. — Finn reconhece, entregando-me uma camisa de manga longa para a pilha de Manter. — Mas talvez ele precise de um empurrãozinho. Já se passaram dois meses. Ela não precisa dos sapatos dela na porta dos fundos.

Ele está certo. Ela não precisa deles. Assim como ela não precisa da sua maquiagem espalhada sobre a pia do jeito que ela deixou, ou seu último livro virado para baixo para marcar a página ao lado da sua cadeira de leitura. Ela nunca terminará esse livro. Mas, para ser justa com o meu pai, eu não acho que eu conseguiria jogar suas coisas fora ainda, qualquer delas.

— Ainda assim. — eu respondo. — Ele que tem que decidir quando é hora. Não nós. Nós estamos indo embora. Ele é aquele que ficará aqui com as memórias. Não nós.

— É por isso que eu estou preocupado. — Finn me diz. — Ele ficará aqui nesta casa enorme sozinho. Bem, não sozinho. Rodeado por corpos e memórias da mamãe. Isso é ainda pior.

Sabendo como eu odeio ficar sozinha e como eu particularmente odeio ficar sozinha na nossa casa grande, eu tremo.

— Talvez seja por isso que ele quer alugar a Carriage House. — eu ofereço. — Então ele não ficará tão sozinho aqui em cima.

— Pode ser.

Finn se estica e coloca um pouco de música, e eu deixo o baixo preencher o silêncio enquanto nós arrumamos minhas roupas. Normalmente, o nosso silêncio é confortável e nós não precisamos preenchê-lo. Mas, hoje, eu me sinto incomodada. Tensa. Ansiosa.

— Você tem escrito ultimamente? — eu pergunto para jogar conversa fora. Ele está sempre escrevendo em seu diário. E mesmo que eu seja aquela que deu isso a ele no Natal há alguns anos, ele não me deixa ler. Não, desde que ele mostrou para mim uma vez e eu me apavorei.

— Claro.

Claro. É praticamente tudo que ele faz. Poemas, Latim, coisas sem sentido... o que você pensar, ele escreve.

— Já posso ler algo nele?

— Não.

Sua resposta é definitiva e firme.

— Tudo bem. — eu não discuto com esse tom de voz, porque, honestamente, eu estou um pouco nervosa para ver o que está lá agora de qualquer maneira. Mas ele faz uma pausa e volta-se para mim.

— Eu acho que eu nunca disse obrigado por não correr para a mamãe e o papai. Quando você o leu uma vez, eu quero dizer. É apenas o meu escape, Cal. Aquilo não significa nada.

Seus olhos azuis perfuram direto a minha alma. Porque eu sei que eu provavelmente *deveria ter* ido para eles. E eu provavelmente teria, se a mamãe não tivesse morrido. Mas eu não fui, e tudo está muito bem desde então.

Bem. Se eu pensar firme o suficiente sobre essa palavra, então será verdade.

— De nada. — eu digo baixinho, tentando não pensar no jargão que eu li, as palavras assustadoras, os pensamentos assustadores, rabiscados, riscados e

rabiscados novamente. Mais e mais. Fora de tudo isso, porém, uma coisa se destacou como mais preocupante. Uma frase. Não foram os desenhos estranhos de pessoas com seus olhos, caras e bocas riscadas, não foram os poemas estranhos e sombrios, foi uma frase.

Acabe com o meu sofrimento.

Rabiscado mais e mais, enchendo duas páginas completas. Eu o observo como um falcão desde então. Ele sorri agora, encorajando-me a esquecer isso, como se fosse apenas o seu escape. Ele está bem agora. *Ele está bem.* Se eu tivesse um diário, eu rabiscaria nas páginas, mais e mais, para tornar verdade.

— Ei, eu vou para o Grupo de novo hoje. Você quer vir comigo? Se não, eu posso ir.

Isso me assusta. Ele normalmente só vai duas vezes por semana. Eu perdi alguma coisa? Ele está pior? Ele está escorregando? Eu luto para manter minha voz casual.

— Outra vez? Por quê?

Ele dá de ombros, como se não fosse grande coisa, mas suas mãos ainda estão tremendo.

— Eu não sei. Eu acho que é toda essa mudança. Faz-me sentir inquieto.

E instável? Mas eu não pergunto isso. Em vez disso, eu apenas aceno, como se eu não estivesse apavorada. — É claro que eu vou.

Claro, porque ele precisa de mim.

Uma hora mais tarde, nós andamos pelos corredores cheios de fotos da nossa mãe, passando em seu quarto cheio com as roupas dela e estamos

dirigindo para a cidade no carro que ela comprou-nos. Nós dois incisivamente evitamos olhar para o lugar onde ela caiu ao lado da montanha. Não precisamos vê-lo novamente.

Nossa mãe ainda está ao nosso redor. Em todos os lugares. No entanto, em nenhuma parte. Não realmente.

É o suficiente para conduzir a pessoa mais sã à loucura. Não é de admirar Finn querer terapia extra.

Eu o deixo na frente da sua sala do Grupo e o vejo desaparecer dentro.

Levo o meu livro para o café hoje, para uma xícara de café. Eu cresci acostumada com a chuva me deixando sonolenta, uma vez que morei em Astoria toda a minha vida. Mas eu também aprendi que a cafeína é um Band-Aid eficaz.

Eu pego a minha xícara e dou a volta, desabando em uma cabine, preparada para enterrar meu nariz no meu livro.

Estou acabando de abrir a capa quando eu o sinto.

Eu *o sinto*.

Mais uma vez.

Antes mesmo de olhar para cima, eu sei que é *ele*. Reconheço a sensação no ar, a energia muito palpável. Senti a mesma coisa nos meus sonhos, essa atração impossível. Que merda? Por que eu continuo encontrando com ele?

Quando eu olho para cima, eu acho que ele me viu também.

Seus olhos estão congelados em mim enquanto espera na fila, tão escuros, tão insondáveis. Essa energia entre nós... eu não sei o que é. Atração? Química?

Tudo o que sei é que ele rouba meu fôlego e acelera meu coração. O fato de ele invadir os meus sonhos me faz ansiar por este sentimento ainda mais. Tira da minha realidade e me leva para algo novo e excitante, para algo que tem esperança e vida.

Eu vejo quando ele paga por seu café e pão doce, e, como cada um dos seus passos levam à minha cabine. Há dez outras mesas, todas vagas, mas ele escolhe a minha.

Suas botas pretas param ao meu lado, e eu olho suas pernas cobertas de jeans, sobre seus quadris, até seu rosto surpreendentemente bonito. Ele ainda não fez a barba, então sua barba está mais acentuada hoje. Isso o faz parecer ainda mais maduro, ainda mais homem. Como se ele precisasse da ajuda.

Eu não posso deixar de notar a forma como a sua camisa azul-claro abraça seu peito sólido, a forma da sua cintura estreita, conforme desliza em seu jeans, a maneira como ele parece magro, ágil e poderoso. Gah. Eu tiro os meus olhos para encontrar os dele. Acho diversão lá.

— Este assento está ocupado?

Doce Senhor. Ele tem um sotaque britânico. Não há nada mais sexy no mundo inteiro, que faz a cantada velha cansada perdoável. Eu sorrio para ele, meu coração acelerado.

— Não.

Ele não se move. — Posso usar, então? Eu vou compartilhar meu café da manhã com você.

Ele gesticula ligeiramente para o seu rocambole grudento, com cobertura de nozes.

— Claro. — eu respondo casualmente, habilmente escondendo o fato de que o meu coração está batendo rápido o suficiente para explodir. — Mas eu vou passar o café da manhã. Eu sou alérgica a nozes.

— Mais para mim, então. — ele sorri, conforme desliza para dentro da cabine na minha frente, sempre tão casual, como se ele se sentasse com garotas estranhas em hospitais o tempo todo. Eu não posso deixar de notar que seus olhos são tão escuros que são quase pretos.

— Vem sempre aqui? — ele brinca, enquanto se espalha na cabine. Eu tenho que rir, porque agora ele está simplesmente descendo na lista de cantadas clichês, e todas elas soam incríveis vindas dos seus lábios britânicos.

— Bastante. — eu aceno. — Você?

— Eles têm o melhor café. — ele responde, como se isso *fosse* ao menos uma resposta. — Mas não vamos dizer a ninguém, ou eles vão começar a nomear os cafés com coisas que não conseguimos pronunciar e as filas ficarão insuportáveis.

Eu balanço minha cabeça e eu não posso deixar de sorrir. — Tudo bem. Será o nosso segredo.

Ele olha para mim, seus olhos escuros brilhando. — Bom. Eu gosto de segredos. Todos os têm.

Eu quase fico sem fôlego, porque algo é tão abertamente fascinante sobre ele. A maneira como ele pronuncia tudo e a maneira como seus olhos escuros brilham, a maneira como ele parece tão familiar, porque ele esteve na intimidade dos meus sonhos.

— Quais são os seus? — eu pergunto, sem pensar. — Os seus segredos, eu

quero dizer.

Ele sorri. — *Você* não gostaria de saber?

Sim.

— Meu nome é Calla. — eu ofereço rapidamente. Ele sorri para isso.

— Calla como o lírio de funeral?

— O mesmo. — eu suspiro. — E eu moro em uma funerária. Então veja? A ironia não está perdida em mim.

Ele parece confuso por um segundo, então eu vejo quando ele percebe.

— Você notou minha camisa ontem. — ele aponta suavemente, com o braço esticado em toda a volta da cabine rachada. Ele nem sequer me questiona sobre o fato de que eu tinha acabado de lhe dizer que moro em uma casa com pessoas mortas. Normalmente as pessoas se fecham instantaneamente quando descobrem, porque instantaneamente supõe que eu devo ser estranha, ou mórbida. Mas ele não.

Concordo com a cabeça bruscamente. — Eu não sei porquê. Apenas se destacou. — *porque* você *se destacou.*

O canto da sua boca se mexe, como se ele fosse sorrir, mas, em seguida, não ri.

— Eu sou Adair DuBray. — ele me diz, como se ele tivesse dando um presente ou uma honra. — Mas todos me chamam de Dare.

Eu nunca vi um nome tão apropriado. Tão francês, tão sofisticado, mas seu sotaque é britânico. Ele é um enigma. Um enigma cujos olhos brilham como se

estivessem constantemente dizendo *Desafie-me.* Eu engulo.

— É bom conhecer você. — eu digo a ele, e essa é a verdade. — Por que você está aqui no hospital? Certamente não é para o café.

— Você sabe que jogo eu gosto de jogar? — Dare pergunta, mudando completamente o assunto. Eu sinto que minha boca está um pouco aberta, mas eu consigo responder.

— Não, qual?

— Vinte Perguntas. Dessa forma, eu sei que no final do jogo, não haverá mais nada. Perguntas, quero dizer.

Eu tenho que sorrir, mesmo que sua resposta devesse ter me incomodado. — Então, você não gosta de falar de si mesmo.

Ele sorri. — É o meu assunto menos favorito.

Mas deve ser uma coisa tão interessante.

— Então, você está me dizendo que eu posso perguntar-lhe vinte coisas e somente vinte coisas?

Dare assente. — Agora você está entendendo.

— Bem. Vou usar a minha primeira pergunta para saber o que você está fazendo aqui. — eu levanto o meu queixo e olho nos olhos dele.

Sua boca se contorce de novo. — Provavelmente a mesma coisa que você. Não é isso que as pessoas normais fazem em hospitais?

Eu coro. Não consigo evitar. Obviamente. E, obviamente, eu estou fora do meu elemento aqui. Esse cara poderia ter-me no café da manhã, se quisesse, e

pelo brilho em seus olhos, eu não tenho tanta certeza de que ele não teria.

Tomo um gole do meu café, cuidando para não derramá-lo em minha camisa. Com o jeito que meu coração está acelerado, tudo é possível.

— Eu estava certo? Por que você *está* aqui? — Dare pergunta.

— É a sua primeira pergunta? Porque o troco é justo no jogo.

Dare sorri amplamente, genuinamente divertido.

— Claro. Vou usar uma pergunta.

— Eu trouxe o meu irmão. Ele está aqui para... terapia de grupo.

De repente me sinto estranha em dizer isso em voz alta, porque faz meu irmão soar *inferior* de alguma forma. E ele não é. Ele é *superior.* Melhor do que a maioria das pessoas, mais suave, mais puro de coração. Mas um estranho não sabe disso. Um estranho só colocaria nele um rótulo de *louco* e deixaria assim. Eu luto contra a vontade de explicar e de alguma forma consigo fazer isso. Não é da conta de um estranho.

Dare não me questiona, no entanto. Ele apenas balança a cabeça como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Ele toma um gole de café. — Eu acho que provavelmente é kismet, de qualquer maneira. Que você e eu estamos aqui, ao mesmo tempo, quer dizer.

— Kismet? — eu levanto uma sobrancelha.

— Destino, Calla. — ele me diz. Eu reviro meus olhos.

— Eu sei disso. Eu posso estar indo para uma faculdade pública, mas eu não sou idiota.

Ele dá um sorriso tão amplo e encantador que minha calcinha quase cai.

— Bom saber. Então você é uma garota da faculdade, Calla?

Eu não quero falar sobre isso. Eu quero falar sobre por que você acha que isso é destino. Mas eu aceno.

— Sim. Eu vou para Berkeley no Outono.

— Boa escolha. — ele toma mais um gole. — Mas talvez o *destino* entendeu errado, afinal. Se você está indo embora e tudo mais. Porque, aparentemente, eu ficarei por um tempo. Ou seja, depois que eu encontrar um apartamento. Um bom é difícil de encontrar por aqui.

Ele é tão confiante, tão aberto. Nem sequer parece estranho que um completo desconhecido está me dizendo essas coisas, de repente, tão aleatoriamente. Eu sinto como se eu já o conhecesse, na verdade.

Eu fico olhando para ele. — Um apartamento?

Ele olha de volta. — Sim. Normalmente a coisa que você aluga, tem um chuveiro e um quarto?

Eu coro. — Eu sei disso. Só que isso pode ser *destino*, afinal. Eu poderia saber de algo. Quer dizer, meu pai está alugando a nossa carriage house. Eu acho.

E se *eu* não posso tê-la, definitivamente deve ir para alguém como Dare. O simples pensamento me dá um espasmo no coração.

— Humm. Agora isso *é* interessante. — Dare me diz. — Parece que o destino triunfa. E uma carriage house ao lado de uma funerária. Deve precisar de

bolas de aço para viver lá.

Eu rapidamente retiro um pequeno pedaço de papel e rabisco o telefone celular do meu pai nele. — Sim. Se você estiver interessado, quer dizer, se você tiver as bolas, você pode ligar e falar com ele sobre isso.

Eu empurro o papel para o outro lado da mesa, olhando-o nos olhos, enquadrando-o como um desafio. Dare pode não saber como eu estou tentando que meu coração abrande antes que ele exploda, mas talvez ele saiba, porque um sorriso se estende lentamente e conscientemente em seus lábios.

— Ah, eu tenho bolas. — ele confirma, com os olhos brilhando de novo.

Desafie-me.

Eu engulo em seco.

— Estou pronta para fazer a minha segunda pergunta. — eu digo a ele. Ele levanta uma sobrancelha.

— Já? É sobre as minhas bolas?

Eu coro e balanço a cabeça.

— O que você quis dizer antes? — pergunto-lhe lentamente, não baixando o meu olhar. — Por que exatamente você acha que isso é destino?

Seus olhos se enrugam um pouco quando ele sorri mais uma vez. E mais uma vez, seu sorriso é completamente divertido. Um sorriso verdadeiro, não um falso como estou acostumada ao redor da minha casa.

— É destino porque você parece com alguém que eu gostaria de conhecer. Isso é estranho?

Não, porque eu quero conhecer você também.

— Talvez. — eu digo, em vez disso. — É estranho que eu sinta como se eu o conhecesse de alguma forma?

Porque eu sinto. Há algo tão familiar sobre seus olhos, tão escuros, tão insondáveis. Por outro lado, eu *tenho* sonhado com eles há alguns dias.

Dare levanta uma sobrancelha. — Talvez eu tenha um rosto comum.

Eu sufoco um bufo. *Dificilmente.*

Ele olha para mim. — Independentemente disso, o destino sempre triunfa.

Balanço a cabeça e sorrio. Um sorriso *real*. — O júri ainda está debatendo sobre isso.

Dare toma um último gole de café, seu olhar ainda congelado no meu, antes que ele bata seu copo sobre a mesa e se levante.

— Bem, deixe-me saber o que o júri decidir.

E então ele vai embora.

Estou tão atordoada por sua saída abrupta que me leva um segundo para perceber uma coisa, porque *destino sempre triunfa* e eu sou *alguém que ele gostaria de conhecer.*

Ele levou o número do telefone do meu pai com ele.

---

[7] Rede de brechós.

Capítulo Dezenove

O tempo gira e gira e gira e passa.

É tênue, é brutal, é complexo.

Adair DuBray alugou a Carriage House, e ele é inatingível, e ele é misterioso e todo dia, eu quero conhecê-lo mais.

Todo dia, eu sinto mais como se já o conhecesse.

Toda noite eu sonho com ele, ficando mais próxima e mais próxima dele.

Um mês passa, e uma noite, nós estamos no meu lugar favorito, as piscinas azuis da maré, a olhar para as estrelas.

Dare aponta para cima.

— Aquele é o cinturão de Órion. E aquela lá... aquela é Andrômeda. Eu não acho que podemos ver Perseus hoje à noite. — ele faz uma pausa e olha para mim. — Você conhece o seu mito?

Sua voz é calma e tranquilizante e enquanto eu o ouço, deixo-me afastar dos meus problemas atuais e em sua direção, na direção dos seus olhos escuros, lábios carnudos e mãos longas.

Concordo com a cabeça, lembrando o que eu aprendi sobre Andrômeda no ano passado em Astrologia. — Sim. A mãe de Andrômeda insultou Poseidon, e ela foi condenada a morrer por um monstro do mar, mas Perseus a salvou e depois se casou com ela.

Ele balança a cabeça, satisfeito com minha resposta. — Sim. E agora eles

permanecem nos céus para lembrar os jovens amantes em todos os lugares, dos méritos do amor eterno.

Eu suspiro. — Sim. E então eles fizeram um filme brega para eles, que conseguiu assassinar vários mitos gregos diferentes ao mesmo tempo.

Dare contrai os lábios. — Talvez. Mas talvez possamos esquecer isso, devido à mensagem subjacente de amor eterno. — sua expressão é divertida e eu não consigo decidir se ele está falando sério ou apenas tentando ser irônico ou algo assim, porque *a ironia está perdida em você.*

— Isso é besteira, você sabe. — eu digo a ele, rolando os dados metafóricos. — Amor eterno, quer dizer. Nada é eterno. Pessoas deixam de amar ou a química morre ou talvez até mesmo morrem. De qualquer maneira que você olha, o amor sempre morre eventualmente.

Eu deveria saber. Sou a garota que mora em uma funerária. Eu vejo isso o tempo todo.

Dare olha para mim, incrédulo. — Se você realmente acredita nisso, então você acredita que a morte nos controla, ou talvez até mesmo circunstancie. Isso é deprimente, Calla. Nós nos controlamos.

Ele parece realmente incomodado e eu fico olhando para ele, ao mesmo tempo nervosa por tê-lo decepcionado e certa de que eu estou certa.

Eu *sou* aquela cercada por isso o tempo todo, afinal... pela morte e circunstâncias ruins. Eu *sou* aquela cuja mãe acaba de morrer e eu sei que o mundo continua a girar como se nada tivesse acontecido.

— Eu não acredito necessariamente que a morte nos controla. — eu corrijo cuidadosamente. — Mas você não pode argumentar que ela vence a longo

prazo. Toda vez. Porque todos nós morremos, Dare. Assim, a morte ganha, não o amor.

Ele bufa. — Diga isso a Perseus e Andrômeda. Eles são imortais no céu.

Eu bufo de volta. — Eles também não são reais.

Dare olha para mim, disposto a me fazer ver o seu ponto de vista e eu estou de repente confusa sobre como nós começamos a falar sobre o amor e agora estamos falando sobre a morte. Deixe por minha conta evoluir uma conversa.

— Sinto muito. — eu ofereço. — Eu acho que é um risco de viver onde eu moro. A morte está sempre presente.

— A morte é grande. — Dare reconhece. — Mas há coisas maiores do que isso. Se não tivesse, então isso tudo é por nada. A vida não vale nada. Colocar-se lá fora, e aproveitar oportunidades e tudo isso. Todas as coisas são besteiras se elas podem simplesmente desaparecer no final.

Eu dou de ombros e olho para longe. — Sinto muito. Eu só acredito no aqui e agora. Isso é o que nós sabemos e é com isso que podemos contar. E eu não gosto de pensar sobre o fim.

Dare olha para o céu, mas ele ainda está pensativo. — Você parece bastante pessimista hoje, Calla-Lily.

Eu engulo em seco, porque eu soo como uma megera. Uma pessoa feia, amarga e cansada.

— Minha mãe morreu há algumas semanas. — eu digo a ele e as palavras raspam meu coração. — Ainda é difícil de falar.

Ele faz uma pausa e balança a cabeça, como se tudo fizesse sentido agora, como se ele *sentisse muito, porque todo mundo sempre sente.* — Ah. Entendo. Sinto muito. Eu sei como é isso. Minha mãe morreu também.

Balanço a cabeça e olho para longe, porque meus olhos estão lacrimejando e é embaraçoso. Porque Deus. Alguma vez serei capaz de pensar sobre isso sem chorar?

— Está tudo bem. Você não sabia. — eu respondo. — E você está certo. Eu estou provavelmente cansada. Estar rodeada de morte o tempo todo... bem, acho que me deixou feia.

Dare me estuda, duro, seus olhos brilhando à luz do fogo que reflete chamas roxas em suas profundezas negras sem fundo.

— Você não é feia. — ele me diz, com a voz oh-tão-bonita. — Longe, bem longe disso.

Suas palavras me fazem perder a linha de pensamento. Por causa da maneira que ele está olhando para mim agora... *como se eu fosse bonita,* como se ele me conhecesse, quando sou realmente apenas Calla e ele não me conhece.

— Desculpe-me, eu estou tão emocional essa noite. — digo a ele. — Eu não sou normalmente assim. É só que... há muita coisa acontecendo.

— Eu vejo isso. — ele responde em voz baixa. — Existe alguma coisa que eu posso fazer?

Você pode me chamar de Calla-Lily de novo. Porque parece íntimo e familiar, e isso me faz sentir bem. Mas eu balanço minha cabeça. — Eu gostaria. Mas não há.

Ele sorri. — Está bem. Posso levá-la de volta para casa, pelo menos?

Meu coração dispara um segundo, mas a ideia de enfrentar Finn agora não é uma que eu goste. Então, eu nego com minha cabeça.

— Eu realmente não estou pronta para voltar ainda. — eu digo-lhe com pesar. Porque é a verdade.

Ele dá de ombros. — Tudo bem. Vou esperar.

Meu coração ressoa em meus ouvidos enquanto eu finjo que não estou emocionada com isso.

— Você já ouviu falar do mito dos Gêmeos? — ele pergunta. — Castor e Pollux eram gêmeos, e quando Castor morreu, Pollux ficou tão devastado que ele pediu a Zeus se ele poderia compartilhar sua imortalidade com o seu irmão. Zeus os transformou em estrelas, e agora eles vivem para sempre como uma constelação. Nós não podemos vê-los agora, então você vai ter que confiar em mim.

— Você está me dizendo isso porque eu sou gêmea? — eu pergunto, minha sobrancelha levantada. Ele dá de ombros.

— Na verdade, não. Posso dizer só de olhar para você e seu irmão que você faria qualquer coisa por ele. Eu esperaria nada menos de você do que se tornar uma estrela para ele.

Ele sorri e eu balanço a minha cabeça, porque ele não tem *nenhuma ideia* do que eu poderia fazer pelo meu irmão, e, na verdade, a cada dia que passa, eu não tenho nenhuma ideia do que eu posso ter feito por ele. Eu posso ter sonhado tudo isso, imaginado, e agora não é relevante.

Nós caímos em silêncio e nos sentamos na areia, tão perto que eu posso sentir o calor que emana do seu corpo, tão perto que, quando ele se move, seu

ombro toca o meu. Eu não deveria sentir tanto prazer com isso, dos seus toques acidentais, do seu calor.

Mas eu sinto.

Nós nos sentamos dessa forma por uma hora.

Em silêncio.

Olhando fixamente para o mar, para o céu e as estrelas.

Ninguém nunca me fez sentir confortável assim antes, com o silêncio que não é estranho. Ninguém, além de Finn. Até agora.

— Você sabia que o serial killer italiano Leonarda Cianciulli era famoso por transformar suas vítimas em bolos de chá e servi-los aos convidados? — pergunto distraidamente, ainda olhando para a água.

Dare não hesita. — Não. Porque isso é uma coisa estranha de saber.

Sinto o riso borbulhando dentro de mim, ameaçando entrar em erupção.

— Eu concordo. É. — é algo que meu irmão compartilhou comigo ontem.

Dare sorri. — Eu terei certeza de usar isso na próxima festa que eu for.

Eu não posso deixar de sorrir agora. — Tenho certeza que se sairá bem.

Ele ri. — Bem, é uma conversa inicial, com certeza.

Eu não me movo, porque eu meio que quero ficar aqui para sempre, mesmo que a umidade da areia tenha chegado no meu jeans e agora minha bunda esteja molhada.

Mas mesmo que eu não queira que isso acabe, a escuridão é tão negra agora que ela nos engole. Está ficando tarde.

Eu suspiro.

— Eu tenho que voltar.

— Tudo bem. — Dare responde, sua voz baixa durante a noite, e se eu não soubesse melhor, eu acharia que detectei lamento nele. *Talvez ele queira ficar aqui mais tempo também.*

Ele me ajuda a ficar em pé, e, em seguida, mantém a mão no meu cotovelo, enquanto caminhamos sobre os troncos e através das piscinas da maré e até a trilha. É aquela coisa que os homens reais fazem, guiar uma mulher através de um lugar. É cavalheiro e nobre e meus ovários podem explodir por isso, porque é íntimo, familiar e sexy.

Quando chegamos à casa, ele retira a mão e eu imediatamente sinto a falta do seu calor.

Ele olha para mim, mil coisas em seus olhos que eu não posso definir, mas quero.

— Boa noite, Calla. Eu espero que você se sinta melhor agora.

— Eu me sinto. — murmuro.

E quando eu subo as escadas, eu percebo que eu realmente sinto.

Pela primeira vez em semanas.

Eu sonho com ele de novo, e ele é tão familiar e acolhedor, seus olhos escuros brilhando quando ele olha nos meus. — *Você é melhor do que eu*

mereço. — ele me diz, e isso me assusta, porque eu acho que é exatamente o oposto. Digo-lhe isso e ele sorri com conhecimento de causa, como se eu estivesse errada e eu vou perceber. Quando eu acordo, ainda me sinto quente.

À medida que as semanas passam, me sinto melhor e melhor, mesmo com o meu irmão pareça se sentir pior.

Cada dia ele afunda mais, e eu fico mais e mais impotente, porque eu não sei como chegar até ele.

— Venha com Dare e comigo para ver o Iredale. — imploro para ele em uma manhã chuvosa. Finn olha pela janela, finalmente levantando o nariz do seu diário.

— Não, obrigado. — ele diz rigidamente. — Eu não vou ficar de vela.

— Você não vai. — eu digo a ele, mas ele não vai ouvir e eu vou com Dare sozinha.

— O Iredale encalhou em 1906. — eu explico enquanto caminhamos até a praia, para onde os restos do antigo naufrágio sobressaem na névoa. Sua carcaça resistente parece tão fantasmagórica quanto impressionante, e bizarra. — Ninguém morreu, graças a Deus. Eles esperaram durante semanas para o tempo firmar o suficiente para rebocá-lo de volta para o mar, mas ele ficou tão enraizado na areia, que não conseguiram. Ele ficou neste local desde então.

Estamos de pé na frente dele agora, seus mastros e contornos brotando da areia e arqueando em direção ao céu. Dare estende a mão e passa ao longo de uma das suas bordas, calma e reverente.

Eu engulo em seco.

— É um rito de passagem por aqui. — digo a ele. — Faltar à escola e vir

aqui com os amigos.

Só que eu nunca tive nenhum amigo, exceto Finn.

— Então, você e Finn vêm muito aqui? — Dare pergunta, como se ele lesse a minha mente, e sua pergunta não é condescendente, é apenas curiosa.

Concordo com a cabeça. — Sim. Nós gostamos de parar e tomar um café e sentar. É uma boa maneira de matar o tempo.

— Então mostre-me. — Dare diz calmamente, pegando a minha mão e me puxando para dentro do casco esparso. Nós sentamos na areia úmida, e olhamos através do casco do navio em direção ao oceano, onde as ondas sobem e descem e as gaivotas voam em loops.

— Esse deve ter sido um bom lugar para crescer. — Dare murmura enquanto olha para o horizonte.

Concordo com a cabeça. — Sim. Eu não posso reclamar. O ar fresco, o mar aberto... eu acho que só poderia ter sido melhor se eu não vivesse em uma funerária.

Eu rio disso, mas Dare me olha acentuadamente.

— Foi realmente muito difícil? — ele pergunta, metade preocupado, metade curioso.

Faço uma pausa. Porque, foi? Foi o fato de que eu morava em uma funerária que fez a minha vida dura, ou o fato de que meu irmão era louco e portanto, fomos condenados ao afastamento?

Eu dou de ombros. — Eu não sei. Eu acho que foi tudo combinado.

Dare acena, aceitando, porque às vezes é assim que é a vida. Um quebra-cabeça composto de um milhão de peças, e quando uma peça não faz exatamente o ajuste, joga o resto delas fora.

— Alguma vez você já pensou em se mudar para longe? — ele pergunta, depois de alguns minutos. — Eu quero dizer, especialmente agora, eu acho que talvez dar uma pausa da... morte pode ser saudável.

Eu engulo em seco, porque, obviamente, ao longo dos anos, isso foi uma das minhas fantasias recorrentes. Viver em outro lugar, longe de uma funerária. Mas há Finn, e por isso, é claro que eu nunca saí daqui antes. E agora há a faculdade e meu irmão quer ir sozinho.

— Eu vou embora para a faculdade no outono. — eu o lembro, sem falar mais nada.

— Ah, está certo. — ele diz, recostando-se na areia, com as costas pressionadas contra uma estrutura lascada. — Você está a fim disso? Depois de tudo, quero dizer.

Depois que sua mãe morreu, ele quer dizer.

— Eu tenho que estar a fim. — eu digo a ele. — A vida não para porque alguém morre. Isso é algo que viver em uma funerária me ensinou. — e minha mãe morrer e o mundo continuar girando.

Ele balança a cabeça novamente. — Sim, eu acho que isso é verdade. Mas, às vezes, nós desejamos que parasse. Quer dizer, eu sei que desejei. Não parecia justo minha mãe acabar de morrer, e todo mundo ficar agindo como se nada tivesse mudado. As lojas mantêm suas portas abertas e vendem coisas triviais, aviões continuam voando, barcos continuam a velejar... era como se eu fosse a única pessoa que se importava pelo mundo ter perdido uma pessoa incrível. — a

vulnerabilidade dele está aparecendo, e isso me toca no fundo, em um lugar que eu não sabia que eu tinha.

Viro-me para ele, disposta a compartilhar algo, também. É justo. *Você me mostra o seu, e eu vou lhe mostrar o meu.*

— Eu fiquei com raiva de pessoas idosas por um tempo. — eu admito timidamente. — Eu sei que é estúpido, mas sempre que eu via uma pessoa idosa por aí, com seu andador e tanque de oxigênio, eu ficava furiosa que a morte não decidiu levá-la em vez da minha mãe.

Dare sorri, um sorriso que ilumina a praia.

— Eu vejo o raciocínio por trás disso. — ele me diz. — Não é estúpido. Sua mãe era muito jovem. E eles dizem que a raiva é uma das fases do luto.

— Mas não a raiva de pessoas idosas aleatórias. — eu respondo com um meio sorriso.

Dare ri comigo e isso é muito bom, porque ele não está rindo *de* mim, ele está rindo *comigo,* e há uma diferença.

— Isso é bom. — eu admito, finalmente, brincando com a areia na minha frente. Dare olha para mim.

— Eu acho que você precisa sair mais dessa montanha. — ele fala. — De verdade. Ficar isolada em uma funerária? Isso não é saudável, Calla.

De repente, me sinto defensiva. — Eu não estou isolada. — eu indico. — Eu tenho Finn e meu pai. E agora você está lá também.

Dare pisca. — Sim, eu acho que estou.

— E nós não estamos na funerária agora. — eu também aponto. Fazemos uma pausa e olhamos para frente, para o vasto oceano infinito, porque o enorme cinza dele é inspirador, ao mesmo tempo que me faz sentir pequena.

— Você está certa. — Dare admite. — Nós não estamos. — ele desenha com o dedo na areia uma linha, em seguida, a cruza com a outra. — Nós devíamos fazer isso mais vezes.

Essas últimas palavras me fazem congelar.

Ele está dizendo o que eu acho que ele está dizendo?

— Você quer vir para a praia com mais frequência? — eu pergunto, hesitante. Dare sorri.

— Não, eu estou dizendo que devíamos sair com mais frequência. Juntos.

É isso que eu pensei que ele estivesse dizendo.

Meu coração bate e eu aceno. — Claro. Isso seria ótimo. Você se importa de Finn vir às vezes, também? — porque eu me sinto muito culpada por deixá-lo para trás o tempo todo.

Dare assente. — Claro que não. Eu quero passar um tempo com você, do jeito que você quiser.

Dare sorri para mim, aquele sorriso assustador *Desafie-me*, e eu sei que eu sou um caso perdido. Eu estou me apaixonando por ele, mais a cada dia, e não há nada que eu possa fazer sobre isso. Na verdade, não há nada que eu *queira* fazer sobre isso. Porque é incrível.

O Iredale é apenas a casca de um navio, de modo que os ventos fortes batem em nós e jogam seu cabelo para fora do seu rosto. Quando isso ocorre, o

seu anel brilha com a luz do sol se pondo. A súbita sensação de déjà vu me oprime, como se eu já tivesse visto o brilho do seu anel no sol antes, e nós estivemos aqui neste navio, juntos.

Nós já estivemos aqui antes, exatamente neste lugar e hora.

Não é possível

Não é possível

Mas é.

Tem que ser.

Porque eu sinto isso.

Isso é tudo que eu posso pensar quando eu olho para ele, quando eu vejo o seu anel brilhar na luz, quando eu vejo seus cabelos agitarem com o vento.

Dare deixa cair sua mão e o sentimento diminui, mas a sensação ainda se prolonga, como os fios soltos de uma memória ou um sonho.

Encaro-o hesitante, porque o sentimento foi tão avassalador, e porque eu sei o que ele vai dizer em seguida. Eu sei.

Você está bem?

Eu espero hesitante para ver.

Dare recua e olha para mim. — Você está bem?

Eu aceno, porque Oh meu Deus, eu estava certa. Tento respirar, e tento me lembrar de que *Deus, é apenas um déjà vu, Calla.* Isso acontece. Mas tem acontecido muito, comigo e com Finn.

E parecia tão real. Eu balanço a minha cabeça, para mandar embora a estranheza. Eu não posso escapar da realidade, eu não posso ser como Finn. *Deus.*

A mão de Dare cobre a minha, e ficamos olhando para o oceano por mais alguns minutos.

Sua mão é quente e forte, e eu gosto disso, e eu afasto todos os pensamentos perturbadores, porque honestamente nada importa agora.

Eu gosto do jeito que Dare coloca a mão nas minhas costas enquanto nós andamos pela praia em direção a sua moto. E eu gosto do jeito que me curvo contra ele quando volto de carona para casa. Eu saboreio tudo porque é incrível. Não importa o que mais está acontecendo, *isso* é incrível.

Eu sinto como se eu estivesse flutuando, quando deslizo para fora da moto e fico na frente dele.

Fazemos uma pausa, como se nenhum de nós quisesse dar um fim a este dia.

Finalmente, Dare sorri, um sorriso lento, um sorriso real que enruga os cantos do seu olhar escuro *Desafie-me*. Ele aproxima-se e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, e eu juro por Deus que eu tenho que me esforçar para não inclinar em sua mão.

— Vejo você em breve, Calla-Lily. — ele promete com a voz rouca. Eu aceno com a cabeça, e vejo-o virar e ir embora.

Deus, ele é gostoso de costas.

Ele faz uma pausa, e se vira, e eu acho que ele deve ter lido os meus pensamentos.

— Calla?

— Sim?

— Você acredita em destino?

Eu sorrio, porque que pergunta boba. — Eu não sei.

— Bem, eu acredito.

Eu sou preenchida com calor e flutuo até o meu quarto.

Capítulo Vinte

Quando eu acordo na manhã seguinte, a primeira coisa que noto é a música do piano.

Uma vez que sei que não tem um funeral hoje, isso é muito estranho. Minha mãe era a única pessoa que sabia como tocar na nossa família.

Eu rastejo para fora da cama e desço as escadas, avançando para a capela, não tenho certeza do que eu espero ver. Mas nada do que eu espero, me prepara para o que é.

Dare sentado em frente ao piano, a luz do sol derramando por entre as janelas acima e que refletem em seu cabelo escuro, como se tivesse sido escolhido pelo próprio Deus. Seus olhos fechados em concentração, ele toca como se a música fluísse através dele como sangue ou ar, como se ele tivesse que tocar para viver.

Eu me inclino contra a porta, observando suas mãos tocando as teclas, tirando a música delas, com toda a graça de um pianista. Eu não reconheço a música, mas é bonita e assustadora e triste.

É o ideal para este lugar.

E apesar de Dare estar vestindo jeans escuro e uma camisa preta confortável e aquele anel de prata moderno em seu dedo do meio, ele é ideal para este lugar também.

Porque ele está tocando o piano como ele deve ser tocado.

Com reverência.

Aqui nesta capela, é apenas certo reverenciar os arredores, a tranquilidade calma de uma sala usada para honrar os mortos.

Eu fecho meus olhos por um minuto, incapaz de parar de imaginar como seria se suas mãos adorassem meu corpo, da mesma forma como elas adoram as teclas. Meus sonhos são como preliminares, porque toda noite, ele me toca. Ele reivindica meu corpo como seu, e todas as noites, eu gosto. Agora, eu recordo esses sonhos, e minhas bochechas coram quando imagino os dedos arrastando ao longo do meu quadril, meu abdômen, parando em meus seios. Meus lábios formigando de desejo pelo seu beijo. Minha respiração engata, minha língua se lança para fora, lambendo meus lábios, meu rosto um pouco febril.

É só agora que eu percebo que a música parou.

Abro os olhos e encontro Dare virado para mim, me observando. Há diversão em seus olhos, como se ele soubesse exatamente o que eu estava sonhando acordada.

Se alguma vez houve um momento para desejar que o chão se abrisse e me engolisse, seria agora.

— Oi. — ele oferece. — Eu espero não ter te acordado. Seu pai disse que eu poderia entrar e pegar um pouco de suco de laranja. Eu vi o piano e... bem, eu me intrometi. Sinto muito.

Seu sotaque faz tudo parecer bem. E o fato de que ele toca piano. Mais do que bem, na verdade, pode fazer dele o homem mais sexy do mundo.

— Você não é um intruso. — digo a ele. Ou se ele é, ele é bem-vindo. — Você toca muito bem.

Ele dá de ombros. — Era uma das regras do meu padrasto. Todos na sua

família tiveram que aprender a tocar, porque é isso que torna as pessoas refinadas. — ele parece aborrecido com o sentimento e fecha a tampa para as teclas.

Eu levanto uma sobrancelha. — Você é? Refinado, quero dizer.

Ele sorri. — Eu sou um pouco selvagem, tenho receio.

Eu não tenho. Receio, é isso.

— Seu pai pediu para lhe dizer que ele teve que correr para a cidade. — ele fala quando levanta e se move agilmente na minha direção. Eu não posso evitar, mas traço um paralelo entre... Dare e um gato selvagem gracioso. Comprido, ágil, esbelto, forte. Ele e eu estamos ligados por uma linha invisível, e ele flexiona essa linha quando desce o corredor da capela, antes de parar na minha frente como uma pantera.

Sou sua presa?

Deus, eu espero que sim.

Na luz, seus olhos são dourados, e eu acho que não consigo desviar o olhar.

— Obrigada. — digo a ele. — Eu aposto que meu irmão foi com ele. — eu não menciono que meu irmão dormiu na minha cama na noite passada, porque isso parece estranho. Como sempre, eu tenho que esconder certas coisas pelas aparências.

— Eu não sei sobre isso. — Dare responde. — Eu não vi Finn hoje.

— Ele deve ter ido. — murmuro. Na verdade, meu pai provavelmente levou Finn no seu Grupo. Estou livre para me concentrar no que está em pé na

minha frente.

Dare DuBray.

Seu sorriso brilha.

— Eu tenho uma outra pergunta para lhe fazer. — ele me diz, com uma certa presunção em seus lábios. Eu levanto uma sobrancelha.

— O que, já? Você acabou de perguntar uma, dias atrás.

Ele ri. — Sim. Mas não aqui. Eu quero perguntar em outro lugar.

Eu espero.

E espero.

— E isso é... onde? — finalmente, eu pergunto.

Ele sorri. — Fora, na água.

Faço uma pausa. — Na água? Como, no nosso barco?

Ele balança a cabeça. — Está tudo bem?

Claro que está.

— É apenas um pequeno barco. — eu o advirto. — Nada extravagante.

— Isso é perfeito. — ele responde. — Porque eu não sou nada extravagante, também.

Au contraire. Mas é claro que eu não digo isso. E é uma coisa boa que eu dormi com as minhas roupas, pois desta forma, podemos ir direto para lá sem pausa. Mas é claro que eu não digo isso também.

Em vez disso, eu simplesmente lidero o caminho ao ar livre e para a praia, não hesitando na chuva.

— Nós ainda podemos ir. — digo a ele. — É só um pouco de chuva, as ondas não estão ruins.

— Eu não estou preocupado. — ele sorri. — Eu estou acostumado com a chuva.

— Isso mesmo. — eu respondo, enquanto aceno para ele subir a bordo. — Eu esqueci.

Ele dá um passo à frente e eu desato o barco do cais, antes de lançar a corda para ele. Eu pulo antes que o barco possa flutuar para longe, e pouso sem a menor cerimônia ao lado dele.

Ele senta contra o casco conforme eu guio através da baía e, de repente, a chuva para tão repentinamente quanto começou. Separando as nuvens, o sol brilha sobre nós e eu levanto o meu rosto para o calor.

Eu vivo para momentos como este, quando a minha dor faz uma pausa longa o suficiente para eu desfrutar de algo.

E eu tenho que admitir, estou aproveitando mais e mais momentos desde que Dare chegou à minha montanha.

— Você me faz sentir culpada. — digo-lhe em voz baixa, abrindo os olhos. Ele está esparramado, com as pernas apoiadas no assento. Ele olha para mim, com a testa franzida.

— Por que isso acontece, Calla-Lily?

O nome me faz sorrir.

— Porque você me faz esquecer que eu estou triste. — eu digo simplesmente.

Suavidade vacila nos olhos de Dare por um minuto antes de voltarem para obsidiana. — Isso não devia fazer você se sentir culpada. — ele me diz. — Na verdade, isso me deixa feliz. Eu não gosto da ideia de você estar triste. Vem sentar-se comigo.

Ele abre os braços e eu sento-me no assento ao lado dele, inclinando-me contra seu peito duro e seu coração batendo. Seus braços fecham ao meu redor e, pela primeira vez na minha vida, eu estou descansando no abraço de um cara. E não é qualquer cara. É no Dare DuBray, que eu estou supondo que poderia ter qualquer garota que quisesse.

E agora, neste momento, ele me quer.

É incompreensível.

É a temperatura perfeita conforme nós passeamos ao sol, enquanto o calor satura minha camisa e encharca a minha pele. Eu arrasto uma mão sobre o lado, deixando-a flutuar na superfície da água à medida que escuto o coração de Dare.

Ele é forte e alto em meu ouvido.

Tum. Tum. Tum.

O som ritmado me lembra o dia em que ele estava esmurrando a madeira.

Faço uma pausa, em seguida, congelo, meus dedos em seu peito.

Que dia foi isso?

Eu concentro e me concentro, tentando recordar a memória através de névoa nebulosa, mas tudo que eu vejo é uma imagem de Dare socando lenha no depósito como um facão, ou uma máquina.

— O que há de errado? — ele pergunta, olhando para mim.

— Eu... — eu não sei o que dizer.

— Às vezes, eu tenho memórias que não parecem reais. — eu finalmente admito, não me importando em como isso me faz parecer.

Ele olha para mim por um longo tempo, seu olhar tão profundo e penetrante. — Como você sabe que elas não são reais? — ele responde finalmente.

Eu gargalho como uma risada de hiena. — Porque elas não podem ser. Se você pudesse ver minhas memórias, você entenderia o porquê.

— Eu estou em suas memórias, certo? — Dare pergunta, e cada palavra é acentuada.

— Sim. — eu respondo. — Geralmente.

Ele começa a responder, mas eu o interrompo, porque ele tinha tirado a camisa e sua pele está ficando um pouco vermelha.

— Você vai ter câncer de pele. — eu fico olhando para ele.

— Eu não vou. — ele responde. Eu não discuto porque eu gosto do seu peito nu, e da forma como os músculos ondulam em seus ombros quando ele se move. Faço uma pausa no meu caminho para o leme, tempo suficiente para passar os dedos sobre as letras da sua tatuagem. Sua pele é quente sob meus dedos, e o atrito faz com que eu cerre os dentes.

— Eu vou mostrar-lhe um lugar novo. — digo, guiando o barco para fora da baía e em direção a um cais de pedra, na pequena praia. Leva apenas 10 minutos para chegar lá, encosto o barco para que possamos sair para terra.

Eu estendo minha mão para Dare e ele a pega, descendo ao meu lado. Andamos todo o caminho até a extremidade do local, onde seria a ponta.

Dare senta, e eu me sento ao lado dele, os pés esticados na nossa frente, sobre as rochas.

Estamos cercados por nada, exceto ar e água, estamos completamente sozinhos aqui fora, sem ninguém para ouvir ou ver-nos como se fôssemos peixe em um aquário.

Os golpes da brisa salgada sopram o cabelo do Dare em torno do seu rosto e eu me viro para ele.

— Eu estou pronta para fazer outra pergunta. — eu digo a ele. Ele sorri.

— Tão cedo? Faz apenas alguns dias desde a última.

Eu ignoro isso. — Por que você é tão cavalheiro?

Ou seja, *por que está tão decidido a manter a sua distância até eu resolver a minha merda?*

Ele desloca seu peso e cruza os pés nos tornozelos. — Então você já notou.

Seu tom é irônico. Eu reviro os meus olhos.

— Sério. Por que você está tentando me forçar a fazer algo para o meu próprio bem que eu não quero fazer? Tudo para ser um cavalheiro? Talvez ser um cavalheiro seja superestimado e arcaico.

Ele zomba disso, protegendo os olhos do sol com os longos dedos de uma mão. Eu fico olhando para o seu anel de prata reluzindo à luz.

— Não é isso, acredite em mim. — a maneira como ele diz é tão sábia, tão estranha.

Eu levanto uma sobrancelha e ele suspira.

— Meu padrasto, enquanto refinado e rico, não era um cavalheiro atrás de portas fechadas. Desde quando eu era muito pequeno, eu decidi que seria sempre o oposto dele. Eu costumava ler os diários da minha mãe, porque isso foi tudo que restou dela, e ela sempre falava que queria que eu fosse um cavalheiro quando crescesse. Ela falava dessas características com tal... reverência que eu sabia que era isso que eu queria ser. — ele faz uma pausa. — Você vai tirar sarro de mim agora?

Ele olha para mim, seu maxilar tão esculpido, seus olhos tão reservados. Acho que tudo o que eu quero fazer é estender a mão e acariciar a aspereza da sua barba. — Não. — eu digo a ele. — De jeito nenhum. Por que você tinha que ler os diários da sua mãe?

— Porque ela morreu quando eu era pequeno.

Deus, ele fez aquela parte escondida de mim doer, o lugar materno, o lugar que quer protegê-lo de tudo, mesmo que isso signifique de mim.

— O que seu padrasto fazia?

A minha pergunta é tranquila em sua simplicidade e Dare suspira novamente.

— Você realmente está queimando as suas perguntas hoje.

Concordo com a cabeça, mas eu não recuo.

— Meu padrasto era, infelizmente, muito parecido com a mãe. Uma pessoa muito calculista, controladora. Tudo tinha que ser exatamente do seu jeito e aquelas pessoas que não cooperavam eram punidas severamente.

Eu engulo em seco ao ver a expressão fechada no belo rosto de Dare.

— Quão severamente?

Ele se vira para olhar para mim, seus olhos negros olhando para a minha alma.

— Severamente.

Meu coração dá uma pontada com a vulnerabilidade da dor no olhar de Dare. Ele acha que está escondendo-a, mas não está. — E sendo o malandro que você é, suponho que você foi muito punido.

Ele balança a cabeça e olha para o mar e eu pego sua mão, girando seu anel uma e outra vez.

— E ninguém interferia? Nem a sua avó?

Ele olha para mim agora, injuriado. — Ela não iria interferir. Ela nunca me aprovou. Ela acha que eu mereci tudo e muito mais.

A sensação dessa conversa é escura, sinistra e assustadora. Eu examino seu rosto, a retidão e ângulos, e seguro sua mão com mais força. — Bem, agora que sua mãe se foi, acabou com a família do seu padrasto. Graças a Deus. Você está aqui na América e eles não podem te machucar mais.

Ele suspira, um som áspero, os dedos finos tecendo em torno dos meus. —

Eles não podem?

Eu começo a responder e ele interrompe. — Você queimou a maioria das suas perguntas, Cal. Parece-me que você só tem duas sobrando.

Concordo com a cabeça, porque ele está certo. — Eu só tenho mais uma para perguntar hoje, e então eu vou deixar a minha última para mais tarde.

Nervosismo faz o meu coração bater, a adrenalina acelera, acelera, acelera através das minhas veias quando eu olho para ele, o Adônis sentado ao meu lado. Faça isso. Faça isso. Tudo nele me toca... a sua voz, a sua história, a sua vulnerabilidade que ele tanto tenta esconder. Tudo. Eu o quero. Inteiro.

— Você tem sido tão cavalheiro. — eu começo, antes que eu me descontrole. — E é sexy pra caramba, eu admito. Você é sexy. E bonito. E eu quero estar perto de você, Dare. Eu quero isso mais do que qualquer coisa.

Dare engole. Eu vejo sua garganta mover, eu o vejo agarrar sua perna com os dedos longos.

— E? — ele pergunta, hesitante. — Qual é a sua pergunta?

Ele engole novamente.

— Fique comigo. — peço. — Hoje. Nesse momento. Aqui fora, onde tem só nós dois. Por favor.

Dare fecha os olhos, e seu rosto está banhado pelo sol.

— Isso não é uma pergunta. — ele diz suavemente. Mas suas mãos estão segurando suas pernas com tanta força, que as juntas dos seus dedos estão ficando brancas.

Eu chego, perto, perto, mais perto. Até minha coxa ficar pressionada contra a sua, e eu solto os dedos das suas coxas. Debruçando-me sobre as nossas mãos entrelaçadas, eu beijo seu pescoço, começando na base, lenta e suavemente, subindo o meu caminho até sua orelha.

— Você fica comigo? *Hoje?* — eu sussurro em seu ouvido. Com a minha última palavra rouca, eu libero minha mão e deslizo ao longo da parte interna da sua coxa. Eu sinto-o endurecer sob meus dedos, pulsar através do seu jeans.

Ele fecha os olhos e eu aperto meus dedos, com mais força.

— Não faça isso. — ele sussurra. Sua voz rouca é tão sexy.

— Isso não é uma resposta. — eu falo para ele, acariciando-o através do jeans. Uma onda de poder feminino dispara através de mim, levantando-me, impulsionando, até que meus próprios hormônios explodem e nublam meus pensamentos.

— Eu quero você, Dare. — digo com veemência, toda a lógica e razão me abandonam. E então eu o beijo, pressionando meu corpo contra o dele, mergulhando minha língua em sua boca quente. As mãos dele sobem e levantam-me até que eu estou em cima dele e eu sinto sua dureza, sua rigidez, pressionada entre as minhas pernas.

Ele está duro por mim.

Eu engulo duro absorvendo seu gemido, sugando-o.

— Você não sabe o que quer. — ele murmura no meu pescoço.

— Eu sei. — insisto calmamente, balançando em seu colo, moendo meus quadris nos seus, criando um atrito requintado, incrível. — Eu o quero o tempo todo.

Dare se afasta, seus olhos escuros com as pálpebras pesadas de desejo por mim. O calor me inunda, molhando minha calcinha e me agarro a ele.

— Você tem certeza?

— Sim. — minha resposta é simples.

Com um grunhido, Dare me apanha e me leva para baixo da península, para um lugar onde o solo é macio. Ele me deita, de joelhos em cima de mim, gloriosamente iluminado.

— Eu não deveria. — ele oscila.

— Você precisa. — eu digo a ele, agarrando-o e puxando-o para baixo, para cima de mim.

Seu peso é delicioso e perfeito e ele molda dentro de mim, fazendo parecer que somos uma pessoa quando nós nos contorcemos juntos, tentando desesperadamente aproximar mais.

Sua língua encontra a minha, enquanto seus dedos exploram o meu corpo, cada centímetro, cada lugar escondido. Eu arqueio contra ele, pego a sua mão, conforme ele descobre onde eu o quero mais.

— Por favor. — eu digo baixinho, minha respiração escapando. Dare sorri contra meus lábios, sabendo o efeito que tem sobre mim, conhecendo e amando-o.

Ele se inclina para frente e descansa sua testa contra a minha, e nós estamos tão próximos que eu posso sentir sua respiração misturando-se com a minha enquanto suas mãos trabalham com absoluta magia. Prazer me atinge, como a água contra a costa e eu perco todo o pensamento consciente, e o instinto

assume.

Eu puxo sua calça jeans, desabotoando-a e empurrando-a para longe, e, de repente, ele está nu e na minha mão, longo e grosso e nu.

Eu não consigo respirar.

Eu não consigo pensar.

Eu só consigo me mover.

Eu deslizo minha mão ao longo dele, suavemente, gentilmente, depois com mais força, com mais força.

Ele enterra dentro de mim, seus olhos bem fechados.

— Eu esperei por isso. — ele murmura em meu pescoço, enquanto ele empurra sua rigidez em minhas coxas, mais perto, mais perto. — Por muito tempo.

— Por favor. — digo mais uma vez, a minha mão ao redor do seu pescoço, puxando sua boca para a minha, para que eu possa prová-lo, inspirá-lo. Ele tira o meu vestido, e me olha à luz do sol, conforme a luz expõe toda superfície do meu corpo para os olhos procurando.

— Você é linda. — ele sussurra, os olhos brilhando ao sol. — Você é muito melhor do que eu mereço.

Sem dizer nada, ele recua por um momento, e eu protesto, mas depois eu ouço um pacote rasgar e ele está de volta, deslizando para dentro de mim e eu não consigo mais pensar.

Movimentos tornam-se borrões, borrões viram cores e tudo o que posso

fazer é sentir.

Suas mãos, sua boca, sua pele. A maneira como ele desliza para dentro e para fora de mim, o atrito colocando-me na crista das ondas, seus dedos me levando mais rápido.

— Eu... você... *Deus.* — eu consigo dizer, porque as palavras que eu quero não virão.

Dare sorri levemente e olha de volta para mim, gemendo meu nome.

— Eu quero que você me conheça. — ele diz, sua voz um canto rouco. — Eu quero que você me conheça.

Eu estou *conhecendo-o* agora como eu quis por semanas. Intimamente e de perto, e eu não consigo acreditar que isso está finalmente acontecendo, eu não posso acreditar que é tão incrível, não consigo me concentrar, não consigo me concentrar, não consigo me concentrar.

As luzes, o sol, o mar, o perfume de Dare, os dedos, as mãos.

Eu aperto suas costas, onde suas palavras dizem SEJA LIVRE e eu nunca me senti mais livre na minha vida inteira.

E então meu mundo explode em um caleidoscópio de cores e luzes.

Eu estou mole quando me agarro nele, quando ele finalmente arqueia contra mim, geme e diz meu nome em um sussurro áspero antes de cair contra mim, com a cabeça contra o meu peito, suas belas mãos me segurando perto.

Eu não posso nem responder. Minhas pernas estão trêmulas, minha mente está girando. Mas quando eu volto para mim, quando os meus pensamentos se juntam logicamente de novo, enquanto o sol pende pesado no céu, com laranjas

e vermelhos sobre a água, algo me ocorre. Algo que Dare disse no calor do momento, as palavras exatas que eu ouvi antes em meus sonhos.

Você é melhor do que eu mereço.

Capítulo Vinte e Um

Meus lábios inchados abrem e eu fico olhando para ele, para o rosto que eu amo, para os lábios que acabaram de falar palavras do meu sonho.

É impossível.

No entanto, não é.

— Você... tem uma coisa... — minha voz falha e ele olha para mim interrogativamente, um sorriso persistente em seus lábios, os efeitos posteriores de algo bonito.

Algo que agora está manchado pela feiura.

Por confusão.

— Você disse que eu sou melhor do que você merece. — eu digo com voz trêmula, não querendo falar a verdade, porque a verdade parece loucura. — Por que você diria isso?

Ele dá de ombros. — Porque você é suave, honesta e bonita. Você é mais do que eu mereço.

— Mas por quê? — eu exijo persistente, recusando a sua resposta. — Você deve ter uma razão.

Ele balança a cabeça, ainda encarando, ainda questionando.

— Não faz sentido. — eu digo a ele.

— A vida não faz sentido, às vezes, Cal. — é a sua única resposta. Ele pega as minhas mãos, o calor sai de mim, e meus dedos se tornam instantaneamente frios como a brisa.

É a sua vez de me examinar, me estudar com suavidade.

— Você se sente bem? — ele pergunta, hesitante. — Você está... você... você parece diferente.

Eu balanço minha cabeça. — Eu sou exatamente a mesma. Eu só... essas palavras se destacaram para mim de alguma forma, como se eu tivesse ouvido antes, *como se você as tivesse dito antes*.

Se eu não soubesse melhor, eu diria que ele empalideceu. Ele balança a cabeça lentamente, com uma expressão tão estranha em seu rosto.

— Você sabe por quê? — ele pergunta estranhamente, um brilho esquisito nos olhos, seus lindos lábios bem cerrados.

— Não. Você sabe?

Ele me dá um olhar divertido. — Por que eu saberia o que se passa na sua cabeça? — ele pergunta vagamente, mas seu rosto conta uma história diferente quando uma expressão que coloca os meus nervos na borda, inunda o seu rosto.

— Que enigmático. — murmuro.

Ele balança a cabeça. — Eu não estou tentando ser. É só que... eu pensei... não importa. Você tem o suficiente para se preocupar agora, sem acrescentar mais para você.

— Todo mundo tem segredos. — eu digo sem expressão, meu coração

entorpecido. Ele balança a cabeça.

— Sim. Eu acho.

Meu sangue gela, meu coração está pesado, e meu ser está sendo muito preenchido com terror e maus pressentimentos, quando apenas um momento escasso atrás, eu estava cheia de segurança extraordinária. Quebrada agora, pela pura expressão no rosto do Dare.

— Quais são os seus? — pergunto com calma. — Os seus segredos, eu quero dizer. Quais são eles, Dare? Você está escondendo alguma coisa e eu sei disso. Basta dizer-me.

Ele parece triste quando afasta o olhar do meu, e isso me apavora ainda mais. Meu coração acelera um pouco, enquanto espero, batendo no meu peito, ecoando na minha cabeça.

Ele está escondendo alguma coisa.

— Eu não posso te contar. Agora não. Não é uma boa hora. — sua voz é inexpressiva, solene.

— Haverá alguma boa hora? — eu pergunto. Ele dá de ombros.

— Eu não sei. Espero que sim.

Eu não gosto desta resposta.

— Nós acabamos de... eu... eu confiei em você. — digo hesitante. — E eu sei que você está mantendo um segredo e eu sei que isso me afeta. Eu não posso... eu não posso.

Meu coração acelera e de repente eu me sinto fraca, eu rastejo para fora das pedras escorregadias e caminho tranquilamente de volta para o barco sem outra palavra. Ultimamente, eu me sinto mais e mais como se eu fosse a única louca, como se eu estivesse perdendo minha mente, como se o mundo inteiro fosse composto por segredos e eu não tenho a menor ideia de como entendê-los.

Dare me segue e levanta a mão para me ajudar a entrar no barco.

O silêncio entre nós é carregado e eu não sei o porquê. Eu não sei por que eu sinto que estou em pé sobre um precipício e se eu fizer um movimento, eu caio.

Quando estamos na metade do caminho para o outro lado da baía, Dare senta-se ereto.

— Vamos para a sua pequena enseada. — ele sugere suavemente.

Ele senta-se no casco, com o peito sem camisa brilhando à luz extinguindo, seus olhos vulneráveis e esperançosos e eu não posso dizer que não.

Em vez disso, sem palavras guio em direção à enseada e coloco o barco na areia. Eu não sei por que, eu só não quero ficar aqui. Eu tenho que andar. Eu tenho que pensar. Eu tenho que tentar manter a sanidade, porque parece que eu estou desgastada.

Eu não sei porquê.

Tudo que eu sei é... de repente eu me sinto perdida.

Dare segura minha mão enquanto caminhamos através da água, para a pequena entrada fechada que eu tanto amo. Sem uma palavra, eu procuro pelo pequeno saco, segurando o isqueiro e eu faço uma fogueira com os troncos.

Com a luz violeta que nos rodeia, nos sentamos em frente ao outro sobre uma piscina da maré. A lua sobe ao longo da borda da água e este lugar parece etéreo e pacífico e infinito.

— Você confia em mim? — Dare pergunta sério, os olhos sempre tão escuros. Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Quero dizer, realmente confia em mim?

Estou perplexa com aquilo, com sua incerteza.

Estou com medo do significado oculto das suas palavras.

Eu estendo a mão para traçar as linhas do seu rosto, a covinha no queixo, o maxilar forte, sua testa.

— Por que não confiaria? — eu pergunto finalmente. — Existe alguma razão que eu não deveria?

— Isso não é uma resposta. — ele responde.

— Então, sim. — digo rapidamente. — Eu confio em você.

Não confio?

Ele olha dentro dos meus olhos, com as mãos sobre os joelhos. — Você ainda confiaria em mim se eu dissesse que quero contar tudo. Que eu quero derramar todos os meus segredos, tudo o que você tem se perguntado... mas eu não posso?

Há uma verdadeira angústia em sua voz, e seu rosto é de dor e eu não consigo entender.

— Você é um assassino em massa? — eu pergunto, tentando aliviar o clima, mas não funciona. Seu rosto não muda.

— Não. Mas há coisas... que eu queria poder dizer, mas não posso.

Eu abaixo a minha mão, afetada pelo olhar dele.

— Como o quê? — eu pergunto sem rodeios. — Apenas me diga agora. Diga-me *todas as coisas,* Dare.

Ele ignora isso.

— Você tem muitos momentos em que você acha que tem memórias, certo? Memórias que parecem impossíveis?

Eu aceno minha cabeça, porque de repente eu estou aterrorizada para falar.

— Talvez eu seja da mesma maneira. — ele diz calmamente, sua voz rouca e baixa. — Talvez eu tenha as mesmas memórias, e talvez seja porque elas são reais, só que você as esqueceu.

Isso me surpreende, me congela, me impulsiona deste momento e eu sento ao sol.

— O quê? — eu pergunto afetada.

Dare senta-se ao meu lado, e seu belo rosto está perturbado.

— Há coisas sobre mim que você não sabe. E se eu não falar sobre elas, se eu não falar sobre elas agora, coisas terríveis podem acontecer, e eu serei o motivo.

— Então, conte-me. — eu sussurro, e as palavras machucam meu coração

e meu coração machuca meu peito. — Conte-me.

Ele estende a mão para mim e seu anel brilha na luz e a prata toca meu rosto e tudotudotudo redemoinha.

O mundo se inclina e derrama.

Fragmentosfragmentosfragmentos

Peças juntam e se separam,

Como a minha mente,

Como a mente do Finn.

Eu me agarro a ele, tentando me segurar e tudo o que importa tudo o que importa tudo o que importa é o seu calor. Ele me dá chão, ele me segura, ele me mantém segura.

Meus dedos alcançam-no, então eu o beijo.

Seus lábios são quentes e firmes e há tanta familiaridade aqui... tanto desejo e podemos lidar com a loucura mais tarde, depois depois depois. Agora, eu só preciso dele. Para me manter no chão, para me manter sã. Estar comigo.

Suas mãos traçam minha clavícula, correndo pelos meus braços, colocando fogo nas minhas terminações nervosas. Elas explodem em chamas, queimando qualquer outra coisa, exceto o desejo de estar com ele, aqui e agora.

— Você acha que você não me merece. — eu sussurro contra seu pescoço. — Mas isso não é verdade. Eu sou aquela... que não merece *você*.

Eu beijo-o novamente, e ele geme em minha boca, o som disso me levando à loucura, porque eu sei que ele me quer também.

— Você me quer. — eu digo-lhe com urgência, puxando-o. — Eu sei que você quer.

— Eu sempre quis você. — ele me fala agitado. — Sempre.

— Somos apenas você e eu agora. — digo a ele. — Você e eu. Isso é tudo o que importa.

Faça-me sentir algo além de dor.

Eu beijo-o novamente e suas mãos agarram os meus quadris, posicionando-me para que eu fique pressionada contra sua dureza. Eu sugo uma respiração e olho em seus olhos, olhos que guardam mil segredos, mas os olhos que eu amo.

Eu o amo.

— Não importa o quê. — eu sussurro. Ele faz uma pausa beijando o meu pescoço e me olha interrogativamente enquanto ele levanta a mão para colocar meu cabelo para trás. A luz reflete no seu anel de novo e eu estou congelada.

Porque os fragmentos vêm voando em minha mente. Fragmentos de memória. Imagens exatas da mesma expressão, do seu anel brilhando ao luar enquanto ele me diz algo. É uma confissão e ele está assustado, perturbado, ansioso.

É a noite do acidente. *Antes* do acidente. Eu vejo seus lábios se movendo, mas eu não posso ouvir as palavras. É como se ele estivesse em um túnel de vento, as palavras são estáticas, e eu vi esta cena exata antes em um sonho.

Eu esforço para ouvir as palavras da minha memória.

— O que há de errado? — Dare me pergunta agora, baixando a cabeça mais uma vez, deslizando seus lábios quentes em meu pescoço enquanto ele me inclina para trás.

Neste exato momento inoportuno, conforme Dare toca e coloca a minha pele em chamas, os fragmentos finalmente se encaixam no lugar. As peças do quebra-cabeça se encaixam. *Finalmente.*

As memórias tomam forma e eu seguro uma respiração chocada quando me afasto dele.

— Eu me lembro. — eu sussurro. Dare pausa em apreensão, os olhos de ônix reluzentes, com as mãos congeladas em meus braços. — Eu te conheço... há tanto tempo... você... você estava aqui por mim o tempo todo. *Você veio aqui por mim.*

Seus olhos se fecham como uma cortina e eu sei que eu estou certa.

Sua respiração é instável e as mãos tremem quando ele me toca, e se recusa a se afastar, mesmo agora.

— Você tem uma pergunta, Calla. — ele me lembra, sua voz sombria. — Pergunte-a.

Assim, com medo no meu coração e gelo em minhas veias... eu pergunto.

— *O que é real?* — eu finalmente pergunto, escolhendo minhas palavras cuidadosamente. — Eu não sei mais. Minha memória tem buracos, e as memórias que tenho parecem impossíveis.

— Elas não são impossíveis. — Dare me diz. — Confie em mim.

— Você pode explicar? — pergunto-lhe. — Por favor, por favor. Eu não

aguento mais isso. Eu só preciso da verdade.

— Por onde quer que eu comece? — Dare está resignado e triste.

— Comece com a noite que a minha mãe morreu. — sugiro.

Algo oscila no olhar de Dare, mas ele se recompõe.

— Você se lembra? Você se lembra como eu estava ensanguentado?

Eu já estou balançando a cabeça de um lado para o outro, lentamente, em estado de choque. Não porque eu não me lembro, mas porque eu não quero.

— Havia um monte de sangue. — lembro-me, pensando na maneira que descia como uma listra da têmpora de Dare e pingava sobre sua camisa. Ele tinha manchado a camiseta de carmesim, espalhando-se em uma piscina aterrorizante sobre o peito. — Eu não sabia se era seu ou... dela.

— Ele não era nem de um nem do outro. — ele fala agora, com o rosto tão sério como a morte. — Era de Finn.

Mas isso é impossível, porque eu só tinha imaginado que Finn morreu. Era a minha mãe.

— Você me apoiou. — meus lábios tremem. — Quando eu estava desmoronando. Você me segurou enquanto eu esperava por... Finn.

Eu esperei por Finn ligar.

Eu esperei e esperei e esperei.

As sirenes soaram no meio da noite, e eu andava de um lado para o outro.

Dare assente. — Eu sempre te apoiei, Cal.

— Quando meu pai entrou, e disse... quando ele me contou sobre o acidente, todo o resto desapareceu. — lembro-me, olhando para o oceano. *Deus, por que o oceano me faz sentir tão pequena?* — Nada mais importava. Nada, exceto ele. Você desapareceu, Dare.

A verdade é dura.

A verdade é dolorosa.

Eu a despejo, como carne esfolada, como músculo-rosa, como sangue.

Dare fecha os olhos, seus olhos negros brilhantes.

— Eu sei. — ele fala suavemente. — Você não se lembrou de mim. Por meses.

Nós sabemos isso. Nós dois sabemos disso. É por isso que estamos aqui, em pé à beira do oceano, tentando recuperar minha mente. Tem estado no mar há muito tempo, ausente de mim, se debatendo.

Eu me agarro a ela agora com os dedos frenéticos, tentando pegar todas as minhas memórias de volta. Elas são teimosas, porém, as minhas memórias. Eles não virão todas.

Mas uma vem.

Meus olhos queimam quando fixo meu olhar sobre Dare.

— Você confessou algo para mim. Isso me assustou.

As pálpebras do Dare estão pesadas e encapuzadas provavelmente por causa do peso da culpa.

Ele balança a cabeça. Um movimento curto, pequeno.

— Você se lembra do que eu te contei?

Ele está em silêncio, seu olhar fixo no meu, me queimando.

Eu passo pelas minhas memórias, rápido, rápido, mais rápido... mas eu venho de mãos vazias. Eu só acho um sentimento.

Medo.

Dare o vê nos meus olhos e olha para longe.

— Eu tentei te contar, Cal. — ele fala, quase implorando. — Você simplesmente não entendeu.

Sua voz diminui e meu coração parece parar de bater.

— Eu não entendi o quê? — pergunto afetada. *Apenas me diga.*

Ele levanta a cabeça agora.

— Não é difícil de entender. — ele diz simplesmente. — Se você se lembrar tudo o que eu lhe disse. Você pode tentar?

Encaro-o entorpecida. — Eu já tentei. Eu... não está lá, Dare.

A cabeça de Dare cai um pouquinho, quase imperceptível, mas eu vejo. Ele está desanimado, decepcionado.

Ele balança a cabeça. — *Está* lá. Confie em si mesma, Calla. Suas memórias são reais. Finn estava morto, e então ele não estava.

— Minha mãe morreu no seu lugar. Eu pensei que eu fosse louca. — sussurro. — Porque se fosse real, então eu de alguma forma troquei minha mãe

por Finn.

Dare suspira, um som áspero e quebrado. Ele tenta tocar minha mão, mas eu puxo para longe. Ele não vai me tocar. Não mais.

— Você não entende. — ele diz em voz baixa. — Mas você não é louca.

Eu fico olhando para ele. — Não, eu não entendo. — *e você não tem ideia do como é isso.*

— Você vai. — ele responde, cansado. — Eu juro por Deus que você vai.

Um nó se aloja na minha garganta, enquanto a brisa do mar agita meu cabelo. Tomo um gole profundo dela, enchendo os pulmões com o cheiro limpo.

— Alguma vez você me amou? — eu pergunto, as palavras me sufocando, porque não importa o quê, é a coisa mais importante para mim agora.

Dor pisca no rosto de Dare, dor real, e eu me preparo.

Não.

Não.

Não.

Não me machuque.

— Claro que eu amei. — ele diz rapidamente e com firmeza. — E eu ainda amo. Agora.

Ele me olha suplicante e eu quero tanto acreditar nele. Eu quero ouvir suas palavras e aninhá-las no meu coração e mantê-las lá em uma gaiola dourada.

Mas, em seguida, ele fala novamente. — Você não está segura, Calla. Você tem que vir comigo agora. Há algo que você precisa saber.

— Eu não sei onde eu pertenço mais. — eu choramingo e Dare me agarra.

— Você pertence junto a mim. — ele me diz, seus lábios se movendo contra o meu cabelo. — *Você não me odeia, Calla.* Você não pode. Eu não menti para você. Tentei contar para você.

Sua voz é medrosa, aterrorizada, na verdade, e ela me toca em um lugar tranquilo, um lugar escondido, o lugar onde eu protejo meu amor por ele. O lugar onde o meu coração costumava estar antes de ser tão quebrado, e as emoções, os sentimentos... eles desencadeiam uma memória. O que ele me disse para fazer naquela noite.

— Você me disse para correr. — eu digo de repente, e Dare está mais triste do que nunca.

— Eu queria que você tivesse corrido. — ele responde. — Porque agora é tarde demais. Temos que arrumar isso, e se você não ficar comigo, você estará perdida.

— Você é meu próprio anticristo pessoal. — eu sussurro em sua camisa. Suas mãos acariciam meus cabelos freneticamente, arrastando pelas minhas costas e me agarrando a ele.

— Eu não sou. — ele grunhe. — As coisas estão complicadas, e eu não quero que você ache que eu sou um monstro. Eu falhei com você, mas eu vou consertar. Eu juro que vou consertar.

— Como? — eu sussurro, e não acho que eu quero saber. — Como você falhou? O que você fez?

Minha mão está ancorada pela do Dare.

Seus dedos tremem e isso me assusta.

— Eu fiz uma coisa terrível. — ele confessa, e cada palavra é destacada. — Eu não espero o seu perdão. Mas eu tenho que consertar. E para fazer isso, eu preciso da sua ajuda. Você tem que me ajudar, Calla. Ajude-me a salvá-la.

Salve-me, e eu vou te salvar.

Isso está no diário de Finn. Essas são palavras de Finn, não de Dare.

Certo?

Eu sinto... eu sinto... eu sinto.

Eu sinto uma onda de déjà vu. Eu sinto uma onda de emoção, de sensações, de coisas que eu deveria saber, mas não sei, como se tivessem buracos no meu cérebro e detalhes caindo para fora e espalhados no vento desintegrados.

— O que você fez? — pergunto a ele através de pensamentos fragmentados. — Do que eu preciso ser salva? Porque eu acho que não posso ser salva. Estou quebrada, eu acho.

— Você está errada. — ele insiste, e seus olhos me imploram. — Eu posso te salvar.

Eu balanço minha cabeça e o movimento é doloroso.

— Você me ama. — ele me diz, seu olhar me corta em pedaços. — Você simplesmente não percebeu isso ainda.

— Eu sei. — eu sussurro, jogando aquelas peças para longe. — Mas...

Mas

Mas.

Mas eu tenho que me proteger dele.

Do Dare.

Eu sinto isso agora, mais forte do que tudo que eu já senti.

É um pressentimento pesado, centrando no meu peito e se espalhando por todo os vasos sanguíneos do meu corpo. É real, é tangível e é um aviso.

É intuição.

Coloco meus joelhos no meu peito e olho para longe, dando um suspiro profundo.

— Eu sei que parece loucura. — eu admito. — Eu sei disso. Mas eu não posso evitar o que eu sinto. Eu tenho que me proteger de você. Eu sei que isso é verdade. Meu coração está me dizendo para ter medo de você.

E é isso. Ele está me dizendo que há uma razão.

Eu sinto isso nos meus ossos, em meus ossos ocos de junco.

Dare fecha os olhos, e são minutos antes dele abri-los, e quando o faz, eles estão tão vazios, tão perdidos.

— Tudo bem. — ele diz simplesmente. — Proteja-se de mim. Inferno, *eu vou* protegê-la de mim. Mas venha comigo para Whitley. É lá que você vai encontrar as respostas. Há respostas para as perguntas que você nem sequer

pensou ainda.

— Para Whitley? É de onde você é?

Eu encaro o Dare, o corpo que eu amo, os olhos que eu posso cair dentro, o coração que me apoia... e tem escondido tantos segredos.

Ele balança a cabeça como se eu já devesse saber, e é como se o movimento fosse doloroso para ele. Ele não quer ir para lá, para Whitley, mas ele está disposto a ir por mim. Eu vejo isso.

— Seu pai quer que você vá. — acrescenta. — Você pode fazer isso por ele?

Por que meu pai quer que eu vá para a Inglaterra?

Nada faz sentido.

Essa é a história da minha vida.

O sentimento sinistro me paralisa, deixando-me quase de joelhos. Eu não sei. Eu só sei que... se eu não encontrar respostas, eu posso perder minha sanidade e acabar como Finn, de volta onde eu comecei.

As respostas estão em Whitley.

Eu expiro, percebendo que eu estava segurando a minha respiração.

— Está bem. Eu irei. Mas só se Finn for também.

Dare concorda imediatamente.

— Claro. Obviamente. Ele precisa da minha ajuda também.

Obviamente.

Capítulo Vinte e Dois

— Vivemos em um pequeno trecho de Hastings. É perto de Sussex. — Dare me diz, depois de pousarmos no aeroporto de Heathrow e passar pelo campo. Ele fala sobre a Inglaterra como se eu soubesse alguma coisa sobre isso. Concordo com a cabeça, como se eu soubesse, porque muito do que dizemos é pretensioso agora. Nós seguimos o fluxo.

Trinta minutos mais tarde, o nosso carro ainda está deslizando sobre as faixas sinuosas da estrada, mas eu finalmente vejo um telhado à distância, pináculos e torres que aparecem através das árvores.

Dare mexe, abrindo os olhos, e eu sei que estamos quase lá. Finn ainda está dormindo, então eu o cutuco para acordá-lo, e ele esfrega os olhos.

Eu estico meu pescoço para ver. Quando faço isso, fico chocada além das palavras, o suficiente para que a respiração engate em meus lábios.

Esta não pode ser a casa da minha família.

É enorme, é exuberante, é assustadora.

É antiga, é de pedra, é linda.

Um muro alto de pedra se estende em ambos os sentidos, tanto quanto eu posso ver, cercando a propriedade como um cobertor de segurança sinistro. É tão alto, tão pesado, e por um breve momento, eu me pergunto se ele é feito para manter as pessoas fora... ou para mantê-las dentro.

É uma ideia tola, eu sei.

À medida que saímos da estrada, os grandes portões de ferro forjado abrem na frente do nosso carro como por magia, como se eles fossem empurrados por mãos invisíveis. Sopros de névoa e neblina rodopiam do solo e através dos galhos das árvores, meio que escondendo tudo que está por trás do portão.

Mesmo que os terrenos sejam exuberantes e verdes, há algo pesado aqui, algo sombrio. É mais do que a chuva quase constante, mais do que as nuvens.

Algo que eu não consigo identificar.

Sou preenchida com um medo estranho quando o carro passa pelos portões, à medida que continuamos em direção à coisa escondida. E por mais que a “coisa escondida” seja apenas uma casa, parece muito mais, como algo sinistro e quase ameaçador.

Eu tenho vislumbres dela através dos ramos quando nós dirigimos, e cada vislumbre me faz hesitar.

Um telhado íngreme de duas águas.

Colunas, pináculos e musgo.

Pingos de chuva escorrem das árvores, no carro, na entrada da garagem, e tudo brilha com uma luz discreta.

É molhado aqui e cinza, e a palavra que eu fico pensando na minha cabeça é *gótico.*

Gótico.

Apesar de toda a beleza e a extravagância aqui, ainda parece um pouco assustador.

Conto os batimentos enquanto fazemos o nosso caminho para a casa, eu contei até quinze antes da limusine finalmente parar em cima de uma calçada circular gigante feita de paralelepípedos.

A casa à nossa frente é feita de pedra, e estende-se para fora tanto quanto eu posso ver. As janelas são escuras, em todos os tamanhos, em todas as formas.

Circulando, gramados bem cuidados, uma enorme mansão, jardins exuberantes. Nuvens tempestuosas descem atrás da estrutura maciça da casa, e uma coisa é clara. Sinistra ou não, esta propriedade é exuberante, para dizer o mínimo.

— A nossa família é rica? — pergunto baixinho.

Dare olha para mim. — Não do jeito que importa.

Ele faz uma pausa, e há uma corda entre nós, atraindo-nos, mas, ao mesmo tempo, enrolando em torno de nós, mantendo-nos afastados.

— Calla, não baixe a guarda. — ele diz-me rapidamente. — Este lugar... não é o que parece. Você tem que...

Jones abre a porta, e Dare para de falar abruptamente.

Eu tenho o quê?

— Bem-vinda a Whitley. — Jones me diz com uma ligeira reverência. Nós saímos, e de repente, estou nervosa.

Estou em um país estrangeiro, me preparando para encontrar uma família composta de estranhos e eu não sei nada sobre eles.

É assustador.

Dare aperta minha mão brevemente, e eu deixo. Porque aqui, estou sozinha.

Aqui, Dare e Finn são as únicas coisas familiares.

Aqui, eles são os únicos que me conhecem.

Claro, talvez eles sempre foram.

Jones lidera o caminho com nossas malas, e antes mesmo de chegar às portas da frente, elas se abrem e uma pequena mulher enrugada fica na porta. Ela é levemente curvada, apenas um sopro de mulher, com uma pele morena e os cabelos completamente envoltos em um lenço brilhante e torcido no topo. Parece que ela tem uma centena de anos.

— Sabine! — Dare cumprimenta a mulher idosa. O pequeno braço da mulher fecha ao redor dele, e sua cabeça mal chega a seu peito.

— Bem-vindo de volta, menino. — ela fala com uma voz gravemente profunda. — Eu senti sua falta.

Dare afasta e olha para mim, e eu posso ver em seu rosto que Sabine é importante. Pelo menos para ele. — Esta é Sabine. Sabine, esta é Calla Price.

Sabine olha para mim, curiosa, triste.

— Você é igualzinha a sua mãe. — ela me diz.

— Eu sei. — eu digo a ela e meu coração dói porque minha mãe se foi. — Prazer em conhecê-la.

Eu ofereço-lhe a minha mão, mas ela a agarra em vez de sacudi-la. Inclinando-se, ela a examina, seu rosto a poucos centímetros da minha

palma. Ela segura firme, sem vontade de me soltar, e eu sinto meu pulso pulando freneticamente contra seus dedos.

Assustada, eu espero.

Eu não sei mais o que fazer.

A pequena mulher é surpreendentemente forte, seu aperto me segurando firme enquanto ela procura por algo em minha mão. Ela traça as veias e os cumes, seu hálito quente na minha pele. Seu rosto está tão perto da minha palma que eu posso sentir cada vez que ela exala.

Finn tosse, e abruptamente, Sabine solta minha mão e se endireita.

Seus olhos encontram os meus e eu vejo milhares de vidas neles. Eles são escuros como obsidiana, e diferentemente da maioria dos idosos, os dela não são nublados com a idade. Ela olha para mim e eu sinto que ela está literalmente remexendo os meus pensamentos e olhando para minha alma.

É inquietante e um frio corre pela minha espinha, me levando ao limite.

Ela olha para Dare e acena com a cabeça levemente.

Se eu não fosse esperta, eu pensaria que ele quase se encolheu.

Que diabos?

Mas eu não tenho tempo para refletir, porque Sabine começa a andar, levando-nos para dentro de casa.

— Venha. Eleanor está esperando por vocês. — Sabine nos diz solenemente por cima do ombro enquanto ela usa muito de sua força para abrir as pesadas portas da frente.

Dare suspira. — Acho que seria melhor refrescar-nos primeiro. Foi um longo voo, Sabby.

A babá parece simpática, mas é implacável. — Eu sinto muito, Dare. Ela insiste em ver vocês três.

Dare suspira novamente, mas seguimos Sabine obedientemente através de corredores luxuosos. Sobre pisos de mármore e tapetes exuberantes, através de salas de mogno com painéis e cortinas personalizadas extravagantes, sob candelabros de cristal cintilantes. Meus olhos ficam arregalados conforme absorvemos tudo. Eu nunca vi uma casa assim em toda a minha vida, nem mesmo na TV.

Mas ao mesmo tempo que é opulenta, é silenciosa.

É paralisante.

É como viver em um mausoléu.

Paramos na frente de portas de madeira maciça, ricamente esculpidas. Sabine bate duas vezes e uma voz de mulher chama de dentro.

— Entre.

Quão estranhamente formal.

Sabine abre as portas e somos imediatamente envolvidos por uma biblioteca esmagadoramente grande, pintada em cores ricas e pátinas, cercada com prateleiras de madeira preenchidas por centenas e centenas de livros encadernados em couro.

Uma mulher está sentada diante de uma mesa de cerejeira pesada, de frente para nós, de costas para as janelas.

Seu rosto é severo, seu cabelo é desbotado, mas eu posso ver que costumava ser vermelho. Ele está puxado em um coque firme, nem um fio fora do lugar. O suéter de cashmere está abotoado completamente até em cima, decorado por um único fio de pérolas. Suas mãos sem adornos estão dobradas na frente dela e ela está esperando.

Esperando por nós.

Há quanto tempo ela está esperando? Meses? Anos?

Por uma razão que eu não consigo explicar, eu me sinto sufocada. A sala parece fechar-se sobre mim, e eu estou congelada. Dare tem que literalmente me puxar, em seguida, me puxar mais forte, só para me fazer andar.

Eu sinto que eu não posso respirar, como se quando eu me aproximar dela, algo ruim vai acontecer.

Algo terrível.

É um pensamento ridículo, e Dare olha para mim com o canto do olho.

Preamos na frente da mesa.

— Eleanor. — ele diz com firmeza.

Não há amor envolvido aqui. Eu posso ver isso. Eu posso sentir. Eu sinto no ar, na formalidade, no frio.

— Adair. — a mulher acena com a cabeça. Não há abraços, nem sorrisos. Mesmo que faça, pelo menos, um ano desde que ela o viu, esta mulher nem sequer se levanta.

— Esta é a sua avó, Eleanor Savage. — Dare me diz, e suas palavras são

tão cuidadosamente calmas. Eleanor olha para mim, seu olhar me examina da cabeça aos pés. Minhas bochechas ficam vermelhas com isso.

— Você deve ser Calla.

Concordo com a cabeça.

— Você pode me chamar de Eleanor. — ela olha para a porta. — Espere lá fora, Sabine.

Sem uma palavra, Sabine se retira, fechando a porta. Eleanor retorna sua atenção para nós.

— Eu sinto muito pela sua perda. — ela me diz com firmeza, mas sua voz não tem qualquer sinal de emoção, de simpatia ou de tristeza, mesmo que fosse sua filha, que se foi.

Ela olha para mim novamente. — Enquanto você estiver aqui, Whitley será a sua casa. Você não se intrometerá em cômodos que não lhe dizem respeito. Você pode usufruir do terreno, você pode usar os estábulos. Você não se misturará com pessoas desagradáveis, você pode usar o carro. Jones irá conduzi-la onde quer que você precise ir. Você pode se acomodar, se acostumar com a vida no campo, e em breve, falaremos sobre a sua herança. Desde que você fez dezoito anos, você tem responsabilidades para com esta família.

Ela faz uma pausa, em seguida, olha para mim e depois para Finn.

— Vocês sofreram uma perda, mas a vida continua. Vocês aprenderão a seguir em frente também.

Ela olha para longe de nós, direcionando sua atenção para um papel em sua mesa. — Sabine! — ela chama, sem olhar para cima.

Aparentemente, fomos dispensados.

Sabine entra de novo e nós a seguimos rapidamente, aproveitando a chance de deixar esta mulher desagradável.

— Bem, ela é agradável. — murmuro.

Dare inclina o lábio.

— Ela não é minha favorita.

Eufemismo.

Nós compartilhamos um momento, um momento caloroso, mas eu o afasto.

Eu não posso.

Eu não posso.

Sabine para em frente a portas de madeira duplas.

— Esta foi a suíte de sua mãe. — Sabine me diz. — É sua agora. O quarto de Finn é do outro lado do corredor. O quarto de Dare é do outro lado da casa. — depois que ela diz isso, ela espera, como se esperasse uma reação minha. Quando ela não consegue uma, ela continua. — O jantar será servido às sete na sala de jantar. Seja pontual. Você deve descansar agora.

Ela se vira e vai embora, arrastando pelo corredor com seus pés minúsculos. Finn entra no seu quarto e Dare olha para mim, alto e esguio. — Você quer que eu fique com você?

— Não. — minha resposta é imediata e dura.

Ele se assusta e afasta um pouco, olhando para mim.

— Eu só... preciso ficar sozinha. — acrescento.

Eu não estou forte o suficiente para resistir a você ainda.

Decepção brilha em seus olhos, mas para o seu crédito, ele não me pressiona. Ele engole a sua mágoa e acena.

— Está bem. Estou exausto, então vou tirar um cochilo antes do jantar. Eu sugiro que você faça o mesmo. Você deve estar cansada.

Concordo com a cabeça, porque ele está certo, eu estou completamente exausta. Ele se foi, e eu estou sozinha no longo corredor silencioso.

Dou um passo em direção ao meu quarto, depois outro, mas pela minha vida, eu não consigo virar a maçaneta. Algo se instala em torno de mim, medo, eu acho, e eu simplesmente não posso fazer isso.

A expressão no rosto de Eleanor surge na minha cabeça, o jeito que ela estava me examinando, e eu não consigo respirar. Algo me esmaga, aquela coisa sombria que eu senti na garagem. Parece que está aqui, empurrando-me, batendo em mim.

Eu sei que não faz qualquer sentido.

Algo me puxa.

Puxa-me para o antigo quarto da minha mãe.

E lá, eu me sento, cercada por suas memórias.

Capítulo Vinte e Três

O quarto da minha mãe é tão exuberante quanto o resto da casa. Não há cartazes de infância colados nas paredes aqui, nenhum coração adolescente pulsa, não há telefones rosa ou almofadas de pelúcia.

A suíte é cuidadosamente decorada, com móveis off-white pesados e paredes verde-sálvia. A cama é enorme, coberta de grossos cobertores, tudo verde-sálvia, muito calmante.

Mas não é o quarto de uma criança ou adolescente, ou até mesmo uma mulher jovem.

Falta-lhe energia juvenil.

Mas eu ainda a sinto aqui.

De alguma forma.

Afundo-me na cama, e descubro que estou cercada por janelas.

Ao longo de uma parede, elas se estendem do chão ao teto. Elas permitem que a luz moribunda da noite entre, e eu me sinto exposta. Levantando, eu fecho as cortinas.

Eu me sinto um pouco mais segura agora, mas não muito.

Minhas malas estão empilhadas no interior da porta, e então começo a desfazê-las. Retiro meus casacos, levo meus produtos de higiene pessoal para o banheiro chique, e enquanto eu estou em pé sobre os ladrilhos de mármore, visualizo minha mãe aqui.

Ela adorava um bom banho, e esta banheira é digna de uma rainha.

Eu imagino-a submersa aqui, lendo um bom livro, e meus olhos lacrimejam.

Ela se foi.

Eu sei disso.

Abro as portas do closet, e por um momento, um momento muito breve, eu juro que eu sinto o aroma do seu perfume.

Ela usou o mesmo perfume, desde que a conheci.

Há prateleiras neste closet, e em uma, eu vejo um frasco de Chanel.

O cheiro dela.

Agarro-o e inspiro-o, e isso traz uma tempestade de memórias em minha cabeça. Da minha mãe rindo, cozinhando seus biscoitos, dela sorrindo para mim por cima do seu livro.

Com ardor nos olhos, eu coloco o frasco de volta.

Isto não está ajudando em nada.

Eu penduro minhas camisas e os meus casacos.

Há uma batida na porta e Sabine vem com uma bandeja. Um bule e uma xícara.

— Eu trouxe um pouco de chá. — ela me diz em voz baixa, colocando-o sobre uma mesa. — Isso animará você. Viajar é difícil para uma pessoa.

Perder toda a sua vida é difícil para uma pessoa.

Mas é claro que eu não digo isso.

Eu apenas sorrio e digo obrigada.

Ela me serve uma xícara e a entrega para mim.

— Isso vai ajudá-la a descansar. É calmante.

Dou um gole, e Sabine se vira, examinando minhas malas vazias.

— Eu vejo que você já desfez as malas. Este quarto não foi alterado desde quando a sua mãe foi embora.

Mantenho minha xícara no meu colo, esquentando os meus dedos, porque o frio da noite inglesa deixou-os gelados.

— Por que minha mãe *foi embora*? — eu pergunto, porque ela nunca disse. Ela nunca disse *nada* sobre sua casa de infância.

Sabine hesita, e quando ela olha para mim, ela está olhando para a minha alma novamente, remexendo com os dedos enrugados.

— Ela foi embora porque ela precisava ir. — Sabine diz simplesmente. — Whitley não podia segurá-la.

É uma resposta que não é uma resposta.

Eu deveria ter esperado nada menos.

Sabine se senta ao meu lado, acariciando minha perna.

— Eu vou engordar você um pouco aqui. — ela me diz. — Você está

muito magra, como sua mãe. Você vai descansar e você vai... ver as coisas como elas são.

— E como é isso? — eu pergunto, cansada, e de repente estou muito exausta.

Sabine olha para o meu rosto e repreende.

— Criança, você precisa descansar. Você está desaparecendo na frente dos meus olhos. Venha agora. Deite-se.

Ela me acomoda na cama, puxando um cobertor até meu queixo.

— O jantar é às sete. — ela lembra-me antes de sair. — Durma até então.

Eu tento.

Eu realmente tento.

Eu fecho meus olhos.

Eu relaxo meus braços, minhas pernas e meus músculos.

Mas o sono não vem.

Eventualmente, desisto, abro as cortinas e olho para fora.

A noite está calma, o céu está escuro. *Escurece tão cedo aqui.*

As árvores farfalham na brisa e o vento é molhado. É frio. É de arrepiar. Eu posso senti-lo mesmo através das janelas e eu esfrego os meus braços.

É quando eu tenho arrepios.

Eles levantam o pelo do meu pescoço,

E as estrelas parecem zombar de mim.

Virando as costas para elas, eu cruzo o quarto e puxo um livro de uma prateleira.

Jane Eyre[8].

Encaixa, considerando Whitley, os pântanos e a chuva.

Eu abro a capa e encontro uma inscrição a caneta.

Para Calla. Que você sempre tenha a coragem de viver livre, e a força para fazer o que é certo.

A tinta está desaparecendo, e eu corro meus dedos através dela.

A mensagem é para mim? É quase como se a minha mãe soubesse que eu estaria aqui, e ela deixou esse mesmo livro para mim sobre estas mesmas prateleiras, neste mesmo quarto.

Eu escorrego em um assento com ele, abrindo as páginas, os meus olhos tentando devorar as palavras que minha mãe leu um dia.

Mas eu só chego à parte em que Jane proclama que ela odeia longas caminhadas nas tardes frias quando ouço algo.

Eu sinto alguma coisa.

Eu sinto um rosnado nos meus ossos.

É baixo e ameaçador, e ele vibra nas minhas costelas.

Assustada eu fico ereta, olhando ao redor, mas é claro, eu ainda estou sozinha.

Mas o rosnado acontece novamente, baixo e longo.

Minha respiração engata e o livro cai ao chão, as páginas tremulando sobre o tapete.

Um súbito pânico toma conta de mim, rápido e quente.

Eu tenho que sair.

Eu não sei por quê.

É um sentimento que eu tenho no meu coração, algo que me faz deixar o quarto da minha mãe para o corredor, porque alguma coisa está me perseguindo.

Eu sinto isso em meus calcanhares.

Eu sinto isso respirando no meu pescoço.

Sem olhar para trás, eu corro de volta pelo corredor, através da casa e para fora pelas portas da frente.

Eu tenho que respirar.

Eu tenho que respirar.

Eu tenho que respirar.

Sugando o ar, ando sem rumo em torno da casa, sobre o paralelepípedo e por um caminho. Eu dou respirações longas, tentando parar minhas mãos trêmulas, tentando me recompor, tentando me assegurar de que estou sendo boba.

Não há nenhuma razão para ter medo.

Estou sendo ridícula.

Esta casa pode ser estranha e desconhecida, mas ainda é uma casa. Ela só não é *a minha* casa. Está tudo bem. Eu me acostumarei com isso.

Eu olho para trás, e não há nada lá.

Não há rosnado, não há vibração nas minhas costelas, não há nada, somente a penumbra e as estrelas doendo para estourar por trás das nuvens.

A casa paira sobre mim e eu dou a volta, apenas para encontrar-me na frente de uma grande garagem com bordas triangulares.

Há pelo menos sete portas de garagem, todas fechadas, exceto uma.

Para minha surpresa, alguém sai daquela porta.

Um garoto.

Um homem.

Sua calça é cinza escuro e ele está vestindo um moletom com capuz, e ele se move com graça. Ele desliza entre as sombras com facilidade, como se ele pertencesse aqui, como se Whitley fosse a sua casa também, mesmo que eu não o conheça, mesmo que eu sinta como se o conhecesse. Eu sinto. Eu sinto. Eu sinto.

— Olá. — eu o chamo.

Ele para de se mover, congelando em seu passo, mas ele não vira a cabeça.

Algo sobre isso me coloca no limite e eu fico tensa, por que, e se ele não

devesse estar aqui?

— Olá? — repito, inquieta, e calafrios correm até minha coluna, arrepios formando em meus braços mais uma vez.

Eu recuo, primeiro passo, depois outro.

Eu pisco,

E ele se foi.

Eu fico olhando para o espaço vazio e balanço a cabeça, piscando com força.

Ele ainda se foi.

Ele deve ter deslizado entre as construções, mas por quê?

Estou muito nervosa para descobrir, e então eu caminho de volta para a casa. Conforme faço isso, duas enormes sombras saem das árvores e correm na minha direção, ofegantes e derrapando até parar na minha frente.

Eu estou congelada enquanto olho para dois dos maiores cães que eu já vi.

— Está tudo bem. — eu digo a eles, quando eles me examinam com olhos escuros. — Eu deveria estar aqui. Eu não sou uma intrusa.

Eles olham para mim.

Eu olho de volta.

Então, um dá um passo à frente e cutuca minha mão, deslizando sua enorme cabeça debaixo da minha palma como se ele me conhecesse, como se ele não fosse me atacar.

— Castor! — Sabine grita atrás de mim. — Pollux!

Os cães ficam atentos, e quando ela grita Vem, eles vão.

Ela olha para mim. — Sinto muito se eles te enlamearam. — ela me diz. — Eles são os cães da propriedade. E como você pode ver, eles não são sempre graciosos.

Eu sigo seu olhar e ela está olhando para pegadas de patas enlameadas nas minhas pernas, quando isso aconteceu?

— Eles são legais. — eu digo a ela, porque eles não me machucaram. Na verdade, mesmo que eles sejam enormes, eles têm essas caras doces. Sabine age como se ela soubesse o que eu estou pensando.

— Eles não fariam mal a ninguém. — ela me diz. — É o tamanho deles que é intimidante. — ela faz uma pausa. — Eles a protegeriam com suas vidas, apesar de tudo.

Eu?

Antes que eu possa perguntar, ela retorna para a casa e os cães vão com ela. No caminho, um deles faz uma pausa e se vira para olhar para mim, mas então, ele continua o seu caminho e eu tento colocar minha inquietação para descansar.

Por que estou inquieta?

Eles são apenas cães.

E o cara que eu vi era apenas um jardineiro ou algo assim.

Nenhuma razão para ficar inquieta.

Eu ainda estou inquieta quando eu lavo meu rosto, então quando termino, eu coloco minha cabeça para o corredor. Não há nada lá.

Com um suspiro, eu tranco a porta do quarto e estou gelada por causa do ar inglês molhado. Olhando para o relógio, vejo que é só seis e meia. Eu posso descansar por mais alguns minutos, e eu sou grata por isso.

Porque, claramente, o jetlag[9] me pegou de jeito.

---

[8] Jane Eyre é um romance da escritora inglesa Charlotte Brontë publicado em 1847. O livro foi lançado originalmente em Londres, pela Editora Smith, Elder & Co., Cornhill, em 16 de outubro de 1847, em 3 volumes. Apesar de possuir ainda vários elementos da literatura gótica, tais como a ambientação em castelos, o clima de mistério sugerido pelo segredo do passado, a tragicidade dos personagens, o período histórico do gótico já havia terminado, e Charlotte Brontë não tem sido considerada dentro desse tipo de literatura.

[9] Efeito causado pelo desequilíbrio do organismo de um indivíduo que viaja por diferentes fusos horários.

Capítulo Vinte e Quatro

Conforme piso no grande saguão de Whitley, os meus pés mal batem no chão quando tenho a sensação esmagadora de ser sufocada, da frieza que permeia os ossos de uma pessoa aqui. Colocando o sentimento em perspectiva, minha casa em Oregon é uma funerária. Whitley é muito, muito pior.

Finn pega a minha mão, consciente dos meus passos vacilantes. — Você está bem? — ele sussurra, os olhos azuis procurando os meus. Eu concordo.

É claro que eu estou mentindo. Eu não estou bem. Por que eu estaria?

Fico de pé nas janelas do saguão, olhando através do pântano. A Inglaterra tem tantos pântanos assombrosos, tão contínuos, campos molhados, tantos lugares que são favoráveis à melancolia. Isso me faz pensar em tristeza, em Charlotte Bronte, em Jane Eyre.

Eu não sei porque eu me identifico tanto com Jane. Ela é simples, e eu sei que eu não sou. Eu tenho o cabelo como o fogo, os olhos brilhantes como esmeraldas. Eu não estou sendo convencida admitindo isso, porque afinal de contas, os atributos físicos são coisas que não podemos evitar. Eu sou bonita, mas eu não mereci isso. Eu simplesmente nasci desse jeito, um produto de uma bela mãe. Traços internos, porém, eles são importantes e louváveis. Jane Eyre é feroz em espírito, e eu gostaria de acreditar que eu também sou. Ferocidade é muito mais louvável do que o meu rosto bonito.

Para ser honesta, eu quase desejo que eu não fosse bonita. Deixa-me insegura. As pessoas tendem a olhar, e quando olham, eu sempre tenho a sensação que elas estão olhando para mim, porque pensam que eu sou louca.

Louca

Louca

Louca.

Assim como meu irmão.

É como um sussurro, ecoando através das salas de Whitley, em toda a propriedade, através do ar. Todos nos observam, eu e meu irmão, para ver qual de nós vai rachar.

— Eu vou para uma caminhada. — eu digo a Finn. Sua cabeça levanta.

— Sozinha? Você vai se perder.

— Não, eu não vou. Eu só vou explorar.

— Eu vou também.

— Não. Vá pegar algo para comer. Eu só preciso de alguns minutos para respirar, Finn.

Ele concorda com a cabeça agora porque ele entende isso.

Eu escorrego para fora, para fora da porta, longe da desgraça da casa.

A brisa é um pouco fria conforme caminho mais para dentro do terreno. Eu começo a acreditar que nunca realmente aquece aqui. A chuva deixa os gramados verdes, no entanto. Verde, cheios e coloridos. É viridem. E verde significa vida.

O caminho de paralelepípedos se transforma em seixos conforme fico mais longe de casa, e depois de um minuto, eu me deparo com uma literal bifurcação

na estrada. O caminho se divide em dois. Um leva para uma área arborizada, e outro leva a uma bela construção de pedra à beira do horizonte, envolta em névoa de salgueiros.

É pequena e misteriosa, bela e antiga. E, claro, eu tenho que olhar mais de perto. Sem pensar duas vezes, eu vou por esse caminho.

Quanto mais me aproximo, mais a minha curiosidade cresce.

Eu posso sentir o cheiro do musgo quando me aproximo, um cheiro mofado, úmido que se sente em uma sala fechada ou em um espaço molhado. E com aquele cheiro escuro vem um sentimento muito opressivo. Sinto-o pesando sobre os meus ombros enquanto abro a porta pesada, enquanto olho para a palavra SAVAGE inscrita na madeira, enquanto dou o meu primeiro passo hesitante em uma sala que não tem visto vida humana no que parece anos.

Mas ela *tem* visto a morte.

Eu estou de pé em um mausoléu.

Crescendo em uma funerária, eu estou bem acostumada com a morte. Eu sei como parece, como cheira, mesmo como é o gosto no ar.

Estou cercada por ela aqui.

O chão é de pedra, mas uma vez que é privado de luz, musgo verde macio cresce nos lugares, e é macio sob meus pés. As paredes são grossos blocos de pedra, e têm vários recantos, preenchidos com os restos mortais de membros da família Savage. Eles voltam gerações, e isso me faz pensar quanto tempo os Savages têm vivido em Whitley.

Mais perto de mim, estão Richard Savage I, meu avô, e Richard Savage II, o meu tio. *Quando ele morreu?* E ao lado dele está Olivia.

Olivia.

Eu corro meus dedos ao longo do seu nome, traçando as letras recortadas na pedra, absorvendo a frieza, a dureza.

O que eu sei sobre ela, exceto que ela deve ter sido a mãe de Dare?

Por que ela é importante na minha memória?

Dare tem os seus olhos, ou o cabelo? Ela era o único ponto de luz no seu mundo? Ele sente falta dela mais do que a própria vida?

Eu não sei.

Arrastando os dedos ao longo da parede, eu circundo a sala, olhando para os meus antepassados, maravilhando-me com o silêncio aqui.

É tão alto que meus ouvidos zumbem com ele.

A porta aberta cria uma lasca de luz no chão escuro, e é enquanto eu estou focada no brilho que ouço o primeiro sussurro.

Calla.

Eu viro minha cabeça ao redor, apenas para encontrar nada atrás de mim.

Arrepios percorrem a minha espinha, e arrepios se formam em meus braços quando eu olho o cômodo vazio. As únicas pessoas aqui estão mortas.

Mas... o sussurro foi cristalino no silêncio.

Estou ouvindo vozes.

Esse fato me aterroriza, mas não tanto quanto a familiaridade naquele

sussurro.

— Olá? — eu grito desesperada para que alguém esteja aqui, para alguém real ter falado. Mas ninguém responde.

Claro que não.

Estou sozinha.

Coloco a mão na parede e tento sugar uma respiração profunda. Eu não posso ser louca. É um dos meus piores medos, ficando atrás apenas de perder meu irmão.

Um movimento chama a minha atenção e eu me concentro nele.

Pétalas de cravos e lírios, brancos e vermelhos, sopram no chão. Flores de funeral.

Assustada, eu viro na direção delas, inclinando para tocá-las. Eu corro uma entre os meus dedos, sua textura aveludada suave. Não estavam aqui há pouco. Nenhuma delas estava, mas ainda aqui estão, espalhadas pelo chão.

Elas levam para uma cripta na parede.

Adair Phillip DuBray.

Meu coração bate e bate quando eu corro para a placa, quando eu traço as letras frescas com os meus dedos. Seu nome do meio é o mesmo que o do meu pai.

E isso não estava aqui antes.

Que diabos?

Engulo em seco, ofegando por ar, observando as flores frescas no vaso ao lado do seu nome.

Não há musgo aqui, porque esta foi recém-cavada, recentemente inaugurada, e muito recentemente selada. Mas não há nenhuma maneira que Dare possa estar aqui, porque eu o vi na noite passada. Ele está bem, ele está bem, ele está bem.

Conforme passo a palma da minha sobre o seu nome, eu me reasseguro, imagens enchem minha cabeça, imagens e cheiros.

O mar, um penhasco, um carro.

Sangue, metal rangendo, a água.

Dare.

Ele está ensanguentado,

Ele está ensanguentado,

Ele está ensanguentado.

Tudo está em chamas,

As chamas lambem as paredes de pedra,

Tentando encontrar alguma maneira possível de sair.

A fumaça me sufoca e eu tusso,

arfo por ar.

Eu pisco e tudo se foi.

Minhas mãos estão em uma parede em branco, e o nome de Dare desapareceu.

As flores desapareceram.

Estou sozinha.

O chão está limpo.

Eu não consigo respirar.

Eu não consigo respirar.

Eu não consigo respirar.

Eu sou louca.

É a única explicação.

Eu tropeço para a porta e irrompo para a luz do sol, longe do mausoléu, longe da morte. Eu voo em direção à casa, tropeçando nas pedras.

— Calla?

Meu nome é chamado e eu tenho medo de olhar, com medo, de que ninguém esteja lá, com medo de que eu ainda esteja imaginando coisas. É isso que Finn sentia todos os dias? Estou começando a ir por esse caminho escorregadio? É um buraco de coelho e eu sou o coelho e eu sou louca.

Mas é Dare, de pé, alto e forte na trilha, e eu voo para os seus braços, sem me preocupar em afastá-lo.

Seus braços se fecham em torno de mim e ele cheira tão bem, tão familiar, e eu fecho meus olhos.

— Você está bem. — eu digo a ele, digo a mim mesma. — Você está bem.

— Sim, eu estou bem. — ele fala confuso, com as mãos acariciando minhas costas, me segurando perto. — Você achou que algo tinha acontecido comigo?

Eu vejo o seu nome, esculpido na pedra do mausoléu, e eu estremeço, empurrando a visão para longe, muito longe da minha mente.

— Não. Eu... não.

Ele me segura por mais alguns minutos, em seguida, olha para mim, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Você está bem? Você se foi por horas.

Horas? Como pode ser? O céu gira, e eu me equilibro contra seu peito.

Eu ouço seu coração e está batendo rápido, porque ele está com medo.

Ele está com medo por mim, porque ele reconhece os sinais, ele viu antes, ele os viu no meu irmão.

— Está tudo bem, Cal. — ele murmura, mas eu posso ouvir a preocupação em sua voz. — Está tudo bem.

Mas eu posso dizer pela sua voz que não está.

Loucura é genético.

Eu sou o coelho.

E eu sou louca.

— O nome do seu pai é Phillip? — pergunto-lhe timidamente, e ele olha para mim.

— Sim.

— O meu também.

— Eu sei. — ele fala. — Mas as coisas nem sempre são o que parecem, Cal. Lembra?

Isso parece tão bobo. O nome do meu pai é Phillip e o nome de seu pai é Phillip e é o que é. O braço do Dare fica ao redor dos meus ombros, enquanto caminhamos de volta para casa, e eu posso senti-lo olhar para mim de vez em quando.

— Pare. — eu digo-lhe, finalmente, à medida que caminhamos através dos jardins. — Estou bem.

— Ok. — ele concorda. — Claro que você está.

Mas ele é esperto, e ele sabe que eu não estou.

Sabine está ajoelhada pelas portas da biblioteca, cavando através do solo rico inglês, e ela nos olha por cima do ombro. Quando ela vê meu rosto, seus olhos estreitam e ela levanta.

— Está tudo bem, Srta. Price? — ela pergunta em sua voz rouca. Eu quero mentir, eu quero dizer a ela que eu estou bem, mas sei que ela pode dizer a diferença. Na verdade, quando ela olha para mim com aqueles olhos escuros, eu sinto que ela pode ver dentro da minha alma.

Eu não me incomodo de mentir.

Eu apenas balanço a minha cabeça.

Ela balança a cabeça.

— Venha comigo.

Ela nos leva para a parte de trás da casa, para o quarto dela. É pequeno e escuro, envolto em tecidos coloridos, em símbolos místicos e peças de joias vistosas, envolta em espelhos e filtros de sonhos e estrelas.

Estou atordoada e faço uma pausa, olhando para toda a ostentação.

Ela vislumbra a minha expressão e encolhe os ombros. — Sou Roma. — ela fala, como explicação. Diante da minha expressão vazia, ela suspira. — Romani. Cigana. Eu não tenho vergonha disso.

Ela mantém a cabeça erguida, o queixo pronunciado, e eu posso ver que ela está longe de estar envergonhada. Ela tem orgulho.

— Você não deveria estar. — eu asseguro-lhe fracamente. — É sua herança. É fascinante.

Ela fica satisfeita com isso, pela ideia de que eu não estou rebaixando-a por quem ela é.

Seus olhos escuros contam uma história, e para mim, eles dizem que ela sabe mais do que eu. Que ela pode até saber mais sobre *mim* do que eu.

É uma loucura, eu sei.

Mas, aparentemente, eu sou louca agora.

Sabine me orienta para uma cadeira de veludo e me empurra gentilmente para ela. Ela olha para Dare.

— Deixe-nos. — ela diz-lhe em voz baixa. — Eu estou com ela agora. Ela vai ficar bem.

Ele hesita e olha para mim, e eu aceno.

Eu vou ficar bem.

Eu acho.

Ele sai, e eu não quero que ele vá, mas ele tem que ir. Porque ele é parte disso, eu posso sentir, e eu não posso confiar nele. Meu coração diz isso.

Sabine sussurra e quando ela faz isso, eu olho ao redor. Em cima da mesa, perto de mim, cartas de tarô estão espalhadas, em uma formação estranha, como se eu tivesse interrompido uma adivinhação.

Engulo em seco porque algo paira no ar aqui.

Algo místico.

Depois de um minuto, Sabine enfia um copo nas minhas mãos.

— Beba. É erva-cidreira e camomila. Vai melhorar o seu estômago e acalmá-la.

Eu não me incomodo de perguntar como ela sabia que eu estava nervosa. Deve estar escrito por todo o meu rosto.

Eu saboreio a bebida e depois de um segundo, ela olha para mim.

— Melhor?

Eu concordo. — Obrigada.

Ela sorri e seus dentes são assustadores. Eu olho para longe, e ela remexe através de um armário. Ela pega o que estava procurando e me entrega uma caixa.

— Tome isso à noite. Vai ajudá-la a dormir. — eu olho para ela interrogativamente. Ela acrescenta: — À noite, você é livre, criança.

Eu não sei o que isso significa, mas eu pego a caixa, que não é marcada, e ela acena com a cabeça.

Eu olho para a mesa novamente. — Você é uma adivinha, Sabine? — é uma sensação estranha dizer essas palavras de uma forma séria, mas a velha não perde um segundo.

— Eu leio as cartas. — ela concorda. — Algum dia vou ler as suas.

Eu não sei se eu quero saber o que elas dizem.

— Você leu as do Dare? — pergunto impulsivamente, e eu não sei porquê. Sabine olha para mim, seus olhos negros conhecedores.

— Aquele menino não precisa que leia seu destino. Ele escreve o seu próprio.

Eu não tenho ideia do que isso significa, mas eu aceno como se tivesse.

— Você vai ficar bem agora. — ela me diz, sua expressão sábia e encontro-me acreditando nela. Ela tem uma natureza calmante, algo que se instala no ar ao seu redor. Eu não tinha notado isso antes.

— Minha mãe nunca mencionou você. — murmuro. — Acho isso estranho, uma vez que ela deve ter te amado.

Sabine olha para longe. — Sua mãe não tem boas lembranças daqui. — ela diz baixinho. — Mas eu conheço o seu coração.

— Ok. — eu digo, hesitante. — Sabine, por que minha mãe saiu daqui? Por que o meu pai tem o mesmo nome que o pai de Dare?

Sabine parece saber e ela afunda para trás em sua cadeira.

— Seu pai, o que você conhece, não é seu pai. — ela diz simplesmente, e eu suspiro, minhas mãos tremendo quando agarro a cadeira.

— O que você quer dizer?

— Phillip a criou como dele. Mas você é filha de Richard Savage.

Minha respiração

Minha respiração

Minha respiração.

— Meu tio?

Eu não posso

Eu não posso

Eu não posso.

Sabine acena com a cabeça, sem hesitação, como se isso fosse apenas mais uma face da vida, como se não fosse tão anormal.

— Sim. Foi necessário. Sua mãe fez o que lhe foi dito.

— Necessário para quê?

Eu ainda estou chocada e enojada, e Sabine me entrega uma bacia e eu vomito nela.

— Sua mãe e tio ficaram juntos, e você foi concebida. — Sabine me conta. — Sua mãe fugiu para a França com seu amante, e ela concebeu novamente. Ela deu à luz a gêmeos... você e Finn. Mas vocês não compartilham o mesmo pai.

— Phillip. — eu digo. — Phillip é o pai de Finn? E Phillip é o pai de Dare?

Sabine acena, satisfeita que eu tenha compreendido isso. — Sim. Eles são meio-irmãos.

— E Finn, meu irmão gêmeo, é apenas o meu meio-irmão?

Ela balança a cabeça novamente. — Isso acontece muito raramente na vida, filha. Mas você é rara.

Eu tenho medo de perguntar, mas pergunto de qualquer maneira.

— Por quê?

Sabine derrama mais chá e entrega para mim, e eu não posso deixar de beber porque me acalma me acalma me acalma, e eu estou à beira da histeria.

— Porque você é um descendente de Judas e de Abel. Seu sangue é tão poderoso e antigo quanto é possível. Seu irmão é um descendente de *ambos* Caim e Abel. Se ele for sacrificado, o ciclo vai finalmente ser quebrado.

— O ciclo? — eu pergunto e os meus lábios estão dormentes eles estão

dormentes.

— Caim matou seu irmão. — ela responde. — Abel fez um sacrifício a Deus, e Caim ficou com ciúmes, então o matou. A Deus é devido outro sacrifício desta família, um verdadeiro sacrifício, um nascido de dor e tormento, para pagar pelos pecados dos seus pais.

— Eu não entendo. — eu sussurro. — Eu não entendo.

— Claro que não. — ela assente. — Dare entende, porém, porque Dare é de Salomé. Salomé atrelou a maldição de Judas em um anel. O anel que você deu de volta para Dare. Vocês todos são amaldiçoados, e só você pode parar isso, fazendo a escolha certa, não traindo o que é certo. Os ciganos acreditam que as maldições são reais, Calla. E, certamente, agora, você também.

— Eu…

Meus lábios não podem se mover.

— É um por um por um, Calla. — Sabine acrescenta. — Assim que sempre foi. Faça a escolha certa, e isso vai acabar.

Talvez seu chá tenha valium nele, porque eu encontro-me concordando. Encontro-me decidindo que ela está certa.

Mas conforme entro no meu quarto, eu decido que devo ter imaginado a coisa toda. Salomé? Caim e Abel? Judas? Maldições bíblicas antigas e o nome de Dare na sepultura?

Estas coisas são impossíveis. Crenças ciganas não são reais.

Estou confusa, como sempre. Eu não tenho dormido bem.

Obviamente.

Essa é a explicação.

Eu levanto minha mão para colocar o meu cabelo atrás da minha orelha, e é aí que eu congelo.

Meus dedos cheiram a cravos e lírios, as flores que estavam na sepultura do Dare.

Era real.

Capítulo Vinte e Cinco

— Nós somos parentes. — digo a Dare, e minha voz é urgente e minha mão está em seu peito. — Nós não podemos... não podemos... não podemos ficar juntos.

O rosto de Dare fica aflito e ele sabia.

— Você sabia. — eu sussurro, e a dor em meu coração fica alta alta mais alta, e ele olha para mim, e seu olhar é tão triste e real.

— As coisas mudam. — ele me diz, e eu bufo com desgosto porque estávamos juntos e foi incesto e eu ainda o amo mais do que qualquer coisa, exceto Finn. Eu ainda o amo eu ainda o amo eu ainda o amo.

— Deus, eu quero morrer. — eu gemo, e afasto-o e ele me balança forte forte mais forte.

— Não se atreva a dizer isso de novo. — ele surta. — Nunca mais. Nós já passamos por coisas piores e nós vamos superar esta tempestade, Calla. Nós não somos parentes na verdade. É simplesmente complicado.

Eu olho para ele e meus olhos parecem que vão explodir de dor e de tristeza.

— Eu não quero viver se eu não puder estar com você. — e as minhas palavras são dolorosamente cruas com honestidade. — Eu realmente não quero.

— Não vai ser dessa maneira. — Dare insiste, e ele está escondendo alguma coisa de mim.

Alguma coisa

Alguma coisa

Alguma coisa.

— O que é isso? — eu pergunto, e fico esperançosa por apenas um momento.

— Eu quero contar tudo, mas é algo que você tem que descobrir por si só. — ele me diz. — Você tem que ver, ou você não vai acreditar. É complexo, é complicado, é real.

Seus dedos envolvem os meus e o toque não parece errado, ele parece bom.

Ele me puxa para ele, e ele me beija, e os seus lábios são quentes e sua respiração é quente e seu corpo é duro contra o meu.

— Isso não é errado. — ele me diz, e seus lábios se movem contra a minha bochecha. — A sensação é errada para você, Calla-Lily?

Não

Deus

Não.

Ela parece tão certa quanto qualquer coisa.

Suas mãos acariciam as minhas costas e ele sussurra. — Nunca diga que você quer morrer, Calla. Não é o seu destino sacrificar-se. Não é.

— Como você sabe o que o destino planejou? — pergunto-lhe, e eu me

afasto para que eu possa ver seu rosto e ele está tão sério tão sério tão sério.

— Porque eu só sei.

— Isso não é uma resposta. — digo a ele.

— Mas é. — ele fala, e então suas mãos caem e ele caminha para a casa.

Eu estou sozinha, e as respostas soam das árvores, entre os mouros e eu tenho que consegui-las. Eu tenho que obter as respostas, porque a minha sanidade está escorregando escorregando escorregando, e se eu não descobrir isso em breve, estarei perdida.

Eu sei disso.

Eu sei disso.

Então eu encontro o meu irmão, e insisto para buscarmos a verdade. Finn me ama, então ele vem e ele está incerto, mas ele está aqui.

Estou de pé na beira da floresta, e as árvores inclinam e assobiam e balançam, e palavras formal nos meus lábios.

— Um por um por um.

— O que significa isso? — Finn me pergunta, porque ele está de pé ao meu lado.

Ele não vai me deixar, não agora que ele acha que eu sou tão louca quanto ele.

— Nós temos que manter-nos sãos. — foi isso que ele disse ontem depois que eu contei para ele o que aconteceu no mausoléu e no quarto de Sabine.

Eu olho para ele agora.

— Eu não sei o que significa. — eu digo a ele honestamente. — Eu apenas ouço na minha cabeça, mais e mais.

Finn olha para mim, e ele está com medo e sua mão pálida agarra a minha.

— Isso é ruim, Cal. — ele me diz, e ele não tem que dizer as palavras, porque eu já sei. Claro que eu sei.

Eu entro na floresta de musgo, e eu estou cercada por samambaias frescas e sombras, e eu não sei por que, mas eu sei que eu deveria estar aqui.

— Não. — Finn me pede para voltar, e ele não vai seguir. — Eu não gosto da sensação aí de dentro.

— Eu também não. — eu digo a ele, mas eu continuo indo, um pé depois do outro, porque eu estou sendo puxada por uma corda invisível ou um cabo.

Finn fica e seu rosto está preocupado, mas ele é incapaz de seguir, e eu não posso julgá-lo por isso. O sentimento na floresta é opressivo, escuro e aterrorizante.

Tem alguma coisa aqui.

Alguma coisa aqui para mim.

À minha frente, uma sombra se move, ela cambaleia, ela desliza.

Eu sigo-a, incapaz de ficar parada. Ele esvoaça para dentro e fora das árvores, e eu também.

E, em seguida, finalmente, finalmente,

Ela se foi, e eu estou sozinha.

Eu sinto o silêncio, e provo-o com a minha língua, eu estou sozinha.

Eu olho ao redor, giro em um círculo, e há pedaços carbonizados de madeira dispostos em um círculo, uma fogueira.

Eu vejo algo no meio das cinzas, algo marrom, algo esfarrapado, algo velho.

Eu abaixo e toco-o, ele queima meu dedo.

As brasas ainda estão quentes.

Eu balanço para trás agachada e puxo com um pedaço de pau até que ele cai para longe, fora das brasas e para a segurança.

É um livro, cai aberto e a primeira página olha para mim, com a escrita do meu irmão.

O Diário de Finn Price.

Minhas sobrancelhas enrugam e juntam, e eu tomo um fôlego, foi por isso que Finn não quis vir?

Eu espero enquanto a brisa refresca as páginas, e mesmo que elas estejam carbonizadas, ainda há algumas sobrando que eu posso ler.

NOCTE LIBER SUM NOCTE LIBER SUM

À NOITE EU SOU LIVRE.

ALEA IACTA EST. OS DADOS FORAM LANÇADOS.

Os dados foram lançados.

Os dados foram lançados.

Serva me, servabo te.

Salve-me, e eu vou te salvar.

Salve-me.

Salve-me.

Salve-me.

Minha respiração vem em suspiros e eu não posso eu não posso eu não posso.

Porque Sabine disse estas palavras a mim, estas mesmas palavras, em diferentes épocas e lugares.

Ela disse as mesmas coisas para o meu irmão?

O que elas significam?

As páginas são frágeis e as bordas caem em meus dedos, pretas e carbonizadas, mas eu ainda posso ler mais das palavras.

ESTOU ME AFOGANDO. AFOGANDO, AFOGANDO.

IMMERSUM, IMMERSUM, IMMERSUM.

CALLA VAI ME SALVAR OU EU VOU MORRER EU VOU MORRER EU VOU MORRER.

SERVA ME, SERVABO TE.

SALVE-ME E EU VOU TE SALVAR.

SALVE-ME.

SALVE-ME,

SALVE-ME, CALLA.

E EU VOU TE SALVAR.

Há figuras e símbolos, e alguns dos rostos estão riscados, e eu não me lembro do seu diário ser tão mórbido ou sem sentido quando o encontrei há muito tempo. Se tivesse visto, eu teria levado direto para nossos pais, porque isso, isso, isso é loucura.

Eu fico olhando para uma foto, e é de dois meninos e uma menina. Um dos meninos está riscado completamente, mas eu ainda posso ver seus olhos e seus olhos são pretos e eu sei que o garoto é Dare. Finn riscou Dare.

UM POR UM POR UM.

OS DADOS FORAM LANÇADOS, FORAM LANÇADOS.

UM POR UM POR UM,

E NÃO SEREI EU.

NÃO SERÁ CALLA.

UM

POR

UM

POR

UM.

Eu estou congelada quando um sentimento sinistro constrói na minha barriga, espalha-se pelo meu peito, onde corre o risco de parar meu coração. Dedos da escuridão parecem agarrar meus ombros e agitar com força, mais força, mais força até meus dentes baterem.

MORTE É O INÍCIO.

O início.

O início.

Eu preciso começar.

Eu deixo cair o diário e saio correndo de volta, através das árvores. Os ramos chicoteiam meu rosto e eu escorrego no orvalho, mas não importa.

Eu sei por que Finn não veio comigo.

Ele sabia que eu encontraria seu diário, e ele sabia que eu ia impedi-lo de qualquer coisa estúpida que ele fosse tentar fazer. Eu posso dizer pela sua escrita... ele acredita no que Sabine me disse. Um sacrifício deve ser feito, e ele não vai deixar que seja eu.

MORTE É O INÍCIO. EU PRECISO COMEÇAR.

Um sacrifício.

Um sacrifício.

O sacrifício sou eu.

Pagamos pelos pecados dos nossos pais.

Eu sou o pecado.

Eu sou o sacrifício.

As palavras correm pela minha cabeça, mais e mais, quando eu estouro das árvores, eu o vejo. Vejo Finn, e ele está correndo com o rapaz encapuzado, com a Morte.

Eu os persigo para dentro de Whitley, quando subo as escadas, quando corro para o quarto de Finn. Está vazio... exceto por Pollux e Castor. Finn os trancou no quarto, e há uma única razão. Para que eles não pudessem segui-lo.

— Vão. — eu digo-lhes com firmeza. — Vão encontrar Finn.

Eles correm do quarto, seus grandes corpos tão altos quando eles pisam pelos corredores. Eu sigo tão rápido quanto posso, eu bato em Dare quando ele vira um canto.

— O que diabos...? — ele pergunta, e ele está confuso e eu empurro passando por ele.

— Meu irmão está com problemas. — eu grito por cima do meu ombro. Ele não faz perguntas, mas o ouço atrás de mim, ouço-o correr, ouço sua respiração. Mas eu não posso prestar atenção nisso. Tudo o que posso fazer é seguir os cães. Eu os persigo pela casa, persigo através dos jardins, e assisto as pontas das suas caudas pretas desaparecerem através dos portões de Whitley.

— Calla, espere. — Dare agarra o meu braço. — Nós temos que pegar o carro.

— Não há tempo. — murmuro, e Dare me puxa para o lado.

— Então as scooters. Nós nunca vamos alcançá-los.

As velhas scooters estão ao lado do portão e eu não sei por que elas não estão guardadas, mas sou grata quando pego uma e a bateria está carregada, eu vou em plena aceleração na estrada. Dare está comigo sobre a outra, e nós vamos e vamos, até que os cães sobem correndo um penhasco.

Nossas scooters fazem sons sinuosos e ficam para trás porque a subida é muito íngreme e por isso lanço a minha de lado e corro, minha respiração fica difícil, porque algumacoisaalgumacoisaalgumacoisa vai acontecer. Eu posso sentir isso, eu posso sentir isso.

Meu irmão.

Meu irmão.

É um canto na minha cabeça e eu não consigo concentrar-me, e então eu verifico a crista na parte superior e lá está Finn.

Ele está de pé na borda e os cães derraparam até parar e todos nós vemos meu irmão.

— Não faça isso. — eu imploro a ele, porque seu rosto está sério e pálido. — Eu não sei do que se trata, mas por favor, não faça isso, Finn. Eu preciso de você.

— Eu preciso salvá-la. — ele diz simplesmente, e sua voz é sem emoção e não há medo em seus olhos. Absolutamente nenhum medo. — Tem que ser

eu. Eu sempre soube. Dare me disse há muito tempo.

Seu Converse preto balança na borda e ele levanta as mãos.

— Eu te amo, Calla. — ele me diz. — Eu morreria por você. Tem que ser eu, porque não pode ser você.

A vida está em câmera lenta, e ele cai molemente para trás, como se estivesse caindo na cama, mas em vez disso, ele cai pelo penhasco.

Corro até a borda, e eu assisto e não há nenhum som quando ele bate na água. Sem som. Como pode ser?

Dare agarra meus ombros e eu grito e grito e grito, e, em seguida, dois flashes pretos velejam ao longo da borda ao meu lado.

Castor e Pollux.

Eles mergulham direto pelo ar com propósito e eu lembro o que Sabine disse.

Eles morreriam para protegê-la.

Talvez eles morreriam para proteger Finn, também.

Os cães batem na água e eu os ouço, e me viro, correndo para o baixo, desesperada para alcançar o meu irmão e quando meus pés tocam a areia molhada, eu corro e os cães estão mancando, arrastando o corpo mole do meu irmão entre eles.

Os cães estão ensanguentados e estão arrastando seus corpos com as patas estilhaçadas e eles estão quebrados quebrados quebrados, e uma onda de familiaridade apressa-se sobre mim e através de mim e eu já vi isso antes,

Eu já vi isso antes,

Eu já vi isso antes.

Eu já estive aqui antes, mas isso não é possível e eu não posso pensar nisso, porque tudo que eu posso pensar agora é no meu irmão.

Eu puxo-o para longe dos cães e eu respiro na sua boca fria e ele está flácido e ele está frio e ele está molhado.

Eu arrasto-o para o meu colo e nós estamos no meio do caminho para a água, e eu ouço Dare ao telefone e ele está falando com alguém.

— Houve um acidente. — ele está dizendo, e eu ouvi essas palavras antes, da sua boca dos seus lábios da sua voz.

— Foi? — eu olho para ele, e meus olhos estão queimando queimando queimando. — Foi um acidente?

Porque as palavras de Finn as palavras dele as palavras dele. *Eu sempre soube. Dare me disse há muito tempo.*

Dare fecha os olhos, e os olhos de Finn estão fechados, e ele está flácido e ele está frio e ele está morto.

Ele está morto.

A morte é o início e ele precisa começar.

— Eu não posso fazer isso sem você. — eu sussurro em seu ouvido molhado. — Por favor, Deus, por favor, Deus, por favor Deus. Finn. Por favor.

Prata reflete do seu medalhão de São Miguel e ele estava usando-o e ele não foi protegido ele não foi protegido.

— Foda-se, São Miguel. — eu grito e Dare coloca a mão no meu ombro e eu empurro para longe porque de algumjeitoalgumjeitoalgumjeito, isso é culpa do Dare. Eu sinto. Eu sinto. As imagens que Finn desenhou em seu diário... O rosto de Dare estava riscado. Finn sabia algo que eu não sabia.

— O que você fez? — eu grito para o Dare, e eu me recuso a soltar o meu irmão. Aperto a camisa, e eu me agarro em sua pele fria.

A ajuda vem, mas eles estão muito atrasados, eles tentam me arrancar do meu irmão e eu os odeio os odeio os odeio.

Eu seguro a mão do meu irmão quando eles o levam para a ambulância, mas há um lençol sobre o rosto e eles sabem que ele está morto e ninguém tem coragem de me mover. Ninguém.

Eu vou com ele para o hospital, e seguro sua mão todo o caminho.

— O que você fez? — pergunto ao Finn, em seu ouvido. Ele não responde e o lençol está sobre o seu rosto. Sua mão não se move e ele está morto e ele está morto.

— Senhorita, você tem que soltar. — uma das paramédicas me diz. Ela é simpática, mas firme, e eles não sabem o que fazer comigo.

— Nunca. — eu lhes digo. E isso é metafórico, e eles sabem disso. Minha mão cai e eles levam o meu irmão.

Eu afundo no chão e fico lá até Dare vir me pegar, até que ele me leva para o carro e coloca o cinto e minha cabeça está na janela.

— O que você fez? — pergunto-lhe, meus olhos fechados.

— Nada. — ele diz simplesmente. — Isso que eu fiz.

Ele estende a mão e está quente. — Porque não pode ser você, Calla. Eu não posso deixar ser você.

Nada faz sentido e quando eu chego em casa, Sabine me leva para o meu quarto e ela me obriga a beber chá, e eu faço isso porque eu preciso do esquecimento que ele traz.

Eu preciso estar na escuridão.

Eu preciso estar com Finn.

Eu não posso existir em um mundo sem ele. Ele é minha luz. Ele é minha luz.

Capítulo Vinte e Seis

Eu estou paralisada há dias. Eu mal consigo falar, eu só como o que eles me forçam a comer. Eu não quero existir, não sem Finn.

Jones leva-me à igreja, porque eu preciso orar, mesmo que seja para um Deus que levou Finn embora. É a única coisa que posso fazer.

Com um exterior de tijolos à vista, estilo neogótico[10], a igreja emerge contra o céu nublado, de um jeito severo e imponente.

Hesito quando espio pelo vidro.

— É a Igreja de St. Thomas de Canterbury. — Jones diz-me. — Este é o lugar onde Savages vão.

Eu sei que ele quer dizer a família, mas a ironia não passa despercebida por mim, porque as pessoas parecem selvagens[11] para mim agora, todas as pessoas, especialmente pessoas que seguem um Deus que tira o meu irmão.

— Eu vou esperar, Srta. — Jones me diz, acomodando-se no assento. Concordo com a cabeça e com os ombros para trás, eu ando direto para as portas.

Uma vez lá dentro, o comportamento da igreja muda, do gótico severo, para ricamente decorado, firme na linha da tradição católica.

Ela parece reverente aqui, santa e serena. E mesmo que eu não seja uma pessoa religiosa, eu gosto.

As estátuas de santos e anjos penduradas nas paredes são douradas e cheias

de detalhes, incluindo o crucifixo de Cristo na parte da frente.

Seu rosto está aflito, suas mãos e pés estão sangrando.

Eu olho para longe, porque, até hoje, é difícil eu imaginar tal sacrifício, mas, ao mesmo tempo, eu posso sentir. Porque o meu irmão se foi, e esse é o maior sacrifício do mundo.

— Você está aqui para confissão, criança?

Uma voz baixa vem de trás e me viro para encontrar um padre me observando. Seus olhos são gentis acima do colarinho branco, e mesmo que ele não me conheça, este homem, este sacerdote, é gentil simplesmente por ser gentil.

Eu engulo.

— Eu não sou católica. — eu digo a ele, tentando manter minhas palavras suaves neste grande lugar. Ele sorri.

— Eu tentarei não usar isso contra você. — ele confessa, e estende a mão. Eu pego, e é quente.

— Eu sou o padre Thomas. — ele se apresenta. — E esta é a minha paróquia. Seja bem-vinda.

Mesmo as mãos são gentis, quando ele agarra as minhas, e eu me encontro imediatamente à vontade, pela primeira vez em semanas.

— Obrigada. — murmuro.

— Você gostaria de um passeio? — ele sugere, e eu aceno.

— Eu adoraria.

Ele não pergunta por que estou aqui ou o que eu quero, ele só me leva ao redor, apontando este artefato e aquele, este detalhe da arquitetura ou aquela janela com vitral. Ele conversa comigo por um longo tempo, e me faz sentir como se eu fosse a única pessoa no mundo, e que ele não tem outro lugar para estar.

Finalmente, quando ele termina, se vira para mim. — Você gostaria de se sentar?

Eu sento.

Então ele senta comigo, e nós ficamos em silêncio por um longo tempo.

— Minha mãe costumava vir aqui, eu disse. — eu finalmente confesso. — E eu só queria me sentir como se estivesse perto dela.

O padre me estuda. — E você sente?

Meus ombros caem. — Não realmente.

— Eu estou aqui há um longo tempo. — ele diz gentilmente. — Eu conhecia a sua mãe. Laura Savage?

Fico surpresa e ele ri.

— Criança, você poderia ser o reflexo dela no espelho. — ele ri. — Não foi difícil descobrir.

— Você a conhecia? — eu respiro, e de alguma forma, eu me sinto mais perto dela, simplesmente porque ele esteve.

Ele balança a cabeça e olha para Maria. — Laura é uma bela alma. — ele diz gentilmente. — E eu posso vê-la em seus olhos.

Eu engulo por causa da dor e o sacerdote pisca.

— Eu sinto muito. Ela está com o Senhor agora, no entanto. Ela está em paz. Seu irmão também.

Minha respiração me deixa. — Você conhecia meu irmão?

Padre Thomas balança a cabeça. — Não. Mas eu dei-lhe a extrema unção no hospital. E eu vou para o mausoléu da família esta semana para seu funeral.

Meus olhos ardem e se enchem, eu torço e viro o medalhão de Finn nos meus dedos.

— Eu xinguei São Miguel. — eu admito a ele. — Na praia. Você acha que é por isso que não pudemos salvar Finn?

Ele está surpreso e seus olhos se arregalam. — Claro que não, criança. Deus e São Miguel conheciam sua dor. Você tem que acreditar nisso. Tudo acontece por um motivo.

Ele olha para o medalhão e está no meu pescoço e eu não sei por que estou usando. Acho que é porque ele é do Finn.

— Minha mãe deu para o meu irmão há muito tempo. — eu digo ao sacerdote. — Mas ele não funcionou. Era para protegê-lo...

Padre Thomas concorda. — Era a hora de Finn. Continue usando o medalhão. Você vai se sentir perto do seu irmão e São Miguel irá protegê-la, Calla. Você simplesmente tem que confiar.

Confiar.

Isso é realmente um pouco ridículo nas minhas circunstâncias atuais.

— Vamos rezar juntos, está bem? — ele sugere, e eu não discuto, porque não pode machucar.

Nossas vozes são suaves e uniformes como se elas se fundissem à luz do sol,

Na frente de Cristo no crucifixo,

e das duas Marias.

São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate. Seja nossa defesa contra as maldades e ciladas do demônio. Que Deus o repreenda, nós humildemente pedimos, e tu, ó Príncipe dos exércitos celestiais, pelo poder de Deus, envie para o inferno Satanás e todos os espíritos malignos que andam pelo mundo para perdição das almas. Amém.

— Você acredita no mal? — eu sussurro, quando acabamos, e por alguma razão, meus arrepios voltam. Eu sinto alguém me observando, mas quando abro os olhos, o próprio Cristo olha para mim. Do seu canto na parede, seus olhos são suaves e indulgentes, enquanto o sangue escorre dos seus pés.

— É claro. — o padre concorda. — Há o bem nesse mundo e há o mal. Eles equilibram-se mutuamente, Calla.

Realmente?

— Porque a energia não pode ser destruída? — eu sussurro. Porque ela vai de coisa para coisa para coisa?

O padre sacode a cabeça. — Eu não sei sobre energia. Eu só sei que existe o bem e o mal. E nós temos que encontrar o nosso próprio equilíbrio nisso. Você encontrará o seu.

Eu vou?

O padre me examina por um momento. — Os gêmeos são uma coisa tão interessante. — ele me diz. — Você sabia que alguns acreditam que Caim e Abel eram gêmeos?

Eu balanço a minha cabeça.

— Há estudiosos que acreditam nisso. — o sacerdote acena. — Eles acreditam que foi o primeiro exemplo de escuridão e luz nas pessoas.

— Caim matou seu próprio irmão. — eu consegui dizer. — Isso é muito escuro.

— E Finn morreu achando que estava salvando você. — diz o padre Thomas. — *Essa* é luz.

Eu não lhe pergunto como ele sabe disso. Apenas agradeço e me levanto e ele me abençoa.

— Volte para me ver. — ele instrui. — Eu gostei do nosso bate-papo. Se você não é católica, não posso ouvir a sua confissão, mas eu sou um bom ouvinte.

Ele é. Eu tenho que concordar.

Eu faço o meu caminho para fora da igreja, para fora do silêncio puro e brilhante, e quando eu passo para o sol, eu sei que estou sendo observada.

Cada fio de cabelo na minha cabeça sente, e pica.

Viro-me, e um menino está de pé na beira do pátio, do lado de fora da cerca. Ele está me observando, com as mãos nos bolsos, mas eu ainda não

consigo ver seu rosto. O capuz está puxado para cima mais uma vez.

Com minha respiração na minha garganta, apresso-me pela calçada até o carro, praticamente mergulho dentro e bato a porta atrás de mim.

— Aquele cara está de pé ali há muito tempo? — pergunto ao Jones, sem fôlego.

— Que cara, senhorita? — ele questiona, confuso, apressando-se a olhar para fora da janela.

Eu olho também, apenas para descobrir que ele se foi.

[10] Neogótico ou revivalismo gótico é um estilo de arquitetura revivalista originado em meados do século XVIII na Inglaterra. No século XIX, estilos neogóticos progressivamente mais sérios e instruídos procuraram reavivar as formas góticas medievais, em contraste com os estilos clássicos dominantes na época.

[11] Ironia porque Savage é traduzido como selvagem.

Capítulo Vinte e Sete

O quarto do Finn está quieto e silencioso. Uma vez que Castor e Pollux estão mortos, nem mesmo os cães me fazem companhia. Mas de alguma forma, eu ainda sinto Finn aqui, como se eu falasse com ele, ele responderia.

— Finn?

Sinto-me ridícula, mas Deus, eu sinto falta do meu irmão. Faz apenas alguns dias que estou sem ele, mas parece uma eternidade.

Não há resposta, é claro, e eu pressiono minha testa no vidro, observando os carros que vêm e vão. Finn está deitado em uma sala no térreo, para visitação. Seu funeral será amanhã e eu não posso suportar isso.

Eu estou com o meu rosto em seu travesseiro e eu fecho meus olhos e eu descanso.

— Você não pertence a este lugar, não é?

A voz é calma, mas fria.

Assustada, eu abro meus olhos e olho para o garoto com o capuz. Com um suspiro, sento sobressaltada na cama, porque a voz era feminina.

Sua cabeça está inclinada apenas o suficiente para que eu não possa ver seu rosto.

Espio em direção a ele e seu rosto é escuro.

— Quem é você? — eu pergunto, e as minhas palavras soam ocas. Ele inclina a cabeça, mas não responde, embora haja um rosnado baixo em sua

garganta.

— O que você quer?

Ele é calmo, sua cabeça está abaixada. Mas o braço levanta.

E ele aponta para mim.

Ele me quer.

— Eu?

— Claro. — eu o conheço eu o conheço eu o conheço.

Mas não consigo descobrir de onde.

— Eu posso ajudá-la, você sabe.

— Você pode?

Ele balança a cabeça.

— Vamos sair daqui. Eu vou te mostrar onde as coisas horríveis estão escondidas.

Seu sorriso era de camaradagem, e algum porto em uma tempestade.

Quando estamos na entrada da garagem, ele se vira para mim.

— Talvez você devesse ter trazido uma blusa. Você pode sentir frio.

Ele abaixa a capota do se seu carro de qualquer maneira, e nos vamos com velocidade durante a noite, para longe de Whitley.

— Para onde estamos indo? — eu finalmente pergunto, aliviada por estar

tão distante.

Ele olha para mim.

— Em algum lugar que você deve ver. Se você acha que quer ficar com Dare, você deve saber tudo sobre ele.

— Você conhece Dare?

— É claro. — ele diz. — Ele é meu irmão.

Estou surpresa, mas não, porque eu sabia disso eu sabia disso eu sabia disso. Eu só não me lembro como. Há alguma coisa em sua voz agora, alguma coisa rígida, e eu assusto, porque talvez eu não devesse ter escolhido este porto.

Ele vira em uma rua escura, uma rua tranquila, e, depois, estaciona na frente de um edifício velho, desmoronando.

— Vamos lá. — ele chama por cima do ombro. A placa na porta diz Sanatório Oakdale e eu congelo.

— Que lugar é esse? — eu sussurro, enquanto ele abre a porta.

— Você vai ter que ver para crer. — ele murmura.

Na nossa frente, um longo corredor se abre mais longe do que eu posso ver, as paredes em ruínas com a idade, as luzes ofuscam quando ele aciona um interruptor.

Não há ninguém aqui, mas eu posso ouvir gemidos, gritos, lamentos.

— Eu não entendo. — eu sinto que estou choramingando. Ele revira os olhos.

— Você realmente acha que alguém como Dare é sem bagagem? Cresça, menina.

Ele abre as portas conforme passamos, e elas estão todas vazias, cada uma delas.

Mas eu sinto presenças aqui,

Feiura.

Quando estamos quase no fim do corredor, ele se vira para mim, seu olhar feio e agora eu devia saber.

Na minha cabeça, eu vejo Dare e ele é tão pequeno.

Ele está sentado em uma cama neste lugar, e seus braços e suas pernas estão amarrados.

Os gritos ao nosso redor são ensurdecedores.

Os olhos de Dare estão arregalados e escuros,

Assombrados,

Assombrados,

Assombrados.

— Mãe? — ele pergunta, com seus olhos procurando na parede atrás de nós e sua voz pequena é esperançosa.

Uma enfermeira apressada passa por nós e lhe dá uma injeção no braço. — Calma, rapaz. — ela fala para ele. — Você sabe que sua mãe está morta. Ela escolheu você, em vez do seu irmão e então ela enlouqueceu. É sua culpa.

Dare fica com os olhos embaçados antes de fechá-los. — Eu sei que ela está morta por minha causa.

— E você está aqui por causa disso. — a enfermeira concorda. — Você é um pequeno monstro. Se não fosse por você, sua mãe estaria viva.

O rapaz encapuzado se vira para mim e seus olhos são de dor e ele tem os olhos de Dare.

Eu não consigo respirar.

Eu não consigo respirar.

— A enfermeira está errada. — ele me diz em um tom estranho. — Se não fosse por *você,* eu estaria vivo e Dare nunca teria estado aqui. Você pode mudar, Calla. Você pode mudar. Faça isso. Faça isso.

Ele estende a mão para mim.

E eu estendo a mão para pegá-la.

Então eu abro meus olhos.

E *nós nunca saímos do quarto de Finn.*

Nós. Nunca. Saímos.

E eu estou sozinha.

O que esta acontecendo comigo?

Eu preciso de ajuda.

Eu preciso de Dare.

Porque ele estava tão magoado e eu não sei por que, mas eu sei que eu estou machucando-o agora, mais e mais a cada dia, enquanto eu continuo empurrando-o para longe.

Ele não merecia aquilo.

Ele não merece *isso.*

Estou tropeçando.

Estou tropeçando.

O cômodo me pressiona para baixo, rodando e inclinando e sufocando. Eu arremeto para a porta, e acho Dare na varanda, com uma bebida em sua mão, ele olha distraidamente para a noite.

— Dare... Eu...

Lágrimas caem em minhas bochechas e ele me agarra.

— Você não é um monstro. — eu sussurro. — Você não é. Não é sua culpa que sua mãe escolheu você.

Sem olhar para trás, ele me leva para longe.

Longe da varanda.

Para os jardins.

— Eu vi o sanatório. — eu sussurro e afundo meu rosto no seu casaco, escondendo em sua roupa. — Eu sei que você esteve lá quando você era pequeno. Eu sei que eles te amarraram na cama e o chamaram de monstro. Estou louca?

— Você não está louca. — suas palavras são gentis, e é um tom suave que eu não ouço dele há algum tempo. Minhas paredes desabam, e eu choro.

Os minutos seguintes são um borrão.

Estendo a mão para ele,

ele me puxa para perto.

Sua respiração é doce,

a camisa está engomada e com cheiro de chuva,

almiscarada,

e de homem.

Suas mãos estão em toda parte,

Firmes,

Fortes,

E perfeitas.

Seus lábios são cheios,

Ainda

Suaves.

Sua língua encontra a minha,

Úmida,

Mentolada.

Seu coração bate forte,

O som agressivo no escuro,

E me agarro ao seu peito,

Sussurrando seu nome.

— Dare, eu...

— Vamos embora. — ele sugere. — Vamos deixar tudo para trás. Vamos girar a roda e deixar as fichas caírem. As coisas vão mudar, mas elas não podem ficar piores. Vamos, Calla. Venha comigo.

Então eu vou.

Ele pega a minha mão e eu o sigo,

Porque eu o seguiria até os confins da Terra.

Eu sei disso agora, e digo a ele.

Ele se vira para mim, seus olhos tão tempestuosos e escuros.

Ele me carrega, e ele está caminhando pelos corredores de Whitley.

Seu quarto é escuro e masculino, a cama assomando contra a parede. Nós tombamos nela, e sua mão está por trás da minha cabeça enquanto caio no travesseiro.

Nossa roupa é arrancada e nossa pele é quente e corada e viva.

Eu estou viva.

Dare vive livre.

Nós respiramos essa liberdade, e ele me acaricia com os seus dedos, dentro de mim, bem no fundo e eu ofego e suspiro e tremo.

— Eu... sim. — eu murmuro em seu ouvido.

As consequências podem ser malditas.

Eu não me importo com quem ele é.

Eu não me importo com o que ele fez.

Ele está aqui.

Ele me faz sentir.

Eu o quero.

Ele me quer.

Então, ele me leva.

Não há dor.

Ele está lá dentro e me enche, e suas mãos...

fazem mágica.

Seus lábios...

respiram vida para dentro de mim,

Enchendo-me,

Criando-me.

Eu grito o seu nome.

Ele grita o meu.

Eu sou intoxicada pelo som, pela cadência, pela batida.

Seu coração corresponde, em ritmo firme.

Nós estamos muito vivos,

E juntos.

Nossos braços e pernas emaranhados.

Nossos olhos se encontram e fixam.

Seu olhar no meu enquanto ele desliza para dentro,

Em seguida, para fora.

Aperto seus ombros,

Para segurá-lo perto.

Ele estremece,

O luar derrama pela janela,

Na minha pele,

E na dele.

Seus olhos, emoldurados por cílios negros espessos, fecham.

Ele dorme.

Mas ele acorda no meio da noite e ficamos juntos de novo, e de novo e de novo.

Cada vez é novo,

Cada vez é reverente e cru e incrível.

Na parte da manhã, quando ele é banhado pelo sol, Dare finalmente olha para longe. Vergonha em seus olhos, a culpa em seu coração.

— Às vezes, eu desejo que eu pudesse simplesmente ir embora e todo mundo estaria melhor e nós nunca teríamos que passar por isso novamente.

— Não diga isso. — eu suspiro. — Você é a única coisa que me mantém sã.

— Você não sabe o que está dizendo. — ele me diz e sua voz é bastante dura. — Eu sou a pessoa que a mantém insana. Nós estamos em um ciclo, você e eu. E nunca vai ficar melhor, porque nenhum de nós vai ceder.

— Que ciclo? — eu pergunto, confusa, mas Dare olha para longe.

— Isso não importa. Tudo o que importa é que eu não mereço você. Você pode ver por quê?

Sua voz é quase frágil.

Você é melhor do que eu mereço.

Ele disse isso antes, uma e outra vez, e eu nunca soube o que ele queria dizer.

Eu não sou melhor do que ele merece, não em muito tempo, nem nunca.

Ele senta-se na cama.

— Vá verificar o quarto do Finn. — ele me diz e sua voz está cansada. Eu olho para ele, porque Finn está morto e ele sabe disso.

— Ele não está. — Dare fala, como se pudesse ler meus pensamentos. — Ele não está morto. Você tem que confiar em mim. Vá.

Ele me observa sair do quarto desanimado, e corro para o de Finn, e quando eu chego, Finn está lá.

Ele está dormindo pacificamente em sua cama e Pollux está aos seus pés.

E ele está respirando.

Eu não posso. Eu não posso.

O quarto rodopia de novo e de novo, e eu estendo as minhas mãos.

Eu estou caindo,

Caindo,

Caindo, e eu não sei onde vou pousar.

O mundo é um palco e todos nós somos falsos em cima dele.

Os dados foram lançados,

Foram lançados,

Foram lançados.

Eu sinto,

A verdade.

Ela está vindo,

E é escura,

E eu não vou gostar.

Eu sinto.

Eu sinto.

Todos temos os nossos papéis para atuar, e eu vou fazer bem o meu.

Mas qual é?

Concentro-me,

E penso,

E mais virá.

Somos todos um pouco loucos, não somos?

Sim.

Capítulo Vinte e Oito

Sabine me pega do chão e ela me leva para o seu quarto, seu quarto místico escuro, onde as paredes estão cobertas de trevas.

Ela me senta e toma minhas mãos e olha nos meus olhos.

— Finn está vivo. — eu digo lentamente, e as palavras as palavras as palavras.

Ela balança a cabeça.

— Mas ele estava morto.

Ela balança a cabeça novamente.

— O menino com capuz que eu fico vendo... toda a minha vida... é o irmão de Dare o tempo todo, e seu irmão está morto.

Sabine acena.

Eu estou entorpecida, estou confusa, e eu estou tão cansada de ser desse jeito. Eu digo a ela e ela olha para longe, em seguida, de volta para os meus olhos.

— Eu vou pegar um pouco de chá.

— Eu não quero o seu chá.

Minha voz é rígida e acentuada. — Eu me sinto como se eu fosse um peão, e eu estou sendo jogada.

— Sempre confie em seus instintos, menina. — ela me diz rouca.

E

De repente

De repente,

Eu sinto o perigo.

Ele dá voltas em torno de mim, inflamando-se no ar e crepitando no meu cabelo e os olhos de Sabine são tão frios como a morte e ela é o perigo.

Meus instintos estão pegando fogo, crepitando, estourando, estalando, e meus olhos exploram o quarto, rápido, rápido, mais rápido. Meu olhar para em alguma coisa

Alguma coisa

Alguma coisa.

Uma foto, saindo de uma gaveta. Apenas o canto, apenas a borda, mas eu sou atraída por ela.

É importante.

Eu sei.

Eu arremeto para ela, eu agarro-a, eu puxo-a para fora e olho para ela.

E é Olivia.

E os olhos

Os olhos dela

Os olhos dela.

Pretos como a noite, pretos como o carvão,

Pretos como os de Sabine.

Pretos como os de Dare.

Pedaços irregulares de gelo se formam no meu coração e bombeiam pelas minhas veias,

Rasgando-os

Rasgando-os.

— Você. — eu sussurro. — Você está fazendo isso. De alguma forma. Como você está….

Minha voz falha porque a expressão no rosto de Sabine... eu já a vi antes.

— Ela era sua. — eu percebo em voz alta. — Olivia era sua.

Sabine acena. — Ela era minha filha. Minha única filha. Eu a treinei, criei-a como uma Roma, ensinei-lhe os velhos costumes. Essa menina era tudo para mim. Tudo. E você a levou. Você e seu irmão e Adair.

Eu não sei o que dizer, porque a realização é esmagadora.

Sabine é parente do Dare o tempo todo?

O sentimento familiar continua a crescer e crescer, e se espalhar e *este quarto.*

Este quarto

Gira e rodopia e é familiar. De antes, de uma época que eu não me lembro.

— Havia fogo aqui. — eu digo em voz alta, olhando em volta, tentando recuperar as memórias. — Em todos os cantos. E Dare. E a sua voz.

Nós invocamos você.

Nós invocamos você.

Restaura a minha filha, e eu lhe ofereço

Estas vidas,

Sempre

Sua.

Permita-os mudar os padrões,

Altere os acontecimentos.

Eu invoco você.

Eu invoco você.

Restaure a minha filha.

Eu invoco você.

Acabe com o ciclo.

Leve-os como sacrifício.

Sua voz, como sempre, era um sussurro rouco e eu me lembro

agora. Lembro-me de segurar a mão de Dare, mas ele a soltou, e ele deu um passo atrás, e Finn estava lá comigo.

Um por um por um.

Havia fogo, e nós queimamos.

Finn e eu.

Sabine nos queimou até a morte,

Por alguma coisa

Alguma coisa.

Alguma coisa que não funcionou,

E nós passamos o resto desse tempo

Em um ciclo.

Uma

E

Outra vez.

— Você matou a minha filha. — Sabine fala simplesmente. — Todos vocês.

Ela toca a minha mão, a dela como uma garra, e os eventos os eventos os eventos daquela noite me inundam.

Estava escuro.

Foi há muito tempo.

A mãe de Dare estava nos levando para um mergulho à meia-noite. Éramos tão pequenos e ela era louca. Transtorno esquizoafetivo e ela não tinha tomado seu remédio e ninguém sabia. Nós estávamos indo dançar na praia, disse ela. Mas o carro rolou fora pelas falésias

E

Nós

Caímos.

A água encheu o carro, e as janelas as janelas nos manteve dentro. E, de repente, Olivia quebrou e nos libertou, e nós afastamos para a superfície, mas ela não, porque ela se afogou.

— Minha filha se afogou para salvá-los. — Sabine diz, e há algo semelhante a ódio em seus olhos.

— Dare é o seu neto. — eu digo instantaneamente. — Olivia era a esposa de Richard. Mas Dare não era do Richard.

Eu me lembro disso. Eu me lembro de ouvir os sussurros e não saber o que significavam. *Olivia foi infiel. Olivia era infiel. Dare tinha muita coisa na vida e eu não sabia o que era. Dare não pode deixar os terrenos porque ele é uma vergonha. Dare é um bastardo. O que é um bastardo, mãe? Nada que você deva se preocupar, minha querida.*

— É claro que ele não era. — Sabine sibila. — Olivia estava apaixonada por Phillip, que era filho de Salomé. Olivia é Salomé, Calla. E Dare é Salomé. Somos todos do seu sangue, e Phillip sempre a amou, ele era o irmão dela, seu gêmeo. Ninguém sabe disso, claro. A história mudou e dissemos que

ele era o tio dela. De qualquer maneira, nossa linhagem é pura.

— É pura, para que possamos oferecer um sacrifício puro, para terminar o ciclo. Não era para ser Olivia. Era para ser Finn. A morte de Olivia foi em vão, porque ela não é de Caim e Abel, como Finn. Mas Olivia morreu salvando você e Dare e Finn em vez disso. Finn deveria morrer. O universo dá de volta o que você colocar nele, menina.

— Olivia tinha transtorno esquisoafetivo. — eu digo lentamente. O sorriso de Sabine é estranho, e estende-se de orelha a orelha.

— Sim ela tinha. E agora você e Finn passam essa mesma coisa um para o outro, uma e outra vez, depois que vocês a mataram. Você acha que isso é uma coincidência?

A voz dela a voz dela a voz dela é conhecedora e eu sei que ela está certa. Não é uma coincidência.

— Nós não a matamos. — eu digo fracamente. — Não de propósito.

— De qualquer maneira, aconteceu. O universo sempre funciona à sua maneira, criança. Você deveria ter um problema cardíaco. Você nasceu com ele. Mas você deu a Dare, e agora parece ter desaparecido. Mas não desapareceu. As coisas nunca desaparecem. O destino é o que é, e sempre funcionará à sua maneira. Dare sabe disso.

— Então Dare sabia o tempo todo? — pergunto e as minhas palavras são pedaços de madeira como o meu coração.

Seu sorriso amplia mais.

— Claro que ele sabe. — ela diz, e ela é sem coração, o coração é preto, seu coração se foi. — Ele estava tentando salvar a mãe dele, afinal.

O fogo

O fogo. Dare me levou ao fogo, e ele saiu, e ele me deixou com Finn para morrer.

Só que nós não morremos.

— Você tentou nos matar. — eu digo em voz alta. — Há muito tempo. Não funcionou.

Ela olha para longe agora, descontente. — Deveria ter funcionado. — ela acrescenta. — Deveria ter sido fácil. Mas nada nesta vida nunca é, eu suponho. Você tem lutado e lutado contra nós, mas você não pode lutar para sempre.

— Nós? — eu quero derreter em uma poça e ficar lá, porque eu sei o que ela quer dizer.

— Dare e eu, é claro.

É isso que eu pensava, e isso me mata me mata me mata.

— Tem que ser Finn. — ela explica com a língua impiedosa. — E Dare sabia disso. Para sacrificar, para acertar as coisas, tem que ser Finn. Olivia tentou. Ela ofereceu um filho, mas a oferta foi rejeitada. Não foi culpa dela.

Tudo o que posso pensar é uma coisa.

Dare está com Sabine.

Dare está com Sabine.

— Como você tem feito isso? — eu pergunto. — Como você está

deixando-nos loucos? Como você está fazendo isso? É o seu chá?

Ela ri e é como uma gargalhada. — Claro que não, criança. Eu tenho os meus costumes antigo ciganos, e eu adiro a eles. Tudo vai acontecer como deveria. O tempo é fluido e pode mudar. Você pode mudá-lo. Você pode alterá-lo para a coisa certa se esperarmos tempo suficiente.

— E Dare?

Sabine dá de ombros. — Ele não importa. A única coisa que importa é o fim.

Minhas veias viram gelo e eu não entendo. Tudo o que sei é que o tempo todo, minhas lembranças têm sido reais, mesmo quando elas não pareciam possíveis. Os déjà vu, a loucura.

— Um por um por um. — Sabine me diz. — Você é de Judas, e você deve trair seu irmão, para acertar as coisas. Há sacrifícios a serem feitos, menina. Você deve ser forte o suficiente para fazê-los.

As palavras da minha mãe, no livro que ela deixou, voltam para mim voltam para mim voltam para mim.

Que você sempre tenha a coragem de viver livre, e a força para fazer o que é certo.

Minha respiração engata e engata e embaraça e embaraça, porque parece que minha mãe estava dizendo para sacrificar Finn, de escolher viver livre com Dare. Mas isso não pode estar certo. Ela me disse que eu não poderia ficar com Dare.

Mas, então, as coisas mudaram,

Mais uma vez

E de novo. E quem sabe mais quantas?

— Você é a única louca. — eu digo a Sabine conforme observo o olhar em seus olhos, o brilho inquietante, desequilibrado. Ela não nega.

A porta abre de repente e Dare está aqui, graças a Deus, e ele me agarra.

— Nós temos que ir, Calla.

Eu olho para ele, e seus olhos estão arregalados e cheios de dor e culpa, e eu me afasto.

— É verdade? — pergunto baixinho.

— Você veio para nos pegar? Você ia nos matar para Sabine? Você ia matar Finn?

Seus cílios escuros são como tinta contra seu rosto quando ele fecha os olhos e suspira, tão alto. — Eu era tão pequeno quando eu concordei. Ela era minha mãe, e eu só a queria volta. Sabine me disse que se eu participasse, minha mãe iria voltar. Eu não sabia que tudo isso iria acontecer. Eu não sabia.

— Mas você sabia que Finn ou eu morreria. — eu pressiono, e seus dedos são frios contra os meus.

Ele abre os olhos e olha nos meus, e eu quero mergulhar nos seus, nadar neles, flutuar.

— Quando você é uma criança, você não entende a mortalidade. — ele simplesmente oferece. — Não realmente. E uma vez que começamos, eu não conseguia parar. Era uma bala saindo de uma arma, e eu não poderia colocá-la de

volta. Eu já tinha concordado, e uma palavra Roma é uma obrigação.

Ele é parte Roma, e eu sei disso agora.

— Quando eu percebi, conforme fiquei mais velho, eu já tinha me apaixonado por você. Eu não posso deixar ser você. Eu vou fazer de tudo para parar isso.

— Mas nós somos amaldiçoados. — eu digo em voz baixa, e parece que é única resposta. — Você é irmão do Finn, e eu sou a irmã do Finn, e eu sou filha de um incesto. Tudo foi orquestrado por causa de alguma grande crença na magia Roma.

— Não é apenas uma crença. — Dare suspira. — Eu gostaria que fosse, mas não é. Cal... você muda as coisas. Você mudou-as mais e mais toda a sua vida, mesmo sem saber. Você amou tanto seu irmão, que você literalmente mudou o tempo para trazê-lo de volta. É porque você é descendente de Abel. Deus o fez, o juiz de Almas e você também. Você sabe o que é certo. Você sabe.

Sabine nos observa e ela está séria e silenciosa.

— Eu não acredito em você. — eu digo e soa como um gemido.

— Você não entende nada ainda, não é? — Sabine é maliciosa. — O tempo é fluido e maleável, e você tem o poder de mudá-lo. É uma tapeçaria e nós somos as peças.

Estou confusa e eu estou atordoada, e Dare está silencioso e forte e ele olha para mim.

— Isso é real. — ele me diz. — O tempo todo, você sabia, mas você estava com medo que estivesse louca.

— O déjà vu, as memórias... — eu sussurro.

— Reais. — ele balança a cabeça, e ele está triste e seus olhos são tempestuosos. — O déjà vu era real. Todo mundo tem, porque todo mundo tem a extensão de mudar as coisas com os seus sonhos, mas não como você. Você é mais forte do que a maioria por causa do seu sangue.

— Isso é impossível. — eu digo, mas eu sei que estou errada. É possível. Eu sinto isso em meus ossos em meus ossos em meus ossos.

Hesito, mas algo que Sabine disse volta para mim. — Tem que ser eu ou Finn, para levar as coisas a um fim.

O silêncio de Dare é sua concordância.

— E você escolheu Finn. — as minhas palavras são lentas. — Você escolheu Finn, você deixou-o morrer. Uma e outra vez e outra vez.

— Finn escolheu morrer uma e outra vez e outra vez. — Dare insiste. — Ele escolheu ser o sacrifício, mas você continuou a mudar as coisas. Vocês são como Castor e Pollux. Vocês amam um ao outro em excesso, e o universo vai fazer todo mundo pagar por isso. Você tem que deixar o ciclo terminar.

O rosto de Dare é torturado, aflito, e parece que meu coração, está despedaçado, está quebrado.

— Mas meu irmão... — eu sussurro. — Você estava disposto a deixar Finn morrer. Você ama Finn.

— Eu amo. — ele concorda. — Mas não pode ser você. — ele fala simplesmente e estende a mão para mim, mas eu me afasto.

— E de alguma forma, eu mudei, eu continuei trazendo-o de volta porque eu o amo, eu o amo mais do que a vida, e toda vez, você de alguma forma conseguiu desfazer e matá-lo novamente.

— Eu não. — Dare protesta. — Finn fez. Porque ele sabe que o destino é real. A sina é real. Esse é o destino dele.

Os olhos de Sabine são conhecedores e escuros.

— Você tem que deixar isso acontecer, menina. — diz ela. — Quando você muda, você só prolonga o tormento.

— Eu não me importo. — eu digo friamente. — Eu não me importo se você for atormentada para sempre e todo o universo queime. Nada importa, exceto Finn.

Dare está atordoado, mas ele entende, finalmente finalmente finalmente.

Finn é a minha outra metade. Eu não posso viver sem ele.

— Todos devem pagar um preço nesta família. — diz Sabine, votando ao ponto. — O universo exige, para acertar as coisas. Um por um por um. Olivia já pagou seu preço. Agora você deve pagar o seu.

Eu estou entorpecida

Estou sozinha

Estou com medo

Estou determinada.

Não será Finn.

Eu amo Dare e eu amo a vida, mas meu irmão é a vida. Ele é tudo. Ele sempre foi tudo.

Dare cede e observa enquanto eu toco os dedos de Sabine. Seus olhos escuros escuros são a última coisa que eu vejo quando o quarto gira e gira e me deixa tão tonta que eu fecho meus olhos.

Quando eu os abro, eu estou sozinha.

Eu estou andando através de Whitley, através de pântanos com nevoeiro, respirando o ar da manhã molhado, e algo está me puxando me puxando me puxando para os mausoléus.

Eu abro a porta e o cheiro de mofo e a escuridão, e o nome de Dare.

Na parede.

Adair Phillip DuBray.

Há flores lá e eu não estou sozinha.

Uma mulher com capuz está de pé, chorando, com a cabeça contra a pedra.

Ela se vira para mim, e seus olhos são pretos e ela está chorando.

— Você fez isso. — ela me diz. — Você o matou. Deveria ter sido eu. Deveria ter sido eu.

Sabine vem e segura os ombros de Olivia e orienta-a para a porta. Ela olha por cima do ombro para mim, embora o sorriso de Sabine seja de orelha a orelha. E eu soluço.

Eu choro no túmulo de Dare, porque mesmo que ele soubesse, mesmo que ele estivesse disposto a arriscar Finn, ele era um peão, assim como eu e eu o amo

eu o amo.

O mausoléu fica mais escuro e eu choro até que eu não posso chorar mais, até que não haja lágrimas, até que estou mole.

Então eu durmo e o esquecimento me leva para os seus braços e eu estou girando girando e quando eu abro meus olhos, minhas memórias foram tomadas novamente por esquecimento, e alguma coisa mudou e tudo mudou.

Eu estou olhando para Sabine.

Em seu quarto místico, e eu já estive aqui antes, eu já estive aqui antes.

Ela me senta e toma minhas mãos e olha nos meus olhos.

— Finn está vivo. — eu digo lentamente, e as palavras as palavras as palavras.

Eu já disse isso antes,

Eu já estive aqui antes.

Eu me apego a esse conhecimento conforme a velha mulher acena.

— Mas ele estava morto.

Ela balança a cabeça novamente, e minhas próximas palavras derramam sem o meu consentimento, como se eu estivesse encenando um papel em uma peça de teatro.

— O menino com capuz que eu fico vendo... toda a minha vida... é o irmão de Dare o tempo todo, e seu irmão está morto.

As palavras

As palavras.

Eu estive aqui.

Eu lembro. Eu lembro.

Eu me lembro do o que aconteceu no quarto de Sabine, e sua parte em tudo, como ela puxou as cordas e controlou Dare, e ela só se importa em cumprir alguma profecia Roma estranha e Finn deve morrer, porque eu deveria traí-lo e deixar isso acontecer.

Dare entra de repente pela porta, como eu sabia que ele iria, e ele está vivo.

Ele está vivo.

— Nós temos que ir, Calla. — ele diz e eu vou com ele desta vez. Há culpa em seus olhos e em seu coração, mas eu não me importo. Eu vou com ele de qualquer maneira. Porque ele é um peão e eu sou um peão, e nós vamos ser peões juntos.

Ele me puxa para a porta e Sabine se agarra a mim e seus olhos e seus olhos me queimam.

— Você não pode escapar. — ela diz-nos quando fica para trás. — A sorte foi lançada. Saiba disso, filha. Seu irmão estava destinado a morrer há muito tempo. Você foi trazida para o mundo com um propósito, como uma descendente de Judas. Você foi feita para oferecer o seu irmão, para traí-lo. Mas você não traiu. Mais e mais, você traiu o universo, em vez disso e salvou seu irmão. A morte quer o seu irmão, e você não pode pará-la.

Dare me puxa com ele, pelos corredores, e através da escuridão e sua mão está quente e eu estou tão assustada.

— Nós estamos perdidos. — falo para ele, porque parece ser verdade.

— Não, nós não estamos. — ele argumenta. — Eu morreria por você, Cal. Eu vou fazer isso.

Mas Deus, meu coração bate com o pensamento disso.

— Eu não posso ficar sem você de novo. — eu digo a ele, e é verdade. E também é verdade que eu não posso ficar sem Finn. E Sabine diz que um de nós deve morrer, e que Finn já deveria estar morto.

— A sorte foi lançada. — eu acrescento, e isso parece tão sombrio.

Porque é.

Capítulo Vinte e Nove

— Eu não entendo como isso está acontecendo. — eu digo enquanto corremos através de Whitley, pelos corredores, através dos quartos.

— Ninguém entende. — Dare diz quando nós invadimos o quarto de Finn. — Os costumes ciganos são misteriosos. Sua mãe sabia, no entanto. Mesmo que você continuasse mudando as coisas, ela sabia desde o início, e ela tentou mudar as coisas fugindo para a América. Mas não funcionou. O destino tinha um plano.

— Eu realmente mudei as coisas? — eu pergunto, e Finn acorda e eu seguro sua mão.

— À noite, sua mente é livre. — Dare explica. — Isso que eu descobri até agora. — Você e Finn. Suas mentes vagam no sono, e por qualquer motivo, você pode mudar as coisas sem sequer tentar, ou sem saber como. Algo aconteceu com você naquela noite há muito tempo no quarto de Sabine. Ela tentou sacrificar você, mas algo deu errado. Deve ter algo a ver com o sangue de Caim e Abel.

Eu penso sobre isso. Como Finn morreu várias vezes, e cada vez que eu fui dormir querendo-o de volta. E cada vez, quando eu acordava ele estava lá.

— Nós estamos presos em um ciclo. — Dare fala e as palavras parecem loucas, mas louca é a minha vida e é a única coisa que faz sentido. — Nós estamos em um ciclo, revivendo diferentes cenários até que o caminho certo aconteça. Aquele em que o ciclo termina, e Finn é aceito como o sacrifício, porque o sacrifício de Caim foi rejeitado há muito tempo. Sabine não pode afetar as mudanças. — ele finaliza. — Só você, ou Finn. Eu não sei por quê.

Finn olha para nós e ele age como se soubesse.

— Você sabia? — eu sussurro.

— Eu sabia. — ele responde. — Mas então, pensei que eu fosse louco, por causa de todo o déjà vu e as coisas acontecendo de novo e de novo, e minhas memórias não pareciam reais.

— Talvez sejamos todos loucos. — eu digo, e Dare balança a cabeça.

— Não. Eles pensam que somos, porque não parece plausível. Mas nós não somos. Sabine sabe a verdade, mas ela está usando suas percepções contra nós. Eles estão fazendo as pessoas pensarem que estamos doentes, que somos loucos. Mas nós não somos.

— O que vamos fazer? — pergunto e o futuro parece sombrio. — O passado é uma prisão.

E nós nunca vamos nos libertar.

— Temos que nos unir. — Dare diz, e ele está decidido. — Nós vamos resolver isso. Vamos descobrir o que fazer. Sabine precisa de nós. Nós apenas temos que controlar nossos sonhos. É como nós giramos de um momento para o outro.

— Mas como podemos controlar os sonhos? — Finn pergunta em dúvida.

É uma excelente pergunta.

— Nós vamos ter que descobrir isso. — Dare diz, e ele está cansado. — Minha mãe morreu, e eu não concordo com Sabine que foi um erro. Acho que as coisas acontecem por uma razão e se tentarmos alterá-la, *este* é o erro.

Eu concordo.

Os sonhos não são reais. Eles só são reais se nós os tornamos assim.

— Eu preciso falar com você. — eu digo a Dare, e ele sabe o que eu preciso dizer. Ele está hesitante, mas ele anda comigo através dos jardins, longe da casa, longe das pessoas que podem nos ouvir.

— Você me traiu. — eu digo a ele e meu sussurro é quebrado com tristeza.

— Eu tentei dizer a você. — ele fala com tristeza, e eu sei eu sei eu sei quando foi. A noite que a minha mãe foi morta, uma das muitas vezes que eu revivi aquele momento. — Você tentou me dizer, mas nós rodamos. Mudou.

Dare assente e seus olhos brilham e meu coração se parte.

— Eu te amo, Calla. Eu não poderia suportar perder você. Eu pensei que fosse um caso perdido. Sabine deixou-me acreditar que tinha que ser você ou Finn, e ela me convenceu que Finn já estava perdido. Ele deveria ter morrido quando ele era pequeno.

Ele deveria, eu sei que é verdade. — Mas eu não posso viver sem ele. — eu consigo pronunciar, e as minhas palavras são quentes, meus olhos estão quentes.

Dare assente. — Eu sei disso agora. Eu sei.

Meu coração gela com a dor, congelado com o mero pensamento.

— Eu vou morrer sem Finn, Dare.

— Eu sei. Eu vou me sacrificar. Talvez isso funcione.

— Não. — eu quase grito, porque o pânico o pânico o pânico. — Não. Eu

não posso te perder, e eles dizem que tem que ser Finn. Portanto, o seu sacrifício seria por nada, assim como o da sua mãe. Tem que haver uma outra maneira. Eu vou mudar isso em meus sonhos. Vamos fazer alguma coisa.

— Eu não acho que isso vai funcionar. — ele diz incerto. — Vai precisar de um sacrifício do sangue de Caim para finalmente fazer isso parar. Você não é de Caim. Você é de Abel.

— Por favor, me prometa. — eu imploro, agarrando sua camisa. — Não vai ser você. Não será Finn. Nós não vamos desistir.

Ele está sem palavras à medida que entramos no jardim secreto,

Nosso lugar.

Os anjos estão olhando para nós com olhos vazios, e eu inclino em Dare.

Ele esta tão quente,

Tão forte, tão forte,

Tão real.

— Isso está realmente acontecendo? — eu pergunto-lhe. — Porque às vezes, eu não consigo ver a diferença.

Ele inclina minha cabeça para trás com o polegar, levantando o meu rosto para o céu. Seus olhos me reivindicam, me afagam, me inflamam.

Eu dobro em sua palma,

E ele me sustenta.

— Eu sou real. — ele diz no meu cabelo. — Você é real.

Estamos de pé sob o luar,

Não há nenhuma razão para ter medo.

Certo?

Dare me beija e os seus lábios são a luz do sol. Ele me toca e seus dedos são a lua. É noite em algum lugar, e à noite nós somos livres.

Nós nos juntamos como as estrelas,

Sob o abrigo do gazebo.

Longe da vista,

Longe de tudo.

Somente nós.

Nossa pele é quente,

Nossas bocas estão necessitadas.

Nós estamos sozinhos.

Exceto pelos anjos esquecidos por Deus.

— Os anjos me assustam. — eu sussurro para Dare, e eu agarro-o perto.

Ele me abraça forte.

— Eu sei. — ele diz. — Por que isso?

— Eu não sei. — eu respondo, e é a verdade. — Talvez sejam os olhos. Eles me veem.

— Eu vejo você. — ele me lembra, e seus olhos são pretos.

Pretos, pretos,

Pretos como a noite.

— Você sempre verá? — murmuro, e seu pescoço tem gosto de sal. Meus dedos encontram o seu SEJA LIVRE.

— Sim. — ele promete.

— Repromissionem. — digo a ele. — É Latim.

— Eu sei.

Naquela noite, eu durmo no meu quarto e Finn dorme comigo.

— Eu já morri em suas memórias? — ele pergunta-me de repente, no momento que estou quase dormindo. Hesito, mas eu aceno.

— Sim.

— Mais de uma vez?

— Sim. E eu... em suas memórias, eu quero dizer?

Ele balança a cabeça. — Não. Você ficou louca algumas vezes, mas você nunca morreu. Você esteve doente uma vez, e Dare esteve doente uma vez. Algo estava errado com seu coração, mas então eu dei para o Dare no meu sonho. Em seguida, ele ficou doente... mas depois mudou de novo. Eu não sei como, mas eu te salvei uma vez. Eu vou salvar você de novo.

Salve-me, e eu vou te salvar.

— Você ficou louco nas minhas memórias também. — eu digo a ele, e acho que passamos a loucura de um lado para outro, pegando-a um do outro, mais e mais. Porque nós nunca queremos que o outro sofra. Nós somos gêmeos. Somos mais próximos do que a coisa mais próxima da Terra.

— Calla. — Finn começa a dizer e eu quero interrompê-lo, porque eu acho que sei o que ele vai dizer. — O que você disse anteriormente, em não mudar as coisas... você estava certa.

Meu coração afunda.

— E você mudou as coisas por mim. Era para eu já ter morrido.

— Você caiu no jardim de infância. Da corda de escalada na escola. — digo a ele. — Como é que algo assim deveria acontecer?

Ele dá de ombros. — Simplesmente deveria. E eu acho que mudando e mudando e mudando é apenas bater a cabeça contra uma pedra.

— Você não vai morrer, Finn. — eu instruo-o, e ele ri sem humor.

— Eu não tenho certeza se isso cabe a nós. — ele responde. — Não no final. Eu estou destinado a salvá-la, Calla. Eu sinto isso em meus ossos.

Eu não sei se ele está certo. Tudo o que sei é que eu não posso viver sem ele. Adormeço segurando sua mão. Na parte da manhã, Dare está sentado no quarto, esperando-nos acordar.

Meus olhos estão grogues quando eu olho para ele, e as coisas de ontem, voltam para mim, e eu sento-me sobressaltada.

— Alguma coisa mudou enquanto dormimos? — pergunto-lhe rapidamente, e ele não sabe.

— Tudo o que sei é que nós estamos indo para Oregon. — ele nos diz. — Eu liguei para o seu pai e nós vamos partir no próximo voo.

Finn e eu fazemos as malas porque ir para casa parece razoável, porque Whitley está cheia de segredos e perigos e porque Sabine está aqui.

Quando saímos, quando dirigimos longe, eu olho por cima do meu ombro e eu juro que eu vejo as cortinas se deslocarem em uma pequena sala no andar de cima. Alguém está olhando-nos ir, e o pelo do meu pescoço levanta, porque Sabine não está se esforçando muito para nos impedir de ir... é quase como se ela quisesse que nós fôssemos.

Dare dirige, e eu estou ao lado dele e ele agarra minha mão.

— Vai ficar tudo bem. — ele me promete. — Basta ficar acordada. Fique acordada por agora, até descobrirmos o que fazer. Não sonhe. — Finn concorda no banco de trás e nos afastamos fora para longe longe longe de Whitley. Nós dirigimos para o aeroporto, e nós voamos para casa, e quando chegamos em casa, é noite e nós dirigimos para a funerária pela chuva.

Se pudermos só chegar lá, estará tudo bem. Eu sinto isso no meu coração, nos meus ossos, na minha alma. A pneus trituram na estrada, e os relâmpagos iluminam o céu, e falésias são irregulares e reais. Estou tão exausta e minhas pálpebras estão pesadas, mas se eu fechá-las se eu fechá-las se eu fechá-las... eu fecho. Elas estão muito pesadas para resistir e o menino com capuz está fora da minha janela.

Ele está ao lado da janela do carro e ele se move com a gente e seus lábios estão se movendo e eu ouço seu sussurro.

— Vá

dormir.

Seus dedos estão no vidro e eu toco-os, porque eu não consigo evitar, e eu sinto minha energia esvair esvaindo, e eu não posso resistir e eu caio no sono.

Eu acho que só adormeço por momentos, mas poderiam ser anos. Eu não sei mais.

Mas

Quando

Eu

Acordo,

a estrada está cantarolando debaixo de nós e nós estamos em uma bifurcação, e em vez de virar à esquerda, Dare vira para a direita, e os pneus gritam na chuva.

Há uma bifurcação na estrada e mesmo que eu a veja, eu não consigo evitá-la.

Uma estrada vai para a esquerda, uma vai para a direita, e nenhuma delas acaba bem.

Eu sinto isso nos meus ossos,

Nos meus ossos,

Nos meus ossos ocos de junco.

— Por que estamos indo por este caminho? — pergunto-o com curiosidade, e eu estou com medo, porque é como se um ímã ímã ímã estivesse

me puxando, e eu sei que ele está puxando-o também.

— Eu não sei. — ele responde honestamente, e ele parece tão perplexo quanto eu. — Eu sinto que preciso.

Porque é o destino.

Estou inquieta e aterrorizada, mas nós dirigimos e subimos, e a estrada dá voltas e mais voltas e os penhascos, e eu sei onde estamos.

Nós já estivemos aqui antes.

— Você morreu aqui. — digo a Finn e as minhas palavras são ansiosas e Dare acena.

— Assim como sua mãe. — ele fala, incerto.

— Este lugar... este lugar... este lugar. — eu sussurro, e eu sou atraída para cá e é um ímã.

Dare está pálido, ele está branco, como um fantasma e ele está em silêncio, porque não há palavras. Este momento é importante, é relevante, e todos nós podemos sentir isso.

Estamos sendo atraídos para ele.

E nós não podemos voltar.

Finn tira seu medalhão e entrega-o para mim, porque o carro crepita com perigo.

— Use isto. — ele instrui e sua voz é firme. — Não discuta. — eu tento devolvê-lo e ele não aceita, então eu coloco-o sobre a minha cabeça.

São. Miguel, nos proteja.

A estrada faz uma curva e Dare suga a respiração e eu olho.

Seu irmão abaixa o capuz no meio da estrada, e olha para nós com olhos negros. Olivia Savage está com ele, seu rosto mais pálido do que mais pálido do que pálido.

— Dare... ela não é real. — digo a ele. Mas nós sabemos que tudo é possível. Ela é uma filha da morte, de Salomé.

— Isso tem que acabar. — diz Dare e eu não sei com quem ele está falando. — Calla, saia do carro. Finn, você também.

— Não. — Finn diz sem rodeios, e eu tento dizer não, mas Dare está me empurrando, empurrando-me, fazendo-me sair do carro. Sua mãe dá um passo, e a porta está aberta e eu não posso ficar no banco porque Dare é mais forte.

— Eu te amo, Calla. — ele me diz e seus olhos são assustadoramente pretos. — Eu vou acabar com isso. Serei eu.

— Dare! — eu grito, e Finn olha para mim, e eu grito seu nome, também. — Finnnnnn!

Mas Olivia dá um último passo, e eu sei agora o que Dare quis dizer um tempo atrás, quando ele me disse que tinha feito uma coisa terrível. Que sempre levaria para isso, e eu acho que ele sabia o tempo todo.

— Dare, não! — eu grito e ele não escuta. Ele está com a intenção de acabar com isso, e eu acho que sei como.

— Faça. — sua mãe sussurra e eu vejo seus lábios se moverem e eu sei eu sei eu sei o que deve ser feito. Eu sei... e Dare também.

Tudo o que posso fazer é tentar pular de volta para o carro quando Dare bate o pé sobre o acelerador. Dare me olha alarmado, e ele não pode parar, ele não pode colocar esta bala de volta na arma. Ele agarra em mim, tentando me salvar, tentando me salvar.

São Miguel, defendei-nos no combate.

Nós passamos através de Olivia e ela é como se fosse uma névoa. Ela desaparece quando nós passamos.

Seja nossa defesa contra as maldades e ciladas do demônio.

Aperto o medalhão e navegamos sobre o penhasco e os pneus não tocam na estrada e estamos no ar.

Ouço Finn dizer atrás que ele me ama, e o guincho de pneus e o som do metal e a água se aproxima aproxima aproximando.

Que Deus o repreenda, nós humildemente pedimos, e tu, ó Príncipe dos exércitos celestiais, pelo poder de Deus, envie para o inferno Satanás.

Meu peito está em chamas, ele tem um grande peso e eu não posso suportar a dor.

Estou a caindo,

Caindo,

Caindo,

E a água está fria,

A areia está úmida.

E eu estou quebrada,

Eu estou quebrada,

Eu estou quebrada.

Dare está comigo, e há sangue na sua camisa.

— Você está bem? — ele pergunta rapidamente, e as suas mãos estão nas minhas. — Deus, Calla, você está bem? Abra seus olhos, abra seus olhos.

— Calla, fique bem. — uma voz pede e eu não posso dizer se é Dare ou Finn.

Eu não posso dizer

Eu não posso dizer

Eu não posso dizer.

— Esteja bem. — ele instrui novamente e eu tento, mas o peso pesado pesado no meu peito é demais e eu não posso respirar e eu não posso respirar. Mas eu tenho que proteger meu irmão, e se eu viver, Finn não pode. Eu me solto e meus pulmões estão vazios e eu paro.

Eu paro.

Eu paro de respirar.

— Você está morrendo. — Dare sussurra em meu pescoço. — Se você não acordar, você estará perdida.

A água desliza pelo meu rosto para o meu pescoço e uma mão segura a minha e a escuridão está aqui e eu escorrego no esquecimento.

Esquecimento é real.

Isso eu sei.

É quente e confortante como um cobertor.

Ele me abraça, e eu vou embora.

E todos os espíritos malignos que andam pelo mundo para perdição das almas.

Amém.

Capítulo Trinta

O mundo desacelera para uma parada.

Está escuro.

Não há oceano.

Não há ondas.

Não há sol ou chuva ou lua.

Eu fico assim por muito tempo, suspensa, sozinha, sem medo.

E depois,

Uma respiração.

Dos meus lábios.

De repente, sem qualquer aviso.

Eu suspiro, e há apenas a minha respiração e sinais sonoros, e dedos em volta da minha mão, e eu estou em uma cama. Eu não estou no oceano ou sobre as falésias.

— Volte para mim, Calla. — Dare sussurra, angústia perfura suas palavras e as suas palavras espetam meu coração. — Por favor, Deus, volte para mim. O tempo está se esgotando. Não faça isso, por favor, Deus, não faça isso. Eles vão desligá-la das máquinas, e se você não respirar por conta própria, você vai morrer. Por favor, Deus. Por favor.

Ele implora a alguém, se sou eu ou Deus, eu não sei.

— Nós já perdemos todo o resto. — ele sussurra. — Por favor, Deus. Volte para mim. Venha para casa para mim. Venha para casa.

Eu tento abrir meus olhos, mas é muito difícil.

Minhas pálpebras estão pesadas.

A escuridão é preta.

Dare continua falando, suas palavras lentas e suaves e eu poderia flutuar para elas. Seria tão fácil.

A morte espera por mim,

Só que não é a morte.

É Olivia Savage.

Eu posso ver seu rosto agora, e ela espera na luz por trás do ombro de Dare.

Ela balança a cabeça.

Está na hora.

Mas não pode ser. Porque Dare está aqui, e ainda está segurando minha mão. Ele fala comigo, ele me diz tudo o que aconteceu, e quando ele se cansa de falar, ele cantarola.

A mesma canção desafinada sem palavras que eu tenho ouvido o tempo todo.

A morte se aproxima, um passo mais perto.

Tento gritar, mas nada vem.

Tento novamente abrir meus olhos, mas eu não posso. E eu não posso mover meus dedos.

É tudo demais.

Demais.

Eu penso em ficar frenética,

E eu quase fico.

Mas para manter a calma,

Eu repito os fatos na minha cabeça.

Meu nome é Calla Price.

Eu tenho dezoito anos de idade, e eu sou a metade de um todo.

A minha outra metade, meu irmão gêmeo, meu Finn, é louco.

Finn está morto.

Minha mãe está morta.

A mãe de Dare está morta.

Eu passei todos os verões da minha vida em Whitley.

Eu amo Dare desde que eu sou pequena.

Eu estou flutuando em um mar de insanidade, e eu não consigo acordar.

Eu não consigo acordar.

Dare é minha tábua de salvação.

Ele ainda está aqui.

Eu concentro toda a força que eu tenho, tentando forçar a minha mão a agarrar a sua, as mãos que eu amo tanto, a mão que sustenta a minha por tanto tempo.

Mas eu estou impotente.

Eu estou fraca.

Olivia dá mais um passo, mas eu não posso gritar.

É quando ela toca Dare que eu reforço a minha força.

Ela põe a mão no ombro de Dare,

E eu não posso aceitar isso.

Não toque o Dare, eu quero gritar. *Você morreu, mas você não vai levá-lo! Ele é inocenteEleéinocenteEleéinocente!*

Mas seus dedos tamborilam na pele de Dare.

E tudo em mim ferve,

E grita.

E de alguma forma,

Alguma forma,

Eu aproveito minha energia,

E meus dedos contraem.

O cantarolar de Dare para.

— Calla? — ele pergunta rapidamente, esperança tão potente em sua voz. — Acorde. Se você não acordar, você vai morrer.

Eu movo meu dedo novamente, e é toda a força que me resta.

Não posso me mover novamente, mas eu acho que foi o suficiente.

Dare se foi,

Saiu do meu lado,

Gritando por alguém,

Para qualquer um.

Outras vozes enchem meu quarto,

Circulando minha cama,

A voz de Dare é abafada.

Ele se foi,

mas outros o substituíram.

Eu sou picada,

Eu sou cutucada,

Minhas pálpebras são levantadas e as luzes são brilhantes nos meus olhos.

— É um milagre. — alguém anuncia. — Aceitou. Ela não está rejeitando-o mais.

Eu não posso ficar acordada.

Minha força se foi.

Eu adormeço, desejando que Dare pudesse voltar.

Eu não sei quanto tempo eu durmo.

Eu só sei que eu sonho,

E agora, quando eu sonho,

Eles são lúcidos.

Eu já não sou louca.

Eu não sei por quê.

Olivia se senta na minha frente, seu sorriso gentil e suave.

— Meu filho não foi feito para você, mas você levou-o de qualquer maneira. Eu pensei que vocês seriam a queda um do outro, mas talvez vocês salvaram um ao outro.

Eu engulo em seco, porque eu o levei.

— Você tem que saber que é como as coisas são. — eu ofereço. — Os meninos não podem ficar com suas mães para sempre. Não foi minha culpa que

você morreu.

— Eu me matei. — ela diz simplesmente. — Eu sou uma filha de Salomé, e eu pensei que meu sangue fosse ruim. Eu não queria, mas eu não aguentava mais a dor. Eu tive certeza de que os três estavam seguros, então eu apenas deixei ir. Eu me afastei e a escuridão veio, e foi suave e quente. E eu deixei ir.

Eu entendo de dor.

Eu concordo.

— Se você está escolhendo ser morta, então meu irmão pode viver?

A esperança surge através de mim, mas o olhar no rosto de Olivia detona-a. E meu peito dói e dói e dói enquanto ela balança a cabeça.

— Ele escolheu. — ela responde, e suas palavras suas palavras suas palavras. — Ele escolheu morrer para mantê-la segura.

E eu penso sobre a escuridão e como eu parei de respirar, e como de repente eu estava viva. Finn fez isso.

Salve-me, e eu vou te salvar.

Um caroço um caroço um caroço se forma na minha garganta e eu não consigo engolir.

— Eu não posso viver sem meu Finn. — eu digo fracamente. Mas Olivia é firme.

— Você precisa. Ele se foi, mas você não. Ele escolheu você, Calla. Ele escolheu protegê-la. — na minha cabeça, eu me lembro dele me entregando seu medalhão e eu choro, porque ela está certa. Finn escolheu que eu vivesse.

Olivia se levanta e sua forma é tão pequena, tão pequena. Ela é escura como Dare e seus olhos brilham como a noite.

Pretos, olhos pretos que examinam a minha alma.

Ela ergue a cabeça, da mesma forma que Dare faz.

— A história não pode se manter repetindo. Sr. Savage se matou para proteger seus filhos. Ele escolheu-se em vez deles, porque os filhos não deveriam ter que pagar pelos pecados dos seus pais. Mas seu filho Richard era mal e deveria ter sido ele. Laura sacrificou Finn, porque essa é a maneira que tinha que ser. Deixe agora, Calla. É assim que deve ser. Você é descendente de Judas, e está no seu sangue, mas não traia isso.

— Espere. — eu sugo a minha respiração. — E Dare?

Ele estava na minha cama,

Ele esteve aqui o tempo todo,

cantarolando para mim.

— Dare está seguro? — eu pergunto a ela sem fôlego.

— Um sacrifício foi feito. — ela responde. — Ele foi aceito. Não altere-o.

Sua voz é pequena porque o sacrifício foi Finn.

— Nossa história é tão triste. — eu digo a ela, porque é. A coisa mais triste que eu já ouvi, porque faz tudo parecer impossível, como se nossas próprias ações não importassem, porque nós pagamos pelos pecados daqueles que vieram antes de nós. Olivia balança a cabeça com conhecimento de causa.

— Não é. O mais triste é se tudo foi em vão e se a história continuasse se

repetindo. Não deixe isso acontecer, garota. Salve meu filho. Salve a si mesma. Não afunde no esquecimento. Você tem que abrir os olhos. Abra seus olhos.

Abra seus olhos.

Abra seus olhos.

Eu acordo assustada, a insistência da sua voz me chocando para a lucidez.

Meus olhos abrem.

A luz é tão brilhante que está cegando.

O cantarolar para.

Capítulo Trinta e Um

O quarto gira branco e medicinal, cheio de sinais sonoros e paredes em branco e pele fria. Arrepios perseguem uns aos outros em confusão pelo meu braço, e eu engulo com força.

Estou em um hospital.

Estou com frio.

Estou com medo.

Mas.

Dare é.

Dare é.

Essas são as palavras na minha cabeça, e as palavras soam como a voz de Finn. E no começo eu acho que há uma interrupção na frase, mas então eu percebo. Não é *Dare é...* é uma afirmação. *Dare está.*

Dare existe.

Dare está vivo.

Eu expiro e penso sobre onde eu estou.

Eu mexo meus dedos e eles estão pesados, e há dor, e eu posso respirar.

Lentamente

Lentamente

Lentamente,

Abro os olhos.

Eu estou sozinha, e mesmo que o eco dos sussurros de Finn permaneçam aqui, eu sei que ele não está.

Meu corpo parece pesado e eu não posso levantar meus braços, e uma enfermeira chega e quando ela vê meus olhos abertos, ela assusta, então ela corre para o meu lado.

— Srta. Price! Você está acordada. Como você está se sentindo?

Eu não sei. Meus pensamentos estão obscuros e meu peito dói tanto. Eu tento levantar a mão para esfregá-lo, o meu peito, mas eu não posso. Há também muitos tubos, muitos fios.

— Não. — a enfermeira me diz quando observa a minha tentativa. — Você passou por muita coisa. Você tem que descansar para se recuperar.

— Onde está o Dare? — eu pergunto e minha voz é rouca e minha garganta está dolorida, como se eu não tivesse falado em cem anos.

— Ele está em outro quarto. — ela me diz. — Ele está bem. Ele vai sair dessa.

Alegria salta em mim, lambendo meu rosto, e então eu imagino o meu irmão e tudo cai em torno de mim.

— Finn? — eu pergunto, e até mesmo eu posso ouvir o medo na minha voz.

— Eu acho que é melhor se a médica explicar tudo o que aconteceu. — ela

me diz. — Eu estarei de volta com ela.

Eu fecho meus olhos, porque eu estou exausta e com medo, e não demora muito para que a médica venha e quando ela fala com a voz rouca, eu sei imediatamente quem ela é e eu tento pular da cama.

Sabine está lá, calma em um jaleco branco do laboratório, e ela coloca a mão no meu braço para me conter.

— Srta. Price. — ela diz, seus olhos escuros olhando para os meus. — Você passou por maus bocados. Eu sou a Dra. Andros.

— Eu sei quem você é. — eu assobio para ela e ela fica calma, porque ela sabe quem ela é também.

— Você esteve em um acidente de carro. Sr. DuBray saiu da estrada. Você sofreu trauma extremo no seu peito e seu coração. Seu irmão sofreu ferimentos graves que, infelizmente, não foi capaz de recuperar. Ele permaneceu vivo no suporte de vida até que um transplante pudesse ser feito. O coração do seu irmão salvou a sua vida.

Meus dedos da mão estão no meu peito e há uma nova cicatriz da minha clavícula até a minha barriga, inchada e quente.

— Meu irmão está morto.

Minhas palavras são vazias.

Sabine acena.

— Eu estou com o coração dele.

— Você está.

Salve-me, e eu vou te salvar.

Eu vou te salvar, Calla.

As palavras cantam na minha cabeça e a voz é de Finn e o mundo gira e rodopia.

Salvei-o há muito tempo, e agora ele me salvou.

E agora ele se foi para sempre.

Minha perda é profunda e inexplicável e o vazio é enorme. Um abismo que eu acho que nunca vou voltar.

O coração que bate no meu peito não é meu. É do meu irmão. Meu irmão querido, doce, perfeito. Meu Finn.

Boa noite, doce Finn.

— Eu preciso ver Dare. — eu digo a Sabine, porque ela e eu sabemos quem ela é, quem ela realmente é.

Ela balança a cabeça e ela é firme, e seus olhos são cruéis porque sua filha se foi e nunca mais voltou, e Dare e eu estamos aqui em vez disso.

Algumacoisaalgumacoisaalgumacoisa está errada, porém, alguma coisa está errada e eu olho pela janela e há uma lagoa tranquila, e bancos, e alguém está alimentando os patos. Alguém que está usando uma pulseira de hospital, assim como o minha.

— Onde estamos? — pergunto para Sabine e ela sorri e é grotesco.

— Sanatório Oakdale. — ela sorri.

Não. Um hospital psiquiátrico?

Isso não pode ser.

— Mas é. — Sabine responde, e eu não sei se ela leu os meus pensamentos ou se eu disse em voz alta.

— Você está perturbada, pobre garota. — diz ela. — E assim está Adair. Crescendo desse jeito, não é de se admirar. Sua mãe ficou com o próprio irmão, o padrasto de Dare o molestou e abusou dele... obviamente, ambos são sangue ruim.

— Nós não somos loucos. — eu grito, mas eu não tenho certeza e eu luto e ela sorri. Há uma forte dor em meu braço e ela sai e tudo vai além de preto para o esquecimento e eu estou em um sono tão profundo que eu não posso sonhar.

Os dias passam e finalmente, finalmente, Dare vem me ver, quando ele está forte o suficiente.

Ele está mais pálido, mas ele é o mesmo. Seus olhos escuros escuros me penetram e ele agarra minha mão.

— Nós não somos loucos. Nós arrumamos antes, vamos arrumar de novo. — ele me diz. Há promessa em sua voz, mas eu estou tão cansada. — Você tem o coração de Finn, então ele realmente não se foi.

— Isso é ao menos real? — pergunto-lhe, grogue do medicamento que corre nas minhas veias. — Talvez fôssemos loucos o tempo todo.

Dare sorri e seu sorriso é real e é brilhante e ele penetra no meu nevoeiro.

— Você não acredita nisso.

— Eu não sei em que acreditar.

— Acredite em *mim.* — ele instrui, e eu acredito.

Porque Dare é meu e ele vive livre.

— Eu quero viver livre também. — eu digo a ele.

— E você vai. — ele promete.

Os dias passam com enfermeiras entrando e saindo, para se certificar de que eu tomo minhas pílulas, as pílulas coloridas que irão impedir meu corpo de rejeitar o coração de Finn. Eu vou ter que tomá-las para sempre e seu resíduo ceroso fica preso na minha língua. Mas eu tomo-as, porque eu tenho que manter o coração de Finn vivo. É a única parte dele que me resta, e ele é meu irmão e eu o amo eu o amo eu o amo.

Oakdale e seus terrenos parecem tanto com Whitley. Os salões, quartos, e um dia, um dia cinzento, eu encontro o diário de Finn.

Ele está escondido em uma das minhas malas e eu sei que é dele porque ele diz.

O Diário de Finn Price.

O fim é o começo, uma das páginas diz. Eu não sei sobre isso, mas eu sei que o meio foi misturado e mudado e mudado e mudado.

Mas tudo isso pode ser alterado novamente.

Eu tenho que acreditar nisso.

Destrua o anel, ele diz. *Você precisa você precisa você precisa.*

E eu tenho que acreditar que eu posso salvar o meu irmão no final, porque *serva me servabo te. Salve-me e eu vou te salvar, Finn.*

Destrua o anel.

Como se faz para destruir um anel?

Dare e eu fugimos para a floresta, e queimamos o diário antes que alguém pudesse ver, antes que alguém sequer perceba que está desaparecido. Eles não podem ver as palavras dele, eles não podem ver a nossa história.

Se verem, nós nunca sairemos daqui.

Nós nunca seremos livres.

E nós precisamos.

Precisamos viver livres.

— Eu não posso viver sem Finn. — digo a Dare no caminho de volta.

Ele segura minha mão, olha para mim e sorri um sorriso triste triste.

— Eu sei.

Nós caminhamos e caminhamos, e Dare se vira para mim.

— Eu te amo mais do que a vida, e eu tenho feito algumas pesquisas. Salomé se casou com o irmão dela, e ela se tornou uma necromante. Ela queria viver para sempre, mas Phillip não. Phillip vem tentando há séculos acabar com a maldição, enquanto Salomé quer que ela continue. Eles estiveram em conflito, e nasceram gêmeos em sua família por gerações. Tem que ser isso.

Eu tenho dúvidas, mas estou intrigada.

— Somos parentes? — eu pergunto, e é uma pergunta que eu tenho medo de fazer, com medo de saber a resposta.

Dare me olha com seus olhos pretos pretos. — Eu não sei. Mas você pode desfazer *qualquer* coisa. Talvez a resposta não seja destruir o anel, mas mudar as coisas, de modo que ele nunca seja criado em primeiro lugar. Se você puder fazer isso... você pode impedir que tudo aconteça. Você não terá que mudar. Certamente vai acabar com o ciclo.

— Mas e se acabar com a gente? — eu pergunto e eu estou com medo. — Se eu impedir que os eventos aconteçam, talvez nós nunca vamos nascer.

Dare sacode a cabeça. — Eu não acredito nisso. Eu acredito em destino, e estamos predestinados, Calla. Estamos fadados. Eu sinto.

— Mas eu não me lembrarei. — digo a ele. — Quando eu mudo as coisas e eu acordo, eu nunca me lembro. E se eu esquecer de você?

— Então eu vou encontrá-la, Calla-Lily. Eu sempre vou te encontrar.

Esperança salta dentro do meu coração e seus olhos são tão sinceros, tão verdadeiros.

— Você promete? — eu pergunto, e ele sorri para mim, e eu estou com medo de ter esperança.

— Eu prometo. — Dare diz quando ele coloca o anel no bolso. — Nós vamos resolver isso.

— Que coisa britânica de se dizer. — eu falo.

— Essa é a coisa mais malvada que você disse durante todo o dia.

Quando nós rimos, eu sinto que já estivemos aqui antes, nesta hora e lugar e com estas mesmas palavras. Mas estou me acostumando com esse sentimento. Porque a noite nós somos livres, e as coisas mudam, porque nós as mudamos, e déjà vu é real, e nós estamos presos nele.

Por isso, vamos mudar as coisas de novo, porque o tempo é fluido e maleável e nunca permanece o mesmo. Nós vamos salvar o meu irmão. Eu sinto eu sinto eu sinto em meus ossos, em meus ossos ocos de junco.

— Nocte liber sum. — eu sussurro para Dare.

Ele balança a cabeça. — Continue sonhando, Calla-Lily. E um dia, seremos livres.

Eu aperto a mão dele, porque eu sei.

Depois de apagar as luzes, depois que os enfermeiros fizeram as últimas rondas e nos deram toda a nossa medicação, eu esgueiro-me do meu quarto para o de Dare.

— Você pode fazer isso. — Dare sussurra em meu cabelo. — Pense no início. Imagine, imagine o que aconteceu. Deixe Salomé morrer sem criar o anel, sem criar a maldição. Deixe Phillip ser seu tio, não seu irmão. Deixe-os morrer sem voltar a viver uma e outra vez. Impeça a sua mãe de ficar com o irmão dela, impeça-nos de ser parentes. Você pode fazer isso. Você pode.

Suas palavras me dão poder, e eu acredito nele. Eu *posso* fazer isso, e eu imagino o que ele diz e eu aconchego no seu peito, porque seus braços são casa, e eu fecho meus olhos, sabendo que eu vou sonhar.

E quando eu sonho, eu mudo as coisas.

Eu durmo

E durmo

E durmo.

E quando eu abro meus olhos, é uma bela manhã de Oregon, e meu irmão quer ir para a terapia de grupo.

Eu estico e bocejo e resmungo, mas ele está certo. Nós devemos ir. Eu rolo para fora da minha cama, me visto.

— Dirija com cuidado! — meu pai fala desnecessariamente quando saímos. Devido à forma como a minha mãe morreu, entre metal retorcido e borracha aquecida, meu pai nem sequer gosta de nos *ver* em um carro, mas ele sabe que é uma necessidade da vida.

Mesmo assim, ele não quer ver.

Está certo. Todos nós temos pequenos truques que fazemos com as nossas mentes para tornar a vida suportável.

Eu me deixo cair no banco do passageiro do carro, que meu irmão e eu compartilhamos, e olho para Finn.

— Como você dormiu?

Porque ele não dorme normalmente.

Ele é um insone insuportável. Sua mente é naturalmente mais ativa à noite do que a da maioria das pessoas. Ele não sabe como desligá-la. E quando ele dorme, ele tem pesadelos vívidos, então ele se levanta e se arrasta para a minha cama.

Porque é para mim que ele vem quando está com medo.

É uma coisa de gêmeos. Embora, as crianças que costumavam nos provocar por sermos estranhos, adorariam saber essa pequena fofoca, tenho certeza. *Calla e Finn dormem na mesma cama, às vezes, isso não é doentio??* Elas nunca entenderiam como nos confortamos só de estar perto um do outro. Não que importe o que eles pensam, não mais. Nós provavelmente nunca veremos nenhum desses idiotas novamente.

— Eu dormi como merda. Você?

— O mesmo. — murmuro. Porque é verdade. Eu não tenho insônia, mas eu tenho pesadelos. Vívidos, da minha mãe gritando, vidro quebrado e do seu telefone celular em sua mão. Em cada sonho, eu posso ouvir minha própria voz, chamando o nome dela, e em cada sonho, ela nunca responde.

Você poderia dizer que eu sou um pouco torturada por isso.

Finn e eu caímos em silêncio, então eu pressiono minha testa no vidro e olho pela janela enquanto ele dirige, olhando para a paisagem que eu estive cercada desde que nasci.

Apesar do meu tormento interno, eu tenho que admitir que a nossa montanha é linda.

Estamos cercados por todas as coisas verdes e vivas, por pinheiros, samambaias e a vegetação exuberante da floresta. O verde vibrante se estende por todo o vasto gramado, através dos jardins floridos e dura até chegar aos penhascos, onde finalmente e, de repente, fica avermelhado e cor de argila.

Eu acho que é um simbolismo muito bom, na verdade. Verde significa vivo e vermelho significa perigo. Vermelho são falésias recortadas, luzes de

advertência, sangue espalhado. Mas verde... verde são as árvores, maçãs e trevo.

— Como se diz verde em latim? — pergunto distraidamente.

— Viridem. — ele responde. — Por quê?

— Por nada. — eu olho para o espelho lateral, para casa, que se desvanece na distância atrás de nós.

Enorme e vitoriana, ela ergue-se orgulhosamente no topo desta montanha, à beira das falésias, com suas torres que aparecem através das nuvens. É linda e graciosa, ao mesmo tempo em que é gótica e sombria. É uma funerária, afinal de contas, no final de uma estrada sobre uma montanha. É um filme de terror esperando para acontecer.

Última Funerária à Esquerda.

Papai precisará de um milagre para alugar a pequena Carriage House, e eu sinto uma leve pontada de culpa. Talvez ele realmente precise do dinheiro, e eu estou pressionando-o para dar a Finn ou a mim.

Viro meu olhar para longe da casa, longe da minha culpa e para o oceano. Vasto e cinza, a água castiga as rochas na costa, batendo nelas mais e mais. A névoa ergue da água, formando nevoeiro ao longo da praia. É lindo e misterioso, assombrado e pacífico.

Nós chegamos ao hospital mais cedo, então nós decidimos tomar um café da manhã na cafeteria, enquanto esperamos.

Pego meu café vou para a parte de trás e, despencando em uma cabine, enquanto Finn enterra seu nariz em um livro de Latim.

Eu fecho meus olhos para descansar por um minuto a mais, porque a chuva

que perpetua em Astoria deixa-me sonolenta.

Os sons do hospital desaparecem em um cenário vibrante, e eu ignoro os gritos estridentes, extremamente agudos que derivam pelos corredores. Porque, honestamente, eu não quero saber o que eles estão gritando.

Eu fico suspensa no meu mundo escuro sonolento por Deus sabe quanto tempo, até eu sentir alguém olhando para mim.

Quando digo que sinto, eu *literalmente sinto*, exatamente como se alguém estivesse estendendo a mão e tocando meu rosto com os dedos.

Abrindo os meus olhos, eu seguro meu fôlego quando encontro olhos escuros ligados aos meus, os olhos tão escuros que são quase pretos, e a energia neles é suficiente para me congelar no lugar.

Um garoto está ligado ao olhar escuro.

Um homem.

Ele provavelmente não tem mais do que vinte ou vinte e um anos, mas tudo sobre ele grita *homem.* Não há nenhum *garoto* nele. Essa parte dele, já se foi, claramente. Eu vejo isso em seus olhos, com a forma como ele se porta, com o jeito perspicaz com que ele observa o seu entorno, em seguida, olha para mim com foco singular, como se estivéssemos de alguma forma ligados por uma corda. Ele tem um milhão de contradições em seus olhos... indiferença, calor, mistério, charme e outra coisa que eu não consigo definir.

Ele é musculoso, alto e veste um moletom preto esfarrapado que diz *Ironia está perdida em você* em letras alaranjadas. Seu jeans escuro está com cinto de couro preto e seus dedos são longos e sem adereços.

O cabelo escuro cai em seu rosto e uma mão com dedos longos,

impacientemente os coloca para trás, enquanto seus olhos ainda estão conectados com os meus. Seu maxilar é forte e másculo, com a simples sugestão de barba por fazer.

Seu olhar ainda está conectado ao meu, como um ímã, ou um raio. Eu posso sentir a energia correndo ao longo da minha pele, como um milhão de pequenos dedos, corando as minhas bochechas. Meus pulmões vibram e eu engulo em seco.

E então, ele sorri para mim.

Para mim.

Seus olhos estão congelados em mim enquanto ele espera na fila, tão escuros, tão insondáveis. Essa energia entre nós... eu não sei o que é. Atração? Química? Tudo o que sei é que ele rouba meu fôlego e acelera meu coração. Tenho a sensação que já o vi antes, mas isso é tão estúpido. Eu me lembraria de algo assim.

Alguém como ele.

Eu vejo quando ele paga por seu café e pão doce, e, como cada um dos seus passos levam à minha cabine. Há dez outras mesas, todas vagas, mas ele escolhe a minha.

Suas botas pretas param ao meu lado, e eu olho suas pernas cobertas de jeans, sobre seus quadris, até seu rosto surpreendentemente bonito. Ele tem uma leve barba por fazer enfeitando seu queixo e ela o faz parecer ainda mais maduro, ainda mais homem. Como se ele precisasse da ajuda.

Eu não posso deixar de notar a forma como a sua camisa azul-claro abraça seu peito sólido, a forma da sua cintura estreita, conforme desliza em seu jeans, a

maneira como ele parece magro, ágil e poderoso. Gah. Eu tiro os meus olhos para encontrar os dele. Acho diversão lá.

— Este assento está ocupado?

Doce Senhor. Ele tem um sotaque britânico. Não há nada mais sexy no mundo inteiro, isso faz a cantada velha cansada perdoável. Eu sorrio para ele, meu coração acelerado.

— Não.

Ele não se move. — Posso usar, então? Eu vou compartilhar meu café da manhã com você.

Ele gesticula ligeiramente para o seu rocambole grudento, com cobertura de nozes.

— Claro. — eu respondo casualmente, habilmente escondendo o fato de que o meu coração está batendo rápido o suficiente para explodir. — E eu vou aceitar um pedaço. Estou faminta.

— Perfeito. — ele sorri, conforme desliza para dentro da cabine na minha frente e do lado do Finn, sempre tão casual, como se ele se sentasse com garotas estranhas em hospitais o tempo todo. Eu não posso deixar de notar que seus olhos são tão escuros que são quase pretos. Ele corta o rocambole em dois e me oferece metade, e eu dou mordidas.

Finn mal olha para cima de seu livro, porque ele está tão absorvido, mas esse garoto estranho parece não se importar.

— Vem sempre aqui? — ele brinca, enquanto se espalha na cabine. Eu tenho que rir, porque agora ele está simplesmente descendo na lista de cantadas clichês, e todas elas soam incríveis vindas dos seus lábios britânicos.

— Bastante. — eu aceno. — Você?

— Eles têm o melhor café. — ele responde, como se isso *fosse* ao menos uma resposta. — Mas não vamos dizer a ninguém, ou eles vão começar a nomear os cafés com coisas que não conseguimos pronunciar e as filas ficarão insuportáveis.

Eu balanço minha cabeça e eu não posso deixar de sorrir. — Tudo bem. Será o nosso segredo.

Ele olha para mim, seus olhos escuros brilhando. — Bom. Eu gosto de segredos. Todos os têm.

Eu quase fico sem fôlego, porque algo é tão abertamente fascinante sobre ele. A maneira como ele pronuncia tudo e a maneira como seus olhos escuros brilham, a maneira como ele parece tão familiar e eu juro por Deus que eu o conheço. Mas isso é impossível.

— Quais são os seus? — eu pergunto, sem pensar. — Os seus segredos, eu quero dizer.

Ele sorri. — *Você* não gostaria de saber?

Sim.

— Meu nome é Calla. — eu ofereço rapidamente. Ele sorri para isso.

— Calla como o lírio de funeral?

— O mesmo. — eu suspiro. — E eu moro em uma funerária. Então veja? A ironia não está perdida em mim.

Ele parece confuso por um segundo, então eu vejo que ele percebeu

quando olha para o seu moletom.

— Você notou minha camisa. — ele aponta suavemente, com o braço esticado em toda a volta da cabine rachada. Ele nem sequer me questiona sobre o fato de que eu tinha acabado de lhe dizer que moro em uma casa com pessoas mortas. Normalmente as pessoas se fecham instantaneamente quando descobrem, porque instantaneamente supõe que eu devo ser estranha, ou mórbida. Mas ele não.

Concordo com a cabeça bruscamente. — Ela destaca. — *porque* você *se destaca.*

O canto da sua boca se mexe, como se ele fosse sorrir, mas, em seguida, não ri.

— Eu sou Adair DuBray. — ele me diz, como se ele tivesse dando um presente ou uma honra. — Mas todos me chamam de Dare.

Eu nunca vi um nome tão apropriado. Tão francês, tão sofisticado, mas seu sotaque é britânico. Ele é um enigma. Um enigma cujos olhos brilham como se estivessem constantemente dizendo *Desafie-me.* Eu engulo.

— É bom conhecer você. — eu digo a ele, e essa é a verdade. — Por que você está aqui no hospital? Certamente não é para o café.

— Você sabe que jogo eu gosto de jogar? — Dare pergunta, mudando completamente o assunto. Eu sinto que minha boca está um pouco aberta, mas eu consigo responder.

— Não, qual?

— Vinte Perguntas. Dessa forma, eu sei que no final do jogo, não haverá mais nada. Perguntas, quero dizer.

Eu tenho que sorrir, mesmo que sua resposta devesse ter me incomodado. — Então, você não gosta de falar de si mesmo.

Ele sorri. — É o meu assunto menos favorito.

Mas deve ser uma coisa tão interessante.

— Então, você está me dizendo que eu posso perguntar-lhe vinte coisas e somente vinte coisas?

Dare assente. — Agora você está entendendo.

— Bem. Vou usar a minha primeira pergunta para saber o que você está fazendo aqui. — eu levanto o meu queixo e olho nos olhos dele.

Sua boca se contorce de novo. — Visitando. Não é isso que as pessoas normalmente fazem em hospitais?

Eu coro. Não consigo evitar. Obviamente. E, obviamente, eu estou fora do meu elemento aqui. Esse cara poderia ter-me no café da manhã, se quisesse, e pelo brilho em seus olhos, eu não tenho tanta certeza de que ele não teria.

Tomo um gole do meu café, cuidando para não derramá-lo em minha camisa. Com o jeito que meu coração está acelerado, tudo é possível.

— Sim, acho que sim. Quem você está visitando?

Dare ergue uma sobrancelha. — Eu estou visitando um grupo de luto. Minha avó morreu recentemente, e minha mãe quer que eu compareça a um grupo de terapia.

— É isso que estamos fazendo também. — digo-lhe, surpresa e animada com a sua resposta. Certamente não vamos participar do mesmo grupo.

— Vocês vão para um grupo de luto? O seu é na sala Sunshine, por acaso?

Meu coração bate, porque é.

— É essa a sua primeira pergunta? Porque o troco é justo no jogo. — eu sou péssima flertando, mas eu dou tudo de mim.

Dare sorri amplamente, genuinamente divertido.

— Claro. Vou usar uma pergunta.

— Sim, nós vamos para um grupo de luto na sala Sunshine. Nossa mãe morreu recentemente.

— Eu sinto muito. — Dare diz, e sua voz é suave e posso dizer que ele... sente muito. Ele balança a cabeça como se entendesse, e de alguma forma, eu sinto que ele entende.

Ele toma um gole de café. — Quais são as chances de você e eu irmos para o mesmo grupo de luto? Eu acho que provavelmente é kismet.

— Kismet? — eu levanto uma sobrancelha.

— Destino, Calla. — ele me diz. Eu reviro meus olhos.

— Eu sei disso. Eu posso estar indo para uma faculdade pública, mas eu não sou idiota.

Ele dá um sorriso tão amplo e encantador que minha calcinha quase cai.

— Bom saber. Então você é uma garota da faculdade, Calla?

Eu não quero falar sobre isso. Eu quero falar sobre por que você acha que

isso é destino. Mas eu aceno.

— Sim. Eu vou para Berkeley no Outono.

— Boa escolha. — ele toma mais um gole. — Mas talvez o destino entendeu errado, afinal. Se você está indo embora e tudo mais. Porque, aparentemente, eu ficarei por um tempo. Ou seja, depois que eu encontrar um apartamento. Um bom é difícil de encontrar por aqui.

Ele é tão confiante, tão aberto. Nem sequer parece estranho que um completo desconhecido está me dizendo essas coisas, de repente, tão aleatoriamente. Eu sinto como se eu já o conhecesse, na verdade.

Eu fico olhando para ele. — Um apartamento?

Ele olha de volta. — Sim. Normalmente a coisa que você aluga, tem um chuveiro e um quarto?

Eu coro. — Eu sei disso. Só que isso pode ser destino, afinal. Eu poderia saber de algo. Quer dizer, meu pai está alugando a nossa carriage house. Eu acho.

E se *eu* não posso tê-la, definitivamente deve ir para alguém como Dare. O simples pensamento me dá um espasmo no coração.

— Humm. Agora isso *é* interessante. — Dare me diz. — Parece que o destino triunfa. E uma carriage house ao lado de uma funerária. Deve precisar de bolas de aço para viver lá.

Eu rapidamente retiro um pequeno pedaço de papel e rabisco o telefone celular do meu pai nele. — Sim. Se você estiver interessado, quer dizer, se você tiver as bolas, você pode ligar e falar com ele sobre isso.

Eu empurro o papel para o outro lado da mesa, olhando-o nos olhos, enquadrando-o como um desafio. Dare pode não saber como eu estou tentando que meu coração abrande antes que ele exploda, mas talvez ele saiba, porque um sorriso se estende lentamente e conscientemente em seus lábios.

— Ah, eu tenho bolas. — ele confirma, com os olhos brilhando de novo.

Desafie-me.

Eu engulo em seco.

— Estou pronta para fazer a minha segunda pergunta. — eu digo a ele. Ele levanta uma sobrancelha.

— Já? É sobre as minhas bolas?

Eu coro e balanço a cabeça.

— O que você quis dizer antes? — pergunto-lhe lentamente, não baixando o meu olhar. — Por que exatamente você acha que isso é destino?

Seus olhos se enrugam um pouco quando ele sorri mais uma vez. E mais uma vez, seu sorriso é completamente divertido. Um sorriso verdadeiro, não um falso como estou acostumada ao redor da minha casa.

— É destino porque você parece com alguém que eu gostaria de conhecer. Isso é estranho?

Não, porque eu quero conhecer você também.

— Talvez. — eu digo em vez disso. — É estranho que eu sinta como se eu já o conhecesse de alguma forma?

Porque eu sinto. Há algo tão familiar sobre seus olhos, tão escuros, tão

insondáveis.

Dare levanta uma sobrancelha. — Talvez eu tenha um rosto comum.

Eu sufoco um bufo. *Dificilmente.*

Ele olha para mim. — Independentemente disso, o destino sempre triunfa.

Balanço a cabeça e sorrio. Um sorriso *real*. — O júri ainda está debatendo sobre isso.

Dare toma um último gole de café, seu olhar ainda congelado no meu, antes que ele bata seu copo sobre a mesa e se levante.

— Bem, deixe-me saber o que o júri decidir. Se não formos, vamos nos atrasar para a nossa terapia do luto.

E então ele vai embora.

Estou tão atordoada por sua saída abrupta que me leva um segundo para perceber uma coisa, porque *destino sempre triunfa* e eu sou *alguém que ele gostaria de conhecer.*

Ele levou o número do telefone do meu pai com ele.

— Cal? Você está pronta?

A voz de Finn quebra minha concentração e, com ela, o momento. Olho para o meu irmão, quase em confusão, para encontrá-lo de pé, esperando por mim. É hora de ir. Eu luto para levantar, sentindo como se eu estivesse abalada, mas não sei por quê. É este momento, é este lugar, é... o mesmo.

— Você tem a sensação que já esteve aqui antes? — pergunto para Finn em confusão enquanto nós caminhamos através das portas da sala Sunshine. Ele

olha para mim e faz uma careta.

— Sim. Toda semana, desde que a mamãe morreu.

Não foi isso que eu quis dizer e ele sabe disso. A sensação de déjà vu é forte, quase insuportável, e eu sinto que eu quase sei o que vai acontecer a seguir.

Mas eu não sei.

Porque Dare DuBray está do outro lado da sala e seu sorriso é brilhante e novo.

Quando nossos olhos conectam e as faíscas voam e o ar chia entre nós, ele levanta o número de telefone do meu pai e pisca.

Calor corre através de mim porque

Destino sempre triunfa.

O júri decidiu.

Eu sinto isso em meus ossos.

Nota da Autora

Eu sei o que você está querendo saber.

Era real ou não?

Calla era louca ou não?

Bem, caro leitor, deixe-me perguntar...

O que você acha?

Essa é a beleza das histórias. Às vezes, o final reside em você. Se você não gosta de um final, escolha outro.

Eu sempre fui uma pessoa que acredita que acontecem coisas que não podemos compreender, que a energia que colocamos no mundo volta para nós. Há diversas culturas diferentes, incluindo o Romani, que acreditam na mesma coisa.

É possível ser amaldiçoado, reviver o tempo, mudá-lo? Fantasmas existem? Existe uma razão para déjà vu?

Eu não faço ideia.

Mas tenho a mente aberta o suficiente para pensar que tudo é possível.

E por causa disso, *para mim,* a história de Calla foi real. Seu fim foi real, e ela salvou Finn, e ela vai viver seu felizes para sempre com o Dare. Porque eu amo uma boa história com felizes para sempre. Calla conseguiu mudar o tempo e evitar a maldição.

Mas se você não gosta de pensar sobre misticismo, ou elementos sobrenaturais, ou coisas que não podemos explicar,

Então você pode optar por acreditar que Calla era louca o tempo todo e nada disso aconteceu, e que ela e Dare se conheceram e apaixonaram em uma ala psiquiátrica.

Está inteiramente à sua escolha.

Espero que você tenha gostado dessa história.

Eu sei que foi uma viagem torcida, onde o fim era o começo e o começo era o fim. Eu sei disso, e eu fiz isso de propósito.

Eu queria levá-lo por um caminho onde sua mente não te pertencesse, assim como a de Calla.

Tinha que acontecer em ordem.

E aconteceu.


Fim